

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MEMÓRIA E IDENTIDADE DE UM BAIRRO: CAMPINAS SOB AS LENTES DE
HÉLIO DE OLIVEIRA**

KEITH VALÉRIA TITO

GOIÂNIA
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MEMÓRIA E IDENTIDADE DE UM BAIRRO: CAMPINAS SOB AS LENTES DE
HÉLIO DE OLIVEIRA**

KEITH VALÉRIA TITO

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
HUMANAS E FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS, COMO REQUISITO
PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM HISTÓRIA.

ORIENTADOR: PROF. DR. NOÉ FREIRE
SANDES.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURAS,
FRONTEIRAS E IDENTIDADES.

LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA,
MEMÓRIA E IMAGINÁRIOS SOCIAIS.

GOIÂNIA
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MEMÓRIA E IDENTIDADE DE UM BAIRRO: CAMPINAS SOB AS LENTES DE
HÉLIO DE OLIVEIRA**

KEITH VALÉRIA TITO

Dissertação defendida e aprovada em _____ de _____ de _____, pela banca
examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Noé Freire Sandes
Orientador e presidente da banca

Prof.^a Dr.^a Rosana Hório Monteiro
Membro externo

Prof.^a Dr.^a Fabiana de Souza Fredrigo
Membro interno

Prof. Dr. Élio Cantalício Serpa
Suplente do membro interno

Aos moradores de Campinas, que, ao preservar suas memórias e características campineiras ao longo dos anos, tornaram possível este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Depois de tantas angústias, dúvidas, incertezas e lágrimas — muitas lágrimas —, chegou a hora dos agradecimentos. Foram tantas as pessoas que ajudaram durante esse percurso; torceram, incentivaram, deram broncas, emprestaram livros, rezaram, enfim...

Começo pelo meu orientador, professor Noé Freire. Muito obrigado pela paciência e compreensão. Durante esse trabalho, mais do que educador se mostrou, antes de tudo, humano. Agradeço também à professora Rosana Monteiro, pela sinceridade na hora das críticas em relação a minha pesquisa.

Ao MIS-GO, por ter despertado meu interesse pela pesquisa histórica e pela utilização de seus acervos, e aos meus colegas de trabalho pela paciência e compreensão.

Ao Hélio de Oliveira e seu filho, Helinho, que abriram as portas de seu acervo, mostrando-se sempre dispostos a colaborar com a pesquisa — na seleção das fotos, composição das legendas, e, sobretudo, pelas inúmeras conversas sobre Campinas e o Atlético.

Agradeço também ao escritor José Mendonça Teles, por ter disponibilizado seu acervo particular sobre o Atlético Clube Goianiense e pelas preciosas informações sobre a *Campininha*.

A Stela, Jordão, Filipe e Lucas, sempre dispostos a me ajudar nos momentos difíceis. A Stela pelo apoio e carinho; ao Jordão pelo incentivo e por ser um exemplo de dedicação à vida acadêmica. Ao Filipe pelas brincadeiras, cócegas e risadas, e ao Lucas pela simpatia e também pelo computador, que me ajudou e muito. Por tudo isso, e muito mais, agradeço à família Horta.

A Tânia Mendonça, que, mesmo ocupada com seus inúmeros afazeres, se mostrou presente durante esses anos de pesquisa, sempre disposta a ajudar no que fosse preciso. Obrigada por tudo e, principalmente, pela amizade e companheirismo.

A Zezé e Priscila, por trabalharem aos fins de semana e madrugadas nas correções ortográficas e formatações deste trabalho. Valeu, meninas! Devo mais uma a vocês.

Aos colegas do Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem, Ana Rita, Beatriz, Samuel, Etelvina, Milene, Silvana, Letícia e Júlia, pelas conversas sobre fotografia.

Como não poderia deixar de ser, a ala familiar contribuiu, e muito, para a realização desta pesquisa. Assim sendo, quero agradecer Kelen e Márcio, por tudo, tudo mesmo. Sem o apoio de vocês a pesquisa teria sido muito mais difícil. A minha irmã Kennia, pelas rezas e conversas durante a madrugada, aos meus pais pelo apoio e por me convencerem a descansar, e à tia Irene, pela torcida e pelos telefonemas diários. Aos superamigos Márcio Abreu, Elizete, Keila, Leonardo, Carmen, Daniel, Lívia e Lia, pelo ânimo e por estarem dispostos a me ouvir. A Sejana por estar pronta para ajudar em todos os momentos. Sou grata pelas conversas, telefonemas, silêncios, espetinhos, caronas e sessões de cinema nos momentos “desesperadores”. Ao Guilherme, por não me deixar desistir e por, nos últimos tempos, estar sempre por perto.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, sabendo ou não, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

A utilização de fotografias conjugadas a relatos orais resgata a trajetória histórica de grupos sociais específicos. A partir das fotografias de Campinas produzidas pelo fotógrafo Hélio de Oliveira e da associação dessas à documentação oral, considera-se as formas de construção, ao longo dos anos, do sentimento de pertencimento, da formação e da consolidação da identidade dos moradores de Campinas, município que, em meados de 1930, foi incorporado a Goiânia, nova capital do Estado de Goiás, vindo a se constituir como um de seus bairros nas décadas subseqüentes.

Palavras-chave: Campinas, Goiânia, fotografia, memória, identidade, futebol, Atlético Clube Goianiense, Hélio de Oliveira.

ABSTRACT

The use of the photos combined to oral reports recover the historical trajectory of specific social groups. From photographs of Campinas produced by the photographer Hélio de Oliveira and the combination of these with the oral documentation, it is considered the forms of construction over the years, the feeling of belonging, training and consolidation of the identity of the residents of Campinas, municipality that, in mid-1930, has been incorporated to Goiânia, capital of the new State of Goiás, coming to be one of the neighborhoods in the subsequent decades.

Key-words: Campinas, Goiânia, photographs, memory, identity, soccer, goianiense athletic club, Hélio de Oliveira.

RÉSUMÉ

L'utilisation de photographies conjuguées à des narrations, sauvegarde la trajectoire historique de groupes sociaux spécifiques. À partir de photographies de Campinas réalisées par le photographe Hélió de Oliveira et à partir de l'association de celles-ci avec des documents oraux, il est possible d'envisager les formes de construction, au fur et à mesure des années, du sentiment d'appartenance, de la formation et de la consolidation de l'identité des habitants de Campinas, commune qui, autour de 1930, fut intégrée à Goiânia, nouvelle capitale de l'État de Goiás, et qui devint l'un de ses arrondissements dans les décennies suivantes.

Mots-clé: Campinas, Goiânia, photographie, mémoire, identité, football, club athlétique de Goiânia, Hélió de Oliveira.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Campinas Hotel e o Coreto da Praça Joaquim Lúcio	20
Imagem 2: Plano Piloto de Goiânia	21
Imagem 3: Calçamento da Avenida 24 de Outubro.....	22
Imagem 4: Estúdio fotográfico de Antônio Pereira da Silva	25
Imagem 5: Irmãos	28
Imagem 6: Ruth e Esther Marques.....	29
Imagem 7: Cartão de boas festas	30
Imagem 8: Antônio Accioly	42
Imagem 9: Evento na porta da Igreja Matriz de Campinas	51
Imagem 10: Praça Joaquim Lúcio	51
Imagem 11: Banho no Lago das Rosas	52
Imagem 12: Cine Campinas/Av. 24 de Outubro	54
Imagem 13: Torcida atleticana	56
Imagem 14: Acondicionamento das fotos do acervo de Hélio de Oliveira.....	63
Imagem 15: Acondicionamento das fotos do acervo de Hélio de Oliveira.....	63
Imagem 16: Acondicionamento dos negativos do acervo de Hélio de Oliveira	64
Imagem 17: Acondicionamento dos negativos do acervo de Hélio de Oliveira	64
Imagem 18: Passeio no Lago das Rosas	75
Imagem 19: Mureta do Lago das Rosas	76
Imagem 20: Lago das Rosas (Jardim Zoológico)	76
Imagem 21: Bar do Fiore.....	81
Imagem 22: Maria Fã no Estádio Antônio Accioly.....	81
Imagem 23: Torcida no campo do Atlético	82
Imagem 24: Hotel Duarte	85
Imagem 25: Fundadores do Atlético Clube Goianiense, na Praça Joaquim Lúcio, após a fundação do clube	85
Imagem 26: Primeira foto do Atlético	86
Imagem 27: Atletas	87
Imagem 28: Preleção do árbitro aos jogadores do Goiânia e Atlético.....	91
Imagem 29: Time oficial do Goiânia Esporte Clube	92
Imagem 30: Antônio Daniel, Fiore e Hélio de Oliveira	97

Imagem 31: Bar do Fiore.....	98
Imagem 32: Jornal O Marreta.....	99
Imagem 32: Jornal O Marreta (1)	99
Imagem 34: Jogadores do Atlético em 1955	107
Imagem 35: Jogadores do Atlético em 1957	108
Imagem 36: Fotomontagem em homenagem a Eptácio	109
Imagem 37: Licinho, jogador do Atlético, assina o primeiro contrato de jogador profissional do Estado de Goiás.....	111
Imagem 38: Alfaiate Luís de Oliveira Machado	113
Imagem 39: Frei Confaloni dá chute inicial em uma partida do Atlético	115
Imagem 40: Frei Confaloni no Bar do Fiore	117

LISTA DE TABELAS

T1: Relação fotógrafos Pioneiros da Fotografia em Goiânia.....	30/31
--	-------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGECOM: Agência Goiana de Comunicação

AHG: Arquivo Histórico de Goiás

CEDOC: Centro de Documentação

DÉC.: Década

DIR.: Direita

ESQ.: Esquerda

H.O.: Hélio de Oliveira

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGG: Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

IPLAN: Instituto de Planejamento de Goiânia

J.M.T.: José Mendonça Teles

MIS-GO: Museu da Imagem e do Som de Goiás

S/D: Sem Data

SECULT: Secretaria Municipal de Cultura

SEPLAN: Secretaria de Planejamento

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

RÉSUMÉ

LISTA DE IMAGENS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INTRODUÇÃO 14

CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DE CAMPINAS E HÉLIO DE OLIVEIRA 17

1.1. O projeto Pioneiros da Fotografia em Goiânia 25

1.2. A trajetória de Hélio de Oliveira 32

CAPÍTULO 2 – HISTÓRIA, FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: APROXIMAÇÕES 36

2.1. Fotografia e história 36

2.2. História, fotografia e relatos orais: uma proposta metodológica 38

2.3. A escolha das fontes documentais 57

2.4. O contato com os acervos fotográficos 59

2.4.1. O acervo de Hélio de Oliveira 61

2.4.2. A seleção das imagens e a escolha dos entrevistados 65

**CAPÍTULO 3 – REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
CAMPINEIRA 70**

3.1. A memória em jogo: o Atlético Clube Goianiense 84

3.2. A memória em jogo: o Goiânia Esporte Clube 88

3.3. Hélio de Oliveira: o fotógrafo e a memória do bairro 93

3.4. Atlético Clube Goianiense: fonte referencial de memória e suporte da
identidade campineira 102

CONSIDERAÇÕES FINAIS 119

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 122

ANEXOS

INTRODUÇÃO

A fotografia apresenta características que lhes são peculiares. Constitui a prova de que algo ocorreu, registrando uma imagem no papel fotográfico que é análoga à cena em frente à objetiva. A verossimilhança dessa imagem com o mundo real é tão forte que a fotografia ainda é considerada um testemunho do que se viveu ou do que se observou, tornando-se uma rica fonte de pesquisa para os historiadores. Pode-se dizer que todo registro fotográfico é parte constituinte de uma história e compõe, ele próprio, um princípio de memória.

Neste trabalho a fotografia atua como ponto de partida da memória e conduz à questão da identidade. Busca-se, por meio de imagens produzidas por Hélio de Oliveira¹, fotógrafo pioneiro de Goiânia, e da associação dessas imagens à documentação oral e fontes escritas, entender de que modo a evocação da memória reforça os laços da comunidade campineira com os lugares, recriando o sentido de identidade.

A associação entre fotografia e relatos orais nesta pesquisa foi a maneira mais acertada para evocar a lembrança dos antigos moradores de Campinas. O recurso metodológico contribuiu, ainda, para que se pudesse entender o quanto significa para os moradores desse bairro o fato de se considerarem campineiros.

Quanto às entrevistas², os trechos utilizados são acompanhados pelas imagens que foram mostradas à pessoa em seu decorrer. Quanto à identificação do entrevistado, optou-se por conservar o próprio nome da pessoa (seguido pelo

¹ A produção fotográfica de Hélio de Oliveira em Goiânia começou a partir de 1950. No entanto, recorreu-se a imagens de outros fotógrafos no decorrer deste trabalho, pois há considerações anteriores a esta data.

² As entrevistas encontram-se em *anexo*.

mês e ano da entrevista e o número da página em que se encontra), e não siglas ou nomes fictícios, uma vez que todos autorizaram o emprego da entrevista para as finalidades deste trabalho³.

No capítulo 1, apresenta-se Campinas — popularmente conhecida como Campininha —, um povoado que surgiu em 1810 e que sofreu inúmeras alterações ao longo do tempo; as melhorias geradas com a vinda dos padres redentoristas, em 1894, sua elevação a município, em 1914, a chegada de automóveis e trens nos anos 1920, e a construção de Goiânia, na década de 1930. Este acontecimento trouxe profundas mudanças para o local e seus habitantes. Com a construção de Goiânia, Campinas passa a ser um bairro da nova capital.

Por intermédio dos acontecimentos que construíram a história de Campinas, foram encontradas pistas que nos levaram à reflexão sobre a construção do sentimento de pertencimento de seus moradores. Outros destaques desse capítulo: a trajetória de Hélio de Oliveira — um dos primeiros fotógrafos de Goiás, morador de Campinas desde que se mudou para Goiânia — e sua produção relacionada ao bairro.

O capítulo 2 aborda a proximidade entre história, fotografia e memória. Considera-se, nesse capítulo, a metodologia de pesquisa que foi utilizada durante a composição desse estudo e, também, as fontes documentais, adentrando acervos que possuem fotografias de Hélio de Oliveira. Discute-se, ainda, como foi realizada a seleção das imagens e dos informantes.

O capítulo 3 traz uma discussão sobre a formação, manutenção e consolidação da identidade dos “campineiros”, como são chamados. Recorre-se a

³ Tais autorizações também podem ser consultadas nos anexos.

dois traços identitários: o Atlético Clube Goianiense, time de futebol fundado por moradores do bairro e que permanece presente em suas lembranças, e o Bar do Fiore, freqüentado por jogadores do clube e moradores do bairro. Como as identidades se dão por meio da diferença e da identificação do outro, efetua-se também considerações sobre o Goiânia Esporte Clube, time rival do Atlético. São apresentados, ainda, lugares⁴ e pessoas que ajudaram a compor a história e a identidade do bairro.

⁴ Há comentários, em diversas oportunidades, sobre locais freqüentados pelos moradores do bairro. Apresenta-se, por exemplo, o Lago das Rosas, tido como local de fronteira por abrigar moradores de Campinas e Goiânia. É claro que tais lugares levam à idéia de sociabilidade, mas, a intenção, ao citá-los, foi mostrar que estão intimamente ligados a uma lembrança e a idéia de pertencimento, de identidade. A memória pode fazer parte da lembrança de pessoas pertencentes a um mesmo grupo com tanta força que se converte praticamente em sentimento de pertencimento. (POLLAK, 1992).

CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DE CAMPINAS E HÉLIO DE OLIVEIRA

Estudar a história de um lugar é uma das formas existentes para se pensar a memória. Fazer parte de uma cidade e, conseqüentemente, de um bairro nos leva à idéia de pertencimento, no sentido de compartilhar os costumes existentes nesses locais (no caso específico deste estudo, do bairro Campinas). (no caso específico deste estudo, do bairro Campinas).

A proximidade entre as pessoas, produzida via relações sociais, cria vínculos — sejam eles de amizade, parentesco, trabalho, etc. —, o que proporciona o compartilhamento (e a variedade) das muitas experiências vividas em conjunto. Estas tendem a vincular-se ao lugar, ao espaço em que ocorrem. O sentimento de pertencimento pode ser elaborado por meio de nossas lembranças.

Construímos nosso sentimento de pertencimento a partir de nossas lembranças, boas ou ruins, sendo necessário viver uma determinada experiência para podermos recordá-la, mesmo quando essa experiência é vivida de forma indireta como quando se lê um livro ou se ouve uma história. E, quanto mais forte for o reconhecimento da sociedade em geral em relação a esta comunidade, tanto maior será a recorrência do indivíduo a estas lembranças para a composição de sua história de vida. (GONÇALVES, 2002, p.3).

O professor Luiz Sérgio Duarte da Silva, ao desenvolver um estudo sobre a história dos bairros de Goiânia (2000, p. 129-153) também reflete sobre o assunto. Para o pesquisador

O lugar, por ter um caráter mais sensível que o tempo, faz gerar uma maior força associativa. A memória tende a fundir-se com o lugar e reciprocamente. O lugar passa a correlacionar os indivíduos que participaram de um acontecimento de forte comoção sentimental em uma correlação ideal. (SILVA, 2000, p.138).

O lugar faz com que algumas lembranças sejam desencadeadas, tornando-as, em certos momentos, impregnadas por um sentido de coletividade.

Foi partindo dessa constatação que se fez a opção por Campinas enquanto lugar a ser estudado. Além disso, o fato de ter sido município independente e, posteriormente, se tornar bairro de Goiânia (sem falar do fato de o fotógrafo Hélio de Oliveira ser morador de Campinas desde sua chegada a Goiânia, em 1935) também contribuiu para essa escolha.

O povoado de Campinas surgiu em 1810, localizado em um ponto estratégico: a estrada que fazia ligação com a antiga capital do Estado. Sua população era bem modesta e composta, segundo Campos, “por apenas onze casas e uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição”. (1985, p.16). A população do povoado aumentou consideravelmente em 1894 — com a chegada dos padres redentoristas⁵ —, o que trouxe inúmeras melhorias ao local que, em 1914, tornou-se cidade.

Em sua pesquisa sobre Campinas, Campos (1985, p.30) lista algumas das melhorias ocorridas com a vinda de religiosos, que, segundo o autor, exerciam várias outras funções, como as de professor, médico, engenheiro, construtor, juiz e advogado. Vejamos:

1. A casa dos padres que era parada obrigatória a todos aqueles que demandavam à capital ou ao sul do Estado;
2. Construíram a nova matriz (...);
3. Instalaram a primeira usina hidrelétrica em Campininhas em 1921;
4. Editaram o primeiro jornal, também em 1932;
5. Promoveram a fundação do Colégio Santa Clara por intermédio das irmãs franciscanas alemãs (1922);
6. Introduziram a primeira motocicleta em Campinas (1922) e possivelmente em Goiás;
7. Instalaram o primeiro telefone do Estado entre Campinas e Trindade (1924) (...);
8. Introduziram a segunda bicicleta em Campininha;
9. Instalaram o primeiro relógio de torre da igreja.

⁵ Segundo Gonçalves (2002, p.99), “o maior motivo da vinda dos religiosos alemães foi a necessidade de a Igreja Católica organizar e dirigir a festa popular e a romaria em louvor à Santíssima Trindade”.

Na década de 1920, Campinas presencia uma maior movimentação em suas ruas. “As mudanças começaram a se processar no ritmo e na velocidade que o trem e o automóvel introduziram na região. Para se chegar a capital do Estado, vindo de Minas necessariamente se passava por Campinas.” (GONÇALVES, 2002, p.100). Tal movimentação gerou melhorias para o local, pois, uma vez que se tem o aumento do fluxo de pessoas na cidade, o comércio local é impulsionado.

Além dos padres redentoristas, Licardino de Oliveira Ney pode ser considerado também um destaque para a história do bairro. Filho de fazendeiro, comerciante da região e genro de Joaquim Lúcio, um dos fundadores de Campinas, Ney torna-se um dos maiores empreendedores da região nas décadas de 1920-30, assumindo a administração municipal em 1921. Ele é

(...) Lembrado por todos os moradores de Campinas como aquele que ergueu a primeira casa de tijolos do povoado, que construiu o prédio do Campinas Hotel, este com dois pavimentos, e o edifício Oliveira Ney, com três pavimentos, todos localizados na Praça Joaquim Lúcio. Praça que ganha, também em sua gestão, um coreto e a cadeia pública. (SILVA, 2001, p.22).

Do acervo de Hélio de Oliveira, selecionamos uma foto (*ver imagem 1*) da Praça Joaquim Lúcio em que aparecem algumas dessas colaborações de Licardino, como o Campinas Hotel e o coreto da Praça Joaquim Lúcio.



Imagem 1: *Campinas Hotel (dir.) e o Coreto da Praça Joaquim Lúcio. Déc. 1940. Reprodução de Hélio de Oliveira. Acervo H.O. Locais construídos graças à visão empreendedora de Licardino de Oliveira Ney.*

As transformações ocorridas trouxeram aos moradores de Campinas uma elevação de seu padrão de vida, mas não foram suficientes para tirar o município da imobilidade econômica em que se encontrava. “A baixa arrecadação do município, a falta de recursos médicos e sanitários, associados à ameaça de extinção, reforçam, nos moradores de Campinas, a idéia de atraso.” (SILVA, 2001, p.20).

Assim, quando surgiram os rumores, no início da década de 1930, que o município iria tornar-se um bairro de Goiânia, os moradores, ao contrário do que muitos pensam, foram favoráveis à idéia. Tinham em mente que, com a construção da nova capital, o desenvolvimento e o progresso⁶ chegariam também a Campinas.

⁶ A idéia de progresso está muito ligada ao crescimento de Campinas e à construção de casas de alvenaria, por exemplo. A maioria das casas de Campinas, quando surgiu Goiânia, era feita de

Em 1932, Pedro Ludovico reuniu-se com políticos de vários municípios para a escolha de uma região propícia para a construção de Goiânia. Licardino de Oliveira Ney, então prefeito de Campinas, sugeriu o local como o mais apropriado para se construir a cidade. Para ele, essa seria uma forma de resolver os problemas que envolviam a extinção do lugar. A idéia foi acatada pelos presentes à reunião, visto que, ao mesmo tempo em que solucionava os problemas de sua extinção, atenderia, ainda, aos interesses de Pedro Ludovico, que procurava um local apropriado para erguer a nova capital do Estado.



Imagem 2: *Plano Piloto de Goiânia.* IPLAN. Fonte: UNES. 2001. À direita vê-se Campinas, já existente quando foi idealizado o plano da cidade.

Assim, em 1933, Pedro Ludovico elaborou um decreto elegendo, às margens do Córrego Botafogo — local em que se encontravam as fazendas

adobe. Edificações com mais de um andar, como o Cine Campinas, saneamento básico, crescimento do comércio e acesso a serviços voltados à saúde só foram possíveis a partir da construção de Goiânia.

Criméia, Vaca Brava e Botafogo —, o local para a fundação da nova capital do Estado.

Em 1935, criou-se, por intermédio da Lei 327, o município de Goiânia, e Campinas tornou-se, então, um dos bairros da cidade. A partir de 1937, com a transferência definitiva da capital para Goiânia, ocorreram inúmeras transformações em Campinas, principalmente na Avenida 24 de Outubro. De acordo com Alexandre Gonçalves:

A Avenida 24 de Outubro passou a configurar-se como a principal via e artéria de ligação com a nova capital. Era a mais importante Avenida de Campinas. Ao mesmo tempo, caracterizava-se como um grande canteiro de obras, necessitando de infra-estrutura. (.....). Os postes de energia elétrica e iluminação apareciam em um dos lados e no meio da pista. Ao longo da avenida surgiam toscas edificações, verdadeiros casarões com telhados coloniais de quatro águas e telha francesa. Eram os primeiros estabelecimentos comerciais, postos de gasolina e residências. Até o final da década de 30 esta configuração não sofreu maiores transformações, a não ser por alguns edifícios que começaram a imprimir um certo ar *déco* às fachadas". (GONÇALVES, 2002, p.102).



Imagem 3: Calçamento da Avenida 24 de Outubro. 1937. Eduardo Bilemjian. Acervo MIS-GO.

Para Bariani Ortêncio, Goiânia, nos tempos de sua construção, dependia de Campinas, que já possuía características de uma cidade. Ele ressalta ainda a colaboração dos moradores de Campinas durante a construção de Goiânia.

A capital estava sendo construída e tudo dependia de Campinas, que desde 1894 já era uma arrendado de cidade, uma corrutela, com a chegada dos padres redentoristas alemães. Bairro cosmopolita, gente diferente, heterogênea, vinda de todos os cantos do país, todos unidos, entusiasmados, ajudando o Dr. Pedro a construir a nova capital. (ORTÊNCIO, In: TELES, José Mendonça, 2006, p. 16).

No período da construção de Goiânia, enquanto os prédios administrativos da Praça Cívica estavam em construção, Campinas abrigou órgãos públicos, como a Diretoria Geral do Serviço Sanitário, próximo à Praça da Matriz; a Diretoria de Administração (mudou-se para um edifício ao lado do prédio da cadeia); e a Diretoria Geral de Segurança Pública, instalada no prédio da cadeia, na Praça Joaquim Lúcio.

Mesmo Campinas dando apoio à construção de Goiânia, abrigando inclusive secretarias da nova capital, identificou-se, por meio das entrevistas e leituras bibliográficas, que é nesse contexto que surge a necessidade dos moradores de Campinas de afirmarem-se como campineiros (e não goianienses), criando, dessa forma, o sentimento de pertencimento a um grupo. Em outras palavras, começa, aí, a construção da identidade do campineiro.

Nas décadas de 1940-50 ocorreram significativas mudanças no bairro, que perdeu suas características de lugarejo de beira de estrada e teve sua área

rural urbanizada. Surgiram, a partir daí, bairros vizinhos, em áreas que antes constituíam o município de Campinas⁷.

Goiânia, em seu início, constituía um foco de atração para trabalhadores de diferentes níveis e categorias profissionais — engenheiros, médicos, professores, operários da construção civil, trabalhadores dos mais diversos setores —, que chegaram à cidade ideologicamente motivados pelas idéias de progresso e modernidade, mas também por metas mais concretas, como a melhoria das condições de vida e trabalho. Foi dessa maneira, também, que se deu a chegada dos primeiros fotógrafos na cidade.

Parte dos fotógrafos que chegaram a Goiânia, inicialmente estabelecendo-se em Campinas (alguns permanecem no bairro até hoje, como é o caso de Hélio de Oliveira), traziam consigo experiências de vida e profissional adquiridas em suas cidades de origem. Eles montavam seus estúdios fotográficos, muitas vezes, em prédios precários, como nos mostra a foto do estúdio de Antônio Pereira da Silva.

⁷ Campinas, enquanto bairro restringe-se então à área central habitada, tendo seus espaços periféricos transformados em outros bairros. “Essa mudança provocou uma “desterritorialização” das referências da antiga cidade de Campinas, pois lugares antes tidos como “lugares de Campinas” não mais se situavam no que agora oficialmente era Campinas.” (SILVA, p.45, 2001).



Imagem 4: *Estúdio fotográfico de Antônio Pereira da Silva* (janelas à esquerda). 1935. Autor desconhecido. Fonte: MIS-GO.

A primeira aproximação com a obra dos fotógrafos pioneiros de Goiânia, preliminar à idéia de realização dessa pesquisa, foi em 2001, por intermédio do Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS-GO), que estava desenvolvendo um trabalho intitulado *Pioneiros da Fotografia em Goiânia*. O projeto mapeou a produção e as histórias de vida dos doze primeiros fotógrafos que vieram morar na cidade.

1.1. O projeto Pioneiros da Fotografia em Goiânia

Apesar de existirem poucas publicações sobre a fotografia em Goiás, há um trabalho de pesquisa relevante sobre esse tema, realizado pelo MIS-GO, intitulado: *Cadernos de Fotografia do MIS*. Essa produção foi realizada pelo projeto Pioneiros da Fotografia em Goiânia, que aborda as primeiras

manifestações da fotografia na cidade, abrangendo as décadas de 1930-50. O projeto teve entre seus objetivos:

1. Constituir um acervo da obra dos primeiros fotógrafos da cidade (...);
2. Reconstruir historicamente a técnica e processos fotográficos, as atividades profissionais e o envolvimento no contexto social dos primeiros fotógrafos;
3. Promover a aquisição de documentos fotográficos por doação, negociação ou compra;
4. Pesquisar a obra dos primeiros fotógrafos e divulgá-las por meio dos Cadernos de Fotografia do MIS e de eventuais exposições” (MENDONÇA, p. 177, 2001).

Ainda por meio deste projeto deu-se a publicação de três cadernos de fotografia⁸: *O Fotógrafo Sílvio Berto* (2001), *Pioneiros da Fotografia em Goiânia* (2002) e *Revendando Regina Lacerda* (2003)⁹.

Ao longo da investigação pôde-se perceber que as produções dos fotógrafos pioneiros apresentavam algumas características comuns: os fotógrafos trabalhavam, em geral, em estúdios adaptados, com laboratórios precários — alguns improvisados em suas próprias residências. Os materiais utilizados por eles também eram de difícil acesso (grande parte vinha de São Paulo), além de seus elevados custos. Por isso vários pioneiros, além de fotógrafos, se dedicavam também à revenda de materiais e equipamentos fotográficos.

Ao analisar a obra desses fotógrafos, percebe-se que grande parte de seus trabalhos está relacionada à produção de retratos, geralmente feitos em estúdio, e também a fotografias da construção de avenidas e edifícios da cidade.

⁸ Para cada publicação o MIS-GO idealizou uma exposição fotográfica com o mesmo tema.

⁹ Foi em 2001, durante as pesquisas para a publicação *Cadernos de Fotografia Vol. 2*, com a publicação do fotógrafo Sílvio Berto, que entrei em contato, pela primeira vez, com o MIS-GO — instituição que meses depois me contratou como estagiária e, posteriormente, inseriu-me em seu quadro de funcionários, no qual permaneço até os dias atuais. O contato diário que tive com as fotografias dos pioneiros, com as pesquisas realizadas em revistas, jornais, livros, e, ainda, por meio de entrevistas e transcrições, surgiu meu interesse pelo estudo da fotografia como documento histórico⁹. Foi nesse período também que entrei em contato pela primeira vez com a produção de Hélio de Oliveira. Tive acesso às fotografias e entrevistas do fotógrafo e de seus contemporâneos, além de recortes de jornais sobre o mesmo.

De acordo com Stela Horta (*Cadernos de Fotografia do MIS vol. 3, 2002*), os fotógrafos pioneiros dedicavam-se

Predominantemente à produção de retratos de pessoas ou de grupos familiares em estúdios modestos, se comparados às grandes “oficinas fotográficas” que surgiram no Rio de Janeiro e em São Paulo, a partir da segunda metade do século XIX. Por outro lado, a construção da nova capital no contexto de uma política desenvolvimentista favorecia o aproveitamento de imagens significativas na propaganda oficial: construção de avenidas e edifícios, o surgimento da vida urbana no ambiente inóspito do cerrado goiano, documentação de festividades e de eventos sóciopolíticos (...). Contudo, os pioneiros não se limitavam a fotografar nos estúdios: viajavam também para cidades próximas registrando formaturas, casamentos e comemorações (HORTA, 2002, p. 8).

Além do enquadramento, da luz e de outros artifícios utilizados pelos fotógrafos, destacam-se as técnicas que foram utilizadas por eles ao longo de suas atividades profissionais. Colorido à mão e fotomontagem são as que aparecem com maior frequência nas produções dos pioneiros.

Luiz Pucci, um dos mais bem-conceituados fotógrafos de estúdio da época, contava com o auxílio de sua esposa, dona Hilda, para executar a técnica colorido à mão, remanescente da pintura e presente em suas obras e nas de alguns de seus contemporâneos. Ela conta com detalhes como era realizada essa técnica. Segue trecho de entrevista e uma foto trabalhada por ela e Pucci:

Tinha um caderno assim, da Kodak. Então, cada página era uma cor. Então, a gente ia colorir a fotografia. Pegava, molhava um pincel na água, ia lá na cozinha e passava da cor que você queria. Esse caderno da Kodak, cada página era uma cor. Era uma cor grande assim ó. E molhava o pincel assim, um pouco com água, com o pincel bem fininho. Tinha mais fino, mais grosso; e aí eu coloria a foto. Coloria a foto molhada com o pincelzinho, ia passando. Ficava muito bonito! (Hilda Pucci, entrevista. MIS-GO, março. 2002, p.6).



Imagem 5: *Irmãos*. S/D. Luiz Pucci. Acervo MIS-GO.

Essa técnica esteve muito presente também nas fotos de Priscila Barbosa da Silva — a primeira fotógrafa de Goiânia —, que aprendeu o ofício com seu marido, o fotógrafo ambulante Jaulino Marques. Este deixou de fotografar em razão de um problema de visão que o levou à cegueira. Impossibilitado de continuar trabalhando como fotógrafo, Jaulino, para evitar que sua família passasse por dificuldades financeiras, transmitiu seus conhecimentos sobre fotografia à esposa. Dona Priscila relembra a forma utilizada para pintar suas fotografias:

“Eu gostava e muito de colorir as fotos à mão com o pincel. Eu usava tipo um estojo, era assim, uma espécie de uma (...) e tinha uns quadrim para pôr a tinta nela, as cores que queria, punha naqueles quadrim e com o pincel pintava as cores. Tinha uma cartela com as tintas, com as cores que eu precisava, tinta aquarela...” (Priscila Barbosa da Silva, entrevista, MIS-GO, março. 2002, p.3).

Segue abaixo exemplo da técnica colorido a mão, produzida por dona Priscila e utilizada por muitos dos pioneiros da fotografia:



Imagem 6: *Ruth e Esther Marques*. 1938. Priscila Barbosa da Silva. Acervo MIS-GO.

Outra técnica utilizada pelos fotógrafos pioneiros era a fotomontagem, sendo Eduardo Bilemjian um de seus maiores representantes. Para Stela Horta,

A atividade de Eduardo Bilemjian constituiu um interessante exemplo de criatividade, arte e técnica fotográfica. O cartão de boas festas que produziu em 1939, empregando a fotomontagem, representa um impressionante exemplo de sua habilidade técnica. Retocava muito bem as chapas de vidro e também as ampliações, usava com precisão o lápis de ponta muito fina e os pincéis (HORTA, 2002, p. 29).

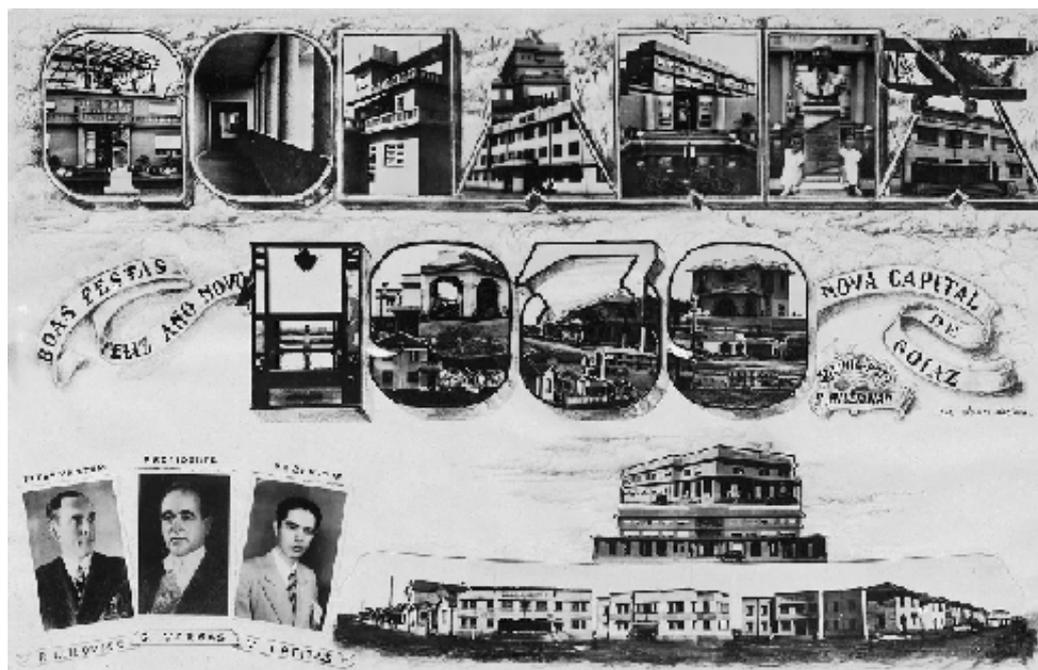


Imagem 7: Cartão de boas festas. 1939. Eduardo Bilemjian. Acervo MIS-GO.

Doze são os pioneiros¹⁰ da fotografia em Goiânia pesquisados pelo MIS-GO, como indica a tabela abaixo:

NOME	DATA DE CHEGADA EM GOIÂNIA	DATA DE NASCIMENTO E FALECIMENTO
Antônio Pereira da Silva	1933	1897-1977
João de Paula Teixeira Filho (Paratéca)	1938	1905-1995
Haroutium Berberian	1940	1905-1981
Eduardo Bilemjian	1935	1907-1991
Alois Feichtenberger	1935	1908-1986
Sílvio Berto	1936	1908-2002
Priscila Barbosa da Silva	1937	1908-2007

¹⁰ Designar o título de pioneiros a alguns fotógrafos foi uma questão bastante discutida durante as pesquisas realizadas para a produção deste projeto. Foram, então, eleitos os fotógrafos que permaneceram na memória e nos acervos (particulares e públicos) goianienses, e, ainda, alguns outros critérios foram utilizados para excluir como pioneiros determinados fotógrafos. Por exemplo: os fotógrafos que se estabeleceram em outras regiões do Estado, montaram seus estúdios, ou mudaram para Goiânia após a década de 1950 não foram considerados como pioneiros da fotografia em Goiânia.

Henryk Hipolit Baranowski	1947	1909-1980
Luiz Pucci	1945	1919-1978
Aldorando Neves	1935	1919-
Benito Mussolini Bianchi	1946	1923-
Hélio de Oliveira	1935 e 1950	1929-

Foi a partir do contato com as produções dos pioneiros da fotografia em Goiânia que se elegeu o trabalho de Hélio de Oliveira para a observação e elaboração desta pesquisa de mestrado.

Nesta pesquisa foi intensa a busca de informações que levassem a pensar sobre a formação e consolidação da identidade dos moradores de Campinas — daí a escolha por trabalhar as imagens produzidas por Hélio de Oliveira, que, além de ter fotografado o bairro e vivido neste período considerado de consolidação da identidade do bairro (1950-60), é conhecedor do local, se considera campineiro e tem muita história a contar sobre o bairro. Assim, a utilização de suas fotografias e entrevistas tornou-se essencial para os estudos.

Nas pesquisas feitas no acervo do fotógrafo e em outras instituições, buscou-se imagens que conseguissem evocar lembranças aos entrevistados quando discorressem sobre o bairro quanto aos seus aspectos físicos e sociais. Partindo de suas falas, juntamente com a análise dos documentos textuais e fotográficos, é que discute-se aqui a formação e consolidação da identidade dos moradores de Campinas. A partir do diálogo entre fotografia e memória, ocorreu o estímulo das lembranças dos entrevistados, que forneceram pistas importantes para o estudo sobre o bairro. Foram selecionadas fotografias da Avenida 24 de outubro, Praça Joaquim Lúcio, Atlético Clube Goianiense (estádio, jogadores, técnicos, dirigentes, torcida), Lago das Rosas, algumas imagens do próprio

fotógrafo (auto-retrato, foto no campo do Atlético, em seu laboratório fotográfico, etc.), do Campinas Hotel, Cine Campinas e, também, algumas fotos do centro de Goiânia; Colégio Liceu, Rua 6 (Café Central), Praça Cívica, entre outras. Estas fotografias formaram o *corpus* de imagens que subsidiou todo o percurso de minhas pesquisas. Foram selecionadas também fotografias de autoria de outros fotógrafos, reproduzidas por Hélio de Oliveira em seu laboratório, e de fotógrafos com produção anterior à sua, já que os estudos abordam um período anterior a 1950, quando começou a carreira profissional de Hélio.

1.2. A trajetória de Hélio de Oliveira

Hélio de Oliveira veio para Goiânia ainda criança com seus pais. Saíram de Buriti Alegre, interior de Goiás, em busca de melhores condições de vida. Após concluir seus estudos ginasiais, mudou-se para Uberlândia, onde fez amizade com Antônio Rezende, repórter fotográfico que ensinou ao Hélio algumas técnicas fotográficas.

Foi a partir da convivência com o amigo que surgiu seu interesse pela atividade de fotógrafo. Após adquirir alguns conhecimentos sobre fotografia, voltou para Goiânia, em 1950, onde montou seu laboratório (em casa, como ocorreu, por exemplo, com Antônio Pereira da Silva e Priscila Barbosa da Silva) e começou a desenvolver suas atividades, registrando eventos das mais variadas naturezas. No ano seguinte, candidatou-se a uma vaga de repórter-fotográfico no semanário *O Popular*. Hélio também foi pioneiro nesse ramo, sendo o primeiro a ser contratado para desenvolver a função de repórter-fotográfico em Goiás. A

partir de então passou a cobrir todo tipo de assunto: política, sociedade, esporte, polícia, educação, religião, etc.

Durante uma década, Hélio de Oliveira desenvolveu suas atividades profissionais no jornal *O Popular*, e, assim, como a maioria dos pioneiros da fotografia em Goiânia, tornou-se também prestador de serviços para o Estado, exercendo as atividades de fotógrafo oficial. Ele conta que iniciou suas atividades no Estado durante o tempo em que ainda estava em *O Popular*:

Durante essa época em que fui pra lá, o diretor do jornal, o fundador, Câmara Filho, ele era secretário da Agricultura do Dr. Pedro. E me chamaram para fazer serviço lá no Palácio também. De modo que eu comecei a fazer serviço para o Palácio e trabalhando no jornal, serviço para o Palácio. *O Popular*, naquela época, parece que era (risos) o *Diário Oficial do Estado*. Era governo até debaixo d'água, né? Aí eu continuei. Prestei serviços no governo do Pedro, no governo do Juca, no governo do Feliciano. Ah, o Feliciano, em 1960, ele me nomeou para o Estado. Fui nomeado, aí eu deixei o jornal. Por que... Não, eu ainda continuei uns tempos no jornal e lá no Estado, ganhando dos dois. (Hélio de Oliveira, entrevista, nov. 2006, anexo 5, p.34).

Nesse período, Hélio acompanhou a trajetória dos governadores. Participou da criação da assessoria de imprensa e do serviço fotográfico do Palácio das Esmeraldas, além do departamento fotográfico da atual AGECOM. Hélio conta que, a partir da década de 1960, começou a ter problemas para conciliar suas atividades nos dois locais, dando preferência então às atividades como fotógrafo do Estado:

Em 1960. Aí eu... Tava com um problema muito grande. O jornal começou a crescer e precisava de mais serviço e o Estado também precisava, e eu resolvi ir para o Estado. Ficar só lá no Estado, porque lá eu ganhava mais que no jornal e lá, eu tinha oportunidade de viajar, fotografar pelo interior. Depois vendia as fotografias para aqueles prefeitos. Então, minha atividade foi essa. Continuando no governo do Feliciano, no governo do Mauro, veio a intervenção, eu continuei com o interventor, depois veio o Ribas Júnior, continuei. Depois veio Otávio Lage e eu fiquei até mais ou menos a metade do governo dele. Depois eu comecei a me afastar. Mas naquela época era eu sozinho. Era eu quem viajava com governadores para o interior. (Hélio de Oliveira, entrevista, nov. 2006, anexo 5, p.34).

Foi durante esse período que o fotógrafo começou a guardar seus negativos. Durante os anos em que trabalhou para o jornal *O Popular* e para o Estado, essas instituições não tinham equipamentos nem materiais, por exemplo, como papel fotográfico e produtos químicos. Como todos os materiais e equipamentos eram dele, e como os órgãos não tinham estrutura para acondicionar tamanha produção, Hélio resolveu guardá-los em sua casa:

Pelo jornal eles não tinham nada. Não tinham máquinas, não tinham laboratório, não tinha nada. Eu tinha que fazer tudo. Comprar o filme, os químicos, o papel, tudo isso. Eu fornecia esse material para eles e eles me pagavam no ordenado. De modo que nessa época, o jornal não tinha, não tinha um arquivo, não tinha nada. Eu fui guardando os negativos. Fui guardando aquilo. Não pensei... Sei lá, fui guardando aquilo. Não pensei que mais tarde poderia ter o valor que tem hoje (...). Eu tenho aí para você ver, eu tenho a história de Goiânia nas décadas de 50, 60, 70... Eu tenho muita coisa, né? Fui guardando. A mesma coisa aconteceu no Estado. O Estado também não tinha nada. Eu tinha... Eu fazia no meu laboratório, fornecia para ele e ele me pagava através de processo. (Hélio de Oliveira, entrevista, nov. 2006, anexo 5, p. 35).

A partir de 1950, Hélio de Oliveira começou a registrar, através de suas lentes e de sua sensibilidade, a consolidação de uma cidade planejada, com suas características ímpares, apresentando o contraste entre o rural e o urbano, as características arquitetônicas do *art déco*, as festas do Jôquei Clube e do Clube Campinas, os eventos políticos do Palácio das Esmeraldas, o movimento da cidade através dos registros de suas ruas e avenidas, os carros estacionados em frente ao Cine Teatro Goiânia e nas avenidas Goiás e Tocantins, a diversão das pessoas no Lago das Rosas, o *glamour* das moças, com seus vestidos da moda, na Praça Joaquim Lúcio, em Campinas — praça e bairro tão queridos pelo fotógrafo, sendo ele um de seus assíduos freqüentadores.

Além dessas características da vida cotidiana, Hélio registrou também importantes eventos políticos — a instalação da Universidade Federal de Goiás e

uma de suas maiores paixões: os eventos esportivos. Fez a cobertura de esportes durante quase 30 anos, com destaque para o futebol. O fotógrafo não se contentou apenas em registrar os acontecimentos esportivos, participando de outras atividades; foi jogador do Atlético Clube Goianiense e participou, durante anos, da diretoria do clube¹¹. Aliás, o espírito esportivo contagiou a família Oliveira. Seu pai foi um dos fundadores do Goiás Esporte Clube, embora tenha sido torcedor do Atlético durante toda sua existência¹². Além dos eventos políticos e esportivos, dedicou-se também ao registro de Campinas, bairro onde passou a maior parte de sua vida. Registrou o calçamento de suas ruas e avenidas, além dos acontecimentos sociais (bailes, formaturas) que ocorriam no bairro.

Devido ao registro dessa variedade temática, Hélio de Oliveira conseguiu montar um dos maiores acervos fotográficos particulares de Goiás e, provavelmente do Brasil, com cerca de 35 mil imagens (fotografias e negativos flexíveis) que contam a história de Goiânia e do Estado de Goiás, podendo contribuir com futuras pesquisas que busquem, por meio de sua documentação fotográfica, indícios ou mesmo fatos ocorridos nos tempos registrados.

¹¹ Infelizmente, não pude constatar tais fatos nos arquivos do Atlético Clube Goianiense. É impressionante, mas não se encontram registros (documentos, fotos, atas, recibos, etc.) anteriores ao ano de 2003 nos arquivos do clube. Segundo a funcionária Núbia Lopes de Souza, em gestões anteriores à atual houve um descarte de arquivos, e os poucos que restaram se perderam ao longo dos anos. A documentação encontrada hoje no clube, segundo Núbia, é datada a partir do ano 2003 e as fotografias existentes no local são apenas duas, e estão emolduradas e dependuradas na parede do escritório, datando de 2000 e 2003, respectivamente.

¹² Conforme relato de Hélio de Oliveira, nov.2006, anexo 5, p.38.

CAPÍTULO 2 – HISTÓRIA, FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: APROXIMAÇÕES

2.1. Fotografia e história

Toda imagem é histórica. O marco de sua produção e o momento da sua execução estão indefectivelmente decalcados nas superfícies da foto, do quadro, da escultura, da fachada do edifício. O estudo das imagens (...) impõe o estudo da historicidade dessa imagem.

(Ana Maria Mauad)

Hoje em dia, a utilização da fotografia em produções históricas tem aumentado consideravelmente, e Goiás aos poucos começa a acompanhar essa tendência. Já existem trabalhos acadêmicos e também institucionais, como a série *Cadernos de Fotografia do MIS-GO/Projeto Pioneiros da Fotografia em Goiânia*, produzidos a partir dessa linha.

A primeira preocupação quando se optou por trabalhar com documentação fotográfica foi pensar como ela poderia ser considerada enquanto abordagem histórica. Há algumas perspectivas que convém destacar: a de um realismo ingênuo, considerando, então, a fotografia como espelho da realidade, ou, ainda, ao pensar a fotografia como mero recurso ilustrativo. Na composição deste trabalho, todavia, considerou-se que a alternativa mais coerente seria pensá-la enquanto documento histórico, pois, como os documentos escritos, também é capaz de indicar pistas e caminhos que possibilitam interpretações sobre os acontecimentos do passado. A documentação fotográfica, concomitantemente aplicada à entrevista, foi uma das maneiras encontradas para pensar como se configuraram essas interpretações, fazendo notar, então, o que sugere a metodologia utilizada neste trabalho.

A produção fotográfica, seja de imagens domésticas, de vistas urbanas, jornalísticas, de eventos políticos ou sociais — está, de alguma maneira, permeada por fatos históricos, sofrendo influências por parte do contexto social que a envolve e, ainda, das pessoas que entram em contato com a imagem, ou seja, de seus receptores. A recepção da imagem para Boris Kossoy,

Subtende os mecanismos internos do processo de construção da interpretação, processo este que se finda na evidência fotográfica e que é elaborada no imaginário dos receptores, em conformidade com seus repertórios pessoais e culturais, seus conhecimentos, suas concepções ideológicas/estéticas, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses econômicos, profissionais, seus mitos (KOSSOY, 1999, p.44).

Pelo fato de possuir uma característica que nos permite fazer diversas leituras e interpretações, ainda que sobre um mesmo assunto, pode-se considerar a fotografia como testemunho, e não apenas como verdade histórica que representa e reproduz de maneira inflexível, uma realidade. Por meio de fotos pode-se captar manifestações em nível social, político, cultural, familiar. O historiador, ao entrar em contato com imagens fotográficas, enfrenta ainda, as questões temporais (passado/presente).

A fotografia é uma mensagem capaz de ser interpretada através do tempo. O contato com ela permite uma presentificação do passado, capaz de nos fazer compreender melhor os acontecimentos vividos há tempos¹³. Assim, torna-se incoerente a realização de um estudo que se utilize da imagem e a dissocie de sua historicidade/temporalidade, pois sua elaboração está articulada à sociedade que a produz e consome. As fotos ainda fazem parte de nossa vida cotidiana, seja por meio de sua divulgação pela mídia (jornais e revistas), seja por registros que

¹³ Por meio da presentificação do passado é que se torna possível a conjugação entre imagem fotográfica e relatos orais, visto que aquela estimula a lembrança dos entrevistados quanto aos acontecimentos passados.

fazemos para eternizar momentos considerados especiais. Pelo fato de se tornar, aos nossos olhos, tão rotineira, na maioria das vezes não paramos para refletir que a imagem fotográfica não expressa apenas a realidade dos acontecimentos registrados, e que existe todo um processo de criação, circulação e consumo da fotografia, processo denominado por Annateresa Fabris como “circuito social da fotografia”. (FABRIS, 1998).

A reflexão sobre a dimensão histórica da fotografia é importante para evidenciar o quanto ela pode enriquecer os estudos e as pesquisas do historiador. É uma possibilidade; uma fonte de pesquisa fértil e capaz de levá-lo ao entendimento dos acontecimentos vividos.

2.2. História, fotografia e relatos orais: uma proposta metodológica

Desde o seu surgimento, o ato de fotografar vem acompanhando os mais variados acontecimentos do mundo, até os dias atuais. Por meio de sua linguagem é possível evidenciar ou omitir comportamentos, valores e idéias, além de suscitar um vínculo estreito com a construção da memória, seja ela individual ou coletiva. Compreende-se aqui a fotografia, em primeiro lugar, como um documento histórico, cuja análise (assim como na documentação escrita, é claro que levando em consideração as devidas particularidades) pode conduzir o pesquisador a pistas importantes para a recuperação e posterior interpretação dos fatos ocorridos em outras épocas. Como documento histórico, a fotografia é fonte ativadora da memória, capaz de suscitar incontáveis recordações. Daí a preocupação em estruturar um trabalho histórico que coadune fotografia a relatos orais. Ao utilizar fontes como fotografia e memória é preciso entender que há

distinções existentes entre ambas. Contudo, isso não inviabiliza que se comuniquem e se entrecruzem, a fim de dar margem às possíveis interpretações dos acontecimentos de um dado período.

No diálogo em que o entrevistado estabelece com suas lembranças, provocadas pelo contato com a documentação visual, encontram-se presentes também fatores relativos à temporalidade:

No jogo de entre tempos e entre imagens, o sujeito social, ao relatar o passado no presente, elabora um passado composto pela contemporaneidade, pelo diálogo que estabelece com a sociedade na qual está inserido e da forma pela qual se insere. Aliás, é a forma de inserção social que estabelece o marco de competência do receptor, atuando de forma decisiva na elaboração do discurso oral e visual (MAUAD, 2003, p.8).

O trabalho de Suzana Ribeiro é um bom exemplo de pesquisa que aproxima as relações entre fotografia e memória à história. Segundo a pesquisadora, a progressiva utilização da fotografia desde sua invenção, deve ser vista no âmbito das relações entre memória e história, uma vez que tais relações esclarecem o modo com que as imagens fotográficas, atribuindo visibilidade às memórias, contribuem para reforçar a construção de determinadas 'visões de história' (2003, p.26).

Maria Ciavatta, em seu livro *O Mundo do Trabalho em Imagens*, analisa as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores do Rio de Janeiro nas três primeiras décadas do século XX. Fotografia e memória são questões abordadas por ela durante sua pesquisa sobre o tema. Para entender melhor a utilização da fotografia como fonte histórica, a autora busca “compreender a história do objeto fotográfico e sua relação com a construção da memória coletiva” (CIAVATTA, 2002, p.30).

No caso da presente pesquisa, os documentos mais utilizados são as fotografias produzidas por Hélio de Oliveira¹⁴ (entre as décadas de 1950-60¹⁵, período de maior produção do fotógrafo) e entrevistas de pessoas que moraram — algumas ainda moram — ou tiveram parentes em Campinas nesse período, além, é claro, de documentos textuais de diversas naturezas. Partindo dos citados documentos históricos, a discussão, vale-se das formas que os moradores encontraram para criar e manter uma identidade enquanto campineiros.

As primeiras conversas realizadas com o intuito de conhecer um pouco mais sobre a história do bairro foram desacompanhadas de fotografias. A primeira entrevista realizada foi com Hélio de Oliveira; pedi ao fotógrafo que discorresse sobre seu ofício no local destinado à guarda de sua produção fotográfica. Ele acolheu o pedido e conduziu-me ao escritório que abriga seu acervo. Durante essa conversa, Hélio emocionou-se várias vezes e reviveu, pelo contato com suas fotografias, diversos períodos de sua vida com uma riqueza de detalhes impressionante. Foi uma longa conversa, e tantos detalhes lembrados pelo fotógrafo provavelmente vieram à tona mediante o manuseio de suas fotos.

Percorremos vários momentos de sua carreira — como o período em que prestou serviços ao governo do Estado, ao jornal *O Popular*, em que fez fotos de Goiânia, com ênfase à Praça Cívica e às principais avenidas da cidade (Tocantins, Goiás e Araguaia), lembrando, ainda, dos trabalhos que realizou pelo interior do Estado. Mas o momento em que ele se encheu de ânimo e emoção foi

¹⁴ Lembrando que existe também a produção de outros fotógrafos neste estudo, visto que abordo, *en passant*, um período cronológico que antecede a produção de Hélio de Oliveira.

¹⁵ Quanto ao período cronológico do trabalho, há uma observação a ser feita; minha investigação busca vestígios e informações referentes a formação e a consolidação da identidade dos moradores de Campinas motivo que me leva a investigar fatos ocorridos desde a fundação do bairro, data anterior à produção do fotógrafo. Contudo, as fotografias de Hélio de Oliveira são capazes de fornecer pistas ainda mais contundentes sobre a formação identitária dos campineiros, levando à interpretação de que a consolidação desta identidade ocorreu exatamente durante um dos períodos mais férteis de sua produção, que engloba as décadas de 1950 e 1960.

quando entramos em dois assuntos, denominados pelo fotógrafo como as duas paixões de sua vida (tanto no âmbito pessoal quanto profissional): esporte, com destaque para o Atlético Clube Goianiense, e Campinas, bairro onde viveu a maior parte de sua vida. Lá cresceu, casou-se, teve filhos, e agora desfruta da companhia dos netos. Nesse momento, fez-se evidente que a forma mais acertada para desenvolver a pesquisa, até então em estágio inicial, seria pela conjugação da fotografia aos relatos orais.

Outro momento em que percebeu a fotografia estimulando lembranças e instigando a rememoração dos entrevistados foi durante a fala do ex-técnico do Atlético¹⁶ Odair Tito, ao recordar Antônio Accioly, ex-dirigente do clube. Permaneceu durante toda a entrevista com a foto de Accioly em suas mãos (ver imagem 8), enaltecendo sua atuação: “Se existe alguém que merece ser lembrado por seu trabalho, honestidade e amor por seu time, esse alguém é Antônio Accioly, que tenho a honra de chamar de meu amigo” (anexo 5, pág.75). Suas lembranças foram estimuladas pelo contato com a fotografia, e ele mesmo percebeu o fato:

Esta fotografia me fez lembrar de tantos momentos, de coisas que eu nem me lembrava mais... Das longas conversas que tínhamos sobre futebol. Lembrei da minha época de boêmio, onde passava noites inteiras sentado em frente a uma mesa de bar conversando muito. Aquela mesa enorme, cheia de boleiros. A gente falava de tudo: bebidas, (com todo respeito viu, Nair), mulheres (*risos*), mas virava e mexia voltávamos a falar de futebol, dos boleiros... Boleiros era como a gente chamava os jogadores. A gente falava assim na época, né, minha filha? É... dos boleiros que se tornariam a revelação do time, essas coisas. Lembrei ainda de como meu amigo Antônio Accioly era prestativo e dono de uma palavra só. Pelo Atlético era capaz de tirar dinheiro do próprio bolso pra pagar as dívidas do clube! Inclusive meu salário, que, durante muito, saiu do bolso dele, porque o clube passou por momentos que era uma quebradeira só. Ele era um apaixonado pelo time (...). Esta fotografia me fez lembrar de muitas coisas, mas me fez também sentir muita saudade de um tempo que não volta mais. Eu fui muito feliz no

¹⁶ E também do Goiânia Esporte Clube, rival do time atleticano.

tempo que passei lá no Atlético. (Odair Tito, entrevista, mar. 2007, anexo 5, p. 77).



Imagem 8: Antônio Accioly. 1971. Hélio de Oliveira. Acervo JMT. (Foto segurada por Odair Tito durante a entrevista sobre o Atlético Clube Goianiense).

A postura de considerar a fotografia como recurso técnico, durante a realização das entrevistas, para estimular a lembrança dos informantes, é uma prática que já vem sendo utilizada com sucesso por vários pesquisadores¹⁷. O centro de memória da Unicamp já realizou inúmeros estudos utilizando tal recurso, como as pesquisas desenvolvidas pela professora Olga Rodrigues de Moraes Von Simson. Entre elas destaca-se a reconstituição da memória dos

¹⁷ Como Miriam Moreira Leite, na pesquisa que resultou na publicação *Retratos de Família* (Edusp, 2000), e José Roberto Gonçalves, em sua dissertação de mestrado intitulada *Espaço, Tempo e Memória, Reconstituição da Trajetória das Vilas Populares em Campinas: o exemplo da Vila Castelo Branco* (Unicamp, 2002).

moradores do bairro Friburgo em Campinas, interior do Estado de São Paulo. Nesse estudo buscou-se a reconstituição da memória e o sentido de pertencimento dos moradores de Friburgo.

Em seus estudos, a autora questiona as “possibilidades e limitações da utilização de fotografias históricas conjugadas com relatos orais nas pesquisas que se propõem a resgatar a trajetória histórica de grupos sociais específicos”. (Von Simson, 1998, p. 21).

Três são os estudos referendados por Olga Von Simson em seu ensaio (1998). O primeiro, “Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano” . O recurso sugerido pelos integrantes desse grupo, de paulistanos negros e brancos, para a realização das entrevistas, foi o de “apoiarem-se mutuamente nas imagens que cada memória individual havia elaborado sobre esse passado comum dos foliões carnavalescos”. (VON SIMSON, 1998, p.25) E assim se deu a gravação das falas do grupo, que se reunia e, a partir de uma história ou fato lembrado por um dos integrantes, estimulava o processo de rememoração de todos. Assim, outros integrantes também começavam a colaborar com elementos novos que surgiam durante a rememoração.

Nos diálogos com os componentes do grupo, as fotografias estimulavam as lembranças. Segundo Olga,

Durante essas sessões de registro conjunto da memória, qualquer pequena fotografia amarelecida pelo tempo, puxada timidamente do fundo do bolso, trazia novo enriquecimento às narrativas e uma segurança muito maior aos processos de rememoração. (VON SIMSON, 1998, p. 25).

Nas pesquisas realizadas sobre o bairro Campinas em Goiânia, embora neste estudo, as entrevistas tenham sido realizadas individualmente, tivemos a oportunidade de perceber que a fotografia realmente estimula as

lembranças dos entrevistados. Parte considerável dos entrevistados, ao entrar em contato com a fotografia, acabou fornecendo dados que até então, não haviam sido mencionados.

O segundo grupo analisado por Olga era formado por descendentes de alemães, moradores do bairro de Friburgo, em Campinas (SP). Nesta pesquisa também foi muito profícua a utilização da imagem fotográfica aliada aos relatos orais. A mesma metodologia foi aceita pelos integrantes do grupo e se mostrou eficaz, no sentido de transmitir aos jovens do grupo traços da cultura germânica e como ela estava sendo preservada pelo grupo.

Na busca dos indícios que possibilitassem mostrar a origem teuta comum e a trajetória do grupo na Nova Terra o recurso às fotos antigas, quando sugerido, foi prontamente aceito e amplamente utilizado, pois elas ajudaram a detonar a memória dos membros mais antigos da comunidade mediante relatos orais e permitiram retratar de forma clara essa saga imigrante e transmiti-la aos adolescentes e crianças, hoje integrados ao processo de reconstrução do passado, através dos grupos folclóricos criados a partir de 1993. (VON SIMSON, 1998, p.26).

Um terceiro grupo citado pela autora, no qual foi utilizada a fotografia como princípio ativador da memória, é formado pelos moradores dos bairros Cambuí e Vila Industrial, em Campinas, interior de São Paulo (SP). A pesquisadora aponta as diversas formas pelas quais, a fotografia foi percebida pelo grupo durante a pesquisa. Busca-se entender a constituição da identidade de bairro (tanto de Cambuí quanto da Vila Industrial). Aqui a pesquisa se diferencia das anteriores pelo fato de Olga ter ampliado o leque de possibilidades, buscando imagens não somente no interior do grupo, mas também imagens institucionais, além da realização de um registro fotográfico realizado por um fotógrafo-antropólogo durante toda a pesquisa.

Vimos nas pesquisas realizadas por Olga Von Simson três vertentes diferentes, que se utilizaram da mesma metodologia para a análise dos grupos: a estimulação da memória por meio de documentação fotográfica. Em ambas, o estímulo mnemônico mostrou-se eficaz. Foi possível perceber que a fotografia, quando utilizada no ato da entrevista, dá maior segurança às pessoas durante seu processo de rememoração e, ainda, que a forma como a imagem fotográfica é recebida pelo grupo pode também fornecer pistas para que se entenda melhor o processo de formação do grupo. As pesquisas indicam, ainda, que “o registro imagético vem permeando cada vez mais a nossa cultura ocidental contemporânea e se transformando talvez no principal ‘texto’ orientador da construção das memórias individuais e da memória coletiva dos grupos sociais” (VON SIMSON, 1998, p.33).

Com apoio dessa metodologia, nota-se que a fotografia adquire uma capacidade de atuar como ponto de partida da memória, sintetizando sentimentos de pertencimento dos grupos (sejam eles, familiares, de moradores de um mesmo bairro, etc.). Em outras palavras, pode-se dizer que a imagem fotográfica atua como um instrumento socializador da memória de indivíduos, grupos ou instituições, ao ser considerada um tipo de linguagem que possui a capacidade de interpretar histórias de vida dos mais variados segmentos de uma sociedade.

Assim, justifica-se a escolha por essa metodologia de trabalho. Por meio da associação de imagens do bairro Campinas — a “campininha”, como é chamada por seus moradores e ex-moradores —, da realização de entrevistas e da utilização de outras fontes de pesquisa, como a documentação escrita, busca-

se indícios¹⁸ que encaminhem à percepção do sentimento de pertencimento dos moradores e à forma como tem sido construída alguma identidade comum, além da maneira como esta vem se consolidando ao longo dos anos.

O método utilizado forneceu pistas importantes para as formulações sobre a campininha. Alguns obstáculos: entrevistados que não deram muita atenção às imagens (como se suas falas sobre o bairro já estivessem consolidadas). Houve alguns casos em que o contato com as imagens não despertou nenhuma reação, ou mesmo levou os entrevistados a rememorarem os fatos passados, ainda que a partir da linguagem imagética. Manifestou-se a experiência de apresentar uma foto para um entrevistado e ele continuar falando sobre outro assunto, sem ao menos olhar para a imagem, sendo que através dela se busca o estímulo da lembrança, da memória dos moradores de Campinas. Em outros casos, na maioria deles — o que encorajou a manter recurso metodológico na pesquisa —, as pessoas se emocionavam, chamavam outras para ver as imagens sobre fatos vivenciados por elas no passado, pediam cópias daquelas fotos, pois traziam recordações de sua infância, adolescência, de seus pais, maridos, e, claro, do bairro onde moravam. Conseguiam, partindo do contato com as imagens do bairro, reconstruir suas lembranças do passado e, assim, discorrer posteriormente sobre vários assuntos. Inclusive sobre as relações de convívio

¹⁸Ao buscar indícios de fatos sobre a identidade campineira, recorre-se ao pensamento do historiador italiano Carlo Ginzburg que trabalha com o paradigma indiciário. Uma metodologia de estudo que explora a relação entre o todo e as partes, o universal e o singular para reconstituição de fatos históricos. Para utilização desta metodologia, é preciso que o pesquisador se concentre nos pequenos detalhes, para conseguir desvendar seus significados sociais e a partir daí, realizar sua interpretação sobre os acontecimentos. Para o autor, “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. (GINZBURG, 1989, p.67). Se o entendimento sobre o grupo que se escolheu trabalhar não pode ser feita de maneira direta, deve-se recorrer a pistas que levem a esse entendimento. E a fotografia nesse sentido, atua como um elemento capaz de fornecer pistas uma vez que associada aos relatos orais, estimula a lembrança do entrevistado que pode contribuir com dados relevantes para a pesquisa.

entre o grupo de moradores do bairro e os moradores de 'Goiânia', como foram designados os não-moradores do bairro pelos campineiros.

Foi perceptível, quando da realização das entrevistas, que até hoje os campineiros se referem ao centro da cidade como "Goiânia", e que isso pode ser considerado como uma forma encontrada por eles a fim de manter as distinções entre ambos. Eles dizem: "Naquela época, lá em Goiânia", ou, "Goiânia naqueles tempos", ou ainda: "Quando eu vou/ia a Goiânia". Os campineiros não vêem, até hoje, Goiânia e Campinas como partes de um todo. Para eles, são lugares distintos. A distinção ocorre desde o surgimento da cidade, como apontam as investigações realizadas. Hélio de Oliveira foi um dos entrevistados que se referiram ao centro da cidade como Goiânia. Observemos a fala do fotógrafo:

(...) Tanto é que a gente, ao invés de falar assim, eu vou no centro, não. A gente falava eu vou lá em Goiânia, e os de Goiânia, às vezes, falavam, também eu vou lá em Campinas. Acho que pra não ficar pra trás. Imagina um careta lá de Goiânia se sentindo por baixo em relação à gente aqui da campininha (*risos*). Não tem esse negócio, né? A gente, de vez em quando, ainda fala: "Ó, eu vou lá em Goiânia fazer um... lá em Goiânia. Porque é Goiânia também, uai (*risos*)! Lá é tudo diferente, né? Mas rivalidade nunca houve, não. As primeiras comemorações, 24 de Outubro, eram feitas aqui, em Campinas. Corridas de bicicletas ali na 24 de Outubro, corrida de motocicleta... Dessa época eu não tenho muita coisa, muita foto não, porque eu era pequeno. Carnaval era aqui em Campinas. Vinham aqueles carros, eles tiravam as capotas do carro e vinham fazer a roda do jardim, passear; eles falavam é o curso, né? O curso. Eu, se tentar, talvez eu tenha alguma foto pequena. Talvez. E vinha aquela brincadeira, jogava confete e cantando e tal (...) as primeiras festas. (Hélio de Oliveira, entrevista, nov.2006, anexo 5, p.37/38).

Hélio afirma que não existia entre Goiânia e Campinas o sentimento de rivalidade, mas em sua fala é possível perceber que ele enaltece Campinas e, de certa forma, minimiza a capacidade de Goiânia de organizar sua própria festa de aniversário, ao dizer que até a comemoração de 24 de Outubro acontecia em

Campinas. Em seu discurso é possível perceber o sentimento de distinção entre os dois núcleos urbanos, embora o fotógrafo afirme que não exista.

Odair Tito, ex-técnico do Goiânia e do Atlético também, foi morador de Campinas e permaneceu no bairro durante alguns anos. Ele conta que no início, quando mudou para o bairro, estranhava as distinções entre Goiânia e Campinas, mas que, com o passar do tempo, se acostumou, e, por vezes, se pegou falando como os moradores da campininha:

Fui morar em Campinas por causa do meu contrato com o Atlético e depois que saí do clube, permaneci lá durante alguns anos. Campinas era um lugar gostoso demais pra se morar, se pudesse moraria lá até hoje. Lá me lembrava assim, aquelas cidadezinhas do interior, ao contrário dessa correria que a gente encontrava no centro de Goiânia. Pelo menos na época em que morei lá ainda tinha essa característica, não existia aquele comércio todo daquelas avenidas, a 24 de Outubro, aquelas outras lá que comercializam malhas, enfim.... Este comércio já estava instalado lá, mas não tinha essa potência de hoje não. Mas, o que eu ia te contar é que quando morava em Campinas, custei acostumar, eu e a Nair, nós custamos a acostumar com nossos vizinhos falando: “seu Odair vou lá em Goiânia, o senhor que uma carona ou alguma coisa de lá?” A gente ficava rindo, porque Campinas também é Goiânia. Mas depois de algum tempo, através do contato que a gente foi fazendo, das amizades, é que percebemos que existia uma certa rivalidade entre Campinas e Goiânia. A Nair acostumou tanto a ouvir (e eu também – risos), “eu vou lá em Goiânia”, que de vez em quando, a gente se pegava falando do mesmo jeito. E se você for lá em Campinas hoje, vai encontrar ainda pessoas falando desse jeito “vou lá em Goiânia”. Acho que é uma coisa cultural, sabe? Está muito arraigado nos costumes deles. (Odair Tito, entrevista, mar.2007, anexo 5, p.75).

Mediante o contato com a documentação fotográfica, vários entrevistados atenderam às expectativas. A imagem conseguiu estimular suas lembranças e, a partir disso, a pessoa começava a contar suas experiências de vida. Experiências individuais e coletivas. Como exemplo, pode ser citado o caso de dona Benedita Alves de Souza. Foi pedido a ela que falasse um pouco sobre a campininha do tempo de sua juventude; como era o bairro, quais os lugares mais freqüentados, se existia algum lugar e/ou acontecimento que tivesse permanecido

durante todos esses anos em sua memória e também na memória de outros moradores de Campinas. Foram mostradas imagens de Campinas produzidas nos anos 1950, com a expectativa de que ela reconstruísse suas lembranças a partir das fotos. A intenção era aproximar a conversa que estava sendo construída sobre Campinas com a metodologia proposta, que utiliza fotografias históricas¹⁹ conjugadas a relatos orais, a fim de resgatar a trajetória histórica de grupos sociais específicos, como no caso deste estudo, os moradores de Campinas.

No início dona Benedita se mostrou tímida, como se não tivesse muito a falar. Após o contato com as fotografias, ela começou a se soltar e, na medida em que ia se familiarizando a elas, começou a reconstruir suas lembranças e a contar as experiências vividas por ela e por alguns moradores do bairro durante os anos retratados naquelas fotografias. Vejamos um trecho da entrevista:

Olha minha filha, vou falar a verdade pra você. Eu não tenho muita coisa pra contar não. Casei muito cedo, vivi durante muitos anos pro meu marido que já faleceu, o Afonso e também para meus filhos. Tive uma vida muito comum, muito simples mesmo aqui em Campinas. Acho que não vou dar conta de ajudar você aí nesse trabalho de faculdade não. Acho que você devia conversar com pessoas mais estudadas, elas sim tem muito a contar. Quem sabe se você procurasse aquele escritor famoso que aparece no Frutos da Terra, como é mesmo o nome dele? Isso mesmo, o Bariani Ortêncio, ele sim vai poder te ajudar, ele foi morador aqui de Campinas, dono daquele Bazar Paulistinha, um homem letrado mesmo e dever ter muita coisa pra te contar, agora eu... (Benedita Alves de Souza, entrevista, out.2007, anexo 5, p.23).

Em seguida, a interlocutora viu fotos da Praça Joaquim Lúcio, da Matriz de Campinas, do Lago das Rosas e Colégio Santa Clara. Imagens que levaram

¹⁹ Utiliza-se o termo “fotografia histórica” seguindo Miriam Moreira Leite, para quem a fotografia histórica é “toda aquela que nos chega às mãos pronta, tendo sido produzida há algum tempo, com relação ao momento em que é analisada pelo observador”. (LEITE, 2000, p.15).

dona Benedita ao encontro de suas lembranças acerca do passado²⁰. Ela ficou em silêncio durante alguns minutos e, em seguida, começou seu processo de rememoração. Seu primeiro comentário foi sobre a Igreja Matriz e Praça Joaquim Lúcio (*ver imagens 9 e 10*):

Eu era a única mulher de filha. Era eu e mais quatro irmãos. Me sentia muito sozinha na minha casa, na minha época de mocinha. Acho que por isso casei tão cedo. Olhando assim pra essa foto da igreja, lembrei que esperava quase a semana inteira pra ir na missa dia de domingo. Era nesse dia que eu encontrava com minhas amigas, pra ir na missa e, também, quando meu pai deixava, a gente ia lá nos jogos do Antônio Accioly. Eu tive algumas amizades que duraram quase que durante a vida inteira, mas não era igual hoje que tem esse negócio de amiga dormir uma na casa da outra, não. A gente se encontrava mais nos fim de semana, pra ir na missa. A gente era muito unidas, quase que irmã. Os nossos pais trabalhavam juntos, na construção civil. Então, era eu, a Zizinha, Tereza e a Ana, Aninha... Eu me lembro que, quando dava, assim, quinta-feira, mais ou menos, a gente começava a engomar o vestido, clarear o véu, limpar os sapatim, essas coisas de moça, sabe? Pra ir na missa da Matriz no domingo. Esse capricho todo era porque depois da reza, nossos pais deixava a gente passear um pouco na praça. Essa aqui que você trouxe a foto, na Praça Joaquim Lúcio.... Lá a gente ficava olhando os moço, os rapazes, sabe? A Zizinha, ela foi a primeira de nós quatro que casou, e adivinha só: conheceu um rapaz nessa praça aqui mesmo, na Joaquim Lúcio e acabaram casando. Mais lembro que a gente se divertia muito aqui. A gente ficava meio que infilerada, sabe? Ali, fazendo charme pros rapazes, uns denguem desse de moça. E, se desse sorte, um ou outro se aproximava para conversar. Nossos pais nem sonhava com isso! (risos). Foi assim que a Zizinha casou. Tudo começou com os passeios de domingo na Praça Joaquim Lúcio, depois que a gente saía da missa da Matriz de Campinas. Lembro que o padre fazia uns sermão longo, e a gente ali, doidinhas para ele sapecar a missa. Ah, e essas coisas de ficar lá na praça não era coisa só minha e das minhas amigas, não, era um costume entre as moças daqui da campininha, das moças e dos rapazes também. Se você sair aí pelo bairro perguntando quantas faziam isso, posso quase te garantir que todas vão dizer que freqüentavam a Praça Joaquim Lúcio, depois da missa de domingo. E tem mais, a gente só gostava dos rapazes daqui da campininha, os que às vezes pingava aqui a gente esnobava. Os rapazes lá de Goiânia tinha mania de achar que toda moça daqui tinha os costumes das moças lá da zona, da casa da dona Maria Branca e de outras também, e isso pegava muito mal pra nós. Mesmo se por acaso a gente quisesse namorar, flertar, né, com os rapazes lá de Goiânia, nossos pais não deixavam, não, vixe Maria! Era até capais da gente levar umas peia. Aí, pra não criar confusão, nós flertava era com os daqui mesmo, até porque (*risos*) eles era muito mais bonito.... (Benedita Alves de Souza, entrevista, out.2007, anexo 5, p.24).

²⁰ Quanto ao Colégio Santa Clara, dona Benedita não comentou nada sobre ele — acredito que pelo fato de não tê-lo freqüentado.



Imagem 9: *Evento na porta da Igreja Matriz de Campinas. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo H.O.*



Imagem 10: *Praça Joaquim Lúcio. 1959. Hélio de Oliveira. Acervo H.O.*

Depois de expressar suas lembranças sobre a Igreja Matriz de Campinas e Praça Joaquim Lúcio, dona Benedita referiu-se ao Lago das Rosas:

Na minha época o Lago das Rosas era destinado à diversão dos pobres. Ouvia dizer que ele tinha sido criado pra diversão dos menos favorecidos. Como um Piscinão de Ramos, sabe? (*risos*) E lá no Jóquei, em Goiânia, era o clube dos almofadinhas. E eu acho que, no fundo, tinha estas separações mesmo, lugar de diversão de pobre e rico, e a gente, é claro, acabava indo pro Lago das Rosas (*risos*) ai, ai. Outra separação que existia lá no Lago da Rosas é que ele servia pra dividir Goiânia da campininha, mas não sei porque a gente considerava ele como parte de nosso bairro. Vinha gente de Goiânia pra passear lá, mas era muito difícil você ver interação entre eles e os daqui. Pois é, tinha também essa... é como se o lago, eu lembro muito desses comentários, é como se o lago fosse uma linha imaginária que conseguisse separar Campinas e Goiânia. Eu, na verdade, não fui muito lá, não. Meu pai gostava de levar meus irmãos pra tomar banho lá. Eles até pescavam, você acredita? Era aquela água até bonita, limpinha, dava gosto de ver. Depois, quando colocou o parque de animais lá, eu comecei a ir mais, mas não com freqüência. Mais olhando aqui, pra essa foto (*foto 11*), me lembrei direitinho dos meus irmãos chegando em casa todos molhados, tudo cansado, tadim, de tanto brincar no Lago das Rosas. (Benedita Alves de Souza, entrevista, mês, anexo 5, p. 24/25).



Imagem 11: *Banho no Lago das Rosas.* Déc. 1960. Hélio de Oliveira. Acervo MIS-GO.

A partir das lembranças de dona Benedita, que foram instigadas pelo contato com a fotografia, consegue-se colher algumas informações sobre o bairro, como os costumes de moças e rapazes que freqüentavam a Praça Joaquim Lúcio para flertes²¹ e que, por meio deles surgiram muitos casamentos, como os de Zizinha, amiga de dona Benedita. Outra informação que retirei da maioria das entrevistas foi o discurso de que o Lago das Rosas era uma espécie de fronteira, um “divisor de águas” entre Goiânia e Campinas. Essa informação também está presente na monografia de especialização de Simone Rosa da Silva (SILVA, 2001).

Geraldo Batista Ferreira, morador antigo do bairro, também foi entrevistado utilizando a mesma metodologia de trabalho que propõe o uso da fotografia durante a coleta de relatos orais. Foram apresentadas fotos de vários lugares de Campinas: as que mais o sensibilizou foram as do Cine Campinas (embora não seja uma foto que o mostre frontalmente), e Atlético Clube Goianiense (jogadores e estádio). Abaixo segue a foto apresentada a ele e suas lembranças sobre o local:

²¹ Além de Hélio de Oliveira, alguns escritores — como Bariani Ortêncio, em sua entrevista — mar.2007 e José Mendonça Teles, em seu livro *Crônicas da Campininha 2006* — relataram a prática do *footing* na Praça Joaquim Lúcio.



Goiânia - Déc-50
Av. 24 de Outubro
Cine Campinas

Imagem 12: *Cine Campinas/Av. 24 de Outubro.* Déc. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo H.O.

Eu me lembro das sessões no Cine Campinas... Esse cinema deu muito o que falar quando foi pra ser inaugurado. Você sabe, né? Ele foi o primeiro cinema de Goiânia. Eu me lembro das histórias que minha mãe e minhas tias contavam desse cinema. Histórias aí que aconteceram, acho que lá pelas bandas do anos de 30 ou 40. Eu lembro assim de algumas coisas, mais tem detalhe assim como data que foge, né? Mas essa história foi mais ou menos assim: teve um concurso quando foi ele ser inaugurado, né?... Aí o povo escolheram, o povo é a comissão que foi montada pra decidir do nome pro cinema. Frescuragem né? Vê se pode concurso pra escolher nome de cinema. Esse povo tinha cada uma, né? Eleição pra nome de cinema (*risos*)... Aí, no fritar dos ovos, eles escolheram, lá, o nome, parece que, de Araguaia, Cinema Araguaia, uma coisa desse tipo. Menina, aí só via revolta desse povo de Campinas. Os daqui da campininha, nossa senhora! Porque era o primeiro cinema de Goiânia, né? Mas só que ficava aqui na campininha. Aí esse negócio esquentou, deu o maior boró! Minha mãe contava essa história pra gente direitinho. A gente gostava de sentar na calçada, do lado de fora, assim, da casa, colocava, assim, uns banquinhos, umas cadeiras e aí ficava lá fora conversando, vendo os vizinhos... Por falar em vizinho, você que mexe com esse negócio de fotografia, ali na rua de cima, na São Paulo, logo ali, ó, tá vendo? Lá morava uma mulher que era fotógrafa, a dona Priscila. Já ouviu falar nela? Minha mãe, quando a gente era menino, levava nós lá, de vez em quando, pra bater umas fotos. Bom, voltando sobre o cinema, né... E, nessas conversas a minha mãe contava um monte das histórias aqui da campininha, ela e minhas tias, elas já era assim, senhoras de meia-idade, sabe, que adorava conversar, e eu dava muito ouvido pra elas. E foi bom, né, porque agora posso contar essa história pra você (*risos*). Mais essa foto aqui que você trouxe, ela foi tirada depois dessa história aí que tô te contando. Ela mostra bem a 24 de Outubro, né? Essa avenida também tem história...

Pois é, menina, aí esse povo daqui se revoltou e batalharam, conversaram com um e outro e até que conseguiram mudar o nome pra Cine Campinas, pois, afinal de contas, ele foi construído aqui, né? Aí, as vezes, quando eu ia lá pra assistir filme, gostava daqueles filmes engraçados que passava lá... Aí, quando chegava, assim, na porta, ficava lembrando dessas história que minha mãe ficava contando... (Geraldo Batista Ferreira, entrevista, nov.2007, anexo 5, p.29).

A pesquisa feita em jornais da época recuperou anúncios sobre o concurso para escolha do nome do Cine Campinas²², lembrado por seu Geraldo:

O Concurso do Cinema de Campinas. Último prazo para apresentação das sugestões de nomes desse importante estabelecimento. Pedem-nos os srs. Silva e Cia., proprietários da importante casa de diversões que vai ser, em breve inaugurada em Campinas, avisemos aos interessados que o prazo para o recebimento das sugestões de nomes desse estabelecimento expirará a 25 do corrente. Avisamos mais uma vez aos srs. concorrentes que as sugestões devem ser colocadas em um envelope, sendo dentro deste, pôsto o nome do concorrente em outra sobrecarga fechada. (Jornal Correio Oficial. 20 de maio de 1936).

Seu Geraldo conta que, além dos filmes que gostava de ver no Cine Campinas, outra diversão, e, segundo ele, “muito mais que diversão, uma paixão mesmo”, eram as partidas de futebol disputadas pelo Atlético. Ele diz que não perdia um jogo no Estádio Antônio Accioly. Ao ver a foto (*imagem 13*) da torcida, ele recorda:

Esse tempo aqui, ó, era bom demais! Perdi até as conta de quantas vezes eu fui nesse Antônio Accioly, nossa senhora. Tá vendo aqui? Era a torcida mais animada de Goiás inteirim, olha aqui as cercas! (risos). Nós atleticanos (eu ainda sou), mas naquela época era muito mais, a gente era muito fanático, meu Deus do céu.... Nesse tempo aqui ó, o futebol fazia gosto, não tinha essas sujeraçada que tem hoje não, os jogadores estavam ali era pelo amor a camisa, nem salário os pobre num tinha. Com o sistema profissional a coisa mudou um pouco. Nossa, mas eu me orgulho demais de ser atleticano, de ter vivido aqui nesse tempo, aí era tão bom..... Essa foto aqui é mais ou menos 50, né? Ó, tivemos duas vitórias que eu vou te falar... 1957 e 55. Não vou esquecer disso nunca. Fico até arrepiado. Era time de craque mesmo. E, o mais importante dessas vitórias tudo aí do Atlético é que nesses anos aí, os

²² Outras matérias sobre a inauguração do Cine Campinas foram encontradas no jornal *Correio Oficial*: 14 de abril de 1936 (*será inaugurado, dentro de poucos dias, um cinema-falado no bairro de Campinas*); 31 de maio de 1936 (o concurso do *Correio* para a escolha do nome do primeiro cinema de Goiânia, Cine Araguaia); junho de 1936 (*o nome do cine do subúrbio de Campinas*).

jogadores eram todos aqui de Campinas, da nossa campininha, e isso enche qualquer um de orgulho. A gente se sentia representado, sabe? O povo lá de Goiânia achava que só porque os jogadores deles era tudo chapa-branca podia botar banca aqui na gente. Olha vou te falar uma coisa; com a ajuda do... Cadê? Você tem foto dos jogadores aí, né? Pois é. Graças a esse aqui, ó, [Antônio Accioly], olha só, o Dr. Antônio Cícero de Sá, eu lembro muito dele, e, graças aos craques da época — nossa, que saudade que estou sentindo desse tempim, menina, você vai me matar mostrando essas fotografias aí. Mata o véi, mata! (risos). (...). Os craques? Os craques que falo era os... Epitácio, o Pitinho, nossa esse Pitinho era goleiro viu, era uma muralha! O Plínio. Esse Plínio, esse aqui, ó, teve um jogo, um amistoso, que ele marcou um gol contra o... ai não lembro, o, o, o... Acho que foi São Paulo, mas não sei bem.... Mas aí ele jogou um bolão mesmo nesse dia, uma coisa de doido..... Aí no fim das contas, depois dessa partida, ele foi carregado lá do estádio, mas carregado mesmo, nos nossos braços, até o Bar do Fiore, e lá a gente fez umas das festas mais bonitas do mundo. Hoje ele virou empresário, mudou aqui da nossa campininha, mas seu negócio continua aqui. Não tem como sair daqui de vez não, isso aqui é o melhor lugar do mundo! (risos). Mas o melhor de tudo foi lembrar de tanta coisa... Nesses tempos aqui, ó, [seu Benedito aponta para as fotos que estão em cima da mesa], a gente aqui da campininha era feliz demais, era uma vida sossegada... Eram os passeios lá na Praça Joaquim Lúcio, os banhos no Lago das Rosas, os filmim do Cine Campinas... E as partidas do meu querido tigrão! Essas fotos que você trouxe aqui me fez lembrar de muita coisa desse tempo, e, o mais engraçado é que aqui todo mundo gostava das mesma coisa. Nossos programas, assim, era tudo os mesmo. Tudo do povo aqui da campininha. Não tinha pra mais ninguém! (risos). (Geraldo Batista Ferreira, entrevista, nov.2007, anexo 5, p.30).



Imagem 13: *Torcida atleticana*. Déc. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo JMT.

O emprego de fotografias de Campinas conjugadas a relatos orais de moradores antigos do bairro, como dona Benedita e seu Geraldo, permitiu o resgate de suas trajetórias de vida e, de certa forma, do grupo ao qual pertencem (moradores de Campinas). Suas experiências de vida confluem com as experiências de outros moradores (e ex-moradores) do bairro, como Hélio de Oliveira, Bariani Ortêncio e José Mendonça Teles. Todos eles falaram em algum momento sobre os encontros na Praça Joaquim Lúcio, os passeios no Lago das Rosas e sobre o Atlético, por exemplo. Essas informações em comum encontradas nas entrevistas e o sentimento de pertencimento deles em relação ao bairro (todos se sentem — ou sentiram em algum momento —, como parte integrante de um mesmo local, de um mesmo grupo) constituem indícios importantes sobre como pensar a formação e consolidação da identidade de Campinas.

2.3. A escolha das fontes documentais

A decisão de analisar a formação e a consolidação da identidade de Campinas fez perceber que a pesquisa abordaria dois momentos diferentes: um primeiro momento, no qual os campineiros sentiram a necessidade de constituir sua identidade em relação aos moradores de Goiânia²³ (e isso ocorre no período de construção da cidade, anterior à produção de Hélio de Oliveira), e um segundo momento, em que a identidade foi consolidada mediante estratégias discursivas, como, por exemplo, a de tratar alguns lugares, tanto por campineiros quanto por

²³ Como bem explica Eliézer Cardoso de Oliveira em sua dissertação *Imagens e Mudança Cultural em Goiânia* (UFG, 1999, p. 42), a utilização do termo Goiânia, quando se trata da rivalidade/oposição com Campinas, “não se refere ao município, mas ao núcleo habitado que corresponde, hoje, ao centro da cidade”.

goianienses, como pertencentes a Campinas. A Praça Joaquim Lúcio, o Lago das Rosas, o Bar do Fiore e o Atlético Clube Goianiense são exemplos desses lugares.

Para a análise desses dois momentos recorreu-se, inicialmente, a fontes bibliográficas (livros e dissertações de autores como José Mendonça Teles, Bariani Ortêncio, Horieste Gomes, Ivo de Melo, Eliézer Cardoso de Oliveira, Karinne Machado Silva, Ofélia Sócrates e Yara Araújo) e, posteriormente, a acervos de instituições como o AHG, IHGG, IBGE, Biblioteca Estadual Pio Vargas e a biblioteca do MIS-GO, à procura de jornais e revistas sobre o período em análise.

Em um segundo momento da pesquisa, a principal fonte foi constituída pela produção fotográfica de Hélio de Oliveira, conjugada aos relatos orais e também a fontes secundárias, principalmente da historiografia goiana e goianiense, que estiveram presentes no decorrer de toda a pesquisa. Na fase de estudo em que já se havia entrado em contato com a documentação textual, imagética e oral, pôde-se perceber que existem locais que permaneceram na memória coletiva dos moradores e ex-moradores de Campinas. Esses locais foram identificados, na documentação fotográfica, textual e nas falas dos entrevistados, como lugares que expressam a identidade do bairro.

Nos itens a seguir, justifica-se a seleção das imagens que compõem essa pesquisa — adentrando o acervo de Hélio de Oliveira (e de outras instituições também) e, ainda, os critérios escolhidos para escolha dos entrevistados. Quanto às fotografias, é importante para o leitor perceber, além do recorte delimitado para a realização dessa pesquisa, as condições do acervo do

fotógrafo — como ele é acondicionado e a variedade de seu conteúdo —, o que pode contribuir para posteriores trabalhos de outros pesquisadores.

2.4. O contato com os acervos fotográficos

Além do acervo acondicionado em sua casa, há fotografias da autoria de Hélio de Oliveira em instituições como o MIS-GO, CEDOC do jornal *O Popular*, SECULT, SEPLAN e em acervos particulares, como o do escritor José Mendonça Teles. Depois de visitar esses locais, foram selecionados os acervos ou coleções que poderiam fornecer as imagens necessárias para a composição dos estudos. Muitas fotografias que compõem os acervos do MIS-GO e Hélio de Oliveira encontram-se também na SECULT. As fotografias encontradas no CEDOC, de *O Popular*, são relevantes para minha pesquisa, mas considerável parte delas pode ser encontrada também no acervo de Hélio de Oliveira. Assim, deu-se preferência aos acervos do próprio fotógrafo (por motivos óbvios), do MIS-GO e ao acervo particular do escritor José Mendonça Teles²⁴.

Como já conhecíamos os acervos do MIS-GO, esse foi o primeiro local procurado para iniciar as pesquisas sobre a produção de Hélio de Oliveira. Foi realizado um levantamento de toda a sua produção existente no acervo e, posteriormente, uma seleção das fotos que provavelmente seriam utilizadas na pesquisa²⁵. As fotos da coleção Hélio de Oliveira do MIS-GO dividem-se em originais e reproduções (as primeiras produzidas pelo próprio fotógrafo e as outras, reproduções de fotografias de outros fotógrafos feitas por Hélio de Oliveira). Das 47 fotos, 36 são originais e 11 são cópias. São imagens de colégio

²⁴ A relação das fotografias pesquisadas nestes acervos encontra-se nos *anexos 1, 2 e 3*.

²⁵ Além das reproduções de fotos da coleção Hélio de Oliveira do MIS-GO, fotos de outros autores utilizadas neste trabalho foram gentilmente cedidas pela instituição.

Liceu, evento em campo de futebol, rodovia (BR-153), etc. Mas a maioria destas, é de vistas urbanas de Goiânia, com imagens do centro da cidade e de Campinas.

As imagens de Hélio de Oliveira existentes no MIS-GO confirmam o seu perfil enquanto fotógrafo do Estado. A maioria das imagens encontradas no acervo apresenta o centro de Goiânia, ressaltando, por meio de suas ruas, não só o desenvolvimento, mas a consolidação da cidade enquanto capital moderna. Das 47 fotos existentes, 4 foram utilizadas neste estudo.

Outro acervo pesquisado foi o de José Mendonça Teles. No levantamento feito no acervo JMT, foram encontradas 59 fotos com temática esportiva de autoria de Hélio de Oliveira. São fotos do time atleticano que disputou os campeonatos de 1955 e 57 quando foi campeão goiano, atletas (Plínio, Epitácio, Toca-Fundo, etc.), Frei Confaloni (no bar do Fiore e dando o pontapé inicial em uma partida de futebol), Antônio Accioly, Bar do Fiore, fotos de jornais produzidos por Hélio de Oliveira, foto do estádio Antônio Accioly, torcida atleticana, etc. A descoberta desse acervo foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa. Muitas imagens foram usadas durante as entrevistas realizadas, utilizando a metodologia que propõe a conjugação de imagens fotográficas e relatos orais; das 59 imagens, 15 foram utilizadas neste estudo.

2.4.1. O acervo de Hélio de Oliveira

O acervo Hélio de Oliveira começou a ser constituído na década de 1950, quando o fotógrafo foi contratado pelo jornal *O Popular* para ocupar o cargo de repórter-fotográfico. A contratação o levou ao registro de diversos assuntos: esporte, polícia, política, sociedade, religião, etc. No mesmo período foi contratado para prestar serviços ao governo do Estado, passando a registrar ainda as vistas urbanas da cidade e as visitas políticas dos governadores às cidades do interior de Goiás. Segundo o fotógrafo, todo o trabalho realizado para as duas instituições era feito com seus equipamentos e materiais — motivo que o levou a guardar as cópias do que era produzido. Quando começou a guardar essas cópias, não era sua intenção constituir um acervo. Entretanto, com o passar do tempo, percebeu o valor histórico dessas fotografias e, a partir dessa conscientização, começou a ser constituído um dos mais importantes acervos de fotografia do Estado de Goiás, contendo hoje aproximadamente 35 mil registros fotográficos, entre fotografias (preto e branco e coloridas) e negativos flexíveis. Vejamos as palavras do fotógrafo sobre esse assunto:

Essas fotografias minhas eu até não tinha a intenção de guardar isso não, quando eu comecei, no jornal não tinha máquina, no Popular, não tinha nada no *Popular*, né? Aí eu tinha máquina própria, comprava o material, comprava filme, comprava tudo, fazia as fotografias entregava no jornal e ficava com os negativos (...). Assim também aconteceu no Estado. Eu fui acumulando aqui, eu fui guardando, fui guardando, depois mais tarde é que eu pensei: gente isso aqui pode valer alguma coisa. Aí é que eu fui catalogar e mesmo assim, mais ou menos as fotos que eu tirei, mais ou menos um terço eu perdi, estragou o filme, estragou... fotografia sumiu, mais ou menos um terço, agora está mais ou menos organizado aí. (Hélio de Oliveira – entrevista, mar.2007, anexo 5, p.45).

Ao exercer o ofício de repórter-fotográfico, Hélio registrou de tudo, como costuma dizer. Fez muitas fotos de eventos políticos e coberturas de

personalidades políticas como Pedro Ludovico, José Ludovico de Almeida, José Feliciano, J.K., Mauro Borges, entre outros. Cobria também assuntos como o asfaltamento e desenvolvimento de Goiânia e cidades do interior. Aproveitava as viagens que fazia com esses políticos para a produção de vistas aéreas. Além disso, fez cobertura de esportes, concursos de beleza, bailes de debutantes, formaturas. Nas horas vagas, fotografava lutas-livre, carrocinha de cachorro, corrida de garçons, animais e, ainda, as ruas de seu bairro (Campinas): asfaltamento de ruas e avenidas; espaços de sociabilidade e identidade do bairro como cinemas, clubes, praças, bares (inclusive fotos do Bar do Fiore, freqüentado, em sua maioria, por jogadores e torcedores do Atlético Clube Goianiense); personagens conhecidos: alfaiates, religiosos, políticos, comerciantes, etc.; Atlético Clube Goianiense, estádio, jogadores, torcida, a profissionalização dos atletas.

Dos 35 mil registros fotográficos do acervo, cerca de 95% são em preto e branco de tamanho 18x24cm; apenas 5% do acervo é composto por fotografias coloridas. Os negativos são todos flexíveis. Hélio não chegou a trabalhar com negativos de vidro²⁶, como os fotógrafos Sílvio Berto e Alois Feichtenberger, por exemplo. Não existe uma separação das fotografias por tamanho ou cromia. Elas estão todas misturadas, guardadas em caixas de papelão, plástico e em envelopes (papel e plástico) — o que pode acelerar o processo de deterioração das mesmas. Assim como a maioria dos acervos fotográficos guardados em casa, o de Hélio de Oliveira necessita de alguns cuidados, principalmente no que diz respeito ao seu acondicionamento. O fotógrafo sabe que essa não é maneira

²⁶ A partir dos anos 1950, estes já não eram tão usados, como nas décadas anteriores.

mais apropriada de acondicionamento, mas necessita de apoio financeiro para dar uma melhor estrutura ao acervo.

Uma parte dos negativos está melhor acondicionada que as fotografias. Ficam em caixas plásticas pretas e azuis — cores que dificultam a entrada de luz, o que seria prejudicial aos negativos. Eles foram cortados e envolvidos por um papel quadrado e dobrado ao meio, evitando o contato direto entre eles. A outra parte dos negativos está guardada em envelopes que, segundo Hélio (entrevista, anexo 5, nov.2007, p.51), é do tempo em que trabalhava no jornal *O Popular* (década de 1950), o que, obviamente, interfere de forma negativa na conservação dos mesmos.

Existe uma preocupação, tanto do fotógrafo quanto de seu filho Hélio Júnior, em digitalizar todo acervo, mas esse trabalho foi feito apenas em uma pequena parte. Eles necessitam, entre outras coisas, de equipamentos de qualidade para dar andamento às atividades de digitalização. Foram feitas algumas fotografias do acervo, com o propósito de documentar como ele se encontra atualmente.



Imagens 14 e 15: Acondicionamento das fotos do acervo de Hélio de Oliveira. 2007. Fotos: Keith V. Tito.



Imagens 16 e 17: Acondicionamento dos negativos do acervo de Hélio de Oliveira. 2007. Fotos: Keith V. Tito.

As condições de acondicionamento do acervo precisam ser melhoradas. Ele tem planos para que estas aconteçam, e sabe que tudo isso requer muito trabalho e recursos financeiros, como comenta abaixo:

Isso tudo é muito trabalhoso, né? Precisaria de uma equipe e tudo mais. Como tinha falado pra você ontem, a gente está trabalhando no sentido de conseguir recursos para trabalhar com esse acervo. Fazer ali no fundo ó, um cômodo bem arrumadinho e colocar todas essas coisas que estão amontoadas aqui, nesse lugar. Aí sim, a gente vai separar as fotos e os negativos, ver se compra uns armários e algumas dessas coisas aí que você falou também, e quem sabe trabalhar nesse sentido aí. (Hélio de Oliveira, entrevista, nov.2007, anexo 5, p.51).

Efetuar melhorias no acervo exigiria, *a priori*, a adequação de um espaço físico no qual pudessem ser instalados armários específicos para a guarda de fotografias e negativos, e também móveis e materiais — como espátulas, trinchas, químicos, etc. para o tratamento de conservação do acervo; a contratação de uma equipe técnica especializada (arquivista, conservador, historiador, digitador, etc.) e, ainda, a criação de um banco de dados informatizado, a fim de armazenar as imagens digitalizadas, proporcionando, entre outras coisas, um maior acesso do pesquisador ao acervo.

Algumas dessas medidas provavelmente serão tomadas quando o fotógrafo conseguir recursos para o acervo, mas é preciso ressaltar que, mesmo com todas as dificuldades e imperfeições encontradas no acervo de Hélio de Oliveira, este possui um valor histórico inestimável. Seu conteúdo é riquíssimo — uma fonte essencial para pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento.

Hélio relatou durante uma de suas entrevistas, que grande parte das imagens sobre Campinas ainda não foram digitalizadas e não tinha previsão para realizar este processo, o que a princípio limitou a pesquisa, uma vez que o atendimento a pesquisadores em seu acervo é feito via computador. De seu acervo conseguiu-se adquirir apenas 24 fotos, das quais 10 foram utilizadas na elaboração desta dissertação.

2.4.2. A seleção das imagens e a escolha dos entrevistados

Após conhecer os acervos e obter informações sobre seu conteúdo, o segundo passo foi fazer uma seleção do que seria utilizado durante a realização das entrevistas e escrita do texto. Nesse momento surgiu uma pergunta essencial para dar seqüência à pesquisa: quais seriam os critérios utilizados para a seleção? Um dos objetivos da pesquisa é a compreensão de como e quando surgiram, entre os moradores de Campinas, as formas de distinção em relação ao morador de Goiânia, e as formas encontradas pelos campineiros para sustentar tais diferenciações — o que apontaria, grosso modo, os aspectos essenciais quando da construção e consolidação da identidade campineira. Elegeu-se como estratégia identificar lugares e pessoas que tivessem permanecido na lembrança

dos moradores do bairro, como uma pista importante nas investigações. A partir daí se deu a seleção das fotografias. Como as fontes escritas já haviam fornecido algumas pistas, selecionou-se imagens de algumas ruas e praças, bares, hotéis, clubes, campos de futebol e também de pessoas do bairro: o alfaiate, o dono do bar, a salgadeira, o fotógrafo, os torcedores do time de futebol, etc.

De posse das fotos selecionadas, as entrevistas eram realizadas e recorria-se à exibição das imagens. Hipoteticamente, o entrevistado se aproximaria das que lhe trouxessem algum tipo de lembrança e, a partir daí, começaria o trabalho de análise. Foram separadas também todas as fotografias que havia encontrado sobre o mesmo tema. Por exemplo: Lago das Rosas. Separei as fotos que tinha sobre o Lago das Rosas, depois separei as repetidas e, em seguida, se deu a seleção por tema (trampolim, mureta, passeio no lago, etc.). Priorizei as que tinham um melhor enquadramento, luz, etc. Dessa forma procedi com as demais fotos do *corpus* de imagens. Feita essa seleção, o próximo passo foi escolher as pessoas a serem entrevistadas.

O critério principal para a escolha dos entrevistados foi a existência de alguma relação com o bairro. Assim, todas as pessoas procuradas, as que gravaram entrevistas ou não, foram (ou ainda são) moradoras do bairro ou têm parentes e amigos que lá residem. Aproveitei também os trabalhos de literatura existentes sobre o bairro, como as produções de José Mendonça Teles (1996) e Bariani Ortêncio (2005), levando em consideração, como já mencionado, que os dois já foram moradores de Campinas, além, é claro, de seus escritos fornecerem dados importantes para a pesquisa²⁷.

²⁷ Embora sejam obras literárias, há passagens que foram inspiradas em fatos reais como afirmou José Mendonça Teles em entrevista (anexo 5, pág.71) realizada dia 23 de março de 2007.

Para escolha dos entrevistados, recorri a Chantal de Toutier-Bonazzi (1996), que discorre sobre “a exploração inteligente do testemunho oral”, incluindo aí a escolha de entrevistados. Sobre o assunto, Chantal comenta:

Trata-se então de definir cuidadosamente os temas da entrevista e proceder à busca das testemunhas com a ajuda de relações, anúncios em revistas especializadas, imprensa, rádio e, inclusive, no caso de uma biografia, através dos nomes citados pela personagem em questão (1996, pág. 235).

Dessas sugestões, algumas foram utilizadas neste trabalho. Por exemplo: ao ler Arquivos do Futebol Goiano, surgiu a necessidade de conversar com o autor. E foi através da ajuda de relações como sugere Chantal, que se chegou até ele²⁸. Ao procurar Plínio Cestari Hidalgo, recorreu-se novamente as orientações encontradas no texto de Chantal; seguimos a indicação de Hélio de Oliveira, que sugeriu que o procurássemos, pois Plínio seria capaz de fornecer informações relevantes para a pesquisa.

Como o estudo sobre Campinas estrutura-se com base nas imagens produzidas por Hélio de Oliveira, o fotógrafo foi primeiro a ser entrevistado. A busca das demais pessoas ocorreu por meio de suas entrevistas (que indicou alguns nomes), de livros (principalmente os de José Mendonça Teles), e de minhas relações pessoais também²⁹.

Por intermédio de Hélio de Oliveira cheguei aos jogadores Plínio e Epitácio³⁰. Apenas duas entrevistas foram realizadas sem indicação: a de Antônio dos Reis e Geraldo Batista Ferreira, moradores de Campinas que conheci na porta da Igreja Matriz de Campinas, quando fui à procura de Pitinho, ex-goleiro do

²⁸ João Batista Alves Filho, autor do livro, é amigo do pai da autora desta dissertação, o que facilitou o contato.

²⁹ Como na entrevista realizada com Odair Tito, ex-técnico do Atlético, e João Batista Alves Filho, seu amigo.

³⁰ Epitácio forneceu alguns dados para a pesquisa, mas não quis gravar entrevista.

Atlético e atual fotógrafo de eventos, também indicado por Hélio³¹. Utilizei, ainda, alguns trechos de entrevistas cedidas pelo MIS-GO, como os de Priscila Barbosa da Silva, Hilda Pucci e Hélio de Oliveira. Todas as entrevistas realizadas foram gravadas e transcritas. Há um documento (autorização) assinado por todos os entrevistados que permite a utilização de suas falas no corpo deste texto. As entrevistas cedidas pelo MIS-GO possuem também esta autorização – com assinatura da responsável pela instituição. (*ver anexo 4*). As entrevistas de Hélio de Oliveira, Plínio Cestari Hidalgo e Odair Tito foram acompanhadas por suas esposas, que, em alguns momentos, emitiam suas opiniões.

Quanto ao roteiro, elaborei um para cada entrevistado (buscando informações sobre alguns em fontes como livros, cadernos, jornais, vídeos, etc.), em todos os roteiros existem algumas perguntas em comum. Procuo saber, a princípio, informações pessoais do entrevistado, como nome completo, local e data de nascimento, se nasceu em Goiânia, se em outra cidade, os motivos que o trouxeram para a cidade. Pergunto ainda sobre sua vida profissional para, depois, entrar nos assuntos mais relevantes para meus estudos, como o bairro Campinas e o Atlético Clube Goianiense. Para Chantal de Tourtier-Bonazzi:

Nenhuma entrevista deve ser realizada sem uma preparação minuciosa: consulta a arquivos, a livros sobre o assunto, à vida do depoente, leitura de suas obras, se houver alguma, bem como referências sobre as principais etapas de sua biografia. [Chantal explica que] cada entrevista supõe a abertura de um dossiê de documentação. A partir dos elementos colhidos, elabora-se um roteiro de perguntas do qual o informante deve estar ciente durante toda a entrevista. (TOURTIER-BONAZZI, p.236, 1996).

³¹ Mesmo indo várias vezes ao local atrás do ex-goleiro, não foi possível a realização da entrevista com ele.

Sobre a entrevista em si, essa pode ser dirigida, não-dirigida, ou semi-dirigida, de acordo com Tourtier-Bonazzi. Cada uma dessas alternativas possui suas vantagens e desvantagens.

Quando se elabora um questionário detalhado e preciso, é possível dirigir passo a passo a testemunha, mas assim ela fica presa a um roteiro preestabelecido que não lhe permite desenvolver seu próprio discurso. Se ela for deixada totalmente livre, há o risco de se afastar do tema tratado, reduzindo-se o papel do entrevistador a tentar precisar uma data ou esclarecer uma passagem confusa. A entrevista semidirigida é com frequência um meio-termo entre um monólogo de uma testemunha e um interrogatório direto. (TOURTIER-BONAZZI, p.237, 1996).

Tentou-se empregar os direcionamentos da entrevista semi-dirigida, mas em alguns casos percebeu-se que o melhor a fazer seria deixar o entrevistado um pouco mais livre (como em alguns momentos das entrevistas com Hélio de Oliveira). Em alguns casos o roteiro foi modificado durante a entrevista, pois o assunto abordado pelo entrevistado às vezes não estava previsto no roteiro, mas forneceria pistas relevantes para a pesquisa. Notou-se que esses são fatos recorrentes durante as entrevistas. Uma vez mais fazendo uso do pensamento de Tourtier-Bonazzi sobre o assunto, acrescentamos:

(...) À medida que o roteiro prosseguir, ele terá às vezes que ser modificado; algumas questões se revelarão pertinentes, outras improcedentes. Certas respostas fornecerão novas pistas e possibilitarão completar o questionário. Por outro lado o entrevistador deverá adaptar-se à testemunha e nunca dar por encerrada uma entrevista antes de acabar o questionário. (TOURTIER-BONAZZI, p.237, 1996).

Após a seleção das imagens e realização das entrevistas, o passo seguinte foi analisar o material pesquisado/coletado e, a partir dele, encontrar subsídios para desenvolvimento do texto.

CAPÍTULO 3 – REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CAMPINEIRA

As transformações e o conseqüente desenvolvimento, inevitável com a passagem do tempo, trazidos pelas novas necessidades que foram se apresentando, tornaram os moradores de Campinas receptivos às profundas transformações em andamento em seu espaço geográfico. Afinal, tratava-se da construção de Goiânia, nova capital do Estado. Viam nessas mudanças a oportunidade de sair do atraso em que, até então, se mantinha o local. Doaram terras para o Estado, hospedaram em suas casas operários que chegavam para trabalhar na construção civil; alguns aceitaram, até, propostas de desapropriações. Cada um, à sua maneira, contribuiu com a construção de Goiânia, pois sabia que era uma das poucas (senão a única) maneiras de se efetivar algum desenvolvimento em Campinas.

A partir das relações estabelecidas, vistas por meio do discurso dos moradores, tornou-se possível refletir sobre a questão da identidade. Através de pesquisas realizadas compreendeu-se que os moradores de Campinas, ao aceitar e até contribuir com a construção de Goiânia, continuavam se comportando como campineiros e não como goianienses, ainda que habitassem uma parte constituinte da nova cidade. Para Simone Rosa da Silva, “Campinas, embora tenha seu território legalmente ‘englobado’ por Goiânia, não se torna, do ponto de vista identitário, Goiânia, pois, Campinas não se deixa subsumir em Goiânia”. (SILVA, p.28, 2001)

Os moradores buscaram subsídios em lugares e comportamentos que pudessem identificá-los como tal. Surgiu aí à necessidade de se diferenciarem, de manter acesos os traços que lhes eram peculiares, de se afirmarem como grupo

com suas próprias características. Quando aparece a necessidade de se diferenciar em relação ao outro é que as identidades vão se construindo.

As diferenciações, como as que os moradores de Campinas começaram a fazer em relação aos de Goiânia, construíram o sentimento de pertencimento do grupo e, conseqüentemente, a identificação do outro. Para Stuart Hall, as identidades são construídas por meio da diferença, e não fora dela.

Isso implica o reconhecimento perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo — e assim sua “identidade” — pode ser construído. (...). As identidades podem funcionar, ao longo de toda sua história, como pontos de identificação e apego apenas por *causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto. Toda identidade tem, à sua margem, um excesso, algo mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” — mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inadequado. (HALL, 2000, p.110).

Só é possível pensar na identidade campineira se for levada em consideração à existência de outro grupo de moradores: os goianienses. A construção de identidades aparece mais comumente sob a forma de oposições duais: Campinas x Goiânia, Praça Joaquim Lúcio x Praça Cívica; Colégio Santa Clara x Colégio Liceu e etc. Nas relações sociais, esse tipo de diferenciações pode ser estabelecido por meio de um sistema classificatório. Tal sistema “aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos — nós/eles” (WOODWARD, 2000). Como é o caso em questão: Campinas remete a “nós” e Goiânia a “eles”.

Paralela à identidade reclamada pelos campineiros formava-se também a identidade do goianiense (o outro). Esses também sentiram a necessidade de se diferenciar do grupo que já habitava a região no momento de sua chegada. Um exemplo disso é a denominação que os goianienses destinavam aos antigos habitantes de Campinas: “chacrinha³²”. Contrapondo esse pensamento, os moradores de Campinas a designavam como “Campinas das Flores”, por ela ter sido construída a partir de várias sedes de fazendas, todas elas arborizadas, repleta de campos e rios.

As oposições são essenciais para se compreender o processo cultural das identidades. Essa necessidade de diferenciação ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação³³ quanto por meio de exclusões sociais. Uma das formas que os moradores de Campinas encontraram para se diferenciar dos goianienses foi por meio de sua vida cultural, que consideravam inexistente em Goiânia, como se depreende no relato de Hélio de Oliveira. O fotógrafo aproveita a oportunidade para elevar a importância de Campinas, evidenciando certa precariedade de Goiânia, além de designar características pejorativas aos seus moradores:

Campinas tornou-se o centro cultural naquela época, né? Até 40, por ali, Campinas, isso aqui, polarizou tudo. Os trabalhadores que vieram trabalhar lá no centro, eles... Chegavam de tarde, ou sábado, domingo. Vinham tudo para Campinas, aqui, gastar o dinheirinho deles aqui, né? Lugar de cultura, de lazer. A sociedade, o pessoal da sociedade que veio para o centro, né, vinha passear em Campinas. Isso aqui já era uma cidade antiga. Tinha muito trabalho, muita coisa. Goiânia era aquele sequidão danado naquele tempo! Eles vinham pra cá. Na casa da minha mulher aí, vinham famílias aí que fazia até estrago no pomar. (*risos*). (Hélio de Oliveira, entrevista, nov. 2006, anexo 5, p. 33).

³² Charinha no sentido de local afastado, estagnado, contraposto a Goiânia, uma cidade moderna, repleta de possibilidades. Uma forma pejorativa de classificar o local habitado pelos moradores do bairro.

³³ Para Stuart Hall, “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações com seu exterior”. (HALL, Stuart, 2000).

A vida noturna foi uma forma encontrada entre os moradores para difundir sua identidade. Os passeios na Praça Joaquim Lúcio, os encontros em bares e, ainda, a zona de baixo meretrício são exemplos de lugares que marcaram a vida noturna campineira³⁴.

Para falar sobre as formas de pertencimento (nós) e diferenciação (eles/outro), torna-se necessário recuperar a forma de falar sobre os lugares, que expressa esse sentimento de pertencimento e reconhecimento pelos moradores do bairro a eles próprios e aos outros, no caso os moradores do núcleo urbano do centro de Goiânia.

Ao fazer os apontamentos teóricos sobre identidade e também durante a realização das entrevistas para este estudo, prestando atenção na fala dos entrevistados, notou-se que identidade e memória caminham juntas. Para considerar a proximidade entre elas, buscou-se subsídios no artigo “Memória, Esquecimento e Silêncio”, de Michael Pollak. Neste, o autor afirma que a memória, “ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça seus sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais”. (POLLAK, 1989, p.3). Pollak acrescenta ainda que a memória, além de ser um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, é também “um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (idem, p.5).

³⁴ Observou-se que as prostitutas são partes constitutivas da lembrança dos moradores de Campinas. Elas são referenciadas pelos entrevistados e também pela literatura sobre o bairro. Umhas com maior destaque, como Maria Branca, outras nem tanto, mas todas fazem parte da memória coletiva destes moradores além, de propiciar uma proximidade entre memória e identidade.

Os moradores de Campinas encontraram maneiras, assim como sugere Pollak, de chegarem a essa reconstrução de si. Mas como essas maneiras podem ser identificadas? Uma das alternativas seria por meio da distinção dos lugares freqüentados por eles e, também, nas formas de sua representação. Durante a realização das entrevistas foram apresentadas fotos de lugares e pessoas do bairro, na intenção que estas imagens ajudassem na reconstrução da lembrança dos entrevistados. Ao analisar as falas deles, dois dos lugares citados chamaram a atenção: o Lago das Rosas e o Atlético Clube Goianiense.

O Lago das Rosas, além de ter contribuído para a formação da identidade campineira, possui uma característica ímpar: é tido como um “espaço limite”, um espaço de fronteira entre Campinas e Goiânia. Para Silva, “quando os campineiros descrevem a topografia de Campinas, retomam um tempo passado, no qual podem ser identificados limites. Limites internos, que marcam os espaços das diferentes memórias do campineiro, e limites externos, que impõem o marco divisor onde termina o seu “território” e começa o território do outro: a fronteira”. (SILVA, 2001, p.40).

O local foi fundado em 1941, com o propósito de proporcionar lazer aos moradores de Goiânia. “Também foi um ato político e 'civilizador' (ou cultural) que marcaria a intersecção entre Campinas e a nova Capital.” (Paulo José, 2003.) Um dos entrevistados que mais falaram sobre o Lago das Rosas foi Hélio de Oliveira, quando apresentei a ele fotografias do lugar e lhe pedi que falasse um pouco sobre ele a partir das lembranças que as fotografias pudessem lhe proporcionar. Segue abaixo um trecho da fala de Hélio:

O Lago das Rosas, de vez em quando, enchia muito... lá tem uma comporta. Abria a comporta, assim, e passava tanto peixe. Você pegava um saco de (...) e punha lá. Trazia meio saco de lambari pra casa.

(risos). E o mais engraçado, você vinha pra cá pra tomar banho, pra se divertir, né? E encontrava todo mundo: nós da Campininha e os lá do Centro. Ele foi um dos poucos lugares, e mais, eu poderia dizer o único, onde você via nós da Campininha e os de Goiânia juntos. O lago serviu como um ponto de ligação entre a gente, sabe? Você entrava lá e encontrava todo mundo. A vida nesse tempo era tão boa! Eu me lembro que aqui no lago você encontrava todo mundo, mas, ao mesmo tempo, a gente não era de se misturar muito... É como se existisse um muro meio invisível, onde de um lado estava nós da Campininha e do outro os de Goiânia... Tanto é que a gente, ao invés de falar assim, eu vou no centro, não; a gente falava eu vou lá em Goiânia. E os de Goiânia falavam assim: eu vou lá em Campinas (...). Até hoje, né, Maria?, a gente fala assim. Goiânia era separada de Campinas, e no meio disso tudo aí tinha uma mata: o Lago das Rosas. Ali, no Lago das Rosas, tudo era uma mata, né? E a gente se encontrava, campineiros e os de Goiânia. num mesmo espaço. Ah, lembrei de outro lugar que você podia encontrar todo mundo reunido: nos estádios Antônio Accioly e Olímpico. Só que lá dava muita briga, nossa senhora! (risos) (Hélio de Oliveira, entrevista, nov. 2006, anexo 5, p. 43).



Imagem 18: *Passeio no Lago das Rosas*. Déc. 1940. Reprodução Hélio de Oliveira. Acervo MIS-GO.

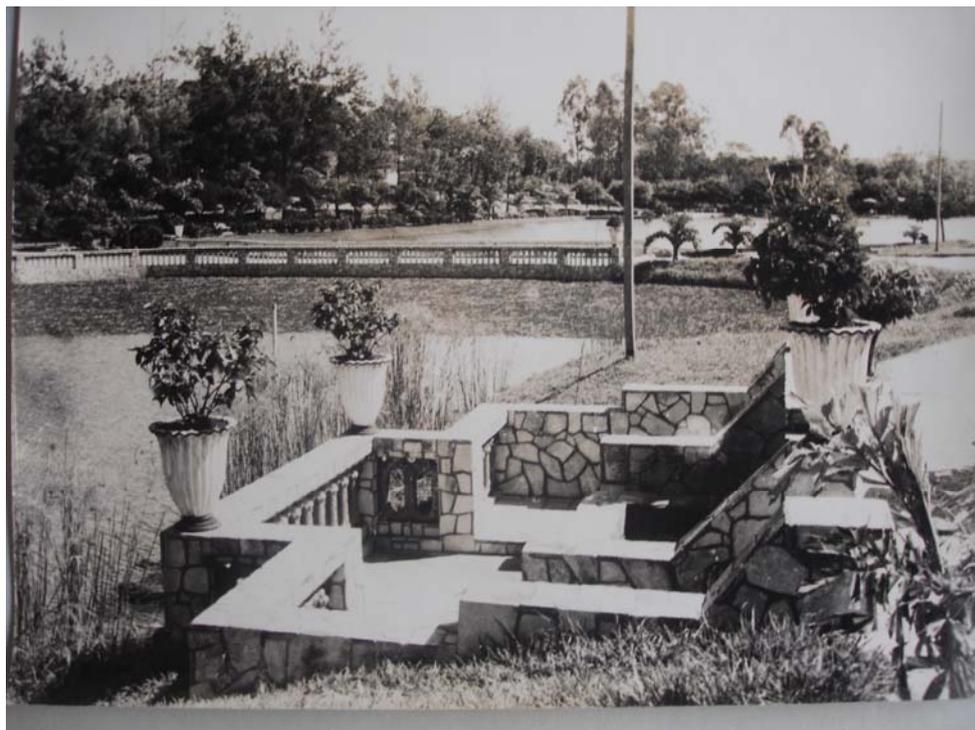


Imagem 19: *Mureta (ao fundo) do Lago das Rosas.* S/D. Reprodução Hélio de Oliveira. Acervo MIS-GO.



Imagem 20: *Lago das Rosas (Jardim Zoológico).* Dec. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo MIS-GO.

As mesmas fotografias precedentes foram apresentadas a Antônio dos Reis, morador antigo do bairro e entrevistado em 2007. Ele se emocionou ao ver as imagens, como mostra o trecho de sua fala.

Quantos anos não via uma foto desse lugar! Ele me faz lembrar minha infância... me diverti muito no Lago das Rosas, nossa senhora! (*risos.*) Menina, que fotografias mais bacanas. Isso aqui você sabe que são relíquias, né? São fotos históricas.... Meu pai quando a gente era muleque, eu e meus irmãos, levava a gente pra brincar no Lago das Rosas. Nós esperava a semana inteirinha pra ir pra lá, nossa era bom demais da conta! Lá no Lago era assim: vinha gente da cidade toda, nós da campininha e os lá de Goiânia. As pessoas faziam piquenique, pescava, nadava, vê se pode, nadava! Olha aqui ó, era desse jeitim mesmo! [*imagem 11*] Ta vendo aqui os meninos na água? Eu adorava esse lugar. Mesmo com toda dificuldade que meu pai passou pra criar a gente, ele fazia questão de nos ver alegre, de levar a gente pra passear, e o Lago das Rosas era nosso lugar favorito, até porque..... Goiânia naqueles tempos, não tinha muitos lugar pra ir, pelo menos não pra crianças (*risos*) e ainda mais minino atentado igual a gente foi, nossa senhora! (Antônio dos Reis, entrevista, nov. 2007, anexo 5, p. 20).

Já Bariani Ortêncio, diante das fotos do lago (*imagens 11, 18, 19 e 20*) e quando solicitado para falar sobre o local, confirmou o espaço como um lugar de fronteira, separando Campinas e Goiânia, além de descrever as características físicas do lago:

O Lago das Rosas ele não tinha aquela murada que é *art déco*, ele não tinha ainda não, foi depois que pôs. Então ali não tinha asfalto e a gente passeava; ali era o divisor sim, de Campinas pra lá e Goiânia pra cá e então.... Ali morreu muita gente afogada, gente boa ali morrendo.... Depois eles asfaltaram e colocaram ali o jardim botânico, jardim zoológico lá, então era um lugar do povo passear, era uma área muito grande (...). (Bariani Ortêncio, entrevista, mar.2007, anexo 5, p.89).

Quando foi questionado ao escritor se considerava os lugares como identitários de Campinas, se eles permaneciam na memória de seus moradores, ele respondeu:

Ah, sim, com certeza permanece. As pessoas lá em Campinas têm uma necessidade de preservar, de levar com elas, a história daquele lugar. E isso é o que faz com que eles preservem essa memória e esse sentimento que você falou agorinha, de identidade. Eles se sentem como parte daquele lugar, e esse sentimento de pertencimento faz com que

seja preservada toda essa história da campininha e de seus moradores. (Bariani Ortêncio, entrevista, mar.2007, anexo 5, p.97).

O lago ficou marcado na lembrança de muitas pessoas, inclusive na de Bariani Ortêncio, Hélio de Oliveira e Antônio dos Reis, como um lugar com características bastante ambíguas, exercendo seu papel de “divisor identitário”, mas que, ao mesmo tempo, abrigava goianienses e campineiros.

Sobre as diferenciações e, digamos, rivalidades, entre campineiros e goianienses, existiram outros locais e formas, além do comentado Lago das Rosas, para tais diferenças e uma delas era se expressa pelo futebol, sendo o Atlético Clube Goianiense e o Goiânia Esporte Clube seus principais representantes — cada um representando, respectivamente, sua região.

Com base nas fontes orais e escritas a que se teve acesso, considera-se o Atlético Clube Goianiense como o ponto referencial da memória campineira, sendo ainda um suporte imprescindível para a sua identidade. Essa consideração justifica-se pelo fato de o futebol em Goiás se fazer presente entre seus moradores e, ainda, pelo fato de o Atlético permanecer na lembrança deles e ser visto como representante do bairro, como nos mostra a entrevista de Antônio dos Reis:

Olha, menina, vou lhe dizer uma coisa: aqui na campininha não existe, e nunca existiu (e isso eu te garanto), um só morador, mas é nem um, eu te falo, nenhum homem, mulher ou criança que não fosse atleticano e que não tenha uma história sobre ele pra contar. Isso eu sou capaz até de apostar. Você pode sair aí perguntando pra todo mundo... O Atlético foi, e ainda é, o maior representante dessas bandas aqui. Tinha até um bar que era do técnico do Atlético, isso nos anos 50, né?, onde só dava atleticano. Nossa mais era bom demais! E lá só freqüentava nós, os cabra macho mesmo, os atleticanos. (*risos*) Agora, lá no estádio, não, era diferente, lá era mais misturado, dava muito homem, porque o futebol ele é um esporte masculino, né? Mas tinha muita mulher também que era fanática pelo Atlético. Elas iam pro estádio, mas não tenho lembrança de nenhuma freqüentado o bar. Acho que, se freqüentasse, corria até o risco de ficar mal falada. Mas é isso, os jogadores... teve uma época, não me lembro bem se foi em ... ai agora não vou lembrar,

mas, nesses anos aí de 50, que o Atlético só tinha jogador daqui. Aí já viu, né?... isso foi a glória pra nós, um time só de atleticano. Então, filha, é isso, o nosso dragão foi e sempre será o maior representante aqui de Campinas, da campininha como gosto de chamar ela. (Antônio dos Reis, entrevista, nov.2007, anexo 5, p. 21/22).

A presença da mulher nos estádios de futebol foi também objeto dos comentários de dona Benedita Alves de Souza, moradora de Campinas desde o início dos anos 1940:

No estádio até que dava muitas mulheres. Não na mesma quantidade que os homens, é claro, mas tinha muitas. Era muito divertido pra gente ir até o estádio. Lá também acontecia muitos inícios de namoro. Todo mundo fala que o lugar dos namoros era na Praça Joaquim Lúcio, mas, pra mim e pra muitas de minhas amigas da época, o lugar perfeito pra gente conhecer os rapazes e, em alguns casos, até de namorar com eles, era nos estádios de futebol. Foi através dos jogos que conheci meu marido, sabia? O meu pai foi um dos freqüentadores lá do Bar do Fiore. Você já ouviu falar do Bar do Fiore? Ele foi muito famoso não só aqui em Campinas, como também lá em Goiânia. E meu pai conheceu lá um rapaz que, semanas depois, foi jantar em nossa casa. Aí o resto da história você pode até imaginar (*risos*). Alguns anos depois, eu estava casada com este rapaz, que se chamava Afonso. Ele já morreu, coitado, mas durante o tempo que fomos casados, fui muito feliz, muito mesmo, sinto saudades do tempo que a gente viveu juntos.... Mas de qualquer forma, tenho muito que agradecer ao seu Fiore Salerno lá do bar (*risos*). Mas o que eu quero te contar mesmo é o seguinte: as mulheres eram praticamente proibidas de ir nesse bar. Mas, em compensação, a gente podia ir nos jogos, principalmente nos que aconteciam aqui em Campinas, lá no Antônio Accioly, sabe? Eu me lembro de uma mocinha, gente de Deus o que era aquilo.... Ela chegava até fazer feiúra no estádio. Tanto é que colocaram apelido nela de Maria Fã. (*risos*). (...). Não acredito! Você tem foto dela aí? Deixa eu ver. Meu Deus do céu! O Afonso ia gostar muito de ver essa foto se ele ainda estivesse aqui entre nós. Às vezes ele prestava mais atenção nessa aqui, ó, essa que está encostada aqui na cerca, tá vendo? Pois é, ele prestava mais atenção nela do que na partida. E eu ficava tão enciumada... Maria Fã era muito bonita; chamava a atenção até dos jogadores, pra você ter uma idéia. E ela, não estava nem aí pra ninguém, queria era torcer pelo Atlético da campininha. Mas disgosto mesmo, além dos homens tudo ficar de olho nessa danadinha aí da foto, a Fã, era o time chamar Clube Goianiense. Existia até um grupo de gente que queria mudar o nome para Clube Campineiro. Mas isso aí, se tiver sido verdade, não foi pra frente, como você mesma pode ver. Mas, assim, pra responder sua pergunta, a mulher sempre esteve nas partidas de futebol. Não chegava a ser um número muito grande, assim, como ainda hoje não é, mas pode acreditar, as que iam até lá era por amor ao time e, muitas das vezes, para arrumar um namorado também, nem que fosse escondido (*risos*). (Benedita Alves de Souza, entrevista, out.2007, anexo 5, p.26).

Durante essa conversa, foi apresentada à dona Benedita fotos da Maria Fã, como se percebe na fala acima, além de fotos do Estádio Antônio Accioly e do Bar do Fiore:

Meu pai do céu! Ô, Zé [irmão de dona Benedita], vem aqui pra você ver isso aqui, corre! Em que mina você descobriu essas foto menina? Tem como você arrumar umas dessas aqui pra mim? Essas foto do bar... Esse aqui é o Bar do Fiore, que te falei agorinha, não é? Esse bar aqui foi muito famoso mesmo. Meu pai contava que ia lá até o Frei Confaloni, e olha só ele aqui, esse frei era demais... Só não gostei dele ficar nessa mesa cheia de cerveja. Olha aqui, tem até um copo de cerveja perto dele, ah não! Aqui em Campinas tinham outros bares: era o bar do Chico, bar do... Acho que era Facundo, Fecundo, uma coisa assim. Ai, meu Deus, não lembro agora, só sei que era muitos bares. Lá em Goiânia também tinha uns... Mas o Bar do Fiore era o tal, e acho que isso tem muito a ver com ele ter sido técnico do Atlético. Bom, pelo menos ouvia muito isso do meu pai, que freqüentava lá. Essa da Maria Fã eu já vi. Ah... Lembrei de uma coisa agora: eu e minhas amigas, a Ana, a Teresa e a Zizinha, a gente (*risos*), a gente chamava a Maria Fã de Maria Feia (*risos*). Ai, meu Deus!... Mas no fundo a gente morria era de inveja dela, que chamava a atenção de todo mundo e, principalmente, dos rapazes, e até de nossos namorados. E você precisava ver. Ela se arrumava, a gente também se arrumava pra ir pro estádio, mas a Maria Fã, essa era demais, parecia até que ia era pra festa. Deixa eu ver... Ah, essas aqui são do estádio. Lá nesse estádio aqui eu só fui umas duas vezes. Eu gostava de ir, mas no Antônio Accioly. Aqui, ó, se não me engano, já era o estádio de Campinas. Essa aqui tem a Maria Fã aqui, tá vendo? Eu me lembro diretinho dessas cerquinhas. Quando o Atlético perdia, ele perdia até as cercas, porque no estádio também dava umas brigas de vez em quando, e o povo era ignorante... Tirava as cercas e rumava nos adversário. Me lembro do meu pai e, depois de algum tempo, do meu marido, o Afonso, sabe, chegar tudo machucado por causa de briga no estádio. O povo aqui da campininha, quando o assunto é futebol, e isso, se você observar, acontece até hoje, eles se transforma quando o assunto é futebol, é o Atlético... Dá até medo na gente às vezes, sabia? O povo era, e ainda é, fanático demais. (Benedita Alves de Souza, entrevista, out.2007, anexo 5, p.26).



Imagem 21: *Bar do Fiore*. Déc. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo JMT. (Sentado: 1.º da esq. para dir.: Frei Confaloni. Em pé: 1.º da esq. para dir.: Fiore, 4.º; da esq. para dir. jogador Plínio, jogador do Atlético nos anos 50).



Imagem 22: *Maria Fã* (vestido xadrez) no *Estádio Antônio Accioly*. Déc. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo H.O.



Imagem 23: *Torcida no campo do Atlético* (observa-se ao fundo a construção da arquibancada). Déc. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo H.O.

Hélio de Oliveira informou, também, a paixão de Maria Fã pelo futebol atleticano. Ele a fotografou inúmeras vezes, até mesmo a pedido de outros torcedores:

Gostei desse negócio da gente conversar vendo as fotografias. Parece que as lembranças ficam mais perto da gente, né? Tá vendo essa aqui perto da cerca? Essa aqui? Foi a maior torcedora que o Atlético já teve. [ver imagem 22]. O nome dela era Maria Fã. Nome não, né? Apelido. Era o Atlético entrar em campo, podia procurar que logo, logo se avistava a Maria Fã. Ela era famosa, cê ta por fora! Tinha vez das pessoas, que ficavam perto dela durante a partida, me chamar para fazer foto. Cansei de fotografar ela a pedido de outros torcedores. Eu tinha muitas fotos dela, mas, como disse antes pra você, muita coisa do que eu tinha aqui, se perdeu... (Hélio de Oliveira, entrevista, mar.2007, anexo 5, p.48).

Já na década de 1930, o futebol se fazia presente entre os goianos, não somente nas partidas entre Goiânia e Atlético, mas também nas brincadeiras de criança, no Feirinha³⁵ Futebol Clube.

O futebol, neste contexto, insere-se enquanto um traço permeado pela identidade, memória e fotografia. Mas ele pode, ainda, ser trabalhado por outras vertentes, como a seguida por Eliézer Cardoso de Oliveira, que o utiliza para realizar uma “leitura da cultura da cidade, uma vez que, valendo-se dele, pode-se obter informações sobre os aspectos políticos e sociais da cidade”. (OLIVEIRA, 1999, p.40).

Eliézer concebe o futebol como um dos aspectos culturais a ser analisado no caso das distinções entre Goiânia e Campinas, e, nesse sentido, adota-se, aqui, sua posição. Ele vê o futebol ainda como um elemento privilegiado para a análise de um problema cultural específico. Para Eliézer, “a análise da cultura pode ser feita a partir de qualquer aspecto, seja o religioso, o político, o social, o econômico, etc., porém existem aspectos mais favoráveis, pelo menos em nível argumentativo, do que outros para se tratar a cultura como um texto”. (OLIVEIRA, 1999, p.41).

Tanto pelo viés sociocultural, em sentido mais amplo, como privilegiando o referencial conceitual da memória e da identidade (lembrando que

³⁵ Segundo o escritor Ivo de Melo, “Feirinha é apenas uma denominação comunitária que foi adotada com a finalidade de identificar a área física em que ficava localizada na Avenida Pará, entre as ruas Rio Verde e Quintino Bocaiúva. A Feirinha recebia, duas vezes por semana, os obreiros produtores rurais, cujas plantações estavam sempre nas proximidades. Ali também aconteciam os mais expressivos eventos promocionais (...) ali era também o espaço físico do nosso campo de futebol, onde com pedras delimitando os gols, riscos no chão, feitos com os pés arrastados, nosso time chamava-se Feirinha Futebol Clube e os adversários eram quase sempre o time do Cemitério Velho...” (MELO, p.18-19, 1998). Ivo assegura ainda que, das brincadeiras dos meninos da Feirinha, surgiram alguns atletas que, posteriormente, passaram a compor as categorias do tradicional Atlético Clube Goianiense.

não são excludentes), o futebol constitui uma pista a ser seguida por pesquisadores de vários campos epistemológicos.

3.1. A memória em jogo: o Atlético Clube Goianiense

Nos apontamentos sobre identidade, constatou-se que essas são construídas por meio da diferença, e o futebol em Goiás, no período estudado, é um elemento que estimulou e ainda estimula que se mostrem tais diferenças. Por intermédio da análise das entrevistas realizadas para este estudo, notou-se que não há como falar sobre a história de Campinas sem que apareça, na memória dos moradores, o Atlético Clube Goianiense.

O Atlético foi fundado em 2 de abril de 1937 por um grupo de campineiros³⁶ apaixonados por futebol. Juntamente a sua criação dá-se a implantação do futebol em Goiânia. O livro de José Mendonça Teles (TELES, 2005) contém a entrevista de Alberto Alves Gordo, feita em meados da década de 1980, em que se rememora a criação do clube:

Na verdade, o Atlético surgiu na minha casa, explico: mudei para Campinas em 1936 e fui morar na rua Jaraguá, depois mudei-me para a avenida 24 de Outubro (...). Em fins de 1936 conheci o Hotel Duarte e o arrendei, por um ano, ao proprietário, Sr. Raul Naves (...). A rapaziada de Campinas se reunia no meu hotel, pois eu era desportista, torcedor inveterado do Botafogo Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro (...). E foi aí que aconteceu o fato histórico: com a finalidade de fundar um clube de futebol, reuniram-se no meu hotel vários rapazes, entre eles Nicanor Gordo, meu irmão, Edson Hermano, João de Brito Guimarães, João Batista Gonçalves, Ondumar Sarte, Benjamim Roriz e outros, e ali, no dia 2 de abril de 1937, foi fundado o Atlético Clube Goianiense, cuja ata de fundação tive a honra de lavar. (Gordo, In: Teles, 2005, p. 15).

Nos acervos do MIS-GO há uma foto do Hotel Duarte, local, segundo Gordo, em que se deu a fundação do Atlético:

³⁶ Nicanor, Afonso e Alberto Alves Gordo, Edson Hermano de Brito, João de Brito Guimarães, João Batista Gonçalves, Benjamin Roriz, Ondomar Sarti, Batistinha e Abrão, entre outros.



Imagem 24: *Hotel Duarte*. 1933. Eduardo Bilemjian. Acervo MIS-GO.

Após a fundação do Atlético, em 1937, Alberto Alves Gordo conta que seus fundadores foram comemorar o fato na Praça Joaquim Lúcio: “Tenho fotografias de alguns rapazes que fundaram o Atlético. Logo após a fundação, fomos para a Praça Cel. Joaquim Lúcio e foram batidas várias fotografias”. (TELES, 2005, p. 15).



Imagem 25: *Fundadores do Atlético Clube Goianiense, na Praça Joaquim Lúcio, após a fundação do clube.* (Da esq. para dir.: Afonso Cavalcante Mundim, Rui Cavalcanti Mundim, Mário Honorato da Silva e Sousa, Alberto Alves Gordo, Antônio Accioly e José Rossi Filho). 1937. Reprodução Hélio de Oliveira. Acervo JMT.

O depoimento de Gordo fala também sobre a rivalidade entre Campinas e Goiânia — em uma passagem que aborda a fundação do Goiânia Esporte Clube —, que, desde sua fundação, passa a ser o maior rival do Atlético:

Um fato interessante é que Nicanor [*irmão de Alberto e também fundador do Atlético*] namorava a filha do Sr. Belarmino Cruvinel, sua atual esposa, que morava na Rua Pires do Rio, perto da nossa casa. Depois Belarmino construiu sua casa em Goiânia e mudou-se, obrigando meu irmão a freqüentar Goiânia. Numa de suas presenças, em reunião de família, foi fundado o Goiânia Esporte Clube, por Joaquim da Veiga Jardim, Aládio Teixeira, Nicanor Gordo e outros. Ao tomar conhecimento que meu irmão estava fundando outro clube (...), os campineiros excluíram seu nome da diretoria do Atlético. (TELES, 2005).

Data de 1937 também a primeira fotografia tirada³⁷ dos jogadores e alguns de seus dirigentes. A foto foi encontrada nos acervos de José Mendonça Teles, durante as pesquisas realizadas para a composição deste trabalho.



Imagem 26: *Primeira foto do Atlético.* (Da esq. para dir.: Antônio Daniel, (...). (...), Calimério Machado, Afonsinho Gordo, Lisboa Machado, (...), (...), Pneu, João de Brito Guimarães, Neije José, Nicanor Gordo, Zé Barbeiro, Paratéca. Agachados: Orlando Ferezin, Geraldo Bacalhão, João V8, Ondomar Sarti, Geraldo, Afrânio Riguetto, Jason Santana, Moreno, Bené. Sentados: Vicente Pereira de Melo (goleiro), Edson Hermano de Brito). 1937. Reprodução Hélio de Oliveira. Acervo JMT.

³⁷De acordo com a informação do livro *Sentimento e Glória* (2005) de José Mendonça Teles.

Desde sua fundação, com seu uniforme semelhante a uma mistura de Flamengo e São Paulo³⁸, o Atlético ajuda a compor a história de Campinas. Algumas curiosidades foram apontadas por Hélio de Oliveira, que relembra os detalhes do uniforme dos atletas. Ao entrar em contato com uma foto (*ver imagem 27*) reproduzida por ele e datada de 1949, o fotógrafo comenta:

Tá vendo aqui (*risos*)? Eram toucas para não desmanchar o penteado deles (*risos*). Não dá pra você ver direito: a foto é em p&b, né? Mas eles usavam aqueles meiões — esses aqui, ó. Cada um de uma cor diferente, e o goleiro não entrava em campo sem sua proteção para os joelhos. Tinha outra camisa também, uma de listas assim, ó [*na horizontal*], igual às do Flamengo, sabe? Esses meninos aí, ó, eram do juvenil atleticano... (Hélio de Oliveira, entrevista, mar. 2007, anexo 5, p.48).



Imagem 27: *Atletas*. 1949. Reprodução Hélio de Oliveira. Acervo JMT.

Hélio de Oliveira, desde que voltou para Goiânia, nos anos 1950, esteve ligado, de alguma forma, ao Atlético. Foi jogador, fez parte da diretoria e

³⁸ Essa mistura se justifica pelo fato de Edson Hermano de Brito, um dos fundadores do clube e seu primeiro goleiro, ser torcedor dos dois times, Flamengo e São Paulo. Daí a idéia de o clube ter uma camisa com as cores do Flamengo e o logotipo (emblemata) semelhante ao do São Paulo. (FILHO, João Batista Alves Filho, 1982, p.102).

fotografou inúmeros eventos atleticanos. É um profundo conhecedor dos assuntos do time.

3.2. A memória em jogo: o Goiânia Esporte Clube

O Goiânia Esporte Clube, rival do Atlético Clube Goianiense, surgiu por iniciativa de Joaquim da Veiga Jardim, conforme declara Eliézer Cardoso de Oliveira:

A existência de dois times rivais revelava também diferenças políticas e sociais. O Goiânia, como era chamado pela população, era um time de elite, ligado ao grupo aglutinado em torno de Pedro Ludovico, que lhe fornecia total apoio financeiro, por intermédio da figura de Joaquim Veiga Jardim. Interessava, portanto, ao governo estadual, ter um time forte que representasse dignamente a nova Capital. (OLIVEIRA, 1999, p.43).

A fundação do Goiânia Esporte Clube³⁹ aconteceu em 28 de julho de 1938, mas já havia a idéia de criação do time desde 1936. Sua fundação ocorreu em uma casa, próximo à Avenida Araguaia. Nesse mesmo dia, deu-se a escolha das cores do time, como conta João Batista Alves Filho:

Ainda na mesma reunião foram escolhidas as cores preta e branca e o uniforme do quadro de futebol ganhou logo uma definição: camisas pretas, com golas brancas, trazendo ao peito o mapa do Estado de Goiás. Os calções seriam branco, com meias pretas. O distintivo foi carinhosamente bordado por dona Maria Luzia Leite (Baby) e dona Lucy Gomes da Veiga Jardim. (FILHO, 1982, p.119).

A diretoria oficial do clube foi assim composta: presidentes de honra: Pedro Ludovico Teixeira, Jerônimo Coimbra Bueno, João Teixeira Álvares Júnior; presidente: Ademar Martins Vieira; vice-presidente: Walfrido de Campos Maia; 1.ºsecretário: José Joaquim de Souza; 2.º secretário: Acari de Passos Brandão; 1.ºtesoureiro: João da Veiga Jardim; 2.ºTesorero: Reinaldo Baiocchi; diretor de

³⁹ Também conhecido, nos primeiros anos de sua fundação, como Esporte Clube Corinthians Goiano, como evidencia João Batista Alves Filho (*Arquivos do Futebol Goiano*, 1982, p.122).

esportes: Carlos Barsi; orador: Paulo Figueiredo. Os nomes dos presidentes de honra do clube indicam que o time era ligado ao governo do Estado. Devido a essa aproximação, os atleticanos apelidaram o time de chapa-branca, devido aos benefícios concedidos ao clube por sua proximidade ao poder público⁴⁰. Odair Tito foi um dos entrevistados que falou sobre o significado de chapa-branca:

Os carros do Estado tinham chapa branca, daí... Naquela época, anos 40, 50... até a profissionalização do futebol, não existia salário fixo. Existia os bichos, que era uma bolada que o time recebia por alguma vitória e que era dividida entre os jogadores. Então, como não tinham salários, era difícil manter um jogador no mesmo clube e aí veio a esperteza do Goiânia: eles ofereciam emprego no Estado aos seus jogadores. Aí minha filha, podia esquecer, né? E daí vem o nome de chapa-branca, eles além de jogadores, tornavam-se funcionários do Estado, os chapas-brancas. (Odair Tito, entrevista, mar.2007, anexo 5, p.76).

Antes do estádio-sede do clube ficar pronto, os treinos do Goiânia eram realizados em um campo improvisado na Avenida Tocantins (centro da cidade), onde hoje se encontra o prédio do IBGE. Para decidir qual o melhor lugar para a construção do estádio, foi criada uma comissão. João Batista Alves Filho mostra como se deu essa escolha.

A comissão criada para escolher um terreno para o campo de futebol estava indecisa. Dois locais entraram nas cogitações dos homens de Goiânia: um deles localizava-se às margens do Botafogo (.....), o outro ficava nas proximidades do Lago das Rosas. Quem decidiu foi o presidente Jose Neddermeyer, que acabou optando por um magnífico terreno que foi imediatamente ocupado. O campo do Goiânia foi construído na área onde está agora o Estádio Olímpico. Fatores imprevisíveis e previsões pessimistas impediram que o local pertencesse em definitivo ao clube alvi-negro. (FILHO, 1982 p.121).

O primeiro jogo do Goiânia Esporte Clube foi em Bela Vista de Goiás. Sua estréia foi frustrante, pois o Goiânia perdeu para o time da casa por 3x1. O time só conseguiu sua primeira vitória na terceira partida jogada, contra o

⁴⁰ Esta afirmação pode ser encontrada nas entrevistas de Hélio de Oliveira e João Batista Alves Filho (anexo 5).

Anápolis Futebol Clube. Para a partida entre Goiânia e Anápolis houve muita preparação. O campo sofreu reparações e até novas marcações. Contudo, o fato mais curioso, como conta João Batista Alves Filho, é que “a limpeza [do campo] foi feita por soldados da Força Pública, sob a direção do sargento Lázaro” (p.122). Essa informação evidencia que o Goiânia era tratado com regalias pelo poder público.

A questão da identidade reaparece em outras partidas na trajetória do Goiânia Esporte Clube, como uma que ocorreu no mesmo ano de fundação do time, em 1938. O jogo foi entre o Goiânia e União Americana Esporte Clube — time criado por rapazes da Cidade de Goiás (antiga capital do Estado) — e terminou empatado em 1x1. Sobre o assunto, Eliézer Cardoso de Oliveira ressaltava o caráter ideológico exercido pela política “mudancista” de Pedro Ludovico, por meio dessa partida de futebol, composta por jogadores da antiga (União Americana Esporte Clube) e a atual capital (Goiânia Esporte Clube) do Estado de Goiás:

Essa partida de futebol foi preservada na memória coletiva goianiense, graças aos mudancistas, por que possibilitava uma interpretação alegórica da construção da cidade. A partida de futebol representava a saga da construção de Goiânia, que apesar das dificuldades econômicas e políticas, estava se igualando às grandes cidades do Estado. (OLIVEIRA, 1999, p.41).

A profissionalização do Goiânia aconteceu em 1964. Todavia, independentemente de seu caráter amador ou profissional, desde sua fundação, nos anos 30 do século XX, até meados de 60, o time foi o maior rival do Atlético Clube Goianiense. Por essa razão as partidas disputadas entre as duas equipes eram esperadas com muitas expectativas. Foi encontrada no acervo JMT, uma foto que mostra uma dessas partidas entre os dois times rivais (*ver imagem 28*).



Imagem 28: *Preleção do árbitro aos jogadores do Goiânia e Atlético. Déc. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo JMT.*

Segundo Eliézer de Oliveira, “estas rivalidades ultrapassam as barreiras dos estádios de futebol. O que poderia servir apenas para indicar uma preferência esportiva, revela aspectos fundamentais daquele meio cultural”. (1999, p.44.)

Uma das melhores equipes do Goiânia foi montada na década de 1950, e, por vezes, disputou jogos contra o Atlético. Encontrei no acervo de Hélio de Oliveira uma foto do time desse período. Recorri às lembranças do fotógrafo para que me ajudasse a construir a legenda da foto, e ele aceitou o desafio. Vejam como ficou:



Imagem 29: *Time oficial do Goiânia Esporte Clube. Déc. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo H.O. Identificação dos jogadores (da dir. para esq.): Uberaba, Élson (Salsicha), Cisquinho, Bagainha, Vavá, João Preto, Rosa, Foca, Bessa, Mané Padaria e Bela Vista.*

Desses jogadores, segundo o fotógrafo, os três grandes craques foram Cisquinho, Foca e Salsicha: “Eles eram muito bons. O único defeito era serem jogadores do Goiânia (*risos*). Mas, sem brincadeira, esses três aí, ó, jogavam um bolão!”. (Hélio de Oliveira, entrevista, nov.2007, anexo 5, p.58).

Hélio de Oliveira pertenceu à diretoria do clube atleticano por 16 anos, possui centenas de fotos e muitas lembranças sobre o referido time. Além, é claro, de fazer parte da memória coletiva do bairro. Todas as pessoas entrevistadas declararam conhecer ou ter ouvido falar do fotógrafo. A literatura pesquisada (como a de José Mendonça Teles e Lisita Jr.) referenda o nome do fotógrafo, e também é possível encontrar diversas matérias de jornal sobre sua pessoa ou obra, inclusive evidenciando uma relação muito próxima entre Hélio de Oliveira, Campinas e o Atlético Clube.

3.3. Hélio de Oliveira: o fotógrafo e a memória do bairro

Aqui eu criei os meus filhos, aqui nossa vida se enraizou. Eu gosto demais da Campininha! Principalmente nessa casa aqui, nesse local. Porque aqui eu praticamente... Mais da metade da minha vida eu passei aqui, e vou sair daqui só para ir lá pro Santana [cemitério], que também é em Campinas, lá nós já temos o nosso lugarzinho (risos). Eu não quero mudar pra outro lugar não! (Hélio de Oliveira, entrevista, nov. 2006, anexo 5, p.42).

Viajante do tempo, biógrafo visual de Goiânia, poeta da fotografia, historiador visual, pioneiro da fotografia. Esses são alguns dos adjetivos destinados ao fotógrafo Hélio de Oliveira que encontrei em documentos textuais⁴¹. É também uma maneira encontrada por escritores, jornalistas e fotógrafos para evidenciar e reconhecer a importância de sua obra. Na matéria publicada em 13/2/1992 pelo jornal *Diário da Manhã*, a relevância de seu trabalho é comparada à de Militão Augusto de Azevedo, um dos mais importantes fotógrafos brasileiros da segunda metade do século XIX:

O Museu da Imagem e do Som de São Paulo, no livro documentário *Memória Paulistana*, publicado em 1975, dedica boa parte das páginas ao trabalho de Militão Augusto de Azevedo, considerado o primeiro grande fotógrafo de São Paulo. Com suas vistas urbanas, as primeiras datadas de 1860, ele fixou para a posteridade a população de São Paulo da segunda metade do século XIX. São retratos em vários tamanhos e em variadas poses, constituindo um museu da imagem da geração romântica de São Paulo e um fotodocumentário dos costumes da vida provinciana de meados do século passado. Em Goiânia, existe um homem assim, que passou já 41 anos de sua vida registrando os nossos costumes, a maneira de viver e o cotidiano da capital goiana. Ele é Hélio de Oliveira (.....). Não há quem não se emocione ao olhar as fotografias guardadas por Hélio. (*Diário da Manhã*, 1992).

Suas lentes registraram momentos importantes da história de Goiás e do Brasil, durante as cinco décadas em que atuou como fotógrafo; dois deles são destacados pelo próprio fotógrafo:

⁴¹ Jornais: Diário da Manhã, Jornal da Segunda, O Popular, Revista Fotopress, Cadernos de Fotografia do MIS-GO Vol.3, etc.

Foram a deposição do governador Mauro Borges na época da ditadura militar nos anos 60 e eu ter acompanhado de perto a construção de Brasília, outra coisa também que sou pioneiro (risos). Quando Juscelino Kubitschek foi conhecer o sítio da nova capital, eu estava lá também. Estava eu, o Eliézer e mais o governador, esse Altamiro Pacheco, tinha uma comitiva lá. Eu fui de carro pra lá. Era até o carro para poder depois transportar o Juscelino lá dentro. Eu fui o primeiro a fotografar o Juscelino na nova capital! Quando o avião dele chegou que ele abriu a porta assim, ele virou para mim: “você é daqui?”. Não sou de Goiânia. Ele falou assim: “capricha, você vai fotografar um presidente na nova capital do país!”. “Quando eu der os primeiros passos, aí você fotografa”. Eu fotografei! Eu fui o primeiro fotógrafo e o Eliézer, o primeiro jornalista a entrevistar o Juscelino lá em Brasília. (Hélio de Oliveira, entrevista, nov.2006, anexo 5, p.41).

Além dos acontecimentos políticos, Hélio registrou os costumes dos moradores da cidade, as transformações urbanas ocorridas ao longo dos anos. Fotografou inúmeras ruas e avenidas de uma Goiânia pertencente ao passado, além de conquistas esportivas, como os títulos obtidos pelo Atlético em 1955 e 1957, e a profissionalização do time em 1962.

A imprensa possui um papel importante para a divulgação da obra de Hélio de Oliveira. Data-se de 1976 a primeira matéria sobre ele encontrada nos jornais pesquisados⁴². Por intermédio de jornais e revistas, suas imagens e também um pouco da sua história de vida são compartilhadas com os moradores da cidade e do bairro. Além de um estímulo para a memória, as reportagens sobre o fotógrafo evidenciam a importância de seu trabalho. É uma maneira de reconhecer a riqueza de um acervo que foi se constituindo ao longo dos anos em que Hélio atuou como fotógrafo.

Além da imprensa (fonte escrita), a oralidade também se mostrou presente quando o assunto se refere ao fotógrafo Hélio de Oliveira. Seu nome e suas imagens permanecem nas lembranças dos moradores e ex-moradores de Campinas. Durante a realização das entrevistas, a recorrência a seu nome foi

⁴² Jornal *O Popular*. 12/9/1976.

muito comum, principalmente quando se pedia para que as pessoas rememorassem “personagens” ligadas à história de Campinas. Alguns entrevistados enfatizam que sua produção é relevante para a construção da história de Campinas e do Clube Atlético:

Hélio de Oliveira. Acho que este é um dos homens que ajudaram a compor a história da campininha, sim. Mesmo morando aqui no centro, vou muito lá em Campinas. Faço feira lá. Gosto de conversar com as pessoas de lá. E você já deve ter visto isso, todo mundo conhece o Hélio lá, é só você chegar e perguntar aonde mora ou quem é, que logo vai encontrar alguém para te dar a informação. Quando penso em Campinas, me vem a cabeça de Hélio de Oliveira. Ele estava sempre com sua máquina, disposto a conseguir boas fotos, até mesmo sobre as coisas mais corriqueiras. E digo mais, acho que ele é importante não só para a história de Campinas, mas também para a história de Goiás. Ele foi repórter fotográfico, trabalhou muitos anos lá no Popular, participou de muita coisa, ele tem muita coisa para contar viu. (Bariani Ortêncio, entrevista, mar.2007, anexo 5, p.94).

(...)

Se eu conheço Hélio de Oliveira? Você está brincando... Conheci o Hélio há muito anos atrás e o considero um amigo. Lá em Campinas todo mundo o conhece, eu arrisco dizer até que ele é parte do patrimônio da Campinha. Ele sabe tudo sobre aquele bairro, é o que a gente chama de campineiro de raiz, aquele bem tradicional, sabe? Acho que seu trabalho como fotógrafo contribuiu muito para que ele fosse respeitado lá como é hoje. Ah, outra coisa: A maioria das fotos que compõem esse meu livro aqui [Arquivos do Futebol Goiano] eu consegui lá no acervo dele. Ele até hoje adora futebol, fotografou tudo de evento esportivo, e as partidas do Atlético então, nem se fala.... Ah, e tem outra, ele colaborou muito com o Atlético viu, fez parte da diretoria e teve excelentes idéias ali dentro. Acho que o Atlético, não deu perceber, sei lá.... ele ainda não teve o reconhecimento que merece por ter trabalhado como trabalhou em função do Atlético. Mas também não sei se ele está preocupado com isso não. O Hélio tem uma característica que eu diria ser muito campineira, ele é uma pessoa muito prestativa, parece aqueles vizinhos do interior, aquele que você vai lá pra pedir um copo de açúcar... Tudo o que você precisa, ele está pronto para ajudar e acho que isso é uma característica do povo goiano mas, sobretudo, dos campineiros. Já tem muitos anos que eu moro nesse bairro e posso afirmar que lá acontece muito disso. (.....) profissionalmente falando, Hélio de Oliveira foi um dos melhores fotógrafos que Goiânia já teve, ele conseguia extravasar toda sua sensibilidade através de suas imagens. É claro que em registrar comícios devia ser um saco, uma coisa muito chata, e ele fazia boas fotos, agora imagina quando era um assunto que ele gostava.... Aí podia esperar que saía coisas maravilhosas. (João Batista Alves Filho, entrevista, anexo 5, nov.2007, p.61).

Plínio, ex-jogador do Atlético, elogiou muito o trabalho de Hélio de Oliveira, dizendo que ele foi um grande profissional, “sempre em busca do melhor

ângulo para tirar suas fotos” (Plínio. 2007, anexo 5, p.84). Conta que, nas horas vagas, ele o ensinou a técnica de colorir as fotos à mão⁴³. Plínio possui um álbum com muitas fotos do Atlético, com o qual mostra suas habilidades em relação à técnica que lhe foi ensinada pelo fotógrafo. Hélio de Oliveira permanece também nas lembranças do escritor goiano José Mendonça Teles:

Morador de Campinas que colabora com a construção da identidade do bairro? São muitos. Cada um a sua maneira acaba ajudando a manter as singularidades do setor, né? Digo singularidades o que você está chamando de identidade. Mas tem um que não tem como não citar. Inclusive quando estava escrevendo o meu [livro] *Sentimento e Glória*, ele me ajudou muito. As fotos desse livro são de autoria dele, como disse a pouco. Estou falando de Hélio de Oliveira. Um campineiro nato. Ele tem mania de dizer que só sai de Campinas quando morrer e, olha lá. E tem mais, ele critica os ex-moradores, chama o povo de vira-folha, fala que é só “algumas pessoas”, não diz nomes, mas você entende o recado (risos) melhorar um pouco de vida que abandona a campininha, mas ele não, continuará ali até o fim (José Mendonça Teles, entrevista, anexo 5, mar.2007, p.72).

Mendonça Teles, em seu livro *Sentimento e Glória* (2005, p. 44), recorda-se de Hélio de Oliveira e o descreve como o “fotógrafo que registrou toda a vida atleticana”. O próprio fotógrafo concorda com essa afirmação. Ele esteve presente em momentos importantes do clube — ainda nos anos 50 —, como as vitórias de 1955-57, como fez questão de demonstrar por meio da foto (*imagem 30*) em que aparece ao lado de Antônio Daniel e Fioravante Salerno, o Fiore. Vejamos também um trecho de sua fala:

⁴³ Tal informação consiste uma novidade na história da fotografia em Goiânia. Não há menção, em entrevistas e na literatura correlata, do uso de fotos coloridas a mão por Hélio de Oliveira.



Imagem 30: Antônio Daniel, Fiore e Hélio de Oliveira (da esq. para dir.:). 1955. Hélio de Oliveira. Acervo JMT.

Freqüentei muito os jogos do Atlético, foram décadas fazendo fotos das partidas, dos jogadores, torcida, enfim.... Eu gostava, gosto muito de esporte, do Atlético, então, nem se fala, vixe! (*risos*). Participei da direção do clube durante muitos anos, sou um dos fundadores, ajudei a fundar a associação dos cronistas esportivos, primeiro eu ia lá todo o ano, buscava a carteirinha pra não pagar nada no estádio e tal, atualmente, não tenho interesse em estádio mais não, eu vejo mais só na televisão, pelo rádio aí... Mais deixar de ser atleticano eu nunca deixei! Tenho muito orgulho de ter presenciado as duas grandes vitórias do Atlético nos anos 50. Em 55, cheguei a colocar a faixa de campeão invicto, posei para foto e tudo. Esse título trouxe muita alegria para todos nós, atleticanos. Acho que tenho até foto aqui desse dia. (Hélio de Oliveira, entrevista, mar.2007, anexo 5, p.46/47).

Diante dessa imagem, Hélio comentou as dificuldades que o time enfrentava, os ícones atleticanos como Antônio Accioly, as rivalidades entre o Goiânia e o Atlético e o quanto significaram, para ele e para todos os atleticanos, as conquistas da década de 1950. Em seguida, solicitado a falar sobre as lembranças que possuía sobre o bar do Fiore, Hélio afirmou que o bar era um local dedicado aos campineiros torcedores do Atlético e comentou, em sua fala, um jornal que circulava no estabelecimento. Era um jornalzinho artesanal

chamado *O Marreta*. O fotógrafo relatou que a idéia para criação desse jornal surgiu durante uma conversa com o jornalista Luís Augusto Pampinha. Criaram, então, um periódico que destacava as conversas entre os amigos do Bar do Fiore.



Imagem 31: *Bar do Fiore*. Déc. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo JMT.

O Marreta. Foi esse o nome que demos, foi criado por mim e o Pampinha, o jornalista. Era um veículo de comunicação destinado aos freqüentadores do Bar do Fiore. Era, bem, como se diz? Bem artesanal. Acho que essa é a palavra. Eu e o Pampinha abordávamos os assuntos mais comuns, assim, esses conversados no dia-a-dia mesmo, a famosa conversa de bar. Se surgisse uma gozação ou uma fofuquinha (risos) sobre algum careta, podia ter certeza que na semana seguinte estaria estampada lá na parede, num cantinho do jornal (a gente gostava de chamar assim, de jornal, mas não chegava a tanto) chamada mexerico. (Hélio de Oliveira, entrevista, anexo 5, mar.2007, p.48).



Imagem 32: *Jornal O Marreta*. Déc. 1950. Autor desconhecido. Acervo JMT.



Imagem 33: *Jornal O Marreta* (1). Déc. 1950. Autor desconhecido. Acervo JMT.

Hélio relatou que, com o passar dos anos, muita coisa se perdeu em seu acervo. Entre elas impressos, cujos exemplares, aqui reproduzidos, foram obtidos no acervo de José Mendonça Teles. *O Marreta*, segundo ele, fazia o

maior sucesso no Bar do Fiore. Mesmo contendo apenas uma página, observa-se que possuía assuntos bem diversificados: esporte, cotidiano, política, cidades, poesia, etc. Em um dos exemplares, pode-se constatar até uma coluna chamada “Panorama do Mundo”.

Outra matéria relevante encontrada num dos exemplares foi uma manchete⁴⁴ dizendo: “Aguardem!!!. Dentro de alguns dias anunciaremos o resultado da grande convenção secreta pró emancipação de Campinas”. (*imagem 33*). A matéria nos leva a pensar sobre questões que envolvem o conceito de identidade. Se o jornal foi criado para ser veiculado dentro de um bar, no qual seus freqüentadores eram, em grande maioria, para não dizer totalidade, moradores de Campinas e torcedores do Atlético Futebol Clube, a criação de *O Marreta* ilustra uma estratégia — construída por campineiros, representados por Hélio de Oliveira e Pampinha, de se diferenciarem do “outro” e de se afirmarem como grupo característico e específico. Quando perguntado sobre este trecho encontrado na publicação, Hélio se posicionou a respeito da identidade da “nossa campininha”:

Voltando um pouco na história.... os moradores aqui da campininha, na época da construção de Goiânia, apoiaram a decisão do, do, como era mesmo o nome dele Maria? (.....) do Licardino em transformar Campinas em bairro de Goiânia. Foi uma jogada muito inteligente do dele, já que sozinho não ia conseguir trazer tanta coisa pra cá. Mas a verdade, é que no fundo, nunca acostumamos com a idéia da nossa campininha, ser bairro de uma cidade que dependia dela pra tudo. Até pra comer fruta eles tinham que vir pra cá. Lembra quando te falei que eles quase acabaram com o pomar lá da casa da Maria? (risos). Pois é.... Quanto ao que você encontrou aí no Marreta, isso era utopia..... Mas pelo menos era bom ver nossos amigos animados com a idéia de ver nossa campininha independente lá do centro, mas acreditar, acreditar mesmo que isso acontecer, a gente não acreditava não. (risos). (Hélio de Oliveira, entrevista, anexo 5, nov.2006, p.32).

⁴⁴ O trecho transcrito encontra-se em baixo, do lado esquerdo (*imagem 33*).

A veiculação de *O Marreta* contribuiu para que Hélio, que já era conhecido pelos moradores por causa de sua profissão de fotógrafo, ajudasse a manter viva a lembrança dos moradores de Campinas. O jornal provavelmente ativou o sentimento de pertencimento desses moradores, podendo ser considerado como mais uma forma, utilizada por eles, de se constituírem enquanto campineiros.

A técnica de empregar fotografias para estimular a memória merece considerações específicas quando utilizada de forma auto-referencial — como no caso de Hélio de Oliveira, fotógrafo, ao comentar suas próprias fotos anos após a realização das tomadas. Mas e quando o próprio produtor da imagem, ou seja, o fotógrafo, torna-se o entrevistado? Vejamos a reação de Hélio de Oliveira:

Fico contente em ver que meu trabalho de algum jeito tem colaborado com estudos como o seu. É engraçado, porque as pessoas que me procuram geralmente vêm em busca de fotos, até você já veio aqui antes, né. Chegam aqui procurando fotografias minhas para colocar em jornal, em trabalhos de escola, batem um papo, coisas assim. Mas, você não quer que eu fale do enquadramento, de qual era a máquina que eu usava nesse tempo aí. Quer que eu olhe pra ela e que tente lembrar de coisas que aconteciam lá, é isso? Quando descobri que podia trabalhar com fotografia, ganhar a vida desse jeito, o que me estimulou desde quando fui pra Minas estudar, foi exatamente isso (...) a fotografia ela pode ser usada de várias formas, sua linguagem é universal e isso é maravilhoso... Mesmo depois de tantos anos, de décadas trabalhando com imagem, com fotografias, quando penso que já vi de quase tudo sobre as maneiras que ela pode ser explorada, vem você com essa novidade! Me mostra uma foto que eu mesmo fiz, há não sei nem quanto tempo mais (*risos*), pedindo pra eu lembrar de coisas dessa época, meu Deus do céu (*risos*). Mas isso é muito bom, muito mesmo. (*risos*). (Hélio de Oliveira, entrevista, mar.2007, anexo 5, p.49).

Nas lembranças evocadas por Hélio de Oliveira estiveram presentes: Praça Joaquim Lúcio, Igreja Matriz de Campinas, Colégio Santa Clara e o Lago das Rosas, assim como estiveram presentes também nas lembranças da maioria dos entrevistados, o que remete à idéia que esses lugares fazem parte de uma memória coletiva do bairro. Hélio lembrou também como era Campinas nos

anos 50, das poucas alterações de costumes que ela sofreu daqueles tempos para cá; descreveu a rua em que mora, comentou as mudanças ocorridas nas avenidas 24 de Outubro e Anhangüera.

A partir das fotografias apresentadas ao Hélio de Oliveira e outras pessoas, mostraram-se perceptíveis às inúmeras possibilidades de rememoração tanto em nível individual como em coletivo, uma vez que todos os entrevistados estavam ligados, de alguma maneira, a um grupo de referência — como é o caso das pessoas entrevistadas; todas moraram em Campinas em algum período de suas vidas.

3. 4. Atlético Clube Goianiense: fonte referencial de memória e suporte da identidade campineira

Nas lembranças da Campininha, sem ser bairrista, jamais poderia faltar a epopéia do Dragão Campineiro, de suas lutas épicas vividas, seus áureos anos de glórias na malha verde do seu descampado/gramado Antônio Accioly e do Estádio Olímpico, na época, os principais de Goiânia. (...). O Atlético possui uma história, um passado que se mistura com a própria história da gente da Campininha. Uma história que retrata a sua caminhada rumo a edificação do futebol goiano. (Horieste Gomes, 2002).

O futebol esteve sempre presente na vida dos campineiros, tanto pelo Feirinha Futebol Clube quanto pelo time profissional do Atlético. Pode ser considerado como uma atividade ligada à memória e à identidade campineira. Nas narrativas orais e escritas, pesquisadas ocorrem referências ao futebol, inclusive, e especificamente, sobre o Atlético Clube Goianiense. Para entender os motivos que levam as lembranças sobre o time a permanecerem vivas entre os campineiros durante décadas, e este ser um suporte para identidade desses

moradores, é preciso reconstruir a trajetória do clube, as dificuldades enfrentadas e também suas conquistas.

Com a fundação do Atlético, em abril de 1937, principia a institucionalização do futebol como esporte em Goiás. Em 1944 aconteceu o primeiro campeonato goiano, no qual o time adquiriu o título de campeão. Esse ano foi muito conturbado para os atleticanos; mesmo tendo conquistado o título, o clube passava por crises internas e externas. Segundo Lisita Júnior, em 1944 o Atlético chegou a “ter três presidentes, e dois de uma só vez! Fôra preciso que a então Federação Goiana de Futebol tomasse enérgicas providências e interviesse para apaziguar a família atleticana”. A crise, ainda que em caráter interno, “mesmo assim trazia graves reflexos que depunham contra o seu bom nome. Assemelhava-se a um barco, flutuando sem norte, por águas revoltas, prestes a soçobrar” (LISITA JÚNIOR, 1963, p.12).

Um exemplo de crise foi a enfrentada pelo time em relação ao Goiânia Esporte Clube, que levou para seu time, de forma irregular, o então jogador atleticano Sérgio Zanfranceschi. O fato culminou com a revolta da diretoria e dos torcedores, que foram reclamar seus direitos junto à Federação Goiana de Futebol. Lisita Júnior relata que tais acontecimentos ocorriam pelo fato do clube ter apoio político, o que aumentava a rivalidade entre os campineiros e goianienses:

O leitor mais atento observará que, já naquele tempo, existia uma grande rivalidade entre Atlético e Goiânia, e que Joaquim Veiga (diretor do Goiânia) já tinha ‘diploma’ de homem forte do Goiânia (...). Para espanto nosso, no Torneio Início, o Goiânia, prevalecendo-se da situação de seus diretores, que desfrutam de altos postos de influência na vida política do Estado, ‘impôs’ a inclusão de Sérgio Zanfranceschi em sua equipe, sob protestos do Atlético, que somente disputou a partida final em face de verem seus jogadores cercados pela polícia e amedrontados ante a ameaça de serem presos, caso abandonassem a pugna, não entrando em campo. (LISITA JÚNIOR, 1963, p. 12).

Em outra passagem, Lisita Júnior (1963, p.23) reforça esse pensamento: “Todos estão lembrados de que houve época em que o Goiânia era denominado ‘chapa branca’, porque recebia muitas concessões dos poderes públicos. Até mesmo empregos públicos eram obtidos com facilidade pelo clube alvinegro”. O escritor José Mendonça Teles também comenta o fato:

Os jogos em Campinas então eram uma guerra, principalmente contra o seu maior rival: o Goiânia, considerado o quadro *oficial*, por viverem alguns de seus jogadores às sombras das mordomias que lhes ofereciam os dirigentes, ou seja, um emprego público... Para jogar futebol. (TELES, 2005, p.37).

Após ter enfrentado inúmeras crises, em 1944 o Atlético conseguiu o título de campeão goiano, “grande título que poderia conquistar um time de futebol numa capital que apenas começava a tomar aspecto de cidade” (LISITA JÚNIOR, 1963, p.18).

Outro obstáculo enfrentado nessa década pelos atleticanos foi a aquisição de uma sede própria. O local utilizado para seus treinos e partidas era de propriedade do Estado. Formou-se, então, uma comissão⁴⁵ para conseguir que o Estado doasse um espaço para o clube.

A comissão, imbuída dos melhores propósitos, dirigiu-se ao interventor federal Pedro Ludovico Teixeira, no Palácio das Esmeraldas, argumentando com o primeiro mandatário goiano as necessidades de se incentivar o esporte. A causa resultara vitoriosa, pois o governo cedera o terreno ao Atlético, com uma área de 18 mil metros quadrados, área insuficiente para se transformar num campo de futebol. Fosse como fosse, a verdade é que o Atlético conseguira dar o primeiro passo para a conquista do seu extraordinário patrimônio. (LISITA JÚNIOR, 1963, p.18).

A parte faltante para que se construísse o campo de futebol foi conseguida com a ajuda de Xavier de Barros, político influente do Estado:

⁴⁵ Fizeram parte dessa comissão: Calimério Machado, João de Brito Guimarães, Jorge Helou e João de Paula Teixeira Filho (Paratéca) dentre outros.

Foi assim que se conseguiu as outras áreas contíguas ao terreno, somando um total de 30 mil metros quadrados, terreno que ali está, na Avenida 24 de Outubro, enriquecendo o grande clube. (LISITA JÚNIOR, 1963, p.19).

Após a conquista da área, mais um empecilho rondava o Atlético. O campo não era murado, o que impedia a realização de partidas do campeonato goiano. Na ocasião (1947), interveio Antônio Accioly, que não só emprestou seu nome ao campo, como também muito contribuiu para seu crescimento. Ele teve a idéia de colocar à venda ações para arrecadar fundos para a construção da cerca para o Atlético. A melhoria seria muito importante, pois, assim, o clube poderia disputar jogos de campeonato em seu campo, cobrar ingressos e ter a renda convertida em melhorias para o time. Para a construção da cerca, o Atlético colocou à venda ações do clube esportivo. Sobre o assunto, Lisita relata um fato que demonstra o reconhecimento e o empenho que os torcedores manifestavam pelo clube e que constituem elementos de uma identidade cultural:

Foram colocadas à venda cem ações de mil cruzeiros, vendidas com espantosa dificuldade. Um fato pitoresco, que merece registro, deu-se com o saudoso Mário Tatu, atleticano da velha guarda. Não havia dinheiro para se movimentar a campanha. Numa reunião em que tomava parte, Mario, que era guarda civil, tirou seu revólver do coldre e o ofereceu ao Atlético para ser rifado, como renda em benefício ao clube. (LISITA JÚNIOR, 1963, p.19).

Superadas as dificuldades, foi inaugurado, no dia 14 de setembro de 1947, o Estádio Antônio Accioly. A escolha do nome do estádio foi uma homenagem mais do que justa, segundo alguns entrevistados, pois Accioly foi um homem que dedicou sua existência ao Atlético Clube Goianiense e ao futebol goiano de forma geral.

A década de 1950 também foi muito relevante para o clube, pois foi um período de conquistas importantes, como nos campeonatos de 1955 e 1957. Segundo a revista *Atlético Cinquentão*,

O campeonato de 1955, o mais longo da história do time, contou com a presença de uma dezena de clubes. Foram dezoito jogos, turno e retorno, para que o rubro-negro levantasse o mais memorável título de sua gloriosa trajetória (s/d, p.8).

Fioravante Salerno, o Fiore, era o técnico do time em 1955. Os jogadores não ocupavam uma posição específica naqueles anos. O jogador Epitácio, grande destaque do clube, é um exemplo dessa realidade. “Era ponta-direita, ponta-esquerda, meia-armador, médio-volante, centro-avante, era tudo.” (Revista *Atlético Cinquentão: 1937-1987*, s/d, p.8). Com sua equipe bem-estruturada, no dia 18 de dezembro de 1955⁴⁶ o Atlético superou o Goiânia e ganhou o jogo por 2x1. Abaixo apresenta-se o time⁴⁷ que formou a equipe de 1955: (*da dir. para esq.*): o goleiro Pitinho, Japonês, Baiano, Fabão, Vitalino, Aldo, Plínio, Véio, Dudu, Epitácio, Joãozinho. E (*os dois de camisas brancas*), ainda, Antônio Daniel e Fabinho.

⁴⁶ Neste ano o Atlético viajou para o Mato Grosso, fato inédito para os times goianos. Até então nenhum outro havia disputado um jogo fora do Estado. Participou de 29 partidas seguidas sem derrota e, por fim, conquistou, no dia 7 de setembro, a Taça Independência.

⁴⁷ As fotografias dos atletas que compõem este trabalho foram todas apresentadas aos entrevistados — lembrando que a metodologia utilizada por mim visa o estímulo da lembrança a partir do contato com a fotografia (aproximação entre fotografia e memória). Como nos trechos das entrevistas utilizadas essas fotos não aparecem, resolvi inseri-las no momento em que fosse falar sobre os clubes, com a intenção de levar até o leitor informações sobre os atletas da época, mostrando os jogadores que formavam a equipe, quem eram os craques do time, etc.



Imagem 34: Jogadores do Atlético em 1955. Hélio de Oliveira. Acervo JMT.

Em 1957, o Atlético conquistou o título de campeão invicto. Além desse título, recebeu também o troféu dos invictos. “O time parecia jogar por pensamento, tal a uniformidade, tal a sintonia de suas peças.” (Revista *Atlético Cinquentão*: 1937-1987, s/d, p.8). Abaixo encontra-se uma foto com os jogadores (titulares e aspirantes) do time de 1957. São eles: (*de pé*) Nego do Aleixo, Linhares, Bira, Bady, Plínio e Jales; (*agachados*) José Mendonça Teles, Marinho, Odílio, Paulinho e Bebê.



Imagem 35: Jogadores do Atlético em 1957. Hélio de Oliveira. Acervo JMT.

O time de 1957 foi considerado, por muitos, o melhor time do Atlético de todos os tempos. Dessa época, destaca-se o jogador Eptácio, o melhor não só do Atlético, mas de todo o Estado, como disse Plínio Cestari Hidalgo, jogador do Atlético na década de 1950:

O Eptácio, você já deve ter ouvido falar também, foi o grande destaque do Atlético. Ele era custoso, viu? Não gostava de perder, não. Se fosse preciso dar botinada, ele dava; se xingar, ele xingava (*risos*). Ele foi considerado, naquele tempo, o melhor jogador não só do Atlético, mas de Goiás, do Estado de Goiás. (...). O Eptácio era bom mesmo, viu! (Plínio Cestari Hidalgo, entrevista, out.2007, anexo 5, p.82).

Eptácio jogou por toda a sua carreira no Atlético, que o homenageou quando completou 500 partidas pelo time. Entre as homenagens, destaca-se a fotomontagem produzida por Hélio de Oliveira:

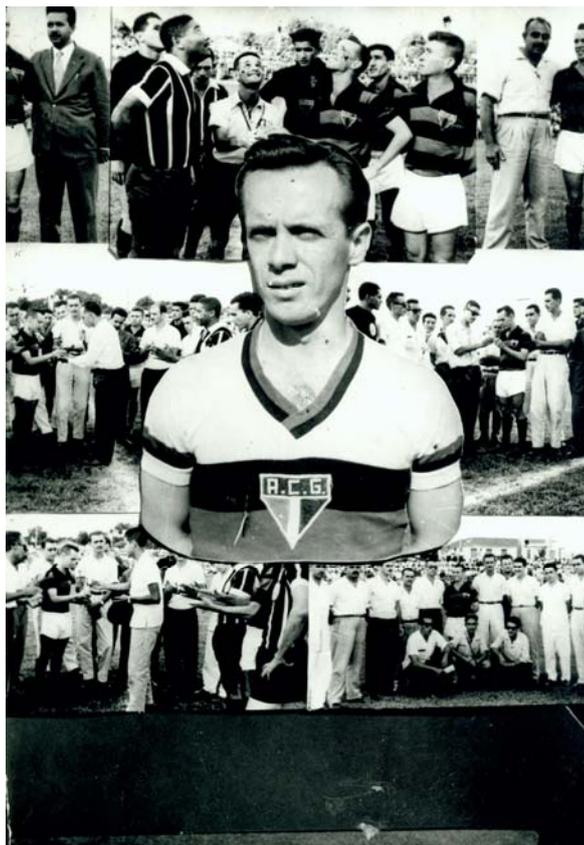


Imagem 36: *Fotomontagem em homenagem a Epitácio.* Déc. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo JMT.

O título de 1957 é considerado, por muitos atleticanos, o melhor presente que o clube poderia ganhar na década de 1950, já que, nesse ano, completavam-se 30 anos de existência do clube.

As equipes de 1955-57 ficaram marcadas nas lembranças do campineiro. Serviram para reforçar seu sentimento de pertencimento de grupo e ainda para consolidá-lo, através destas vitórias. Vejamos a fala de Plínio sobre este assunto:

Em 1955 e 57 tá vendo essas duas fotos aqui ó [fotos 34 e 35]. Nesse tempo nós fomos campeões invictos. Foi muito marcante para o Atlético e para Campinas viu. Foram partidas difíceis, mas a cada partida que a gente ia vencendo, as dificuldades iam diminuindo, até que chegou a partida final e a gente ganhou os títulos. Me lembro até hoje da alegria dos torcedores, naquele tempo a gente [os jogadores] era bem próximos da torcida. Acho que pelo fato da gente ser tudo morador ali de Campinas ajudava nessa aproximação. Os torcedores e moradores de Campinas se sentiam orgulhosos com as vitórias, era como se estas

vitórias tivessem sido conquistadas por eles também. Os atleticanos, os moradores da campininha agora eram campeões, eram os melhores da cidade. Eles se sentiam campeões como a gente. Era um sentimento tão forte que você era atingido por aquilo ali de algum jeito.... Até mesmo eu que não gostava muito destas separações, porque como te contei, quando vim morar em Goiânia, me hospedei primeiro no centro da cidade. Então nessa competição aí entre Campinas e Goiânia, eu sempre tentei ficar isento. (risos) Não sei se consegui, mas pelo menos as tentativas foram muitas. E, se esse sentimento que estou te falando contagiou até a mim, imagina pras pessoas lá de Campinas então. (Plínio Cestari Hidalgo, entrevista, out.2007, anexo 5, p.80).

A maior satisfação dos campineiros em relação a essas vitórias foi fato de o time ser formado praticamente por pessoas do bairro. Como bem colocou Plínio, por meio dessas vitórias eles se sentiam superiores em relação aos goianienses. “Se viam em relação aos demais clubes esportivos como os ‘melhores da cidade.’” Uma forma de distinção entre campineiros e goianienses, capaz de reforçar e até consolidar a identidade desse grupo.

Passados dois anos (1955-57) de conquistas, no início da década de 1960 deu-se a profissionalização do Atlético. Era o que faltava ao clube depois da conquista de inúmeros títulos. O fato ocorreu no dia 2 de agosto de 1962.

Numa segunda-feira, o presidente da Federação Goiana de Futebol, Waldir do Espírito Santo Castro Quinta, assinava a Portaria n.º 2/62, implantando o regime profissional do futebol do Estado de Goiás (...). Após o ato de implantação do novo regime, seguiu-se a solenidade de assinatura do contrato do primeiro atleta profissional goiano: Ulisses Pereira, o Licinho. (Revista *Atlético Cinquentão*: 1937-1987, s/d, p.21).

O Atlético ter se tornado profissional foi um acontecimento muito importante para o time, jogadores e moradores de Campinas. Ser um time profissional sugere uma distinção dos demais (amadores) — para ser mais específica, do Goiânia, que foi o último time do Estado a se profissionalizar. Essa conquista atleticana foi registrada pelas lentes do fotógrafo Hélio de Oliveira, como retrata a revista *Atlético Cinquentão* (p.21): “O histórico ato foi presenciado, na ordem da

foto de Hélio de Oliveira”. O fotógrafo em uma das entrevistas, comenta a profissionalização do Atlético:

Eu estava muito emocionado com o acontecido. Imagina, eu era atleticano roxo! Hoje em dia ainda torço pro Atlético, mas não tenho aquela empolgação de antes, não. Me desiludi muito com o futebol goiano. Eu tenho a carteirinha e tudo, mas não vou mais ao estádio... Mas, voltando ao assunto, aquele momento foi muito importante pra todos nós atleticanos e campineiros. Não sabia o que mais queria naquele momento: se era tirar a foto, ou comemorar com todos os outros ali presentes. Mas meu lado fotógrafo falou mais alto. E, olha aí, a foto até que saiu boazinha, né? Resolvi eternizar o momento... (risos). (Hélio de Oliveira, entrevista, nov.2006, anexo 5, p.37).



Imagem 37: Licinho, jogador do Atlético, assina o primeiro contrato de jogador profissional do Estado de Goiás. 1962. Hélio de Oliveira. Acervo H.O. (Da esq. para dir.: Olavo Tormim Jeová de Paula, Waldir Castro Quinta, Licinho, João Guimarães, presidente do Atlético; capitão Nascimento e Luís de Oliveira Machado).

Depois de sua profissionalização, o Atlético conquistou mais dois títulos importantes para o clube: o Primeiro Torneio Início Profissional (14 de outubro de 1962), com a presença de dez clubes, e a Taça Carlos Ribeiro do Nascimento (27 de abril a 4 de maio de 1963), vencendo o Goiânia (3x2) e o Goiás (4x2). Foi classificado em terceiro lugar no certame profissional, que teve apenas um turno”.

(Júnior, 1963, p.25). Foi campeão goiano também nos anos 1964 e 1970. Mesmo passando por várias dificuldades, o Atlético tornou-se pioneiro em vários setores, o que enche de orgulho os torcedores campineiros. João Batista Alves Filho comenta esse pioneirismo:

Coube-lhe a glória de todas as iniciativas do pioneirismo, como veremos agora: primeiro campeão oficial; primeiro clube a disputar jogos internacionais; primeiro clube a visitar o Mato Grosso; primeiro clube a disputar jogos noturnos; primeiro clube fundado em Goiânia; primeiro a possuir estádio; primeiro a conquistar o Troféu dos Invictos; primeiro em rendas recordes; primeiro em número de associados; primeiro clube mais solicitado no interior do Estado. Além disso, é o único clube goiano que registrou maior número de vitórias em jogos de caráter interestadual até 1960. (FILHO, 1982, p.103)

Independentemente de situação financeira ou profissional, cada um, do seu jeito, encontrava uma forma de ajudar o time para que ele alcance a “glória”. Os que não podiam colaborar financeiramente davam seu apoio, digamos, moral. E a dedicação dessas pessoas fez com que elas permanecessem na memória dos campineiros. José Mendonça Teles relembra, em seus escritos, um desses “personagens campineiros”:

Mestre Egídio (...), caminhava lá da Rua Anápolis, com seus passos pesados, lentos, carregando um eterno guarda-chuvas, e chegava para dar a sua demão, seu incentivo. Não perdia um treino. Assim também era (...) Louly, (...) que estava sempre presente, nos treinos, nos jogos, participando da fanfarra atleticana. E o Dr. Moacir Cícero de Sá (...), toda vez que o Atlético estava sem presidente, o Dr. Moacir assumia as rédeas do time (...). Dentista, tratava dos dentes dos atletas sem cobrar nada. (TELES, 2005, p.40-41)

Teles cita, ainda, nessa passagem, as colaborações de Hélio de Oliveira:

E o Hélio fotógrafo, fotografando tudo, registrando com amor a história do dragão campineiro. O seu arquivo ou sua máquina mágica, tudo guardado com carinho, esperando a hora de mostrar às gerações a história desse time que enraizou na alma do bairro campineiro. (TELES, 2005, p.41).

Outro morador que colaborou com o time atleticano e que permanece na lembrança dos campineiros é o alfaiate Luís de Oliveira Machado. Era proprietário de uma alfaiataria conhecida como O Príncipe da Moda, localizada na Avenida 24 de Outubro. Plínio Cestari guardou em sua memória algumas recordações de Luís de Oliveira Machado, que foram trazidas à tona ao ter a fotografia do alfaiate mostrada a ele:

Tinha também esse aqui ó, ele era o alfaiate, não é? Se me recordo bem, o nome dele era..... era.... você lembra Nilma, o nome do príncipe?.... Seu Luís. Sabia que ele não cobrava da gente, de nós jogadores? A gente levava os panos, e ele não cobrava nada. E ele fazia bem feitinho. (risos) A gente aproveitava. E ele ainda dizia: “Jogador do Atlético tem atendimento especial no meu estabelecimento. Como não tenho grandes posses para contribuir com o Atlético, me sinto na obrigação de não cobrar os cortes de vocês”. Esse foi o jeito que ele encontrou para ajudar a gente, né? Imagina, não cobrava os ternos que fazia pra gente! E era coisa de qualidade. Eu saía de sua alfaiataria me sentindo o próprio príncipe da moda, que era o nome da lojinha dele ali na 24 de Outubro. (Plínio Cestari Hidalgo, entrevista, out.2007, anexo 5, p.81)



Imagem 38: Alfaiate Luís de Oliveira Machado. Déc. 1950. Hélio de Oliveira. Acervo H.O.

O escritor José Mendonça Teles também tem histórias para contar, na entrevista, (mar.2007, anexo 5, p.72) ou no seu livro *Atlético: Sentimento e Glória* (2005, p.41) sobre o alfaiate Luís, e uma delas pode ser encontrada na entrevista do escritor,

Esparramando juventude por todos os lados correndo feito um louco atrás da bola e marcando gol, alguns times de olho em mim, chega Luis de Oliveira Machado e fala mansamente: 'você precisa renovar o contrato que está vencido passa lá na alfaiataria que eu vou fazer um terno para você' e eu fui emocionado e escolhi o pano bege e o terno foi feito de três botões e eu exibi pelas ruas de minha campininha pelas zonas do meretrício onde o craque tinha entrada franca. Esse foi o preço da glória e eu dizia com euforia que tinha renovado o contrato e ganho o terno. Terno que carreguei comigo durante anos e que vendi numa feira de roupa usada no Rio de Janeiro para desapertar-me financeiramente, quando para lá me dirigi em 59 em busca de sonhos e estudo Terno eterno, ternura, fica aqui a minha admiração por este homem Luiz de Oliveira Machado, atleticano de voz mansa e condutor de gerações.

Teles é um grande conhecedor de Campinas e do Atlético. Foi morador do bairro durante anos e se considera “campineiro de raiz”. Graças a sua sensibilidade, consegue retratar, por meio de seus escritos, traços da velha campininha. Ele cita personagens como mestre Egídio, “Seu Luis”, alfaiate, os craques do Atlético, os torcedores do time, etc — pessoas que representam, de certa forma, a memória campineira e atleticana. As pessoas citadas por ele, e (também por outros entrevistados, como o ex-jogador Plínio) que tanto contribuíram com o clube atleticano, fazem parte da memória coletiva do bairro (e do time).

Com relação aos locais privilegiados pela memória, identificou-se, durante as leituras e conversas com pessoas ligadas ao bairro, além do próprio Estádio Antônio Accioly, um lugar que está nas narrativas dos moradores do bairro, e, de forma mais arraigada aos que são ligados ao futebol atleticano, o Bar do Fiore. Ele era freqüentado por jogadores, dirigentes e os campineiros

apaixonados por futebol. Alguns personagens fizeram parte da história do bar, como Frei Confaloni⁴⁸, que se tornou um atleticano inveterado. Dona Nilma, esposa de Plínio expõe os motivos que o fizeram tornar atleticano:

Ele [*Frei Confaloni*] foi morar na casa do meu primo quando veio pra Goiás. Ele foi morar na casa do meu primo, aquele que eu te falei, que é o Antônio Daniel, que era atleticano. Aí tem uma fotografia que tem ele. E aí ele acabou se envolvendo com o Atlético. Ia nas partidas de futebol, assistia aos treinos, freqüentava o Bar do Fiore. Tem até uma dessas fotos que você trouxe que aparece ele e o Plínio no bar, você viu? Rezava pelo Atlético durante a missa, enfim, se envolveu tanto que tem até uma partida, não me lembro bem da data, que ele dá o chute inicial da partida. Isso foi um fato histórico para o Atlético, saiu em vários jornais da época. Você lembra disso. Plínio? (Dna. Nilma durante entrevista com seu marido, Plínio, out.2007, anexo 5, p. 83).



Imagem 39: *Frei Confaloni dá chute inicial em uma partida do Atlético. Déc. 1960. Hélio de Oliveira. Acervo JMT.*

⁴⁸ Frei Confaloni teve uma importância significativa na vida religiosa e cultural dos moradores de Goiânia e do bairro Campinas. Destacou-se como artista plástico, tendo participado da fundação da Escola de Belas Artes, na Faculdade de Arquitetura (co-fundador). Foi, ainda, responsável pela Paróquia São Judas Tadeu. Para os Atleticanos, segundo José Mendonça Teles, ele era o protetor espiritual do Dragão Campineiro — como o Atlético também era conhecido —, que a ele recorria toda vez que ia enfrentar grandes decisões. (TELES, 2005, p.82).

Quanto ao Bar do Fiore, foram mostradas várias fotos do local aos entrevistados, como a que aparece a seguir (*imagem 40*). O Bar do Fiore foi lembrado por todas as pessoas com as quais conversei durante minhas investigações: donas de casa, salgadeira, ex-jogadores, ex-técnico, escritores, aposentado, fotógrafo, enfim, pessoas que viveram em realidades diferentes, mas que trazem em suas memórias lembranças sobre o Bar do Fiore. O estabelecimento tinha suas especificidades — como bem colocou dona Benedita (out.2007), em entrevista em que dizia que bares em Campinas havia muitos, e em Goiânia também, mas o Bar do Fiore “era o tal”.

Durante a leitura de minhas entrevistas, pude compreender que essas recorrências ao lugar, ao bar, estão relacionadas ao fato de ele ser, por exemplo, o bar do técnico do Atlético, por ter um religioso como o Frei Confaloni como cliente e, ainda — talvez este seja o motivo de maior orgulho dos campineiros —, pelo Bar do Fiore ser freqüentado por jogadores do Atlético, uma das maiores referências identitárias de Campinas. Todas as especificidades ligadas ao Bar do Fiore remetem à distinção entre campineiros e goianienses.

Em outras palavras, o Bar do Fiore, além de exercer suas funções comerciais, pode ser visto como um espaço da identidade campineira, e, por isso, talvez permaneça tão viva a lembrança deste na memória dos moradores de Campinas. Esse fato pode ser notado na entrevista do ex-jogador atleticano Plínio, que, diante das fotos dos jogadores do Atlético dos anos 50 e também do Bar do Fiore, falava das vitórias do time.

Teve um jogo contra o Goiás⁴⁹ em que o Atlético ganhou de 5x0 e eu tive a felicidade de ser carregado lá do campo do Atlético até o Bar do Fiore, por ter sido o melhor jogador em campo. Foi uma alegria que só.

⁴⁹ Tentei encontrar imagens dessa partida citada por Plínio, mas não consegui localizar nenhuma.

Isso foi em 55. Em 55 ou 57, o Atlético foi um timão viu, imbatível! Nós ganhamos do São Paulo aqui, foi em um amistoso, mas ganhamos. Ganhamos também de outros times de fora. Geralmente era assim, após os jogos, independente do resultado íamos para o Bar do Fiore para comemorar ou lamentar, dependendo do resultado. Lá comentávamos sobre a partida, sobre os melhores e os piores (risos) em campo. Era um lugar gostoso de freqüentar, a gente se sentia como parte de um mesmo grupo, eu diria até que de uma mesma família, quero dizer, da família atleticana e campineira, né? (Plínio, entrevista, out. 2007, anexo 5, p.82).



Imagem 40: *Frei Confaloni* (da esq. para dir., o 3.º) no *Bar do Fiore*. Déc. 1950. Acervo H.O. “Frei Confaloni, ele era amigo da gente aqui, ó. Atleticano até debaixo d’água! Eu fotografei para ele várias vezes. Vou pegar uma foto aqui, que tem ele lá no Bar do Fiore, rodeado de garrafas de cerveja (risos). Era um cabeça aberta pra época. Os jogadores, o povo aqui da campininha, tudo gostava dele...” (Hélio de Oliveira, entrevista nov.2007, anexo 5, p.53).

Fiore, além de proprietário do bar, pertenceu ao clube atleticano. Organizou e treinou o juvenil atleticano, que foi campeão em 1949 (ver imagem 27) e, em 1954, foi chamado pelos dirigentes do Atlético para tirar o time da fase ruim que enfrentava. De acordo com Teles,

Seu primeiro ato foi buscar os ex-juvenis que estavam jogando em outros clubes. Assim, ele formou um time somente com atletas de Campinas, recém-saídos do Juvenil (...). E o Atlético foi campeão invicto nesses dois anos [1955 e 1957]. (TELES, 2005, p.61-62).

Para José Mendonça Teles, Fiore tem um lugar importante na história do Atlético. “Foi ele o responsável pela renovação do plantel, com a inclusão de campineiros de raízes, fato que fez com que o Atlético se sagrasse campeão invicto em 1955 e 1957.” (TELES, 2005, p.62). Complementamos o pensamento de Teles dizendo que Fiore ocupa um lugar importante não somente na história do Atlético, mas na memória coletiva e individual de Campinas, além de fazer parte da consolidação da identidade campineira.

Seja nas idas ao Bar do Fiore ou ao Estádio Antônio Accioly, os moradores de Campinas viram, no Atlético Clube Goianiense, uma forma de afirmarem e consolidarem o sentimento de pertencimento a um grupo, o grupo de moradores de um mesmo bairro, que torcem para um time que, assim como eles, enfrentou e ainda enfrenta dificuldades, mas consegue suas vitórias através de esforços coletivos.

No caso dos moradores de Campinas, seu esforço foi no sentido de procurar maneiras de se diferenciar dos goianienses, defendendo a preservação de suas tradições e costumes e também pela eleição distintiva de alguns lugares que passam a ser ocupados com maior frequência pelos moradores do bairro, delimitando, dessa forma, tais espaços e caracterizando-os como pertencentes a Campinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as práticas que envolveram a criação, manutenção e consolidação da identidade dos moradores de Campinas foi o que moveu esta pesquisa.

A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade é construída. Quanto à construção da identidade de Campinas, dessa necessidade de se fazer diferente em relação ao outro e de encontrar características comuns entre os seus, acredita-se que tenha sido reclamada pelos campineiros, pela primeira vez, durante a construção de Goiânia, nas décadas de 1930 e 40. A luta pelo reconhecimento se tornava necessária, tendo em vista o fato de Campinas ter perdido sua autonomia com o surgimento de Goiânia, transformando-se, paulatinamente, em apenas um bairro da nova cidade. Mesmo diante da inevitabilidade da anexação, os campineiros continuaram se comportando de maneira diferenciada, e não como parte de um todo, na nova cidade. O maior indício dessa afirmação se dá nas falas dos entrevistados, quando fazem distinções como: entre “nós da campininha” e “eles de Goiânia”.

Foi por meio das diferenciações estabelecidas pelos moradores de Campinas que se construiu o sentimento de pertencimento do grupo e, também, a necessidade de se diferenciar desse outro. É a partir de sentimentos como os de distinção e pertencimento que as identidades são construídas.

Após a construção dessa identidade, foi preciso desenvolver estratégias para a manutenção de uma certa coletividade, criando práticas culturais que fortaleciam, e ainda fortalecem, em algum grau, laços solidários que a grande metrópole não mais alimenta, em virtude do processo de

individualização crescente que caracteriza a sociedade no contexto da globalização. As pistas encontradas conduzem a afirmar que a manutenção da identidade campineira, reclamada já nos anos 30 e 40, tenha ocorrido nos anos 1950. A forma mais evidente de distinção apontada pelas fontes se caracterizou por meio dos lugares freqüentados pelos moradores de Campinas nessa época. A Praça Joaquim Lúcio, Estádio Antônio Accioly, Cine Campinas, Bar do Fiore, entre outros, adquiriram um perfil condizente com os costumes e idéias dos moradores de Campinas. Eles encontraram características, signos próprios, que os diferenciaram dos moradores do centro de Goiânia. Os lugares mencionados pelos entrevistados também ajudaram a entender o processo de manutenção da identidade de Campinas.

O local que forneceu as pistas mais relevantes para se chegar a essas interpretações, lembrando que o trabalho do historiador se consolida a partir de suas interpretações acerca dos acontecimentos do passado, foi o Bar do Fiore. Os moradores de Campinas encontraram, nesse bar, várias formas para se diferenciar do outro e para se sentirem pertencentes ao mesmo grupo — a um grupo de pessoas moradoras do mesmo bairro e, ainda, torcedoras do mesmo time de futebol. Um bom exemplo é a publicação, idealizada por Hélio de Oliveira e Pampinha, do jornal *O Marreta*, que só era veiculado no Bar do Fiore. Ele adquiriu, ao longo do tempo, características capazes de aflorar o sentimento de pertencimento desses moradores, fornecendo subsídios para a manutenção da identidade reclamada por eles.

Adentrar os caminhos do futebol foi uma boa escolha nessa caminhada. O Atlético Clube Goianiense, um time de futebol fundado na mesma década do surgimento de Goiânia, representante dos moradores de Campinas,

forneceu indícios importantes. As vitórias do time em 1955 e 1957 foram essenciais para que se pudesse refletir sobre as questões envolvendo os moradores de Campinas.

Ao longo das investigações, notou-se que a “grande jogada” dos campineiros, no que diz respeito à formação comum de uma identidade, foi se mostrar diferente por meio do futebol. A distinção, no âmbito do esporte, foi capaz de consolidar o sentimento de pertencimento dos campineiros, pois o futebol ultrapassa os limites espaciais, até então utilizados pelos moradores do bairro para se diferenciar do outro.

O desenvolvimento da análise acerca do sentimento de pertencimento dos moradores de Campinas, sobre a construção, manutenção e consolidação de sua identidade foi, empiricamente, orientado pela documentação (fotografias, relatos orais documentos textuais) e a técnica de pesquisa (estímulo da memória por meio da fotografia).

Muitas foram as dificuldades durante a elaboração deste texto, resultado de uma experiência, digamos, aflitiva. No entanto, presenciar a surpresa e a satisfação de certos entrevistados ao entrar em contato com as fotografias, fazendo emergir suas lembranças sobre o passado, foi uma experiência ímpar, com força para emocionar, estimular e dar prosseguimento a essa pesquisa histórica sobre a poética, e quase bicentenária, *Campininha das Flores*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica. (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CAMPOS, Francisco Itamy. *Notícias históricas do Bairro de Campinas*. Goiânia: Prefeitura de Goiânia, 1985.

FABRIS, Annateresa (Org). *Fotografia – Usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1998.

FERNANDES, Ana Rita Vidica. *Clube da objetiva (1970-1989): um fotoclube no central do Brasil*. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – UFG, Goiânia.

FERREIRA, Lúcia M. A. e ORRICO, Evelyn G. D. (Org.). *Linguagem, identidade e memória social*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FILHO, João Batista Alves. *Arquivos do futebol goiano*. Goiânia: Gráfica O Popular, 1982.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Horieste. *Lembranças da terrinha (Campininha)*. Goiânia: Editora do Autor, 2002.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *A Construção do espaço urbano de Goiânia (1933-1968)*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – UFG, Goiânia.

GONÇALVES, José Roberto. *Espaço, tempo e memória — recompondo a trajetória das vilas populares em Campinas: o exemplo da Vila Castelo Branco*. 2002. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Unicamp, Campinas (SP).

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1999.

HORTA, Stela. Projeto Pioneiros da Fotografia em Goiânia. In: MENDONÇA, Tânia. *Museu da Imagem e do Som de Goiás: um olhar museológico sobre os acervos audiovisuais*. 2001. Monografia (Especialização em Museologia) - UFG, Goiânia.

LISITA JUNIOR. *Subsídios para a história do Atlético*. Goiânia: [S.n.], 1963.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Cultural, 1999.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: USP, 2000.

MAUAD, Ana Maria. Passado composto: palavras e imagens, a intertextualidade em história oral. In: *A história oral no Sudeste: avaliação e perspectivas*, 2003.

_____. Fotografia e História In: CIAVATTA, Maria Alves Nilda. (orgs.) *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MELO, Ivo Pinto de. *Do cofre da vida: causos de Campinas das Flores da Nossa Senhora da Conceição*. Goiânia: Kelps, 1988.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MENDONÇA, Leda Moreira Nunes. *Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos na UFG*. Goiânia: UFG, 2005.

MENDONÇA, Tânia. *Museu da Imagem e do Som de Goiás: um olhar museológico sobre os acervos audiovisuais*. 2001. Monografia (Especialização em Museologia) - UFG, Goiânia.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. Goiânia: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. *Imagens e mudança cultural em Goiânia*. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – UFG, Goiânia.

ORTÊNCIO, Bariani. O Cronista Mor da Campininha. In: TELES, José Mendonça. *Crônicas da Campininha*. Goiânia: Kelps, 2006.

RIBEIRO, Suzana Barreto. *Percursos do olhar na fotografia oficial e amadora: Campinas (1900-1915)*. 2003. Tese (Doutorado) - Unicamp, Campinas (SP).

SILVA, Karinne Machado. *Álbuns da Cidade de Goiânia: Visualidade Documental (1933-40)*. 2006. (Dissertação de Mestrado) – UFG, Goiânia.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. (Org.). *Relações cidade-campo: Fronteiras*. Goiânia: UFG, 2000

SILVA, Simone Rosa da. *Ser campineiro: os espaços de uma identidade*. 2001. Monografia (Especialização em Museologia) – UFG, Goiânia.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (orgs). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Imagem e Memória. In: SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 21-35.

SOUZA, Yara Araújo. *Memória cultural: ensaios da história de um povo*. Goiânia: Ipiranga, 1985.

TELES, José Mendonça. *Atlético sentimento e glória: crônicas*. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2005.

_____. *Crônicas da campininha*. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2006.

TITO, Keith Valéria. *Goiânia: uma leitura histórica da cidade através da fotografia*. 2003. Monografia (Graduação) – UCG, Goiânia.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal. Arquivo: Propostas Metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

UNES, Wolney. *Identidade art déco de Goiânia*. Goiânia: UFG, 2001.

REVISTAS E CADERNOS

HORTA, Stela (org.). *Cadernos de Fotografia do Museu da Imagem e do Som*. vol. 3. Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira. Goiânia: MIS, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

Revista Atlético Cinquentão (1937-1987). S/D.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Vol. Fotografia. N.º 27, 1998.

JORNAIS

CORREIO OFICIAL. 14/04/1936; 31/05/1936 e 06/1936.

O POPULAR. 12/09/1976; 14/04/1983; 27/04/88; 04/05/88; 22/07/90; 23/08/92; 01/09/92; 07/02/93; 07/11/1993; 10/01/00; 11/01/00; 01/05/00; 21/08/00; 02/11/00; 23/02/01; 13/03/01; 28/08/01; 23/10/01; 24/10/01.

DIÁRIO DA MANHÃ. 04/05/88; 23/10/88; 13/01/97; 06/09/98; 11/07/99; 5/11/99; 27/11/99; 18/06/00; 20/08/00; 21/08/00; 26/02/01; 24/10/01; 25/10/02.

DA SEGUNDA. 24 a 30/08/87; 25 a 31/01/88; 02 a 8/05/88; 15/05/88; 8 à 14/11/99; 22 a 28/10/01.

O ESTADO DE GOIÁS. 08/5/88; 16/09/99; 21/08/00; 24-30/08/00; 14-20/09/00.

DA CÂMERA. 15/09/00.

ENDEREÇO ELETRÔNICO

JOSÉ, Paulo. Lago das Rosas: *Seis Décadas em Cartaz. Cartão Postal e Lugar de Memória de Goiânia*. Revista eletrônica Altiplano – Revista do Cerrado, 2003. Disponível em www.altiplano.com.br em setembro de 2007.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio* (Artigos) Memória – n. 3 - 1989/1. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf, em setembro de 2007.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. (Debates ou Espaços Abertos) *Teoria e História* - nº 10 - 1992/1. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf em outubro de 2007.

SIMSON, Olga R. de Moraes von. O direito à memória familiar: história oral e educação não formal na periferia das grandes cidades. *ComCiência* – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Disponível em www.comciencia.br/comciencia/, em agosto de 2007.

VÍDEOS

GOIÂNIA, GOIÂNIA. Direção: Tânia Mendonça. Produção: MIS-GO

H.O. IMAGENS DE ARQUIVO. Direção: Raimundo Alves. Produção: Casa de Produção.

ENTREVISTAS

- Antônio dos Reis. Entrevistadora: Keith V. Tito. 18 de Novembro 2007.
- Benedita Alves de Souza. Entrevistadora: Keith V. Tito. 08 de Outubro 2007.
- Geraldo Batista Ferreira. Entrevistadora: Keith V. Tito. 21 de Novembro 2007.
- Hélio de Oliveira. Entrevistadora: Stela Horta. Abril de 2002. Fonte MIS-GO.
 _____. Entrevistadora: Keith V. Tito. 09 de Novembro 2006.
 _____. Entrevistadora: Keith V. Tito. 14 de Março 2007.
 _____. Entrevistadora: Keith V. Tito. 09 Novembro 2007.
- Hilda Pucci. Entrevistadora: Stela Horta. Março de 2002. Fonte MIS-GO.
- João Batista Alves Filho. Entrevistadora: Keith V. Tito. 13 de Novembro 2007.
- José Mendonça Teles. Entrevistadora: Keith V. Tito. 23 de Março 2007.
- Odair Tito Laurindo. Entrevistadora: Keith V. Tito. 15 de Março 2007.
- Plínio Cestari Hidalgo. Entrevistadora: Keith V. Tito. 03 de Outubro 2007.
- Priscila Barbosa da Silva. Entrevistadora: Stela Horta. Março de 2002. Fonte: MIS-GO.
- Waldomiro Bariani Ortêncio. Entrevistadora: Keith V. Tito. 21 de Março 2007.

ACERVOS INSTITUCIONAIS

- Arquivo Histórico de Goiás
- CEDOC/ O Popular
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- Instituto Histórico e Geográfico de Goiás
- Museu da Imagem e do Som de Goiás
- Secretaria Municipal de Cultura
- Secretaria de Planejamento

ACERVOS PARTICULARES

- Hélio de Oliveira
- José Mendonça Teles

ANEXO 1
RELAÇÃO DAS FOTOS PESQUISADAS – COLEÇÃO HÉLIO DE OLIVEIRA/MIS-GO

ORIGINAIS		
ORDEM NUMÉRICA	TÍTULO	DATA
1	Lago das Rosas (Jardim Zoológico)	Déc. 1950
2	Passeio no Lago das Rosas	Déc. 1940
3	Banho no Lago das Rosas	Déc. 1960
4	Trampolim do Lago das Rosas	Déc. 1960
5	Mureta (ao fundo) do Lago das Rosas	Déc. 1950
6	Vista aérea da Praça Cívica.	Déc. 1960
7	Praça Cívica	Déc. 1960
8	Colégio Liceu de Goiânia	Déc. 1960
9	Vista aérea da Avenida Anhanguera e Rua 4	Déc. 1960
10	Igreja Matriz de Campinas	Déc. 1950
11	Avenida Goiás	Déc. 1970
12	Vista aérea do parque agropecuário de Goiânia	Déc. 1960
13	Vista área da Praça do Botafogo	Déc. 1950
14	Vista panorâmica da Rua 4 e Mercado Municipal.	Déc. 1950
15	Espelho D'água	Déc. 1960
16	Centro Administrativo em obras	Déc. 1960
17	Avenida Anhanguera	Déc. 1960
18	Prédio do SAPS	Déc. 1950
19	Vista aérea de Goiânia	Déc. 1950
20	Vista aérea BR-153	1963
21	Usina Jaó	Déc. 1950
22	Cine Teatro Goiânia	Déc. 1950
23	Santa Casa de Misericórdia	Déc. 1950
24	Desfile na Praça Cívica	Déc. 1960
25	“Garotas da Semana”	Déc. 1960
26	Invasão na Avenida Anhanguera	Déc. 1960
27	Evento em Campo de Futebol	Déc. 1950
28	Restaurante do SAPS	Déc. 1950
29	Estacionamento de carroças	Déc. 1950
30	Palmeiras da Avenida Goiás	Déc. 1960
31	Praça do Bandeirante	Déc. 1950
32	Avenida Goiás	Déc. 1950
33	Edifício Palácio da Pecuária	Déc. 1950
34	Exposição Agropecuária	Déc. 1950
35	Avenida Anhanguera	Déc. 1950
36	Mercado Municipal	Déc. 1950

REPRODUÇÕES		
ORDEM NUMÉRICA	TÍTULO	DATA
1	Avenida Paranaíba	Déc. 1940
2	Correios e Telégrafos de Goiânia	Déc. 1940
3	Praça do Bandeirante	S/D
4	Obras de asfaltamento	S/D
5	Vista aérea da Praça Cívica e Centro Administrativo	S/D
6	Avenida Anhanguera/ Lord Hotel	S/D
7	Jóquei Clube	S/D
8	Avenida Goiás	S/D
9	Palácio das Esmeraldas	S/D
10	Vista Aérea do Bosque dos Buritis	S/D
11	"Marcha do Café"	S/D

Obs.: Os títulos que estão entre aspas foram retirados da frente/verso das fotografias.

ANEXO 2
RELAÇÃO DAS FOTOS PESQUISADAS – COLEÇÃO HÉLIO DE OLIVEIRA/ JMT

ORDEM NUMÉRICA	TÍTULO	DATA
1	Jogadores do Atlético	Déc. 1950
	Jogadores do Atlético. Da esq. p/dir.: Fiore, Tonho Matador, Getúlio, Louro, Zanoni, Chancão e Elias Daher. Agachados: (...), Mineiro, Léo, Gilberto e Sinval.	Déc.1950
2	Jogadores do Atlético (1)	Déc. 1950
3	Jogadores do Atlético (2)	Déc.1950
4	Jogadores do Atlético (3)	Déc.1950
5	“VI Jogos universitários”	1962
6	Jogadores do Atlético (4)	Déc.1950
7	“Campeões de 49”	1949
8	Jogadores do Atlético (5)	Déc.1950
9	“Iransy”	Déc.1940
10	Time de futebol	Déc.1940
11	Mestre Egídio	S/D
12	Dirigentes do Atlético (Dadinho e João Guimarães) na inauguração do busto de Antônio Accioly	S/D
13	Antônio Accioly (aos 11 anos de idade) e crianças do Clube Atlético Pousoaltano	1926
14	Fundadores do Atlético: Alberto Batistinha, Armando, Edson Hermano e Benjamin Roriz	Déc. 1930?
15	Campeões invictos de 1855. Da esq. p/dir.: Chancão, Manduca, China, Louro, Osvaldinho, Aldo, Gadia e o dirigente, Neige José. Agachados: Epitácio, Fabinho, Eudes, Fabão e Vitalino.	1955
16	Jogadores atleticanos entram em campo	Déc.1950
17	Osvaldinho, Pedro e Tocafundo.	Déc.1950
18	Jogadores do Atlético de 1957: Nego do Aleixo, Linhares, Bira, Bady, Plínio e Jales. Agachados: José Mendonça Teles, Marinho, Odílio, Paulinho e Bebê.	1957
19	Mauro Borges discursa em reunião do Atlético	1962
20	Banda Regional Goyaniense (esq. p/dir.: Alberto Alves Gordo, Wilson Cavalcanti Nogueira, Afonsinho, Hugo França, Mário Honoraro da Silva e Souza e Avacir Fleury.	Déc. 1940
21	Frei Confaloni no Bar do Fiore	Déc. 1950
22	“Epitácio”	Déc. 1950
23	“Goiano e Dido, dois dos maiores craques do Atlético, campeão de 1944. Goiano foi campeão no Corinthians e jogou na seleção brasileira. Dido jogou no futebol italiano”.	Déc. 1950

24	Bar do Fiore	Déc. 1950
25	Dirigentes do Atlético. Da esq. para dir.: (...), Hélio de Oliveira, João Guimarães, (...), Moacir Cícero de Sá, Waldemar Bariani, (...), Lopes de Almeida, Alberto Nunes Filho.	Déc. 1950
26	“Antônio Accioly”	Déc.1970
27	Fundadores do Atlético. Da esq. para dir.: Batistinha, Armando, Benjamin Roriz, Alberto, Ondomar Sarti e Abrão. (Obs.: Esta fotografia é uma reprodução de Hélio de Oliveira)	1937
28	Hélio de Oliveira	Déc. 1980?
29	Frei Confaloni dá chute inicial em uma partida do Atlético.	Déc.1960
30	Antônio Accioly participa de evento	S/D
31	Waldemar Bariani, Moacir Cícero de Sá, Frei Confaloni, Fiore e João Garibaldi.	Déc.1960
32	Baltazar de Castro	1955
33	Licinho, jogador do Atlético, assina o primeiro contrato de jogador profissional de Goiás	1962
34	Jogadores do Atlético entram em campo	1955
35	Gilberto Mendonça Teles e Silval em campo de futebol	S/D
36	Torcida no campo do Atlético	1955
37	Presidente do Atlético, Domingos Nunes durante reunião do clube.	Déc.1970
38	Homenagem póstuma aos jogadores Preto e Tarzan.	S/D
39	Jogadores do Atlético – 1958. Da esq. par dir.: Linhares, Dudu, Bira, Louro, Bebé, Tonho Oscar e o Técnico Graciano Acosta. Agachados: massagista do time e o mascote, Morguinha, Tacaramby, Vitalino, (...), José Mendonça Teles.	1958
40	Chancão, Fio, Otacílio, Osvaldinho, Nilton, Ditinho. Agachados: Renato, Preto, Dimão, Epitácio e João de Deus.	Déc. 1950
41	Jogadores do Atlético de 1944: Vilmondes (goleiro), Bráulio, Ditinho, Oiama, Louro, Tonho Oscar e Tarzan. Sentados: João Pinto, Epitácio, Caixão e Leão.	1954
42	Jogadores Vilmondes, Dimão, Osvaldinho, Oiama, Manduca, Fabão, Louro, Preto, Toca fundo, Tonho Oscar e Epitácio.	Déc.1950
43	Jogadores do Atlético 1955: Pitinho (goleiro), Japonês, Baiano, Fabão, Vitalino, Aldo, Plínio, Véio, Dudu, Epitácio, Joãozinho, Antônio Daniel (diretoria) e Fabinho.	1955
44	Fundadores do Atlético Clube Goianiense, na Praça Joaquim Lúcio, após a fundação do clube. (Da esq. para dir.: Afonso Cavalcante Mundim, Rui Cavalcanti Mundim, Mário Honorato da Silva e Sousa, Alberto Alves Gordo, Antônio Accioly e José Rossi Filho) (Obs.: Esta fotografia é uma reprodução de Hélio de Oliveira)	1937
45	Primeira foto do Atlético. Da esq. para dir.: Antônio Daniel, (...). (...), Calimério Machado, Afonsinho Gordo, Lisboa Machado, (...), (...), Pneu, João de	

	Brito Guimarães, Neige José, Nicanor Gordo, Zé Barbeiro, Paratéca. Agachados: Orlando Ferezin, Geraldo Bacalhão, João V8, Ondomar Sarti, Geraldo, Afrânio Riguetto, Jason Santana, Moreno, Bené. Sentados: Vicente Pereira de Melo (goleiro), Edson Hermano de Brito. (Obs.: Esta fotografia é uma reprodução de Hélio de Oliveira)	1937
46	Antônio Daniel, Fiore e Hélio de Oliveira com faixa 'campeão invicto – 55'	1955
47	Maria Fã e amigas no estádio Antônio Accioly	Déc. 1950
48	Preleção do árbitro aos jogadores do Goiânia e Atlético. (jogadores; Preto, Tonho Oscar, Tarzan, Dinão, China, Otacílio, Foca, Bela Vista e Epitácio).	Déc. 1950
49	Preto, Tarzan, Antônio Accioly, Ditinho, Chancão, Osvaldinho e Inácio Belina.	Déc. 1950
50	Jogadores do Atlético de 1954. (Renato, Epitácio, Tocafuldo, Dinão e Fabão. Atrás: Fausto, Oliveira e Plínio).	1954
51	Alberto Alves Gordo, Batistinha, Nicanor Gordo, Edson Hermano e Armando, posam para fotografia em frente a Praça Joaquim Lúcio. (Reprodução Hélio de Oliveira).	1937
52	Jogadores do Atlético	Déc. 1950
53	Foto do jornal O Marreta	Déc. 1950
54	Foto do jornal O Marreta (1)	Déc. 1950
55	Fabão e Fiore com a faixa de Campeão Invicto - 55	1955
56	Moacir Cícero de Sá e Antônio Accioly.	Déc. 1950
57	Torcida no campo do Atlético (observa-se ao fundo a construção da arquibancada).	Déc. 1950
58	Torcedores no campo do Atlético	Déc. 1950
59	Escritores goianos em homenagem ao Atlético, posam com uniforme do clube. (da esq. para dir.: Mozart Rodrigues, Artur Rezende, Túlio Tahan, Antônio José de Moura, Bariani Ortêncio, Dionísio Machado, Valdivino Brás, Dercy Tocantins, João Nascimento, Alaor Barbosa, José Mendonça Teles e Rogério Lucas).	1986

Obs.: Os títulos que estão entre aspas foram retirados da frente/verso das fotografias.

ANEXO 3
RELAÇÃO DAS FOTOS PESQUISADAS – ACERVO PESSOAL HÉLIO DE OLIVEIRA

ORDEM NUMÉRICA	TÍTULO	DATA
1	Licinho, jogador do Atlético, assina o primeiro contrato de jogador profissional de Goiás	1962
2	Antônio Daniel, Fiore e Hélio de Oliveira com faixa 'campeão invicto – 55'	1955
3	Torcedores na porta do Estádio Antônio Accioly	Déc. 1950
4	Campinas Hotel (<i>dir.</i>) e o Coreto da Praça Joaquim Lúcio. (Obs.: Reprodução: Hélio de Oliveira)	Déc. 1940
5	Licardino de Oliveira Ney descerra faixa	S/D
6	Cine Campinas/Av. 24 de Outubro.	Déc. 1950
7	Alunas do Colégio Santa Clara em atividade física	Déc. 1950
8	Praça Joaquim Lúcio	Déc. 1950
9	Luís de Oliveira Machado	Déc. 1950
10	Frei Confaloni no Bar do Fiore	Déc. 1950
11	Moças em frente ao coreto da Praça Joaquim Lúcio	Déc. 1950
12	Mureta do Lago das Rosas	Déc. 1950
13	Time oficial do Goiânia Esporte Clube	Déc. 1950
14	Torcida no campo do Atlético (observa-se ao fundo a construção da arquibancada).	Déc. 1950
15	Maria Fã (vestido xadrez), no Estádio Antônio Accioly.	Déc. 1950
16	Antônio Accioly e Moacir Cícero de Sá, no campo do Atlético	Déc. 1950
17	Hélio de Oliveira segura máquina fotográfica	Déc. 1950
18	Hélio de Oliveira segura máquina fotográfica (1)	2004?
19	Hélio de Oliveira em seu laboratório	1954
20	Laboratório fotográfico de Hélio de Oliveira	1954
21	Evento em campo de futebol	Déc. 1950
22	Banho no Lago das Rosas	Déc. 1950
23	Colégio Liceu de Goiânia	Déc.1960
24	Rua 6 (Café Central)	Déc. 1960

ANEXO 4

AUTORIZAÇÕES – UTILIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

AUTORIZAÇÃO

O Museu da Imagem e do Som de Goiás autoriza Keith Valéria Tito estudante do curso Mestrado em História, a fazer uso de trechos das entrevistas de Hélio de Oliveira, Hilda Pucci e Priscila Barbosa da Silva, gravadas em 2002, durante o Projeto Pioneiros da Fotografia em Goiânia, em sua dissertação sobre o bairro de Campinas, que será apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.

Goiânia, 05 de Março, 2008.



Stela Horta
Museu da Imagem e do Som de Goiás

AUTORIZAÇÃO

Eu, Antônio dos Reis, aposentado, autorizo Keith Valéria Tito, estudante do curso Mestrado em História, a fazer uso da entrevista cedida por mim em novembro de 2007, em sua dissertação sobre o bairro de Campinas, que será apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.

Goiânia, 18 de Novembro de 2007.



Antônio dos Reis
Aposentado

AUTORIZAÇÃO

Eu, Benedita Alves de Souza, salgadeira, autorizo Keith Valéria Tito, estudante do curso Mestrado em História, a fazer uso da entrevista cedida por mim em outubro de 2007, em sua dissertação sobre o bairro de Campinas, que será apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.

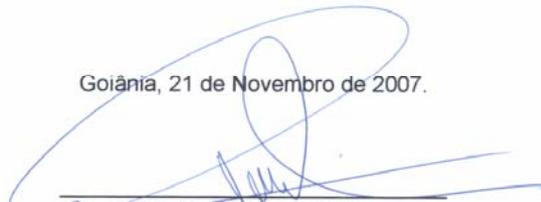
Goiânia, 08 de Outubro de 2007.


Benedita Alves de Souza
Salgadeira

AUTORIZAÇÃO

Eu, Geraldo Batista Ferreira, aposentado, autorizo Keith Valéria Tito, estudante do curso Mestrado em História, a fazer uso da entrevista cedida por mim em novembro de 2007, em sua dissertação sobre o bairro de Campinas, que será apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.

Goiânia, 21 de Novembro de 2007.

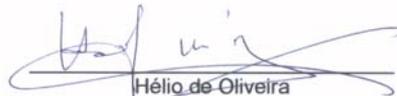


Geraldo Batista Ferreira
Aposentado

AUTORIZAÇÃO

Eu, Hélio de Oliveira, fotógrafo aposentado, autorizo Keith Valéria Tito, estudante do curso Mestrado em História, a fazer uso da entrevista cedida por mim dia 09/11/2006, em sua dissertação sobre o bairro de Campinas, que será apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.

Goiânia, 09 de novembro de 2006.


Hélio de Oliveira
Fotógrafo Aposentado

AUTORIZAÇÃO

Eu, Hélio de Oliveira, fotógrafo aposentado, autorizo Keith Valéria Tito, estudante do curso Mestrado em História, a fazer uso da entrevista cedida por mim dia 14/03/2007, em sua dissertação sobre o bairro de Campinas, que será apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.

Goiânia, 14 de Março de 2007.



Hélio de Oliveira
Fotógrafo Aposentado

AUTORIZAÇÃO

Eu, Hélio de Oliveira, fotógrafo aposentado, autorizo Keith Valéria Tito, estudante do curso Mestrado em História, a fazer uso da entrevista cedida por mim dia 07/11/2007, em sua dissertação sobre o bairro de Campinas, que será apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.

Goiânia, 07 Novembro de 2007.


Hélio de Oliveira
Fotógrafo Aposentado

AUTORIZAÇÃO

Eu, João Batista Alves Filho, escritor, autorizo Keith Valéria Tito, a fazer uso desta entrevista em seu trabalho sobre Campinas, que será apresentado a Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia para obtenção do título do mestre em História pela Universidade Federal de Goiás.

Goiânia, 13 de Novembro de 2007.



João Batista Alves Filho

AUTORIZAÇÃO

Eu, José Mendonça Teles, escritor, autorizo Keith Valéria Tito, estudante do curso Mestrado em História, a fazer uso da entrevista cedida por mim em março de 2007, em sua dissertação sobre o bairro de Campinas, que será apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.

Goiânia, 23 de Março, 2007.



José Mendonça Teles
Escritor

AUTORIZAÇÃO

Eu, Odair Tito Laurindo, aposentado, autorizo Keith Valéria Tito, estudante do curso Mestrado em História, a fazer uso da entrevista cedida por mim em março de 2007, em sua dissertação sobre o bairro de Campinas, que será apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.

Goiânia, 15 de Março, 2007.



Odair Tito Laurindo
Aposentado

AUTORIZAÇÃO

Eu, Plínio Cestari Hidalgo, ex-jogador do Atlético Clube Goianiense, autorizo Keith Valéria Tito, estudante do curso Mestrado em História, a fazer uso da entrevista cedida por mim em outubro de 2007, em sua dissertação sobre o bairro de Campinas, que será apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.

Goiânia, Outubro de 2007.

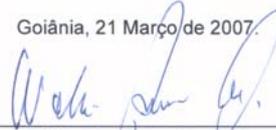


Plínio Cestari Hidalgo
Ex-Jogador do Atlético Clube Goianiense

AUTORIZAÇÃO

Eu, Waldomiro Bariani Ortêncio, escritor, autorizo Keith Valéria Tito, estudante do curso Mestrado em História, a fazer uso da entrevista cedida por mim em março de 2007, em sua dissertação sobre o bairro de Campinas, que será apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.

Goiânia, 21 Março de 2007.



Waldomiro Bariani Ortêncio
Escritor

ANEXO 5 TRANSCRIÇÕES

ANTÔNIO DOS REIS – APOSENTADO

DATA DA GRAVAÇÃO: 18/11/2007

Keith: Goiânia, dezoito de novembro de 2007, entrevista com o senhor Antônio dos Reis, aposentado e morador do setor Campinas há mais de 50 anos. Seu Antônio, bom dia.

Antônio: Bom dia.

Keith: Seu Antônio, nós nos conhecemos por acaso na porta da Igreja Matriz de Campinas quando eu estava a procura do ex-jogador do Atlético, o Pitinho, que segundo informações, trabalha atualmente como fotógrafo de eventos, registrando dentre outras coisas, batizados aos domingos na Igreja Matriz de Campinas. O que me chamou a atenção foi que o senhor juntamente com o seu amigo, o seu Geraldo Batista, quando coincidentemente, fui perguntar sobre ele, vocês responderam: - o Pitinho, a gente sabe quem é, é o fotógrafo, mas a senhora sabia que ele era jogador do Atlético? - E daí nós começamos a conversar sobre o Atlético e sobre Campinas na porta da igreja, o senhor lembra?

Antônio: Lembro sim, foi muita coincidência mesmo.

Keith: Pois é, e agora estamos aqui para podermos conversar um pouco mais. E desde já eu quero agradecer o senhor por me receber aqui na sua casa e por colaborar com a pesquisa que estou fazendo.

Antônio: Não há de quê menina, pra mim falar aqui da campininha e de futebol, do nosso Atlético daqui, é um prazer.

Keith: Então, vamos começar?

Antônio: Vamos sim, estou às ordens.

Keith: Bom, antes de darmos início a conversa sobre o Atlético e Campinas, gostaria de saber um pouquinho mais sobre o senhor, pode ser?

Antônio: Pode, vamos lá.

Keith: Qual o seu nome completo, a data e o local de nascimento do senhor?

Antônio: Eu me chamo Antônio dos Reis, só, nasci em Formosa, interior aqui de Goiás, em 1931, no dia 05 de março. Morei lá até mais ou menos meus 10, 11 anos de idade. Depois meus pais vieram pra cá e a gente teve que vim junto também, né.

Keith: E porque vocês se mudaram pra cá?

Antônio: Meu pai era comerciante lá em Formosa, tinha uma dessas vendinhas, dessas de ponta de rua, que não estava dando muito lucro, é claro, né, naqueles tempo... Aí ele e mais alguns cabra lá de Formosa, tinham vontade de mudar pra cá, porque escutava muitas histórias de que Goiânia era uma cidade muito que das promissora, aí eles resolveram arriscar e eu estou aqui até hoje. Eu e 2 irmãos, o outro resolveu ir embora daqui pro Mato Grosso, ô terrinha quente viu!

Keith: Seu Antônio, esta mudança de vocês aqui pra Goiânia ocorreu em que ano?

Antônio: Acho que foi berando 1944.... 45, não me lembro direito, acho que 45 mesmo, não sou muito bão com esses negócio de data, não, minha mulher que fica brava porque vivo esquecendo o aniversário dela e das meninas. Então, minha filha.... Vou chutar 45.

Keith: E quando vocês chegaram aqui, onde foram morar?

Antônio: Desde quando botamos os pé aqui, o nosso lugar foi a campininha, graças a Deus!

Keith: Porque graças a Deus?

Antônio: Porque aqui sempre foi o melhor lugar do mundo inteirinho pra se morar (risos). Não tem Rio de Janeiro, São Paulo, essas cidades aí do estrangeiro, sei lá das quantas. O melhor lugar pra se viver é aqui, a campininha da Praça Joaquim Lúcio, Avenida 24 de Outubro.... Eu amo isso aqui viu. E não sei bem o motivo, porque se você for olhar, aí ó, a minha casinha aqui é de pobre, sempre tive uma vida pobre, simples assim, como você está vendo, mas gosto demais daqui. Foi em Campinas que me casei, tive minhas filhas, fiz as melhores amizades que um cabra precisa, construí com muita dificuldade, essa tapera aqui, então..... Pra mim, só tem que ser o melhor lugar do mundo, como falei pra você, e dou graças a Deus sempre por isso.

Keith: Entendi. Seu Antônio, o senhor podia então, me contar um pouco sobre a Campinas desse tempo aí que o senhor veio morar aqui. Como era o bairro nos anos 40 e 50, seu Antônio?

Antônio: Cheguei aqui com meus pais ainda muleque, mas aqui sempre foi um lugar muito cheio de vida, de alegria, eu desde que mudei pra cá tive a impressão que o povo da campininha é diferente dos lá de Goiânia. Não sei bem como explicar..... Acho que só morando aqui pra entender, é que o negócio é sentido sabe, parece que não tem bem como te falar.....

Keith: Sei. Olha só, eu trouxe aqui algumas fotografias de Campinas e gostaria que o senhor desse uma olhadinha. São fotos da Praça Joaquim Lúcio, Igreja Matriz, Colégio Santa Clara, Cine Campinas, tem também de outros lugares e pessoas que moraram aqui no bairro. Gostaria que o senhor ficasse bem à vontade para vê-las e se possível seu Antônio, que o senhor a partir do contato com elas, me falasse um pouco sobre o que for lembrando, sobre como era o bairro, os lugares que o senhor gostava de ir, as pessoas que freqüentavam lá, enfim....

Antônio: Você trouxe fotografias de Campinas? Deixa eu ver.

Keith: Trouxe sim, são fotos tiradas por outro morador daqui, o seu Hélio de Oliveira, já ouviu falar?

Antônio: Quem é que não conhece o seu Hélio aqui? (risos). Eu lembro dele de muitos anos atrás, dos tempos dos jogos ali no Antônio Accioly, ele era todo importante, foi até da presidência do time. E ele fotografava tudo, até das brigas se brincar ele batia foto. A minha mulher, tem foto batida por ele, fotos dela e das meninas ali na Praça Joaquim Lúcio. Ela é conhecida da esposa do seu Hélio, porque às vezes, ela ia lá no Bazar Paulistinha comprar as coisas de costura dela, e a dona.... aí meu Deus, como é mesmo o nome dela?

Keith: É dona Maria.

Antônio: Ah é isso mesmo! Aí a dona Maria trabalhava lá no Paulistinha, que era daquele.... É, é, é, Bariani. Bariani Ortêncio, já ouviu falar? Que também morou aqui por muito tempo. Até hoje de vez em quando a gente encontra com ele por essas bandas aqui, ele vem comprar verduras na feira aqui da campininha, ele fala que as verduras daqui é muito mais gostosa.... (risos). Ta vendo, eu falo que a terrinha aqui é especial... a gente brinca com ele. Mais deixa eu ver aí essas fotos.

Keith: Aqui estão.

Antônio: Praça Joaquim Lúcio.... Essa praça aqui não tem nem o que dizer sobre ela, né. Acho que é um dos maiores símbolos do bairro, é uma pena que esteja tão feia, né? Agora esse povo, acho que da prefeitura se não tiver enganado, arrumou um tal de uns shows ali que vou te falar um negócio, só dá maloqueiro, é uma judiação com um lugar que já foi o auge do bairro, onde a gente se arrumava todo, fazia a barba, penteava bem direitim os cabelo, bem tradicional mesmo e ia pra lá pra paquerar, pra ver as moças... Ai... bons tempos. Conheci minha esposa na Praça Joaquim Lúcio, sabia? Ela era a mais bonita de toda a praça (risos) meus amigos até hoje não entenderam como eu consegui me casar com ela e vou te confessar uma coisa, nem eu. (risos). Ela era linda demais, se brincar, mais bonita que aquela tal da garota lá das praias do Rio de Janeiro, como é mesmo o nome? É, é.... verdade mesmo.... Até hoje ela é bonita, olha lá pra você ver.

Keith: Realmente, ela é muito bonita mesmo. O senhor está se referindo à garota de Ipanema, Helô Pinheiro seu Antônio?

Antônio: É isso mesmo, mais linda que a garota de Ipanema! (risos). Estou tentando agradar porque ela está de bico pra mim desde ontem.... (.....), mas ela era (.....) mesmo.

Keith: Então é melhor deixá-la quieta né. Olha aqui essas são do Lago das Rosas...

[Antônio fica em silêncio durante alguns segundos, olhando para a imagem]

Antônio: Quantos anos não via uma foto desse lugar! Ele me faz lembrar minha infância... me diverti muito no Lago das Rosas, nossa senhora! (risos.) Menina, que fotografias mais bacanas. Isso aqui você sabe que são relíquias, né? São fotos históricas.... Meu pai quando a gente era muleque, eu e meus irmãos, levava a gente pra brincar no Lago das Rosas. Nós esperava a semana inteirinha pra ir pra lá, nossa era bom demais da conta! Lá no Lago era assim: vinha gente da cidade toda, nós da campininha e os lá de Goiânia. As pessoas faziam piquenique, pescava, nadava, vê se pode, nadava! Olha aqui ó, era desse jeitim mesmo! [foto 24] Ta vendo aqui os meninos na água? Eu adorava esse lugar. Mesmo com toda dificuldade que meu pai passou pra criar a gente, ele fazia questão de nos ver alegre, de levar a gente pra passear, e o Lago das Rosas era nosso lugar favorito, até porque.... Goiânia naqueles tempos, não tinha muitos lugar pra ir, pelo menos não pra crianças (risos) e ainda mais minino atentado igual a gente foi, nossa senhora! Esse lugar era bom demais.... Hoje não tem como nem entrar ali, é uma porcaria que só. Pra você ter idéia, nem minhas filhas quando eram menores eu gostava de levar ali. Valia a pena ir no Lago no meu tempo, assim, lá pelos final dos anos 40 e 50 também, igual mostra aqui nas fotos, mas depois isso aqui virou um esquisitice que só.

Keith: Eu fiquei sabendo seu Antônio, que Campinas nesses tempos aí, ficou muito conhecida também devido a sua vida noturna. O senhor tem alguma lembrança desse período? Eu não consegui encontrar registros de Campinas sobre esse assunto.

Antônio: Vida noturna que você fala tem haver com as moças ali da Avenida Amazonas.... ?

Keith: Isso mesmo, a chamada zbm. Em conversas com outras pessoas, elas me falaram de algumas mulheres que trabalhavam nessas casas. Tem uma que é famosa, todo mundo sabe....

Antônio: Você está falando da Maria Branca, aposto.

Keith: Essa mesma. O senhor já ouviu falar? Tem alguma história sobre ela pra contar?

Antônio: A Maria Branca? Você fala a Maria Branca da zona? Minha filha eu me lembro dela. Eu ainda era garoto... Tinha uma tia minha que morava ali perto da zona mesmo e minha mãe só ia na casa dela de dia, porque à noite, corria o risco de ficar mal falada. (risos) e eu sempre ia até lá com ela. Lembro de comentários sobre ela. As pessoas, pelo menos as daqui da campininha elogiava muito a Maria Branca. Ela ajuda todo mundo, pobre, rico, autoridade, mulheres da vida. Ouvi dizer que sua casa era um lugar muito animado, ela era muito festeira. Acho realmente uma pena não ter ido nesta casa, porque você sabe, né, mais por curiosidade.... Eu tenho um pouco de lembrança das meninas que trabalhavam pra ela. Me lembro agora de uma história que meu pai contava: tinha até a mãe de um jogador do Atlético que trabalhava na casa de Maria Branca, como é o nome dele mesmo?

Keith: Por falar em Atlético, eu trouxe aqui algumas fotos do clube. São jogadores, o estádio Antônio Accioly, a torcida... O senhor olhando assim para essas fotos, lembra-se de alguma história do time pra contar?

Antônio: Nossa, olha aqui o Pitinho! Você já tinha visto essa foto aqui? Tem o Pitinho, aquele que você estava procurando no dia que a gente se conheceu, lembra?

Keith: Claro, lembro sim. Então, esta é uma foto de 1955. O senhor frequentou muitos jogos do Atlético nesse ano aí? Parece-me que os anos 50 foram muito importantes para o Atlético, não é isso?

Antônio: Eu era piolho de estádio, ia em todos os jogos, mal agüentava chegar o dia das partidas, porque naquela época, não é igual hoje não, que tem futebol toda quarta e domingo, a coisa era bem mais regrada. Agora não lembro direito assim, das tabelas com as datas de jogo, mas sei que era mais minguado. Se brincar, é capaz até da gente me achar aqui no meio desse povo aqui (risos), não duvido nada. Esse tempo aqui ó, era bom demais da conta, você não tem nem idéia. Parece que era um mundo mais sem maldade do que hoje, sabe. E a gente se divertia tanto e tínhamos tão pouco..... Olha aqui o Eptácio! Esse aqui ó, esse foi craque viu! Ele foi bom de bola viu, o quê que é isso. E só jogou pro Atlético, nunca foi pra outro clube e isso deixa a gente orgulhoso demais da conta, um jogador que nunca saiu do time e do bairro, ele representava a gente aqui da campininha, tá por fora!

Keith: O senhor reconhece mais alguém aí desses jogadores?

Antônio: Claro.... Olha aqui o Plínio, Fabão, Véio..... Tudo bão de bola, tudo mesmo, pode perguntar por aí, o Pitinho que já te mostrei.....

Keith: E o Antônio Accioly? O nome dele sempre aparece quando o assunto é o Atlético, né?

Antônio: Esse aí pra mim foi uma lenda. Você trouxe foto dele também, né. Eu peguei nela agorinha.... Ai cadê? Cadê? Achei. Esse aqui, né? Esse homem esteve presente desde a fundação do Atlético ainda em trinta e alguma coisa....

Keith: Trinta e sete.

Antônio: É, acho que é isso mesmo. Mas..... Ele no fim da vida, não podia comer nada gorduroso, tinha um problema sério acho que de coração. Ele não podia nem comparecer no campo, as notícias chegavam pra ele com cuidado. Todo mundo daqui sabe dessa história.... Mas nesses anos aí de 50 que a gente tava falando agorinha, o Antônio, meu xará, Antônio Accioly, sustentava o time. Estou falando de sustentar mesmo, com dinheiro, sabe? Se hoje o Atlético está bem e conseguiu superar todas as dificuldades, deve muito a ele aí ó: Antônio Accioly, até dívida dos jogadores, as despesas mesmo, ele pagava, empregava os jogadores, você sabe que ele era dono de cartório, né, tinha dinheiro pra encardir aquele lá, aí, ele aproveitava dessa situação para dar emprego aos jogadores do Atlético. Acho muito merecido o nome do campo do Atlético ser o dele, e tem mais, às vezes acho até pouco, se for ver tudo o que ele fez pelo Atlético.

Keith: E no estádio, seu Antônio, como era a convivência entre os torcedores?

Antônio: Era bão demais! A gente ia pro estádio torcia muito, saía de lá até rouco de gritar, na esperança de empurrar o time pra vitória, mas quando o Atlético perdia, menina você precisava ver, era tanta briga que dava naquele estádio.... Era ripas voando pra todo lado. Eu mesmo já saí de lá machucado por causa de jogo. Quando a Atlético ganhava, a gente ia pro bar do Fiore.

Keith: Tenho notícias de um bar que era frequentado basicamente por moradores aqui de Campinas e por atleticanos.... , que é o Bar do Fiore.

Antônio: Era o Bar do Fiore.

Keith: Eu trouxe aqui algumas fotos de lá pro senhor dar uma olhadinha. Seu Antônio, o senhor chegou a frequentar esse bar?

Antônio: Deixa eu ver. Nossa que cara de bêbado, meu Deus! Tem razão das mulheres não irem lá, olha só que caras mais feia, nossa! Eu fui muito aqui nesse bar, eu ia com o meu pai, porque nessa época eu era muito muleque, desses novim e meu pai tinha medo de me perder na vida, aí a gente saía junto e ficava os dois perdidos (risos). O Bar do Fiore era um lugar muito disputado aqui na campininha. Depois dos jogos do Atlético a gente geralmente ia pra lá, era um lugar pra gente confraternizar, não era igual hoje que os jogadores se isolam da torcida, do povo. Nessa época aqui, mais ou menos anos 50, né, 50 ou 60 se não estou enganado, todo mundo se reunia pra comemorar ou para chorar, dependendo do resultado da partida. E era todo mundo junto, os jogadores..... Tinha o Plínio, um jogador bão viu, um dia ele fez um gol tão bonito e decidiu a partida, foi um especial, eu me lembro que a gente carregou ele do campo até no Fiore e eu fiquei na época todo empolgado, dizia pra todos os meus amigos que eu tinha carregado o jogador Plínio nos meus braços.... ai, ai, ai. A gente quando é novo tem cada coisa, né. Mas isso naquele tempo era bão demais. O Plínio ele sempre estava lá, esse aqui sabe? Meu Deus, é frei Confaloni! Esse aqui eu conversava muito com ele lá no Fiore, só confissão que não (risos). Vixe.... esses tempos aqui eram bons demais, tenho muita saudade..... E sobre o Atlético eu ainda te falo mais, era um time daqui, de raiz mesmo, time campineiro.

Olha, menina, vou lhe dizer uma coisa: aqui na campininha não existe, e nunca existiu (e isso eu te garanto), um só morador, mas é nem um, eu te falo, nenhum homem, mulher ou criança que não fosse atleticano e que não tenha uma história sobre ele pra contar. Isso eu sou capaz até de apostar. Você pode sair aí perguntando pra todo mundo... O Atlético foi, e ainda é, o maior representante dessas bandas aqui. Tinha até um bar que era do técnico do Atlético, isso nos anos 50, né?, onde só dava atleticano. Nossa mais era bom demais! E lá só frequentava nós, os cabra macho mesmo, os atleticanos. (risos) Agora, lá no estádio, não, era diferente, lá era mais misturado, dava muito homem, porque o futebol ele é um esporte masculino, né? Mas tinha muita mulher também que era fanática pelo Atlético. Elas

iam pro estádio, mas não tenho lembrança de nenhuma freqüentado o bar. Acho que, se freqüentasse, corria até o risco de ficar mal falada. Mas é isso, os jogadores... teve uma época, não me lembro bem se foi em ... Ai agora não vou lembrar, mas, nesses anos aí de 50, que o Atlético só tinha jogador daqui. Aí já viu, né?... Isso foi a glória pra nós, um time só de atleticano. Então, filha é isso, o nosso dragão foi e sempre será o maior representante aqui de Campinas, da campininha como gosto de chamar ela.

Keith: Seu Antônio, o senhor acha então que o Atlético é capaz de representar a identidade dos moradores aqui de Campinas?

Antônio: Sem dúvida nenhuma, o Atlético Clube Goianiense como acabei de dizer, representa e muito o povo aqui da campininha. Sabe por quê? Porque ele foi fundado por gente daqui e a gente pegou muito amor por ele. Olha, na verdade, não sei bem explicar.... mais ele faz parte da nossa cultura, da cultura dos moradores de Campinas.

Keith: Tem alguns lugares aqui em Campinas, que permanecem na memória dos moradores do bairro, que fazem parte de suas estórias de vida. Lugares capazes de representar os moradores daqui de distinguir campineiros de goianienses. O senhor poderia citar pra mim alguns desses lugares?

Antônio: Até de olho fechado: Praça Joaquim Lúcio e o Coreto, Estádio Antônio Accioly, Lago das Rosas, tinha o Cine Campinas também, as casinhas lá da zona que a gente até falou agora a pouco, tinha.... Ai meu Deus.... Tinha também aquele colégio de meninas, o, o, o....

Keith: Santa Clara.

Antônio: É o Santa Clara, a Avenida 24 de Outubro, todos esses lugares se você sair aí perguntando, estão guardados nas lembranças das pessoas daqui, é incrível isso, né? E se brincar ainda não falei de todos.

Keith: E quanto ao Hélio de Oliveira, ele é conhecido aqui no setor?

Antônio: Menina se é. Todo mundo aqui conhece o Hélio de Oliveira, ele ficou conhecido por ser o fotógrafo que acompanhava os políticos do Estado. Ele fez também muitas fotos bonitas aqui de Campinas, o cara é profissional mesmo. Só que era um pouco careiro, mas compensava sabia, aqui em casa tem fotos que ele fez até hoje. Ele é realmente muito querido aqui. Ele também, eu acredito que pode nos representar, representar os moradores de Campinas, porque se não me engano.

Keith: Ok, muito obrigada pela entrevista. Ah, antes de encerrarmos, eu queria saber se o senhor autoriza a utilização dessa entrevista no trabalho que estou fazendo sobre Campinas?

Antônio: Sim, pode usar a vontade.

Keith: Muito obrigada, viu.

Término da entrevista.

Keith: Goiânia, 8 de outubro de 2007. Estou na casa de dona Benedita Alves de Souza, salgadeira e dona de casa, moradora aqui da campininha. Boa tarde dona Benedita. Podemos começar?

Benedita: Boa tarde minha linda, podemos sim, estou à disposição.

Keith: Bom, dona Benedita, como eu havia falado para senhora, eu estou fazendo uma pesquisa para minha dissertação de mestrado, um trabalho de faculdade, sabe, sobre o bairro onde a senhora mora. Então, gostaria que me falasse um pouco sobre a Campinas, sobre os tempos de sua juventude. Queria que me contasse como era o bairro naqueles tempos, os lugares mais freqüentados, os vizinhos mais conhecidos. Enfim, é uma conversa simples, dona Benedita, sobre os primeiros anos que a senhora veio pra cá.

Benedita: Olha minha filha, vou falar a verdade pra você. Eu não tenho muita coisa pra contar não. Casei muito cedo, vivi durante muitos anos pro meu marido que já faleceu, o Afonso e também para meus filhos. Tive uma vida muito comum, muito simples mesmo aqui em Campinas. Acho que não vou dar conta de ajudar você aí nesse trabalho de faculdade não. Acho que você devia conversar com pessoas mais estudadas, elas sim tem muito a contar. Quem sabe se você procurasse aquele escritor famoso que aparece no Frutos da Terra, como é mesmo o nome dele? Isso mesmo, o Bariani Ortêncio, ele sim vai poder te ajudar, ele foi morador aqui de Campinas, dono daquele Bazar Paulistinha, um homem letrado mesmo e dever ter muita coisa pra te contar, agora eu....

Keith: Todo mundo tem boas histórias para contar, pode ficar tranqüila, a senhora vai ver. Vamos pelo menos tentar?

Benedita: Vamos sim.

Keith: Certo. Dona Benedita, qual o seu nome completo, sua data de nascimento e onde a senhora nasceu?

Benedita: Eu me chamo Benedita Alves de Souza, nasci em Itaberai, antiga Curralinho, já ouviu falar?

Keith: Já sim, se não estiver enganada é ali pros lados de Anicuns, né?

Benedita: Isso mesmo. Meu nascimento foi no dia 03 de janeiro de 1934. Eu nasci gêmea do meu irmão Antônio. Depois de nós dois vieram mais 3: o Zé, o Pedro e o Chiquim.

Keith: Quando a senhora veio pra Goiânia?

Benedita: Eu vim pra cá ainda criança, acho que foi em, 1942, 43. Goiânia estava bem no comecinho quando a gente chegou aqui. Só existia eu acho que a Praça Cívica e olhe lá.... Ah e a nossa campininha aqui, né.

Keith: Porque a senhora e sua família se mudou de Itaberai?

Benedita: A gente estava passando muita dificuldade lá em Itaberai, né, aí, um compadre do meu pai ficou sabendo que aqui em Goiânia tinha muito emprego e aí a gente veio tudo, na esperança de ter uma vidinha mais controlada, sabe?

Keith: E quando vocês chegaram aqui, foram morar onde?

Benedita: Nossa casa sempre foi aqui em Campinas. Já mudamos, acho que umas duas ou três vezes, mas a gente não sai daqui pra nada e as nossas casas foi tudo aqui pertinho, nessa região aqui próxima a praça mesmo [Praça Joaquim Lúcio]. São muitos anos e a gente até hoje gosta daqui. Eu peguei muito amor nas coisa aqui, eu sempre fui salgadeira, sabe? De vez em quando ainda faço uns docim também, e sabe, que mesmo eu já véia, tem muita gente que encomenda até hoje, mas tenho a mão boa mesmo é pros salgado. Mas acho que com esse negócio de ser salgadeira, isso me aproximou demais das pessoas você precisa de ver! Minha casa vivia cheia de gente, aquela coisa mais boa do mundo! (risos). Comecei a mexer com isso bem mocinha, meu pai chegava em casa e ia direto pro tabuleiro comer as coisas que eu fazia.

Keith: E como era Campinas nessa época? Existiam escolas, hospitais, cinemas, farmácias?

Benedita: Existia sim, nossa campinha aqui sempre foi muito desenvolvida, aqui a gente sempre teve de tudo, graças a Deus. Tinha a nossa Matriz, tinha muita coisa, tinha até cinema!

Keith: A senhora já ouvir falar que antes da construção de Goiânia, Campinas não tinha esse desenvolvimento todo?

Benedita: Já sim, e não tinha mesmo. Meu pai falava assim que ter vindo pra Goiânia era a melhor coisa do mundo. Que Goiânia deu emprego pra ele, mas lembro que ele falava também, que ela era o segundo lugar do mundo, o primeiro era a campininha aqui, que cresceu muito por causa de Goiânia. Mas e só também, porque eu me lembro que tinha umas moças lá de Goiânia que eram tudo nojenta! Umas mulher insibida demais. (risos).

Keith: A senhora lembra de alguma história sobre o fato de Campinas ter deixado de ser município para virar bairro de Goiânia?

Benedita: Isso aí é com as pessoas mais véia minha filha. (risos). Mais uma ou outra coisa eu me lembro sim. Quando a gente se mudou pra cá nossos vizinhos contavam histórias que isso aqui tinha desenvolvido e muito e que grande parte dessas mudanças tinham sido graças à construção de Goiânia. E deve ter sido mesmo, né, porque acho que aquele ditado "a voz do povo é a voz de Deus", talvez seja verdade. (risos).

Keith: Tem alguns lugares aqui em Campinas que a maioria das pessoas lembram, que permanecem em suas memórias até hoje, né dona Benedita. Que identifica o morador daqui como campineiro....

Benedita: Isso é verdade, tem lugar daqui que a gente não esquece nunca e a gente acaba que se sente parte disso.

Keith: Pois, é.... Parece-me que esses lugares fazem parte de uma memória das pessoas aqui do bairro mesmo, né. A maioria se lembra quase que das mesmas coisas, dos mesmos lugares. E eu tenho a impressão, não sei se a senhora concorda, que esses lugares são capazes até de representar os moradores daqui. Por exemplo: qualquer lugar aqui em Goiânia que a gente chegar e falar que estava, digamos, em frente ao coreto da Praça Joaquim Lúcio. Logo alguém vai lembrar que esta praça fica em Campinas, e que aqui lá pelos anos 50 era o lugar de passeios, nos encontros da moçada, o chamado footing.

Benedita: É mesmo, verdade.

Keith: Então.... Eu trouxe aqui dona Benedita algumas fotos de lugares e pessoas aqui de Campinas. São fotos dos anos 50, 60, do seu tempo de mocinha..... Elas foram feitas pelo seu Hélio, o Hélio de Oliveira, já ouviu falar?

Benedita: Já sim, nossa, quem não conhece! Inclusive ele já fez muitas fotos minhas, da nossa família, das minhas amigas. E muitas delas foram feitas ali na Joaquim Lúcio mesmo. Ele era um excelente fotógrafo. Sabia que ele mora aqui pertinho, né? Fica bem ali ó, na Perimetral. Ele é uma pessoa muito boa, inteligente.... O povo daquela família é tudo gente boa, você precisa ver. Aqui na campininha todo mundo conhece o pessoal lá do seu Hélio.

Keith: Pois é, eu tenho observado mesmo, o quanto ele é conhecido aqui no bairro. Olha só dona Benedita, estas são fotos aqui da campininha, são de lugares (Praça Joaquim Lúcio, Matriz de Campinas, Lago das Rosas, Colégio Santa Clara) e pessoas (Frei Confaloni, Antônio Accioly, Maria Fã, jogadores do Atlético Clube Goianiense). Eu gostaria que a senhora me falasse um pouco sobre como era Campinas nos tempos de sua juventude, como era o bairro, quais os lugares mais frequentados, se nesses tempos teve algum acontecimento que ficou marcado nas lembranças dos moradores daqui. Bom, gostaria que a senhora desse uma olhada nessas imagens para a gente a partir do seu contato com elas, dar seqüência a conversa. Pode ser?

Benedita: Pode sim, estou ficando curiosa para ver essas fotos, eu sempre gostei muito de fotografia, quando eu era moça pedia sempre o meu pai, quase todo o mês, para falar a verdade, para o meu pai levar a gente pra fazer um retrato. Eu me sentia tão bonita naqueles tempos, se você não tiver com muita pressa, depois te mostro algumas dessas fotos, guardo elas comigo até hoje, tenho o maior enjôo com as bichinhas.

Keith: Eu quero ver sim, tenho muito interesse. Bom, vamos começar pelas fotos dos lugares? [a entrevistada permanece em silêncio durante alguns minutos].

Benedita: Eu era a única mulher de filha. Era eu e mais quatro irmãos. Me sentia muito sozinha na minha casa, na minha época de mocinha. Acho que por isso casei tão cedo. Olhando assim pra essa foto da igreja, lembrei que esperava quase a semana inteira pra ir na missa dia de domingo. Era nesse dia que eu encontrava com minhas amigas, pra ir na missa e, também, quando meu pai deixava, a gente ia lá nos jogos do Antônio Accioly. Eu tive algumas amizades que duraram quase que durante a vida inteira, mas não era igual hoje que tem esse negócio de amiga dormir uma na casa da outra, não. A gente se encontrava mais nos fim de semana, pra ir na missa. A gente era muito unidas, quase que irmã. Os nossos pais trabalhavam juntos, na construção civil. Então, era eu, a Zizinha, Tereza e a Ana, Aninha... Eu me lembro que, quando dava, assim, quinta-feira, mais ou menos, a gente começava a engomar o vestido, clarear o véu, limpar os sapatim, essas coisas de moça, sabe? Pra ir na missa da Matriz no domingo. Esse capricho todo era porque depois da reza, nossos pais deixava a gente passear um pouco na praça. Essa aqui que você trouxe a foto, na Praça Joaquim Lúcio.... Lá a gente ficava olhando os moço, os rapazes, sabe? A Zizinha, ela foi a primeira de nós quatro que casou, e adivinha só: conheceu um rapaz nessa praça aqui mesmo, na Joaquim Lúcio e acabaram casando. Mais lembro que a gente se divertia muito aqui. A gente ficava meio que infilerada, sabe? Ali, fazendo charme pros rapazes, uns denguem desse de moça. E, se desse sorte, um ou outro se aproximava para conversar. Nossos pais nem sonhava com isso! (risos). Foi assim que a Zizinha casou. Tudo começou com os passeios de domingo na Praça Joaquim Lúcio, depois que a gente saía da missa da Matriz de Campinas. Lembro que o padre fazia uns sermão longo, e a gente ali, doidinhas para ele sapecar a missa. Ah, e essas coisas de ficar lá na praça não era coisa só minha e das minhas amigas, não, era um costume entre as moças daqui da campininha, das moças e dos rapazes também. Se você sair aí pelo bairro perguntando quantas faziam isso, posso quase te garantir que todas vão dizer que frequentavam a Praça Joaquim Lúcio, depois da missa de domingo. E tem mais, a gente só gostava dos rapazes daqui da campininha, os que às vezes pingava aqui a gente esnobava. Os rapazes lá de Goiânia tinha mania de achar que toda moça daqui tinha os costumes das moças lá da zona, da casa da dona Maria Branca e de outras também, e isso pegava muito mal pra nós. Mesmo se por acaso a gente quisesse namorar, flertar, né, com os rapazes lá de Goiânia, nossos pais não deixavam, não, vixe Maria! Era até capais da gente levar umas peia. Ai, pra não criar confusão, nós flertava era com os daqui mesmo, até porque (*risos*) eles era muito mais bonito....

Keith: Dona Benedita, eu trouxe também algumas fotos lá do Lago das Rosas, a senhora chegou a frequentá-lo?

Benedita: Deixa eu ver.... Nossa que fotos mais lindas! Essas aqui também foi o seu Hélio de Oliveira que bateu?

Keith: Foi sim, todas essas fotos aqui são de autoria dele. São bonitas, né.

Benedita: Põe bonita nisso minha filha, a gente fica até emocionada de ver fotos assim daqueles tempos mais antigos, né. Olhando assim essas fotos, eu lembro que na minha época o Lago das Rosas era destinado à diversão dos pobres. Ouvia dizer que ele tinha sido criado pra diversão dos menos favorecidos. Como um Piscinão de Ramos, sabe? (*risos*) E lá no Jóquei, em Goiânia, era o clube dos almofadinhas. E eu acho que, no fundo, tinha estas separações mesmo, lugar de diversão de pobre e rico, e a gente, é claro, acabava indo pro Lago das Rosas (*risos*) ai, ai. Outra separação

que existia lá no Lago da Rosas é que ele servia pra dividir Goiânia da campininha, mas não sei por que a gente considerava ele como parte de nosso bairro. Vinha gente de Goiânia pra passear lá, mas era muito difícil você ver interação entre eles e os daqui. Pois é, tinha também essa... é como se o lago, eu lembro muito desses comentários, é como se o lago fosse uma linha imaginária que conseguisse separar Campinas e Goiânia. Eu, na verdade, não fui muito lá, não. Meu pai gostava de levar meus irmãos pra tomar banho lá. Eles até pescavam, você acredita? Era aquela água até bonita, limpinha, dava gosto de ver. Depois, quando colocou o parque de animais lá, eu comecei a ir mais, mas não com frequência. Mais olhando aqui, pra essa foto me lembrei direitinho dos meus irmãos chegando em casa todos molhados, tudo cansado, tadim, de tanto brincar no Lago das Rosas.

Keith: A senhora acha que esses lugares que a senhora acabou de falar (Lago das Rosas, Praça Joaquim Lúcio e Igreja Matriz de Campinas) estão presentes na memória de outras pessoas aqui do bairro? Pessoas que viveram aqui mais ou menos na mesma época que a senhora, ou fazem parte apenas de suas lembranças? Assim, durante as conversas da senhora com a vizinhança ou com os amigos aqui de Campinas, surge esse assunto? Assunto sobre os lugares que vocês freqüentavam durante a juventude, comentários sobre as pessoas mais conhecidas daqui, como o seu Hélio mesmo, que a senhora falou agora a pouco.

Benedita: É claro. Você sabe o quanto os velhos são saudosistas, não sabe? Às vezes quando a gente vem da igreja, ou quando estou sentada ali fora com minhas amigas e meu irmão também, que a gente vê as mocinhas de hoje vindo do colégio, algumas delas com seus namoradinhos, aqueles meninim mais novim do mundo.... Dá uma saudade do nosso tempinho aqui na campininha! Chega dá um aperto no coração, só quem viveu essa época pra entender do que estou falando. Aqui era um lugar muito bom de se viver, minha filha, não é igual hoje que tem esse montão de loja ali na 24, que a praça [Praça Joaquim Lúcio], foi tomada por aquele bando de gente esquisita, de motorista de táxi, daqueles ponto de ônibus e daquelas coisas mais estranha que o povo apresenta ali no coreto, não. Era uma época boa, a campininha aqui era linda, pelas fotografias acho que dá pelo menos pra você ter uma idéia, né.

Keith: Dá sim, era um lugar realmente muito bonito.

Benedita: A gente aqui era como uma grande família existia amizade entre as pessoas, vou falar chique agora: as pessoas era cordiais (risos).

Keith: (risos). Falou bonito agora, né, dona Benedita, "cordiais".

Benedita: Você viu, eu me empolgo quando lembro de como era Campinas e depois fico assim, até com um aperto no coração; principalmente quando saio aquele portão a fora. E o pior é que a gente passou muita dificuldade durante minha mocidade, eu ajudei meu pai a criar meus irmãos, porque minha mãe morreu muito cedo, né. Mas é assim mesmo, o tempo evolui, mas se tivesse jeito, queria que a campininha nossa fosse como nos anos 50 e 60. Nós, as moças passeando ali com aqueles nossos vestidos com saias engomadas (dava um trabalhão pra passar que só vendo e era aqueles ferrão pesado que só), os vestidos de bolinhas.... Tínhamos tantos sonhos! Como é bom o tempo de juventude, né. É por isso que falo pras minhas netas que elas tem mais é que aproveitar a vida enquanto são novas....

Keith: É verdade, eu entendo. E aí vamos ver mais fotos?

Benedita: Vamos sim. Minha filha você acha que estamos indo bem? É que nunca fui entrevistada antes.... Estou me sentindo tão importante. (risos). É isso mesmo, estou respondendo tudo direitim, pode falar se eu tiver conversando demais viu? Às vezes acho que estou falando das minhas coisas do passado e fugindo do que você pergunta. No início quando você chegou aqui com esse bichim aí, é gravador mesmo? É tão pequenininho, desses eu nunca tinha visto, meu neto se ver vai querer um, ele é tão empolgado com esses negócio de.... Como é mesmo que chama, esses trem aí de computador, esse negócio aí parecido com esse seu?

Keith: Com essas coisas de tecnologia que a senhora, fala? Tecnologia, informática.... Esse gravador aqui chama mp4, dona Benedita.

Benedita: Isso mesmo, tecnologia. Mp4 é? Vou contar pra ele depois. Pois é, aí você chegou com esse seu m sei lá o que (risos), com essas fotos aí do seu Hélio de Oliveira e eu fiquei meio constrangida, mas agora, não... Se eu estiver falando alguma besteira você pode falar, viu, de verdade mesmo.

Keith: (risos). Imagina! A senhora está falando muito bem, estou contente com essa nossa conversa, é isso mesmo e não se incomode, pode falar a vontade, eu estou aqui pra te ouvir mesmo, não precisa se preocupar. Por falar nisso, vamos continuar?

Benedita: Vamos sim, mas antes você quer um cafezinho? Não, um suco é melhor está fazendo muito calor. Ali no quintal tem uns pé de caju, que você não vai acreditar, ele dá quase o ano inteiro. Se você não gostar de caju, tem laranja também. Vamos fazer um lanchim? Aí você aproveita e come um pouco dos meus salgadinhos.... Não tem base um trem desse, você vem aqui na casa da salgadeira sem fazer um lanche (risos) e pode ficar tranqüila viu, aqui é casa de pobre mais é tudo muito asseadim.

Keith: Vamos sim dona Benedita, eu estou mesmo com sede, acho que suco agora vai bem e outra, eu adoro salgadinhos, o que a senhora tem aqui? [pausa na gravação]

Keith: Bom, vamos retomar então nossa conversa sobre Campinas. Eu observei em entrevistas anteriores e também nas leituras que fiz sobre o bairro que as pessoas aqui são muito ligadas ao futebol, e conseqüentemente, ao Atlético. E essa prática vem antes mesmo da existência desse time. Agora a pouco, a senhora mesma falou que aos domingos ia ao Antônio Accioly. Eu trouxe aqui algumas imagens do estádio, de alguns torcedores e torcedoras, que a senhora

como freqüentadora do estádio, já deve ter ouvido falar, tem fotos também de alguns jogadores dos anos 50 e até do próprio Antônio Accioly.

Benedita: Deixa eu ver aqui essas outras fotos. No estádio até que dava muitas mulheres. Não na mesma quantidade que os homens, é claro, mas tinha muitas. Era muito divertido pra gente ir até o estádio. Lá também acontecia muitos inícios de namoro. Todo mundo fala que o lugar dos namoros era na Praça Joaquim Lúcio, mas, pra mim e pra muitas de minhas amigas da época, o lugar perfeito pra gente conhecer os rapazes e em alguns casos, até de namorar com eles, era nos estádios de futebol. Foi através dos jogos que conheci meu marido, sabia? O meu pai foi um dos freqüentadores do Bar do Fiore. Ele foi muito famoso não só aqui em Campinas, como também lá em Goiânia. E meu pai conheceu lá um rapaz que, semanas depois, foi jantar em nossa casa. Aí o resto da história você pode até imaginar (*risos*). Alguns anos depois, eu estava casada com este rapaz, que se chamava Afonso. Ele já morreu, coitado, mas durante o tempo que fomos casados, fui muito feliz, muito mesmo, sinto saudades do tempo que a gente viveu juntos.... Mas de qualquer forma, tenho muito que agradecer ao seu Fiore Salerno lá do bar (*risos*). Mas o que eu quero te contar mesmo é o seguinte: as mulheres eram praticamente proibidas de ir aqui nesse bar ó. Mas, em compensação, a gente podia ir nos jogos, principalmente nos que aconteciam aqui em Campinas, lá no Antônio Accioly, sabe? Eu me lembro de uma mocinha, gente de Deus o que era aquilo.... Ela chegava até fazer feiúra no estádio. Tanto é que colocaram apelido nela de Maria Fã. (*risos*). (...). Não acredito! Você tem foto dela aí? Deixa eu ver. Meu Deus do céu! O Afonso ia gostar muito de ver essa foto se ele ainda estivesse aqui entre nós. Às vezes ele prestava mais atenção nessa aqui, ó, essa que está encostada aqui na cerca, tá vendo? Pois é, ele prestava mais atenção nela do que na partida. E eu ficava tão enciumada... Maria Fã era muito bonita; chamava a atenção até dos jogadores, pra você ter uma idéia. E ela, não estava nem aí pra ninguém, queria era torcer pelo Atlético da campininha. Mas desgosto mesmo, além dos homens tudo ficar de olho nessa danadinha aí da foto, a Fã, era o time chamar Clube Goianiense. Existia até um grupo de gente que queria mudar o nome para Clube Campineiro. Mas isso aí, se tiver sido verdade, não foi pra frente, como você mesma pode ver. Mas, assim, pra responder sua pergunta, a mulher sempre esteve nas partidas de futebol. Não chegava a ser um número muito grande, assim, como ainda hoje não é, mas pode acreditar, as que iam até lá era por amor ao time e, muitas das vezes, para arrumar um namorado também, nem que fosse escondido (*risos*).

Keith: Eu trouxe também aqui umas fotos de um lugar que era muito freqüentado pelos torcedores e jogadores do Atlético, enfim, por moradores aqui do bairro, que em sua grande maioria, acredito, que torciam pelo "dragão campineiro", olha só.

Benedita: Meu pai do céu! Ô, Zé [irmão de dona Benedita], vem aqui pra você ver isso aqui, corre! Em que mina você descobriu essas foto menina? Tem como você arrumar umas dessas aqui pra mim? Essas foto do bar... Esse aqui é o Bar do Fiore, que te falei agorinha, não é? Esse bar aqui foi muito famoso mesmo. Meu pai contava que ia lá até frei Confaloni, e olha só ele aqui, esse frei era demais... Só não gostei dele ficar nessa mesa cheia de cerveja. Olha aqui, tem até um copo de cerveja perto dele, ah não! Aqui em Campinas tinham outros bares: era o bar do Chico, bar do... Acho que era Facundo, Fecundo, uma coisa assim. Ai, meu Deus, não lembro agora, só sei que era muitos bares. Lá em Goiânia também tinha uns... Mas o Bar do Fiore era o tal, e acho que isso tem muito a ver com ele ter sido técnico do Atlético. Bom, pelo menos ouvia muito isso do meu pai, que freqüentava lá. Essa da Maria Fã eu já vi. Ah... Lembrei de uma coisa agora: eu e minhas amigas, a Ana, a Teresa e a Zizinha, a gente (*risos*), a gente chamava a Maria Fã de Maria Feia (*risos*). Ai, meu Deus!... Mas no fundo a gente morria era de inveja dela, que chamava a atenção de todo mundo e, principalmente, dos rapazes, e até de nossos namorados. E você precisava ver. Ela se arrumava, a gente também se arrumava pra ir pro estádio, mas a Maria Fã, essa era demais, parecia até que ia era pra festa. Deixa eu ver... Ah, essas aqui são do estádio. Lá nesse estádio aqui eu só fui umas duas vezes. Eu gostava de ir, mas no Antônio Accioly. Aqui, ó, se não me engano, já era o estádio de Campinas. Essa aqui tem a Maria Fã aqui, tá vendo? Eu me lembro diretinho dessas cerquinhas. Quando o Atlético perdia, ele perdia até as cercas, porque no estádio também dava umas brigas de vez em quando, e o povo era ignorante... Tirava as cercas e rumava nos adversário. Me lembro do meu pai e, depois de algum tempo, do meu marido, o Afonso, sabe, chegar tudo machucado por causa de briga no estádio. O povo aqui da campininha, quando o assunto é futebol, e isso, se você observar, acontece até hoje, eles se transforma quando o assunto é futebol, é o Atlético... Dá até medo na gente às vezes, sabia? O povo era, e ainda é, fanático demais.

Keith: Certo. Eu gostaria que a senhora me falasse do que está achando dessa nossa conversa e também, de ter contato com as fotos dos anos 50 e 60. A senhora acha que através desse contato foi mais fácil lembrar de alguns fatos(.....). Me fale um pouco, da sua experiência de falar sobre os acontecimentos do passado diante de imagens que remetem, ou melhor, que de alguma forma leva a senhora a reviver este passado, dona Benedita.

Benedita: Bom minha filha, estou muito feliz por ver imagens do meu tempo, principalmente essas últimas aqui. Elas me fizeram lembrar de tantas coisas, de tantos momentos bons que a gente viveu, né Zé? Lembrei do meu pai que mesmo passando por dificuldade, teve uma época que até fome nós passou, mas meu pai, o nosso pai aqui ó, nunca deixou faltar uma coisa muito importante, que é esperança. Então ver essas fotos que você trouxe foi uma alegria muito grande, eu me lembrei de coisas que na verdade já não lembrava mais. Meu Deus do céu, lembrei dos tempos que você Zé e os meninos chegava lá do Lago das Rosas tudo molhadim da Silva, (*risos*), do meu pai saindo pra ir

conversar com os amigos lá no seu Fiore, isso aí até que eu lembro sempre, porque me faz lembrar do meu marido, esse que te falei agorinha, sabe, o Afonso, e das meninas! Das meninas minhas amiga.... Dos nossos passeio..... Tô até com vontade chorar..... (risos). É como se eu tivesse vendo aqui na minha cabeça um filme daqueles preto e branco, muito bão, muito mesmo. Gostei de você ter vindo aqui, da conversa sobre a campininha aqui da gente, só não sei se vai aproveitar alguma coisa, porque como falei pra você na hora da gente começar essa entrevista eu não sou letrada, não sei falar em microfone, nem nesses negocim aí seu que grava voz, eu sou uma pessoa dessas mais turrona mesmo, que passou quase a vida inteira num mesmo lugar que é aqui nesse nosso cantim. Agora respondendo aí sua pergunta, essas fotografia aí acho que mexeu muito comigo e me trouxe lembranças a maioria delas boas, algumas me deixou com saudades, mas é assim mesmo, né florzinha?

Keith: É isso mesmo dona Benedita. Eu também gostei muito da entrevista, de ter te conhecido, e pode ter certeza que as coisas que me falou, embora a senhora ache que não tem valor, vão ser muito úteis pra o meu trabalho, acredite. Muito obrigada por ter me recebido aqui na sua casa e também pelas informações que a senhora me passou. Só mais uma coisa: Eu gostaria de saber se a senhora autoriza a utilização desta entrevista no trabalho que estou fazendo sobre Campinas?

Benedita: Pode usar sim.

Keith: Certo, obrigada. E obrigada também pelo lanche, estava uma delícia!

Término da entrevista.

Keith: Goiânia, 21 de novembro de 2007, entrevista com o senhor Geraldo Batista Ferreira, funcionário público aposentado. Boa tarde seu Geraldo....

Geraldo: Boa tarde.

Keith: Antes de iniciar esta entrevista eu gostaria de agradecê-lo por me receber. Porque esta conversa que a gente vai ter agora, na verdade, se iniciou, há algumas semanas atrás quando eu estava à procura do fotógrafo e ex-jogador do Atlético Pitinho, na porta da Igreja Matriz de Campinas. Lembro que estava o senhor e seu amigo o seu Antônio, quando fui perguntar a respeito do fotógrafo. E vocês além de me darem a informação, começaram a conversar sobre Campinas e o Atlético e eu me interessei pela conversa e pedi que me atendesse em um outro momento. Então, aproveito para agradecer pelo fato do senhor me atender aqui na sua casa, contribuindo assim com minha pesquisa.

Geraldo: Pra mim é um prazer, fiquei contente em saber que existe gente que está na faculdade, minina estudada assim, fazendo trabalho sobre a nossa campininha aqui, então, o que eu posso fazer, é tentar ajudá no que for preciso. Agora, tenho boa intenção, mas, não sei se vou conseguir responder tudo que você quer.

Keith: Não se preocupe, são perguntas bem simples e é sobre um assunto que o senhor domina, porque afinal de contas, o senhor morou aqui praticamente toda a sua vida, não é isso?

Geraldo: É sim.

Keith: Então, vamos lá. Eu gostaria de saber um pouco mais a seu respeito, gostaria que o senhor informasse qual o seu nome completo e o local e data de seu nascimento.

Geraldo: Tudo bem, vamos..... Eu me chamo Geraldo Batista Ferreira, nasci naquelas região que hoje é Inhumas, também conhecida como Goiabeiras, aqui pertinho de Goiânia, em 1929, estou com 78 anos de idade e graças a Deus, ainda não estou caduco! Eu lembro até hoje de coisas da minha infância, acredita?

Keith: Claro que sim e que bom né, que o senhor tenha uma memória tão "fresquinha". De Inhumas o senhor e sua família vieram para Goiânia?

Geraldo: Não. A gente morou em várias cidadezinhas, antes de vir pra cá. Meu pai era agricultor, então ele trabalhava nas terras dos outros, então quando acabava o acordo entre ele e os donos dos lugar, a gente se mudava pra outro lugar, entendeu? Teve terras aí que ele viveu mais de dez anos, outras alguns meses. E nesse tempo aí minha mãe ficou doente, isso em mil novecentos e quar....., não..... ai meu Deus, quar....., quarenta e poucos, não sou muito bão com datas, mas aí, né, minha mãe ficou doente e meu pai se desesperou, porque a gente era tudo novim. Aí tinha uns tios meus que trabalhavam na cidade e que estavam de mudança pra cá, aí meu pai aproveitou e veio com eles, pra tentar tratar da minha mãe. Ele contava que foi a fase mais difícil da vida dele, porque ele sabia só trabalhar com terra e de repente, muda pra uma cidade que era capital e com a gente tudo pequeno e minha mãe doente. Ele teve que aprender outras coisas.... Foi ajudante de loja, pedreiro, servente, feis de tudo nessa vida. E foi assim que viemo pra cá.

Keith: Chegando aqui vocês foram morar onde?

Geraldo: Nós sempre moramo aqui em Campinas. Chegamos aqui e fomos morar numa daquelas taperinha mais véia.... Desses tempo pra cá, mudamo de casa acho que umas duas veis só. E aí quando eu casei, continuei aqui, lá em Goiânia, a moradia era cara demais. Nós estamos aqui já vai pra mais de 50 anos! E eu pra falar a verdade pro ce, eu gosto é demais daqui dessa terrinha. Hoje campininha está muito diferente do que dos tempos que nós chegou, mais ainda é muito querida aqui, por todo mundo aqui.

Keith: Certo. E como era Campinas quando o senhor chegou aqui? Tinha escolas, farmácia, cinemas, ou esses estabelecimentos vieram com a construção de Goiânia?

Geraldo: O povo comenta que com a construção lá de Goiânia, acontecero muitas mudança boa aqui pra nós, mas eu lembro que tudo que a gente precisava, encontrava aqui e muita gente de lá vinha fazer compra aqui. Então.... Só sei que isso aqui é especial demais da conta. Eu acho que (.....), mundo.

Keith: Eu trouxe algumas fotos, seu Geraldo, daqui de Campinas para o senhor dar uma olhada. A maioria delas foram tiradas nos anos 50, por um fotógrafo daqui, o seu Hélio de Oliveira, não sei se o senhor já ouvir falar.

Geraldo: Já sim, é aquele que mora ali pros lados da Perimetral não é? Ele fotografou muito nessa vida dele, nossa!

Keith: É ele mesmo. Então, vamos dar uma olhada? Vendo essas fotos, gostaria que o senhor me falasse um pouco sobre esses lugares. O senhor acha que estas fotos são capazes de ajudar o senhor a lembrar de estórias sobre esses lugares? (fotos: Praça Joaquim Lúcio, Lago das Rosas, Colégio Santa Clara, Cine Campinas, Estádio Antônio Accioly, etc.).

Geraldo: Deixa-me dar, ver mais um pouquim, perafí.... Olha aqui a Praça Joaquim Lúcio, essa é famosa, decais, dispensa até comentários. Tem aquelas história que você já deve tá careca de ouvir: namoro na Praça Joaquim Lúcio, mi ninas de um lado e os rapais de outro..... Rezas na Matriz..... Essa era a campininha desses tempo... Pelo menos daqui desse medulem. Mas, tinha umas mata praqueles lado de lá, que a gente se divertia muito, tomava banho de rio, comia fruta tirada do pé, fresquinha, brincava de finca, sabe?

Keith: Finca?

Geraldo: É. Aquelas brincadeira assim que você molhava bem molhadinha a terra e ficava jogando as faca pra elas parar em pé, fincava a faca na terra....

Keith: Ah tá.

Geraldo: E minina a gente fazia até campeonato de fincal! Esses tempo era bao demais. Essa foto aqui..... Esse aqui é o cinema?

Keith: Sim senhor, é o Cine Campinas, o senhor chegou a ir lá?

Geraldo: Minina, esse cinema aqui era famoso demais, a gente ia sempre que possível, mas praqueles tempo eu posso até dizer que era muito..... Em vista de hoje que tem aí uns rapassem que nunca pisaram num cinema.... Ó falta de cultura (risos). Porque assim, a gente sempre foi de família humilde, mas gostava dessas coisas de filme, de música..... Então a gente sempre dava um geiem pra fazer essas coisas, mesmo que.... Com dificuldade, né. Esse cinema aqui que a gente tá vendo a foto, tem muitas história sobre ele, teve até concurso aqui pra escolher o nome dele (.....). Então, era um lugar que você além de ver os filmes, gostava de ficar ouvindo os causo sobre ele. Eu me lembro das sessões no Cine Campinas... Esse cinema deu muito o que falar quando foi pra ser inaugurado. Você sabe, né? Ele foi o primeiro cinema de Goiânia. Eu me lembro das histórias que minha mãe e minhas tias contavam desse cinema. Histórias aí que aconteceram, acho que lá pelas bandas do anos de 30 ou 40. Eu lembro assim de algumas coisas, mais tem detalhe assim como data que foge, né? Mas essa história foi mais ou menos assim: teve um concurso quando foi ele ser inaugurado, né?... Aí o povo escolheram, o povo é a comissão que foi montada pra decidir do nome pro cinema. Frescuragem né? Vê se pode concurso pra escolher nome de cinema. Esse povo tinha cada uma, né? Eleição pra nome de cinema (*risos*)... Aí, no fritar dos ovos, eles escolheram, lá, o nome, parece que, de Araguaia, Cinema Araguaia, uma coisa desse tipo. Menina, aí só via revolta desse povo de Campinas. Os daqui da campininha, nossa senhora! Porque era o primeiro cinema de Goiânia, né? Mas só que ficava aqui na campininha. Aí esse negócio esquentou, deu o maior boró! Minha mãe contava essa história pra gente direitinho. A gente gostava de sentar na calçada, do lado de fora, assim, da casa, colocava, assim, uns banquinhos, umas cadeiras e aí ficava lá fora conversando, vendo os vizinhos... Por falar em vizinho, você que mexe com esse negócio de fotografia, ali na rua de cima, na São Paulo, logo ali, ó, tá vendo? Lá morava uma mulher que era fotógrafa, a dona Priscila. Já ouviu falar nela? Minha mãe, quando a gente era menino, levava nós lá, de vez em quando, pra bater umas fotos. Bom, voltando sobre o cinema, né... E, nessas conversas a minha mãe contava um monte das histórias aqui da campininha, ela e minhas tias, elas já era assim, senhoras de meia-idade, sabe, que adorava conversar, e eu dava muito ouvido pra elas. E foi bom, né, porque agora posso contar essas história pra você (risos). Mais essa foto aqui que você trouxe, ela foi tirada depois dessa história aí que tô te contando. Ela mostra bem a 24 de Outubro, né? Essa avenida também tem história... Pois é, menina, aí esse povo daqui se revoltou e batalharam, conversaram com um e outro e até que conseguiram mudar o nome pra Cine Campinas, pois, afinal de contas, ele foi construído aqui, né? Aí, às vezes, quando eu ia lá pra assistir filme, gostava daqueles filmes engraçados que passava lá... Aí, quando chegava, assim, na porta, ficava lembrando dessas história que minha mãe ficava contando...

Keith: Aqui em Campinas tem uma coisa que.... Bom, tem alguns lugares aqui em Campinas, como o Cine Campinas mesmo, que permanecem na memória dos moradores do bairro, que fazem parte de suas histórias de vida. Lugares capazes de representar os moradores daqui de distingui-los do restante da cidade. O senhor poderia citar pra mim alguns desses lugares?

Geraldo: Isso tem mesmo. Eu tenho uns filho meu, que mudaro daqui, né.... quando eles vem me vê, costumam falar que o povo daqui é diferente do resto da cidade, lá de Goiânia, por exemplo. Ele fala que a gente é mais, como é a palavra? É, é, é..... Aí que vive muito de passado, que sente melancolia.....

Keith: Saudosista?

Geraldo: Acho que é isso.....Mas tem lugar como a Praça Joaquim Lúcio mesmo que todo mundo tenha alguma coisa pra contar, as pessoa sempre lembra de alguma história de lá. As mocinha da época, vão te falar do Colégio Santa Clara, pelo menos aquelas que tivero a oportunidade de estudar.... Tem também a Matriz, o povo daqui sempre foi muito religioso, muito católico. O cinema a gente já falou..... O Lago das Rosas, eita lugarzinho também que a gente brincava.... mais lá era tudo muito misturado, ia o povo daqui e os lá de Goiânia. Eu vi umas fotos agorinha aqui dessas que você trouxe, que tem ele, ai cadê? Aqui achei [fotos do Lago das Rosas]. Esse lugar era muito bonito mesmo e a cidade nesse tempo era tão fresquinha, a gente pescava aqui, tomava banho, olhava meio que de rabo de olho pras moça que ia fazer piquinique aqui... O Lago das Rosas é um lugar que marca a lembrança da gente daqui. Mas eu, no meu caso particular, gostava ainda mais era do cinema, não tem jeito.... (risos).

Keith: E de futebol, o senhor gostava?

Geraldo: Minha fia, você já viu alguém aqui dessas banda não gostar de futebol? Até hoje, eu já não vou mais em estádio, hoje acho que perdeu a graça, tem muita coisa ruim acontecendo, mas eu ia sempre nos jogos do Atlético e torço pro time até hoje graças a Deus!

Keith: Certo. Então..... Eu trouxe aqui umas fotos sobre futebol, quer ver? (risos).

Geraldo: E ela ainda pergunta (risos). Claro que eu quero.... Eu já estava pensando que aquela conversa sua lá da porta da igreja que você estava estudano futebol era latada, porque até agora você não tinha nem tocado no assunto..... Já estava achando estranho (.....) meio incuado.

Keith: Sabe o que é seu Geraldo.... Quem for ler o meu trabalho quando ele ficar pronto, essa nossa conversa vai estar lá, depois que eu chegar em casa, vou fazer a transcrição dela, ou seja, vou escrever tudo isso que a gente está falando. Então eu preciso que elas saibam um pouco sobre o senhor (e sobre os outros entrevistados também), um pouquinho sobre sua história de vida, gostaria de transmitir a elas, quem são os moradores aqui de Campinas, de onde elas vieram, porque escolheram Goiânia como moradia.... essas coisas. Aí depois disso, a gente começa a falar sobre o futebol, por exemplo, como tinha falado pro senhor, lá na porta da igreja.

Geraldo: Ah tá, agora sim está explicado.... Esse povo que estuda dá volta demais pra chegar onde quer (risos), no fundo, pelo que entendi você queria mesmo era falar sobre a campininha, os lugares daqui e também de futebol, é isso?

Keith: É seu Geraldo, é mais ou menos isso.

Geraldo: Então, vai me mostrar as fotos do Atlético ou não? Estou curioso (risos).

Keith: Suspense.... Aqui estão, são fotos tiradas nos anos 50 também, são de alguns jogadores, os craques de 55 e 57.... Tem algumas pessoas também que fazem parte da história do clube, a torcida e por fim, o estádio Antônio Accioly. Então seu Geraldo, olhando pra essas imagens, o senhor consegue lembrar de alguma coisa desse tempo? Algumas histórias....

Geraldo: O duro de ficar olhando pra essas danadas é que dá um aperto no coração, a gente fica com muita saudade desse tempim aqui, das pessoas que a gente convivia, dos lugares onde tinha o costume de ir, são fotografias bonitas, só que trais muita saudade pra gente.... To até com um nó aqui na garganta.... Eu lembro de muitos desses jogadores aí, o craque de 1950 foi o Epitácio, ele era bão até mandar parar e jogou durante toda sua carreira no Atlético, tinha o Fabão, o Pitinho que você está tentando encontrar, ele também era um bom goleiro. Os jogos lá do Antônio Accioly pra gente aqui era um evento importante, você precisava ver.... Esperávamos dias por uma partida boa de futebol. Olha.... Esse aqui é o Antônio Accioly, né? Ele era muito comprometido com o Atlético, um homem muito bom, só que o que ele tinha de bom, tinha de mulherengo, as pessoas comentavam que ele tinha umas três famílias, só aqui em Goiânia.... E pra você ver, com três famílias e ainda achava tempo pra se dedicar do jeito que ele dedicou ao Atlético, quase que o tempo inteiro. A gente daqui tem muito orgulho dele, sabe?

Keith: Sei sim. Muitas pessoas que tenho conversado, falam com muito carinho e respeito sobre ele. Aqui são fotos do campo do Atlético que o senhor acabou de contar que freqüentava, né, que as partidas lá eram consideradas um evento importante, e também, da torcida. O senhor poderia me falar um pouco sobre esses tempos em que o senhor freqüentava o estádio Antônio Accioly?

Geraldo: Esse tempo aqui, ó, era bom demais! Perdi até as conta de quantas vezes eu fui nesse Antônio Accioly, nossa senhora. Tá vendo aqui? Era a torcida mais animada de Goiás inteirim, olha aqui as cercas! (risos). Nós atleticanos (eu ainda sou), mas naquela época era muito mais, a gente era muito fanático, meu Deus do céu.... Nesse tempo aqui ó, o futebol fazia gosto, não tinha essas sujariada que tem hoje não, os jogadores estavam ali era pelo amor a camisa, nem salário os pobre num tinha. Com o sistema profissional a coisa mudou um pouco. Nossa, mas eu me orgulho demais de ser atleticano, de ter vivido aqui nesse tempo, aí era tão bom.... Essa foto aqui é mais ou menos 50, né? Ó, tivemos duas vitórias que eu vou te falar... 1957 e 55. Não vou esquecer disso nunca. Fico até arrepiado. Era time de craque mesmo. E, o mais importante dessas vitórias tudo aí do Atlético é que nesses anos aí, os jogadores eram todos aqui de Campinas, da nossa campininha, e isso enche qualquer um de orgulho. A gente se sentia representado, sabe? O povo lá de Goiânia achava que só porque os jogadores deles era tudo chapa-branca podia botar banca aqui na gente. Olha vou te falar uma coisa; com a ajuda do... Cadê? Você tem foto dos jogadores aí, né? Pois é. Graças a esse aqui, ó, [*Antônio Accioly*], olha só, o Dr. Antônio Cícero de Sá, eu lembro muito dele, e, graças aos craques da época — nossa, que saudade que estou sentindo desse tempim, menina, você vai me matar mostrando essas fotografias aí. Mata o véi, mata! (risos). (...). Os craques? Os craques que falo era os... Epitácio, o Pitinho, nossa esse Pitinho era goleiro viu, era uma muralha! O Plínio. Esse Plínio, esse aqui, ó, teve um jogo, um amistoso, que ele marcou um gol contra o... Aí não lembro, o, o, o... Acho que foi São Paulo, mas não sei bem.... Mas aí ele jogou um bolão mesmo nesse dia, uma coisa de doido.... Aí no fim das contas, depois dessa partida, ele foi carregado lá do estádio, mas carregado mesmo, nos nossos braços, até o Bar do Fiore, e lá a gente fez umas das festas mais bonitas do mundo. Hoje ele virou empresário, mudou aqui da nossa campininha, mas seu negócio continua aqui. Não tem como sair daqui de vez não, isso aqui é o melhor lugar do mundo! (risos). Mas o melhor de tudo foi lembrar de tanta coisa... Nesses tempos aqui, ó, [*seu Benedito aponta para as fotos que estão em cima da mesa*], a gente aqui da campininha era feliz demais, era uma vida sossegada... Eram os passeios lá na Praça Joaquim Lúcio, os banhos no Lago das Rosas, os filmim do Cine Campinas... E as partidas do meu querido tigrão! Essas fotos que você trouxe aqui me fez lembrar de muita coisa desse tempo, e, o mais engraçado é que aqui todo mundo gostava das mesma coisa. Nossos programas, assim, era tudo os mesmo. Tudo do povo aqui da campininha. Não tinha pra mais ninguém! (risos).

Keith: Eu disse agora a pouco que essas fotos que estamos olhando são de autoria de Hélio de Oliveira. Ele além de fotógrafo, foi também dirigente do Atlético, o senhor tem alguma lembrança dele durante esse tempo que ele foi da direção do clube?

Geraldo: Olha pra te dizer a verdade, eu sabia que ele tinha sido da dirigência do time, mas eu gostava mesmo e dava mais atenção, né, era mesmo pros jogo e pros atleta, do Hélio mesmo eu lembro dele é como fotógrafo, ele fez muitas

fotos das partidas, muitas mesmo. Enquanto estava todo mundo torcendo, comemorando ele estava mais preocupado era em bater as fotografias, não sei como conseguia, se fosse eu, eu ia era jogar a máquina pro alto e comemorar junto com todo mundo, não ia estar nem aí praquele trambolhão. (risos).

Keith: O senhor era freqüentador do Bar do Fiore? Já ouviu falar nele?

Geraldo: Eu fui lá algumas vezes, era um lugar bão de ir, porque você encontrava com todos os seus amigos e conhecidos. Ele ficava muito cheio em dias de jogo, as vezes que fui lá, eu fiquei muito bêbado porque a gente se empolgava, começava a conversar, aí vinha uns aperitivos, uns copim de pinga, cerveja.... Só que quando eu chegava em casa, a muié estava brava, ela quase que me botava pra dormir lá fora com os cachorros (risos), aí por isso, eu não ia mais a miúdo lá, porque quando chegava aqui, era briga na certa, muié brava você já viu, né?

Keith: é melhor não pagar pra ver, né. Se em Campinas existia o bar do Fiore, freqüentado por campineiros e pelos jogadores do Atlético, podemos dizer que o bar, assim como outros lugares identificados agora a pouco, era um lugar que representava os moradores de Campinas. E em Goiânia, qual era o lugar mais freqüentado pelos moradores do centro? Existia por exemplo, como no bar do Fiore, um reduto dos jogadores e torcedores do Goiânia Esporte Clube?

Geraldo: Em Goiânia, não sei bem.... Existia lugares como o Grande Hotel e o Jôquei Clube, que era freqüentado só pelos grã-finos. Tem até uma história que o Jôquei foi feito para a diversão dos ricos e o Lago das Rosas pra nós da pobreza, mas não sei se é verdade.... Em Goiânia em lembro de ouvir história sobre esses lugares. Agora um bar como o do Fiore, freqüentado pelos chapas brancas lá do Goiânia, eu não tenho notícias, não. Isso aí eu não posso responder, não sei não.

Keith: Chapa branca?

Geraldo: É por causa daquelas coisas que o povo falava que os jogadores do Goiânia era tudo funcionário do Dr. Pedro, aí ficaro conhecido como chapa branca, sabe?

Keith: Sei sim, já ouvi alguns comentários a respeito. Ainda sobre o Fiore..... Ele foi técnico do Atlético também, né?

Geraldo: Foi e muito dos severo, mas o time na mão dele cresceu demais, um desses títulos aí que você falou, não sei se o de 55 ou 57, foi conquistado graças a ele!

Keith: Seu Geraldo, o senhor acha que estas fotos ajudaram a trazer à tona algumas lembranças que permaneciam esquecidas ou guardadas lá no fundinho de sua memória?

Geraldo: Com certeza, lá no início dessa entrevista eu falei pra você que minha memória era muito boa e realmente é, mas tenho que confessar que quando a gente olha pra essas fotos, é fatal.... uma coisinha ou outra, que a gente já não lembrava mais começa a vim.... é uma coisa das mais isquisita heim. (risos). Por exemplo, quando estava olhando as fotos lá do cinema, nossa lembrei tanto da minha mãe e das minhas tias, lembrei dos filmes que a gente gostava de assistir e até das histórias que minha mãe contava sobre o cinema e tudo isso aconteceu porque tive o contato com essas fotos e foi me dando um aperto e foi começando a aparecer aquelas lembranças mais boa (.....), o que até confirma (.....) dos vêi viver do passado.

Keith: Certo. Olha seu Geraldo eu adorei a nossa conversa, o senhor foi muito simpático, muito obrigada viu?

Geraldo: Nada minina, eu estou as ordi quando você precisar, viu?

Keith: Ok. E eu queria saber, antes da gente encerrar esta conversa, se o senhor autoriza a utilização desta entrevista para o trabalho que estou fazendo sobre Campinas, a minha dissertação de mestrado.

Geraldo: Pode sim, está autorizado. Eu tenho que assinar alguma coisa?

Keith: Tem sim, eu vou pegar aqui. Olha seu Geraldo mais uma vez obrigada, viu.

Geraldo: De nada.

Término da entrevista.

Keith: Goiânia, 09/11/2006. Entrevista com o fotógrafo pioneiro, senhor Hélio de Oliveira. Estamos em sua casa, sentados em frente a uma mesa cheia de fotografias que foram separadas antes de dar início a esta gravação; são imagens produzidas por ele, a partir dos anos 50. Quando cheguei aqui, pedi que separasse algumas de suas fotos que ele achasse relevante. Fotos que pudessem contar um pouco a história do bairro e também, algumas fotos (algumas mesmo, pois o seu acervo é imenso, possui mais de 35 mil itens) de lugares, pessoas e eventos que tenham permanecido em suas lembranças enquanto morador de Campinas e ainda, nas lembranças de outros moradores daqui. Enfim, imagens que tenham ficado em sua memória, assim como, na memória coletiva do bairro. Imagens que ao longo dessas décadas, ajudaram a construir o sentimento de pertencimento desses moradores em relação ao local onde moram. Temos aqui fotos da Praça Joaquim Lúcio, Igreja Matriz de Campinas, Lago das Rosas, bares, Colégio Santa Clara, Sede do Atlético Clube Goianiense, fotos da arquibancada do estádio, jogadores, da torcida, de alguns.... como chamam seu Hélio, esses aqui?

Hélio: Dirigentes, eles foram dirigentes do Atlético.

Keith: Então, dos dirigentes do time, de moças na Praça Joaquim Lúcio, do senhor Luis de Oliveira Machado, que segundo seu Hélio, foi o alfaiate mais conhecido aqui do bairro e também da diretoria do Atlético, né seu Hélio? Licardino de Oliveira Ney, que já foi prefeito de Campinas e que participou das negociações com o interventor Pedro Ludovico sobre as.... Como vou dizer? Sobre a mudança de Campinas de município para bairro de Goiânia, não sei se consegui explicar direito.... Temos ainda, imagens da Avenida 24 de Outubro, Anhanguera, Rua José Hermano, Campinas Hotel, Cine Campinas, etc. Bom, então vamos começar. Eu faço algumas perguntas, a gente vai conversando, se o senhor não lembrar, a gente pula, para não ficar muito cansativo também.

Hélio: Tem uma coisa: talvez não fique muito antenado na época certa, a gente vai lá na frente e volta; porque às vezes, tem que fazer um apanhado como já aconteceu várias vezes...

Keith: Não tem problema nenhum. Vamos começar com aquelas perguntas mais básicas. A data e o local de nascimento do senhor, seu Hélio.

Hélio: Eu nasci em Buriti Alegre, no sul de Goiás, 1929. 13 de julho de 1929. Vivi lá até os 5, 6 anos. Depois, meu pai ficou sabendo da construção de Goiânia, que o governo estava construindo uma nova cidade, que ia ser a capital e tal... Ele era construtor, encanador, pintor, ele fazia de tudo. Aí ele achou que isso aqui era um lugar ótimo para ele ganhar dinheiro. E em 1935, nós mudamos pra cá. Viemos morar aqui na Campininha.

Keith: Em 35. Então, vocês vieram em busca de melhores condições de vida, aqui, né?

Hélio: Melhores condições de vida. Isso aqui era um paraíso, era um (...). Aí eu cheguei justamente na época que já tinha sido lançada a pedra fundamental de Goiânia em 1933. Em 35 quando nós chegamos estava o... O Grande Hotel estava terminando, o Palácio estava em respaldo ainda, não tinha nada. Era uma casinha aqui, outra aqui, outra lá. Aí nós viemos morar aqui na Campina. A primeira casa que nós moramos foi na antiga casa paroquial ali perto da igreja.

Keith: Aí depois veio para cá.

Hélio: Aí depois, o meu avô comprou uma casa aqui na José Hermano e meu pai construiu uma casa na 24 lá em cima, ele tinha um lote, aí foi...

Keith: Com a construção de Goiânia, Campinas é extinta enquanto município e vira bairro da nova cidade, né?

Hélio: É, é o caso... Nesse livrinho que eu tenho, tem os decretos tudo!

Keith: Que livro é esse?

Hélio: Do Licardino. Em mil novecentos e... Se não me engano, em 1936, veio a transferência, né, em 36 e 37 e Campinas deixou de ser uma cidade, para tornar-se um bairro de Goiânia. Por isso que até hoje, eles falam que Campinas é a célula mátria de Goiânia. Voltando um pouco na história.... Os moradores aqui da campininha, na época da construção de Goiânia, apoiaram a decisão do, do, como era mesmo o nome dele Maria? (.....) do Licardino em transformar Campinas em bairro de Goiânia. Foi uma jogada muito inteligente do dele, já que sozinho não ia conseguir trazer tanta coisa pra cá. Mas a verdade, é que no fundo, nunca acostumamos com a idéia da nossa campininha, ser bairro de uma cidade que dependia dela pra tudo. Até pra comer fruta eles tinham que vir pra cá. Lembra quando te falei que eles quase acabaram com o pomar lá da casa da Maria? (risos). Pois é.... Quanto ao que você encontrou aí no Marreta, isso era utopia....

Keith: Aproveitando que o senhor tocou no assunto.... Eu vi em uma das cópias um anúncio, uma matéria, melhor dizendo que falava sobre a emancipação de Campinas. O senhor lembra de alguma coisa nesse sentido, dessa matéria de O Marreta?

Hélio: Como disse, tudo utopia. Mas pelo menos era bom ver nossos amigos animados com a idéia de ver nossa campininha independente lá do centro, mas acreditar, acreditar mesmo que isso acontecer, a gente não acreditava não. (risos).

Keith: Será que houve por causa dessa mudança toda, desentendimentos entre os moradores de Campinas e os que vieram para a construção de Goiânia. Ou não? Será que foi uma relação amigável?

Hélio: Não. A relação foi mais ou menos amigável. Porque Campinas tornou-se o centro cultural naquela época, né? Até 40 por ali, Campinas, isso aqui, polarizou tudo. Os trabalhadores que vieram trabalhar lá no centro, eles... Chegavam de tarde, ou sábado, domingo. Vinham tudo para Campinas aqui, gastar o dinheirinho deles aqui, né? Lugar de cultura, de lazer.

Keith: O senhor acha que trouxe desenvolvimento para Campinas, a construção de Goiânia?

Hélio: A trouxe, né Maria? Eu tô falando.... Os trabalhadores vinham pra cá. A sociedade, o pessoal da sociedade que veio para o centro, né, vinha passear em Campinas. Isso aqui já era uma cidade antiga. Tinha muito trabalho, muita coisa. Goiânia era aquele sequidão danado naquele tempo! Eles vinham pra cá. Na casa da minha mulher aí, vinham famílias aí que fazia até estrago no pomar. (risos).

Hélio: O primeiro cinema foi aqui em Campinas....

Keith: O Cine Campinas?

Hélio: O Cine Campinas foi o primeiro cinema de Goiânia. Eles vinham assistir cinema aqui. O jardimzinho nosso aqui, a Praça Joaquim Lúcio era muito animada, aí faziam aqueles (...), o pessoal namorava, faziam tudo aí.

Keith: E Campinas era muito conhecida também pelo seu lado noturno, boêmio...

Hélio: Ah, bom! Isso aí.... A zona boêmia já é lá pra cima. Que foi ali na antiga Avenida Amazonas, que depois passou a chamar Floriano Peixoto, aliás, Marechal Floriano e mais tarde, Anhanguera. Ali era a zona boêmia. E depois, saiu dali e foi lá para a Avenida Bahia. Hoje a avenida chama... Como é que é? José Miguel?

Dna. Maria: Roberto Miguel.

Hélio: Roberto Miguel. Lá na rua de cima, perto do campo do Atlético, por ali era a zona boêmia. E isso chamou a atenção, porque naquele tempo, vinham trabalhar aqui e a homaiada, né? Vinham para cá e....

Keith: E nessas localidades é que ficavam o Bar do Fiore, o do Chico?

Hélio: Não. O Bar do Fiore ficava aqui em baixo, era onde hoje é o Ponto Frio Bonzão, uma coisa assim... Não, pra baixo um pouquinho. Onde é a Onogás, era a Onogás, agora tem outra loja. Ali é que era o Bar do Fiore. O Bar do Fiore não era grande, era um comodozinho assim pequeno, mas lá concentravam mais, o pessoal do esporte, o pessoal do Atlético é que concentrava, por isso é que ficou famoso. Mas tinha outros bares aqui. Tinha o... Os, o Bar Avenida, ali ao lado de onde era o Cine Campinas, onde tem uma galeria agora, tinha o Bar do Chico, tinha o Bar do Facundo aqui em baixo, todos esses eram muito animados. Não só o do Fiore.

Keith: Mas o do Fiore ficou mais conhecido por ter sido frequentado pelos...

Hélio: Pelos atleticanos. E depois o Fiore ainda foi técnico do Atlético, né? Aí.... Aí aconteceu.... Juntou o útil ao agradável!

Keith: A Praça Joaquim Lúcio ela é um dos lugares mais marcantes na memória dos moradores de Campinas, né?

Hélio: Foi o começo do povoado e durante muito tempo, um dos lugares de lazer dos habitantes do bairro. Eu tenho umas fotografias da época, mas não são minhas, são reproduções. Eu tenho depois, né? Eu tenho de 1950 pra cá, essas aqui que eu separei, por exemplo, ó. Tenho muito mais só que ainda não foi escaneada, o Helinho está sem tempo pra mexer com essas coisas. Hoje o que tenho em mãos da praça me quase tudo reprodução.

Keith: Existe algum fato marcante na Praça Joaquim Lúcio que ficou registrado na memória do senhor? Alguma curiosidade? Algum evento importante? Na sua memória e em suas fotografias também, é claro....

Hélio: A Praça Joaquim Lúcio era o centro inclusive de comícios políticos, festas, tudo era realizado em grande parte ali. Outra coisa: era um lugar agradável, bem arborizado, um lugar onde a rapaziada encontrada com as moças para namorar, coisa e tal, e foi modificada várias vezes. Tiraram aquele coreto antigo, fizeram um outro tipo art déco; tinha um relógio lá, um relógio alto, não igual aquele lá do centro, mas um relógio grande de quatro faces, sabe? Depois teve uma fonte luminosa e foi modificando. De vez em quando aparece um prefeito aí que arranca uma parte das árvores, arranca tudo! Faz uns canteiros, plantam umas árvores lá que não vai pra frente, né? (risos). A Maria também pode dar alguns depoimentos....

Keith: Ela estava falando sobre isso agorinha (risos).

Hélio: E fica assim uma praça.... Agora é que está começando a crescer as árvores é que está melhorando um pouquinho, mas em uns tempos atrás, isso aí estava.....

Keith: Meio abandonado?

Hélio: É. É o caso. E a Praça Joaquim Lúcio com esses pontos de ônibus, porque ali se pega ônibus para ir a todo lugar de Goiânia... Tudo tumultuado! E a cada canto tem um boteco de vender, desses de lanchonete, isso já acumula muita coisa, né? E outra coisa: desocupados! Desocupados. Eles dormem lá ao lado daquele coreto, eles... Ali eles fazem as necessidades deles e fica numa fedentina danada! E eu não sei por que que o governo não toma conta disso! O governo principal. Outra coisa também: ali onde hoje é ponto de ônibus antigamente era ponto de táxi e era o contrário até, onde era ponto de táxi, era ponto de ônibus. Agora, ainda continua o ponto de táxi lá. Porque tem uma grande quantidade, né? E esse ponto de ônibus é que tumultua tudo, porque tem que passar lá perto. Já fizeram aquele gramado direitinho e tal, você passa lá e ta tudo pisuado, tudo danado, não tem, não tem...

Keith: Essa questão da revitalização, do patrimônio, digo do coreto... Teve uma eleição e tudo....

Hélio: Esse coreto tem foto dele aí. Esse coreto aí, tem um picareta aí, um amigo nosso, ele votou nele num sei quantas vezes, para ele poder ganhar. O coreto antigo. E ficou aquilo lá! Hoje não tem serventia nenhuma, porque está fechado.

Dona Maria (esposa de Hélio de Oliveira): Cada pessoa que a gente pergunta: você votou naquele coreto que está lá? "- não votei no outro".

Hélio: O outro, não sei se você viu foto dele....

Keith: Vi.

Hélio: Viu né? Então, o outro, ele era aberto em cima. Podia fazer, tretas, como eles falam, né? Cantores vinham, se apresentavam lá. E esse aí, fica fechado. Não tem serventia.

Dona Maria: Tinha uma lanchonete. Nos dias que abriam, que fizeram, tinha uma lanchonete. Agora acabaram com a lanchonete então, lá virou....

Hélio: Como é que ficava a lanchonete com aquele povo de lá? Antigamente não, era fechado. Até era bom! Lá tinha uns banquinhos encostados de lado assim, escurinho bom pra gente namorar! Namorei muito lá. (risos).

Keith: (risos). Aproveitou bem, né?

Dona Maria: Mas não foi comigo....

Hélio: Ah, que não foi com você o quê! E outra coisa: quando eles punham lâmpada lá, os rapazes davam um jeito de quebrar as lâmpadas para ficar mais escurinho.

Keith: (risos). Para ficar mais escurinho, né?

Hélio: É. (risos). Ela tinha um....Não tem esse negócio nada! Mas o interessante é que tinha a calçada externa, depois tinha uma calçada mais interna. As moças transitavam num sentido e os rapazes no outro.

Keith: Ah é?

Hélio: É. Ali que a gente tirava as alinhadas, escolhia, né? (risos). Ficava observando, observando. E, saiu muito casamento disso aí, viu! E a vida aqui era essa, né.

Keith: E em Goiânia qual foi a sua primeira atividade como fotógrafo?

Hélio: Olha, eu vim para Goiânia... Aqui eu comecei a tirar fotografia de esporte. Eu sempre fui atleticano, gostava do Atlético, fui até jogador juvenil do Atlético e tal. E fotografias sociais: casamentos, desfiles, essas coisas assim, tudo eu fotografava, né? E depois, O Popular precisou de um fotógrafo. Tornou-se um jornal... Era bissemanal e tornou-se um jornal diário. Aí fizeram uma espécie de... num é concurso não... Chamaram os fotógrafos, cada fez suas fotos e eu consegui!

Keith: Uma espécie de seleção, né?

Hélio: É. Uma seleção e eu fui contratado pelo jornal em fins de 1950-51. Começo de 51 e.... Como Goiânia não tinha nenhum fotógrafo, repórter fotográfico, tinham os fotógrafos lá do Popular, mas free lance né. Fizeram fotos de estúdio. O Berto, o Alois, o....

Keith: Antônio Pereira da Silva.

Hélio: É. O Bilemjian, né. O Foto Silva mesmo. Esses fizeram muitas fotos. Tiraram muitas fotografias de Goiânia. Mas eram fotos de estúdio e eu fui contratado para ser repórter fotográfico. Portanto, eu consegui na minha inscrição no Ministério do Trabalho, eu sou o primeiro repórter fotográfico de Goiânia!

Keith: Um pioneiro.

Hélio: Na realidade. Porque antes de mim, eles faziam fotos, mas não eram funcionários do jornal. Não foram contratados para aquilo, e eu fui.

Keith: Certo. Tinha uma atividade mais específica, né?

Hélio: Atividade... No jornal eu cobria tudo! Era esporte, polícia, política, sociedade, religião, eu fazia de um tudo lá!

Keith: Tinha evento, o senhor estava lá fotografando.

Hélio: Também Goiânia era muito fraquinha. Aí se dava conta de se fazer tudo isso.

Keith: O senhor prestou serviços para o Estado também?

Hélio: Durante essa época em que fui pra lá, o diretor do jornal, fundador, Câmera Filho, ele era secretário da agricultura do Dr. Pedro. E me chamaram para fazer serviço lá no Palácio também. De modo que eu comecei a fazer serviço para o Palácio e trabalhando no jornal, serviço para o Palácio. O Popular naquela época parece que era (risos) o Diário Oficial do Estado. Era governo até debaixo d'água, né? Aí eu continuei. Prestei serviços no governo do Pedro, no governo do Juca, no governo do Feliciano. Ah, o Feliciano em 1960 ele me nomeou para o Estado. Fui nomeado, aí eu deixei o jornal. Porque.... Não, eu ainda continuei uns tempos no jornal e lá no Estado, ganhando dos dois.

Keith: Isso em 60.

Hélio: Hein?

Keith: Isso em 1960.

Hélio: É, em 1960. Aí eu... Tava com um problema muito grande. O jornal começou a crescer e precisava de mais serviço e o Estado também precisava e eu resolvi ir para o Estado. Ficar só lá no Estado, porque lá eu ganhava mais que no jornal e lá, eu tinha oportunidade de viajar, fotografar pelo interior, depois, vendia as fotografias para aqueles prefeitos. Então, minha atividade foi essa. Continuando no governo do Feliciano, no governo do Mauro, veio a intervenção, eu continuei com o interventor, depois veio o Ribas Júnior, continuei, depois veio Otávio Lage e eu fiquei

até mais ou menos a metade do governo dele. Depois, eu comecei a afastar. Mas naquela época, era eu sozinho. Eu que viajava com governadores para o interior.

Keith: Fazia as coberturas.

Hélio: Fazia toda a cobertura. Era só eu!

Keith: Era muita coisa para um fotógrafo só, né?

Hélio: Quando o Mauro criou o CERNE, aí começou a... Eles contrataram mais fotógrafos aí começaram a fazer o serviço e eu me afastei mais um pouquinho. Mas continuei na assessoria de imprensa e tudo. Mais não era assim, frequente eu sair. Eu viajava de vez em quando com o governador. A não ser no governo do Irapuã que eu deixei o Palácio e fui para a Vice Governadoria. Fiquei quatro anos na Vice Governadoria. Aí esse, eu viajava com ele para tudo quanto é lado. Ele era amigo da gente, era aqui da campininha, conhecido. Minha vida foi essa aqui. Agora campininha aqui, eu sempre gostei! Tanto é que casei em 1954. Ta vendo aquele quadro ali? Aquele barracãozinho do meio?

Keith: Sim.

Hélio: Aquela lá foi a primeira residência minha.

Keith: Ah, é?

Hélio: Esse quadro eu pintei ele (...). A mãe dela nasceu nessa casa, ela nasceu nessa casa, eu me casei aí nessa casa e aquela lá, foi minha primeira residencial! Moramos lá, quantos Maria? Uns oito meses, né?

Dona Maria: Oito.

Hélio: Tinha a fotografia e eu copieei, né? Aí eu mudei pra cá. Era uma casinha velha e tal e... Tem 52 anos que eu moro nesse lugar aqui! Não na mesma casa....

Keith: No mesmo lugar, porque a casa vai mudando.

Hélio: Aqui já é a terceira.

Keith: Vai reformando né?

Hélio: Desmanchando e fazendo outra. Agora não dá pra desmanchar mais não. Porque agora, já.... (risos)

Keith: (risos). Mas nem precisa também. E em relação aos equipamentos utilizados pelo senhor nesse período de atividade como fotógrafo?

Hélio: Quando eu vim de Uberlândia para cá, eu trouxe uma maquinazinha de foli. Eu fiz uma adaptação e dessa própria máquina eu fiz um ampliador. Aí, eu fazia todo o serviço aqui em casa, né? Porque naquele tempo era preto e branco, né? Eu copiava, revelava, copiava, fazia ampliações, tudo eu fazia aqui na minha casa; aqui não, na minha casa.

Keith: Tinha um laboratório montado na sua casa?

Hélio: Pequeno laboratório. Depois, quando eu fui para o jornal, eu vendi essas coisas lá para o jornal. Lá eles acabaram, jogaram tudo fora!

Keith: Os químicos....

Hélio: Os químicos não. Eu continuei comprando.

Keith: Sei.

Hélio: Eles não tinham nada. Não tinham máquinas, não tinham laboratório, não tinha nada. Eu que tinha que fazer tudo. Comprar o filme, as drogas, o papel. Tudo isso eu, fornecia esse material para eles e eles me pagavam no ordenado. De modo que nessa época, o jornal não tinha, não tinha um arquivo, não tinha nada, eu fui guardando os negativos. Fui guardando aquilo. Não pensei... Sei lá fui guardando aquilo. Não pensei que mais tarde poderia ter o valor que tem hoje.

Keith: O valor histórico né?

Hélio: Histórico. Eu tenho, aí para você ver, eu tenho a história de Goiânia na década de 50, 60, 70 eu tenho muita coisa né? Fui guardando. A mesma coisa aconteceu no Estado. O Estado também não tinha nada. Eu tinha... Eu fazia no meu laboratório, fornecia para ele e ele me pagava através de processo. Só em 60 é que eu fui nomeado. E mesmo assim, eu continuei recebendo alguma coisa no processo. Até que.... O Mauro é que começou....

Keith: Mauro Borges.

Hélio: Mário Borges. Criou o CERNE e criou.... Quando o Mauro foi eleito, eu trabalhava com o Feliciano. Ele chamou eu, Taboiano de Moura, Zorico e outro, para criar a assessoria de imprensa do Palácio. Porque não existia. Toda a propaganda do Palácio era feita através da Secretaria do Interior e Justiça. Aí, nós fomos pra lá dentro, ele encarregou de criar depois um laboratório fotográfico. Um departamento fotográfico que é esse que era da SECOM até pouco tempo né?

Keith: Sei.

Hélio: Hoje parece que eles terceirizaram tudo, não tem mais nada lá. Aí, nós ficamos trabalhando lá e mesmo assim, eu continuei guardando os negativos, né. Só agora muito depois, é que eles criaram o departamento certinho. Aí é que eles começaram a fazer o arquivo deles lá. Mas mesmo assim, quando chegava no fim do ano, eu pegava aquele arquivo tudo e mandava lá pro Museu Zoroastro Artiaga.

Keith: Sei.

Hélio: Lá eles acabaram com tudo! O Estado praticamente, ele não tem memória. Eu praticamente, tenho muito mais que ele. Você pode ir lá que não tem! Agora com essa terceirização, vamos ver se eles guardam. O CERNE é outro

que não guardou nada! Até o MIS aí, eu forneci algumas fotografias para ele....Não tem tantas não, porque uma vez, eu quis vender.... Eu fui lá no Nars Chaul vender uma coleção grande de fotografia para ele e ele falou pra mim: "-não isso aqui o senhor podia doar para o Estado". Eu falei não uai. O Estado nunca me deu nada! Eu gastei tanto dinheiro com isso aqui, agora eu vou pegar e doar isso aqui. Não! Vou deixar lá para os meus filhos, os meus netos. Isso aí, enquanto mais velha for ficando, tem mais valor ainda.

Keith: E ainda bem que o senhor teve a idéia de ir arquivando esse material, né?

Hélio: Hoje eu tenho aqui mais ou menos, umas 30, 35 mil fotos de Goiânia. Fazia coisa no Estado também.

Keith: Um acervo bem importante, né?

Hélio: Tá certo, tem coisa que está estragada, já está.... Mas hoje, pode ser restaurada no computador, restaura que fica uma beleza, num tem problema nenhum.

Keith: E vai permanecer por muitos anos ainda, né?

Hélio: Agora você falando da campininha aí....

Keith: Há.

Hélio: A vida na campininha aqui sempre foi muito pacata. Principalmente nos anos 50. Era considerada... que a gente considera os anos dourados! Esses córregos aqui eram de águas límpidas, né? A gente podia tomar banho. Não tinha esse trânsito louco, essa....

Keith: O comércio era menor também, né?

Hélio: O comércio era menor. Hoje campinas é praticamente, um shopping a céu aberto. Não tinha essa violência que tem hoje, não tinha ladrão aqui, não tinha! O ladrão mais famoso que tinha aqui era um tal de Boca Larga.

Keith: Boca Larga?

Hélio: Boca Larga. Esse.... muitas vezes, ele roubava dos outros e ajudava os pobres.

Keith: Robin Hood.

Hélio: Uma espécie de Robin Hood.

Keith: E outra tradição aqui em Campinas, é o futebol, né?

Hélio: É o futebol.

Keith: Ele estava presente tanto nas brincadeiras de meninos, através do Feirinha Futebol Clube, o senhor tem conhecimento sobre esse time? Até....

Hélio: Ah sim, o futebol aqui na campininha é uma tradição. O Feirinha! Isso aí é ilusão, que eles falam. Ali em baixo tinha uma praça, depois agora, eles modificaram lá. E lá tinha.... onde eles faziam uma feira. Esse Feirinha era de jogadores mirins, menores, né, pequenos que estavam começando. Mas, é porque eles não tinham as vezes de jogar lá no Atlético. Aí vinham jogar aqui. Eles falam nesse feirinha, feirinha, feirinha....

Dona Maria: Feirinha não, era Perim, né.

Hélio: Feirinha!

Keith: Feirinha?

Hélio: É. Eu tenho as fotografias deles.

Keith: Ah, o senhor tem?

Hélio: Algumas deles eu tenho.

Keith: Era um time amador, assim, né?

Hélio: Quem falava muito nele era o Ivo.

Keith: Ivo?

Hélio: Ivo de Melo. Ele até escreveu um livro sobre campinas aí. Um livro muito fajuto aí, tem muita coisa errada lá. Eu não concordo com o Ivo, não concordo com o outro, o Horieste.

Keith: Professor Horieste.

Hélio: O Horieste também, conta umas coisas lá que num.... O mais autêntico é o Bariani. O Bariani vai soltar um livro sobre campinas. Esse vai ser bom, viu?

Keith: É?

Hélio: O Bariani inclusive... Você falando aí de futebol, ele foi goleiro do Atlético.

Keith: O Bariani Ortêncio?

Hélio: O Bariani Ortêncio. Tinha uma casa aqui que vendia discos, o Paulistinha, né. Até minha mulher trabalhou nele.

Keith: O Bazar Paulistinha.

Hélio: Bazar Paulistinha. Esse conhecia. Vendia lá no Bazar Paulistinha também, ele vendia algum material esportivo, vendia.... Como é que fala?

Dona Maria: vendia é... Armarinhos.

Hélio: Armarinhos, tudo isso. Agora o Valdo, a gente chama ele de Valdo porque a gente já conhece ele há muito tempo né.

Keith: o Valdo é?

Hélio: O Bariani Ortêncio.

Keith: Ah, sim. Valdomiro Bariani Ortêncio.

Dona Maria: Tinha artigo de pesca, de caça e pesca.

Keith: Isso tudo no Bazar Paulistinha?

Hélio: É tinha. De um lado era disco de outro lado era.....

Keith: Variedades (risos).

Hélio: Variedades, é. O Valdo jogou no Atlético.

Dona Maria: Ele vendia radiola!

Hélio: Não ele lá.... Naquele tempo... O comércio tinha que aproveitar, porque não tinha tanta casa de comércio.

Keith: Não era só um seguimento né?

Hélio: Não, não era só um segmento. Aí no Atlético, fizeram um campo lá e tal. Foi fundado em 1936. Em 1936 um grupo de Atletas aqui. Eu não lembro desse tempo praticamente não, né? E continuava aquele joguinho. Mais só em 1944... é 1944 é que surgiu a Federação Goiana de Futebol, que organizaram o campeonato oficial. O campo lá era aberto, não tinha nada, a gente brincava lá, fazia as peladas como diziam as crianças, né? Eu então, cheguei a jogar até no juvenil do Atlético....

Keith: É mesmo?

Hélio: Mas eu também nunca fui bom de futebol não, por isso é que eu larguei.

Keith: (risos). Era melhor mexer com as fotografias né, seu Hélio?

Hélio: É! Depois eles conseguiram fechar o campo do Atlético e hoje em dia eu falo assim: "o Atlético é pioneiro aqui em muitas coisas". 1.º: foi o primeiro clube fundado em Goiânia oficialmente. Tinha um outro chamado... Como é que é? Um chamado Goiânia; mas não foi fundado oficialmente. Goiânia foi fundado um ano depois do Atlético. O Atlético foi em 37, é em 37e o Goiânia em 38. Então, mostra que ele... Aí se organizou o campeonato goiano, e o Atlético foi o primeiro campeão goianiense.

Keith: Isso foi quando?

Hélio: Isso em 1945.

Keith: 45.

Hélio: 45. Depois em 47 foi campeão de novo. Aí o Atlético... Ficou aquela briga entre o Atlético e o Goiânia.

Keith: Uma rivalidade, né?

Hélio: Rivalidade. O Atlético era um time mais organizado um pouquinho do que o Goiânia; depois o Goiânia melhorou porque entrou o pessoal do Estado, daquelas secretarias tudo, começaram... Eles até que arrumavam uns jogadores bons, porque naquele tempo era amador; o Goiânia vinha e oferecia emprego pra um e ele passava para o Goiânia. (risos).

Keith: (risos): Olha só, e assim foi indo, né?

Hélio: E assim foi indo. Mas olha só, a rivalidade era só entre o Goiânia e o Atlético só. O Atlético em 1955, foi o primeiro time a conseguir uma arquibancada de alvenaria, que é uma que tem lá.

Keith: Parece que eu vi fotos dessa arquibancada.....

Hélio: Eu tenho, tenho sim, está..... está aqui ó, ta vendo? Antigamente era madeira né. Lá em Goiânia tinha um galpão lá. O símbolo do Goiânia é um galo e chamavam aquilo lá de galinheiro. E o Atlético aqui era a Chacrinha. Porque aqui tinha o pomar, o pessoal vinha aqui para chacrinha.

Keith: Era o rubro negro da chacrinha. Tinha isso mesmo?

Hélio: Era o rubro negro da chacrinha! E lá era o galinheiro, chapa branca. O quê que eu estou dizendo: que o primeiro clube, o primeiro a cercar o campo, tinha o estádio cercado, foi o primeiro a conseguir essa arquibancada, foi o primeiro a excursionar fora do Estado...

Keith: Isso pro Mato Grosso, né?

Hélio: Cuiabá. Foi em Cuiabá. Foi o primeiro a jogar uma partida noturna!

Keith: Olha! O senhor tem foto dessa partida?

Hélio: Eu tenho só uma das coisa lá, mas aqui na mesa não, ta lá no meio daquela bagunça que te mostrei agorinha. E foi o primeiro a jogar.... Essa partida, até foi contra o Santos, o Atlético perdeu de 1x0. A primeira partida noturna. E assim, tem mais. Foi o primeiro a escrever um atleta profissional.

Keith: Essa eu vi a foto que seu filho mostrou, a que tem o jogador Licinho.

Hélio: Pois é, é esta mesmo, essa foto aí é histórica viu, assinatura do primeiro contrato profissional de um jogador, e advinha jogador de onde? Do Atlético! Eu estava muito emocionado com o acontecido. Imagina, eu era atleticano roxo! Hoje em dia ainda torço pro Atlético, mas não tenho aquela empolgação de antes, não. Me desiludi muito com o futebol goiano. Eu tenho a carteirinha e tudo, mas não vou mais ao estádio... Mas, voltando ao assunto, aquele momento foi muito importante pra todos nós atleticanos e campineiros. Não sabia o que mais queria naquele momento: se era tirar a foto, ou comemorar com todos os outros ali presentes. Mas meu lado fotógrafo falou mais alto. E, olha aí, a foto até que saiu boazinha, né? Resolvi eternizar o momento... (risos). Isso em 1962!

Keith: E o senhor tem fotografias dos confrontos entre Campinas e Goiânia?

Hélio: Não... No futebol que você fala?

Keith: No futebol também. Porque essa idéia que se tem de rivalidade então, não é muito verdadeira não?

Hélio: Não tem não. Nunca teve. Né Maria, nunca teve rivalidade não. Goiânia era separada de Campinas. No meio disso aí, tinha uma mata. Mas no futebol, a coisa era diferente, sempre saía até briga. Eu tenho algumas fotos de partida entre os 2.

Hélio: Agora ali no Lago das Rosas ali, tudo era uma mata né? Tanto é que a gente, ao invés de falar assim, eu vou no centro, não. A gente falava eu vou lá em Goiânia, e os de Goiânia, às vezes, falavam, também eu vou lá em Campinas. Acho que pra não ficar pra trás. Imagina um careta lá de Goiânia se sentindo por baixo em relação à gente aqui da campininha (*risos*). Não tem esse negócio, né? A gente, de vez em quando, ainda fala: "Ó, eu vou lá em Goiânia fazer um... lá em Goiânia. Porque é Goiânia também, uai (*risos*)! Lá é tudo diferente, né. Mas rivalidade nunca houve não. As primeiras comemorações, 24 de Outubro, eram feitas aqui em Campinas. Corridas de bicicletas ali na 24 de Outubro, corrida de motocicleta... dessa época eu não tenho muita coisa, muita foto não, porque eu era pequeno. Carnaval era aqui em Campinas. Vinham aqueles carros, eles tiravam as capotas do carro e vinham fazer a roda do jardim, passear; eles falavam é o curso, né; o curso. Eu se tentar, talvez eu tenha alguma foto pequena, talvez. E vinha aquela brincadeira, jogava confeti e cantando e tal (.....) as primeiras festas.

Dona Maria: Só não tinha drogas né? Mas usavam lance perfume.

Hélio: é lança perfume. As primeiras festas religiosas. Muitas vezes o encontro dessas festas de sexta-feira da paixão saiam uma, uma..... lá da Igreja de Santo Antônio, saía uma procissão, saía outra aqui da Igreja, davam a volta e eles se encontravam ali de frente onde hoje é a Cora Coralina ali....

Keith: Ah, sei, sei. A biblioteca.

Hélio: É. Lá de cima, o padre fazia toda aquela reza lá, o sermão.... [falha na fita]. Na festa da Matriz, eu era pequeno, né? a gente era curioso, né; tinha aqueles restos de fogueira e três mastros de Santo Antônio, São João e São Pedro. Faziam aquelas fogueiras; isso por muito tempo continuaram fazendo aquelas fogueiras, aquelas festas por ali. Faziam barraquinha, né? Outra coisa também do Atlético: aqui onde é o hospital ali na praça, ali tinha um terreno vago....

Dona Maria: Santa Lúcia.

Hélio: Santa Lúcia. Ali ao lado daquele prédio onde foi... antigamente, era o Cora Coralina, né? Perto ali. Ali tinha um terreno vago e o Atlético fazia as barraquinhas dele também, que era muito animado, muita festa, muita coisa boa lá. Mas aí, os padres, eles faziam toda essa festa né. Festa de São João, São Pedro, Santo Antônio. Hoje em dia, comemora-se o Santo Antônio lá na Capela de Santo Antônio....

Dona Maria: Toda vida teve uma festa de Nossa Senhora da Conceição que até hoje existe.

Hélio: É essa aí, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Conceição porque é padroeira de Campinas, né?

Dona Maria: (...) e nessa festa tinha as barraquinhas, agora, o povo do centro vinham tudo pra cá.

Hélio: Vinham tudo! É por isso que eu estou dizendo....

Keith: É uma interação, né?

Hélio: O Atlético e o Goiânia... Toda vez que tinha jogo entre o Atlético e o Goiânia, saía briga. Mais depois daquilo, passou o futebol, aí, os jogadores vinham pra cá.

Keith: Era só na hora do jogo mesmo, né.

Hélio: Só na hora do jogo. No jogo, aí, saía do sério mesmo, mas....

Keith: Mas aí depois ficava tudo bem.

Hélio: Depois passava. Tanto é que eu tenho muitos amigos lá, do Goiânia, do Goiás. Aí, esse negócio do futebol. Mais tarde ficou essa rivalidade, Campinas-Atlético, Atlético-Goiânia. Aí, fundaram o um outro time em 1943 parece, é 43. Meu pai, foi um dos fundadores do Goiás. Foi o primeiro presidente do Goiás.

Keith: Qual o nome dele?

Hélio: Osório de Oliveira. Meu pai mais uma turma.... uma turma do Goiânia e uma turma do Atlético, fundaram o Goiás.

Keith: Uma dissidência assim....

Hélio: É uma dissidência. Mas meu pai fundou o Goiás mas nunca foi torcedor do Goiás não. Toda vida ele foi torcedor do Atlético. E também um ano depois o... um ano depois não, poucos meses depois, fundaram o Vila Nova em 1943. Daí ficaram os quatro times. Mas a expressão mesmo era o Atlético e Goiânia; o Goiás e o Vila custaram a subir! Mas quando subiram também, jogaram o Atlético e o Goiânia para trás. (*risos*).

Keith: (*risos*).

Hélio: Hoje em dia é Vila e Goiás. Atlético e Goiânia, estão pelejando para subir de novo mas... Ta meio custoso.

Keith: Mas agora a pouco tempo, teve um evento, né, reformaram o estádio....

Hélio: É. Mas o estádio aqui já foi reformado muitas vezes. E outra coisa também, em 1955, antes de 55, eu fui para a diretoria do Atlético. Durante dezesseis anos, eu fui diretor lá. Eu fui presidente de conselho, fui secretário, fui tesoureiro, só não fui presidente porque eu não tinha dinheiro para manter lá.

Keith: O presidente era o Antônio Accioly?

Hélio: Foi o Antônio Accioly, o Moacyr de Sá, o Alberto Pereira Gomes Ih! Foram vários aí. Até que veio um tal de Alencar aí que quis vender o campo do Atlético. Aquilo era uma porcaria! Taí, corredor de carro, não entende de futebol, pegou e vendeu... quis vender o Atlético!

Keith: Mas chegou a vender? Não né?

Hélio: Não. Chegaram a fazer negócio, mas, eu e uma turma aí que foi lá e embargou tudo. Não teve jeito não.

Keith: Ainda bem, né!

Hélio: Uai, isso aqui é um patrimônio de Campinas! Um patrimônio de Campinas. Então, a vida aqui foi boa, muito boa, viu! Tinha, tinha... A gente tinha cercado de mata daqui, Campinas naquele tempo era muito sossegada; fazia frio! Se hoje tem esse calor danado, naquele tempo era frio.

Keith: Apesar do que, tinha mais mata também....

Hélio: Pois é, a temperatura era outra. A temperatura era outra! Tem outra coisa também: a cidade não era asfaltada. Não tinha asfalto. Hoje (...) a água escorre logo e vai embora. Antes não, ficava por aí mesmo e esfriava. Chegava o mês de abril aqui né Maria....

Dona Maria: Abril.

Hélio: Abril já fazia um frio danado e ia até agosto fazendo frio!

Keith: Hoje em dia já não tem mais isso, né?

Hélio: Hoje em dia não tem frio aqui nada! É verão o ano inteiro. É uai, não tem. E a gente passeava muito aqui nessas matas. Aqui onde hoje é essa cidade jardim aqui, ali tinha um campo danado de grande....

Dona Maria: Nessa época, nessa época começavam as gabiobas! Da metade do córrego pra cá, já tinha gabioba.

Hélio: Lá da lagoinha, os padres tiraram uns regos d'água que vinham aqui do convento São José. Você sabe aqui o convento São José?

Keith: Sei.

Hélio: Lá tem até uma capelinha lá hoje. E esse rego d'água, na beira desse rego d'água, você precisa ver o tanto de gabioba que tinha. A gente saía daqui e ia chupar gabioba lá.

Keith: Hoje em dia não tem nada disso né?

Hélio: Gabioba, murici, essas coisas e tinha muita cobra também e nós....

Keith: Essas vocês driblavam né?

Hélio: Aqui, na Vila Coimbra, a vila Coimbra era uma maravilha! Tinha gabioba ali para dar com pau.

Keith: Eu estive observando lá em cima com o filho do senhor, que grande parte do seu acervo já está digitalizado....

Hélio: Uma parte.

Keith: Mudando um pouco de assunto.... Eu observei que alguns fotógrafos nos anos 40 e 50, anteriores a sua produção, creditavam as fotos e outros não. Já o senhor, eu vi algumas fotos suas carimbadas atrás. O senhor tinha muito essa preocupação em dar créditos para suas imagens?

Hélio: Não. Tanto é que uma vez, o pessoal lá do MIS me chamou para eu poder... umas fotografias para saber se eram minhas ou não (risos).

Keith: (risos): Tem umas reproduções que o senhor fez e que estão lá no MIS, né?

Hélio: Hoje em dia até tem um carimbo aí. Como é que é? Creditação obrigatória. Mas eu não bato não.... eu não olho isso não...

Dona Maria: Mas uns tempos atrás, o meu filho pegou e mandou....

Hélio: É porque O Popular – que eu falei para você que guardei os negativos porque eles lá não tinham – o CEDOC não tinha nada! Eu fui lá e vendi setecentos e.... quinhentas e setenta fotos para eles. Fotos grandes assim, cedi para eles, só a troco do preço do material que eu tinha gasto, né? E dei um monte de negativo, porque era coisa do jornal mesmo, que não tinha tanto interesse para mim, né? E eles fizeram, digitalizaram tudo aquilo e depois começaram a vender as fotografias!

Keith: Sem os créditos?

Hélio: E outra coisa: eles não davam os créditos não! Aí eu fiquei sabendo e o Helinho escreveu uma carta pra lá falando tal, tal, conversou com o Graciano brecando aquilo, porque isso não pode vender, né?

Keith: É.

Hélio: Aí combinou comigo: "oh se por acaso o senhor autorizar a gente vender, a gente deposita uma quantidade pra você". Talvez aqui em Goiânia, eu fui o único a receber o direito autoral (risos) das fotografias com os créditos mesmo.

Keith: (risos). Foi pioneiro em várias coisas, né seu Hélio?

Hélio: Até nisso! Agora eu vou te falar: quando tem alguma coisa lá que precisa, eles falam: "olha procura o Hélio lá, se o Hélio não tiver, se ele autorizar, nós fazemos aqui, ele tem que autorizar". O crédito lá no jornal eles dão.

Keith: Mas tem que ter, é um respeito e um reconhecimento do seu trabalho.

Hélio: Antigamente não tinha disso não! Não tinha esse negócio não, ich! Tanta fotografia minha saiu aí, coisas importantes...

Keith: Mas está melhorando né seu Hélio? Pelo menos as pessoas andam tendo um pouco mais essa noção.

Hélio: Às vezes saem umas fotografias velhas lá no jornal e eles põem crédito pra mim, que nem é minha! Eu não falo nada não, deixa eles darem o crédito, é o que importa (risos).

Keith: Durante a construção de Goiânia houve uma preocupação muito grande em registrar o surgimento de ruas e avenidas da cidade, com aquela idéia de desenvolvimento e tal, e foi muito discutida essa questão nos anos 30-40, a marcha para o oeste, aquela coisa toda no governo Getúlio Vargas. O senhor como prestador de serviços do governo do Estado, provavelmente tenha inúmeros registros sobre esse assunto, mesmo tendo começado a fotografar em 50,

eu imagino. E como morador de campinas? O senhor tem muitos registros sobre o bairro? Eu gostaria de perceber através de fotografias feitas pelo senhor, algumas particularidades entre Goiânia e Campinas.

Hélio: Eu acompanhei o surgimento dessas avenidas todas, mas já assim depois de um certo tempo, né. Porque eu comecei mais tarde. Eu fotografei muitas vezes o asfaltamento das ruas, abertura de esgoto, essas coisas. Aqui em Campinas, a modificação não foi assim... urbanização mesmo, não foi tão grande não. Porque as avenidas já existiam grande parte, né? Essas avenidas paralelas, a 24 de Outubro tinha o nome dos estados do Brasil, né. E as transversais, o nome das principais cidades do Estado de Goiás. Hoje em dia modificou tanto, uns nomes aí que aparecem. Essa rua aqui por exemplo, hoje é Perimetral, mas ela já chamou Bela Vista. O nome original dela era Bela Vista. Aquela aqui de cima chamava Anápolis, né. A modificação, essas ruas aqui em baixo, elas não eram certinhas não. Tanto é que se você notar aqui nessa avenida, aqui na Perimetral tem lugar que nem passeio não teve jeito de fazer, porque a casa tá na frente né. Alinharam mais ou menos a rua e assim, foi feito com as outras, né. A Avenida 24 ela não tinha asfalto era terra, no meio da avenida tinham os postes elétricos, porque ali que eles colocavam né. E outra coisa, naquela época, 1940 por aí 40 e pouco, era uma arborização... era uma beleza. Arborização aqui da praça até no campo do Atlético perfeita! Hoje em dia, você não encontra árvores, eles tentaram colocar umas árvores aí umas foram pra frente, outras não foram....

Keith: Não deu certo, né.

Hélio: E outra coisa, quem tirou, cortaram essas árvores é o comércio. Surgiu o comércio e eles queriam fazer propaganda da frente da casa, eles iam lá e cortavam a árvore. Isso é uma coisa né?

Keith: Prejudicou demais.

Hélio: Prejudicou. Hoje em dia pra você ver, toda a avenida 24 de Outubro, você não vê, praticamente você não vê uma fachada original. É tudo com essas placas aí na frente e tal. Tanto é que eles quiseram revitalizar, retirar isso aí mas, não tiram, não tem jeito.

Keith: A força do comércio é muito grande né?

Hélio: Muito grande! É a mesma coisa de falar que na Avenida 24 de Outubro, pra não colocar estacionamento na cidade. Não adianta, os comerciantes não deixam. É a mesma coisa da rua 85, é o mesmo problema. Essas ruas que tem o comércio forte, é custoso demais viu?

Keith: Não tem como intervir, né?

Hélio: Na Avenida 24 já tentaram fazer ela de uma mão, mão única para ver se melhorava, não tem jeito! Não tem outra avenida lateral que possa transpor aqui no córrego Capim Puba, aliás, o Cascavel. Só a 24 ou então, a Anhanguera lá em cima, paralela aqui não tem. Você vê que a avenida.... a antiga Bahia, ela morre ali na praça; ali ela acaba né, a avenida Minas Gerais, no quarteirão de cima, não tem jeito de transportar. Aqui ó, se houvesse... Essa antiga Pernambuco, como é que chama Maria?

Dona Maria: Honestino Guimarães.

Hélio: Honestino Guimarães. Essa é a que tem jeito de passar, é a única opção. (...) muito estreitas, não tem condição. A única melhorzinha é a 24 e a Anhanguera.

Keith: Tem problemas sérios, né?

Hélio: Sérios. Se você olha aqui para cima, ali por perto da Avenida Minas Gerais, São Paulo por ali, tem dia que não tem como você passar de carro lá pelo tanto de carro estacionado onde tem aqueles comércios de retalhos, aquelas coisas ali. Ali é impossível! Você estacionar ali não tem jeito. É isso... Você vai sair não vai de carro, vai a pé, é muito mais prático! O problema de Campinas é esse: estacionamento, trânsito né? E essas ruas....

Keith: Comércio. Descaracteriza um pouco o bairro, né?

Hélio: Ah sim, você chega... Nós saímos aqui à tarde, no sábado à tarde, você anda ali pra cima, parece que é uma cidade deserta. Não tem nada, não tem ninguém na rua, está tudo fechado, acabou! Antigamente, ainda existia muita residência aqui no bairro, na 24.... Nessas outras avenidas, hoje não tem. Hoje (...) de tudo para fazer um salaozinho de comércio para ganhar o seu dinheiro. Felizmente, essa rua minha aqui ó ainda tem! Mas mesmo assim você pode notar (risos), já tem várias lojas, antigamente não tinha isso.

Keith: Aqui no bairro tem uma associação de moradores que tentam lutar contra isso?

Hélio: Tem mais é muito fraco! Eles me chamaram para fazer parte dela lá, mas eu não quero, eu não quero fazer parte porque não adianta. Eles querem lutar contra uma coisa que não tem condição, eles sabem que não tem condição. A pretensão deles é fazer aqui em baixo onde tem um curtume, fazer uma espécie de lago, um passeio para ver si.... Um local, uma área de lazer né?

Keith: Tipo um parque?

Hélio: Um parque. Essa inclusive a prefeitura falou que vai fazer, mas está parado, né? Vai fazer mas....

Keith: Não se sabe quando, né?

Hélio: Aqui não tem essas coisas. Por exemplo, essa Avenida Leste-Oeste ali, era uma parada ali no Pedro Gomes e lá na frente, eles fizeram uma outra parte. Mas tem um elo entre uma e outra que... Não tem jeito. Ela é feita em cima de um terreno que é... foi doado à prefeitura que era a antiga estrada de ferro, só que tem muita gente que construiu, agora tem que indenizar esse pessoal que fez a construção. Indenizar a construção, não o terreno.

Keith: Sei.

Hélio: E tá parado!

Keith: Isso vai gerar problema sério.

Hélio: Vai gerar problemas. Você chega aqui, vai numa avenida tá uma beleza, depois você tem que sair, dá naquelas ruas estreitinhas que não tem jeito e tal. É igual a marginal Botafogo, custou.... Agora, é uma conquista. Eles foram levando ela e assim mesmo, essa aqui ó.... Cascavel, a marginal cascavel, tem uma parte pronta e... É uma loucura!

Keith: Vamos ver o que vai acontecer né?

Hélio: Quando é que eles vão chegar até lá em baixo, né?

Keith: (.....), o senhor tinha o hábito de sair pra fotografar nas horas vagas, seu Hélio?

Hélio: Fotografava. Assim... Alguns lugares, né? Você sabe que esse lugar tem muitas coisas. Mas assim, às vezes a gente tinha uma pauta para fazer uma fotografia, um certo evento naquele lugar e eu aproveitava e tirava algumas fotografias para guardar, né. Aéreas, fotos aéreas. Eu saía, fazia serviços para o Estado fora, né? Chegava aqui o avião às vezes não podia aterrissar de cara, aí ele dava umas voltas e eu ia fotografando, aproveitava. Mas muitas vezes eu saía só para fotografar Goiânia, né?

Keith: Ah, sim.

Hélio: Infelizmente eu ainda não saí de helicóptero, ainda não. No helicóptero eu nunca fiz não, já andei de helicóptero, mas lá em Brasília. A gente tem muita coisa né, de fotografia antiga.

Keith: Na construção de Brasília, o senhor fez umas fotos também, né? Na inauguração. Aliás nisso aí o senhor também foi pioneiro, né?

Hélio: É existem algumas coisas, alguns fatos, por exemplo, foram a deposição do governador Mauro Borges na época da ditadura militar nos anos 60 e eu ter acompanhado de perto a construção de Brasília, Outra coisa também que sou pioneiro (risos). Quando Juscelino Kubitschek foi conhecer o sítio da nova capital, eu estava lá também. Estava eu, o Eliézer e mais o governador... Dr. Juca Sayão, esse Altamiro Pacheco, tinha uma comitiva lá. Eu fui de carro pra lá; até um carro para poder depois transportar o Juscelino lá dentro. Eu fui o primeiro a fotografar o Juscelino na nova capital! Quando o avião dele chegou que ele abriu a porta assim, ele virou para mim: "você é daqui?". Não sou de Goiânia. Ele falou assim: "capricha, você vai fotografar um presidente na nova capital do país!".

Keith: Olha só!

Hélio: "Quando eu der os primeiros passos, aí você fotografa". Eu fotografei! Depois, uns 30 minutos depois chegou um outro avião com a imprensa de São Paulo, coisa e tal, mas eu já tinha feito tudo! Fizeram um (...) grande assim para fotografar e eu.... Ai eu falei: "eu já tenho tudo isso".

Keith: Nem precisa mais (risos).

Hélio: Nem entrei.

Keith: Mas o bom mesmo o senhor já tinha feito.

Hélio: Depois saiu, deu umas voltas lá e nós fomos no local que chamava Fazenda Gama. Lá tinha uma casa grande lá, o Juscelino foi pra tomar um cafezinho, até agora no dia 12 de outubro fez 50 anos que ele foi lá nesse local. Aí, eles me convidaram.... Eu e o Eliézer Pena para fazer uma homenagem. Eu como sendo o primeiro fotógrafo e o Eliézer, o primeiro fotógrafo a entrevistar o Juscelino lá em Brasília.

Keith: Ah, sei.

Hélio: Eles fizeram uma homenagem pra gente lá.

Keith: Que bom!

Hélio: Simples, mas foi bom. (risos). O patrimônio histórico de Brasília né? Lá eu fotografei a mulher dando o cafezinho para o Juscelino e tal e hoje em dia, fizeram lá um movimento lá e tal.

Keith: E seu Hélio para finalizar....

Hélio: Agora depois...

Keith: Sim.

Hélio: Eu acompanhei a construção, o início da construção de Brasília, depois eu acompanhei a primeira missa, eu fui a primeira missa de Brasília...

Keith: Registrou?

Hélio: Registrei. A inauguração de Brasília e umas visitas ilustres que teve lá em Brasília, assim uns chatinhos igual o (.....) (risos). É e eu fotografei tudo isso lá. Eu tenho ali guardado. Eu guardei, esse eu guardei viu?

Keith: Ah, que bom! Depois eu vou querer olhar com um pouco mais de tempo.

Hélio: E depois quando o Juscelino foi deposto, deposto não, depois que ele saiu do governo, eles achavam que o Jânio Quadros ia perseguir ele demais, um senador de Goiás renunciou para ele poder candidatar e ficar com imunidade parlamentar, né?

Keith: Sei.

Hélio: E nessa campanha dele para senador por Goiás, ele me convidou para fotografar o interior de Goiás. Eu viajei 48 dias com ele no Estado de Goiás inteiro.

Keith: Nossa!

Hélio: Eu fotografei toda a campanha dele no interior. Naquele tempo Tocantins ainda fazia parte...

Keith: De Goiás, né?

Hélio: É, são histórias que de vez em quando eu gosto de contar. Ele era uma pessoa muito boa...

Keith: Acessível.

Hélio: Acessível. A última vez que eu o vi, foi aqui no casamento do filho do Mauro Borges. Eu estava fotografando ele chegou, olhou assim...

Keith: Lembrou!

Hélio: "E aquela máquina sua que tinha um bocão desse tamanho?" (risos). Eu chamava ele de presidente. "Ah presidente sabe o quê que é..." Ele era uma pessoa muito simples viu?

Hélio: Ele chegava assim de avião, botava o banco pra trás e deitava, tirava o sapato e deitava. E ali ficava olhando alguns papéis. Um dia eu tava olhando umas fotografias assim e eu tinha fotografado um careta muntado num jegue, (risos) só que o careta era maior que o jegue!

Keith: O quê que era? Um careta?

Hélio: Um homem.

Keith: Ah, careta, um homem....

Hélio: É. Ele era fortão, maior que o jegue, ele viu aquela fotografia e disse: "você vai me dar essa foto". Eu falei, eu chamava de presidente: "mas eu tenho que levar ela no comitê, lá". "Não, eu quero essa aqui agora, você vai me dar essa foto agora!". Tive que dar a fotografia pra ele! Aí ele falou: "Eu quero mostrar para os meus colegas lá a resistência do jegue brasileiro!" (risos).

Keith: (risos) Fazia piada!

Hélio: Sem brincadeira!

Keith: Várias estórias. E pra finalizar hoje seu Hélio, como a gente falou do Atlético, do senhor ser um morador de campinas, o que significa para o senhor ser campineiro? O senhor se considera campineiro, né?

Hélio: Me considero campineiro! Eu tinha uma vontade danada de receber o título de cidadão goianiense, recebi!

Keith: Recebeu? Quando?

Hélio: Recebi. Ah, eu tenho as datas tudo aí. O título de pioneiro de Goiânia e cidadão goianiense. Lá eu faço o discurso que minha terra é campininha! Isso aqui toda vida.... minha mulher é daqui, os meus filhos todos nasceram aqui, casaram aqui, estão tudo.... Goiânia pra nós lá, centro é Goiânia. Já fui convidado para morar lá, ali ao fundo do Popular, O Popular era na Avenida Anhanguera, na Avenida Goiás, na rua 8 parece, eu não quis morar lá. Depois, lá onde era aquele Foto Baroni, o Foto Berto também quiseram.... Não o meu lugar é campininha. Nós ficamos aqui, aqui eu criei os meus filhos, aqui, nossa vida se enraizou aqui. Eu gosto demais de campinas! Principalmente nessa casa aqui, nesse local. Porque aqui eu praticamente..... Mais da metade da minha vida eu passei aqui! E vou sair daqui só para ir lá pro Santana.

Keith: Que também é em Campinas (risos).

Hélio: Que também é em Campinas, lá nós já temos o nosso lugarzinho lá (risos)... Eu não quero mudar pra outro lugar não! Ih, já criticaram... "Não, você tem que sair daqui!". Todo campineiro que pegou algum dinheirinho, que melhorou de vida, mudou de Campinas! Assim ó... Vou começar com um cunhado meu, melhorou um pouquinho, mudou daqui. O Íris Rezende, eu gosto de brincar com ele, eu falo: "você é traidor de Campinas, foi só você melhorar de vida que você mudou de lá!" Ele: "não, não é. É consequência da política", tal, tal, tal... O Zé Bittencourt que foi vice-governador do Estado aqui, mudou. Assim vários! Chiquinho de Castro, era daqui da campininha, foi prefeito, Rubens Guerra, nossa foram tantos! Eu falo: "Ah, esses são traidores de Campinas". Eu não saio não (...).

Keith: O lugar do senhor é aqui mesmo com todos aqueles problemas lá do coreto, das avenidas de comércio?

Hélio: Campinas não tem problema não! Nós aqui... Esse local meu aqui é um local muito sossegado. De vez em quando eles fecham umas ruas aí mas..... O trânsito aqui atrapalha um bocado a gente, o sossego. Mas não tem problema não!

Keith: Boa vizinhança....

Hélio: A vizinhança aqui, o povo é tudo antigo, né? Essa aqui de frente, por exemplo, a dona Gêpa, essa aí a Maria conhece desde pequena, né Maria? Elas cresceram juntas. Ela morreu agora o ano pass... Esse ano, né? Começo do ano. É vizinha nossa aqui de quanto? 60 anos. Vizinha dela, nossa aqui uns cinqüenta e pouco, né? Esses de lado aqui, todo mundo conhecido! Aqui se você precisar de alguma coisa, você tem gente aqui! Eles falaram: "o senhor devia sair daqui, morar num apartamento que é mais seguro". Morar em apartamento não é seguro nada! É seguro, mas você não tem vizinho, você não conhece ninguém!

Keith: É verdade, é uma vida mais fria, né?

Hélio: Você não conhece ninguém! A não ser se encontrar no dia de alguma festinha, alguma coisa ou no elevador. Mas você não tem..... aqui não! Essa mulher aqui do lado de vez em quando ela faz um doce lá, trás um pedaço pra cá!

Keith: Tem essa cortesia entre vizinhos ainda, né.

Hélio: Chegava à época de fruta, de jabuticaba... "Ah cem chupar jabuticaba aqui!". "Ah vou!" Em apartamento tem isso?

Keith: Não tem não.

Hélio: Não tem!

Keith: Perde o sentido mudar de Campinas, tem uma identidade em morar nesse bairro.

Hélio: Antigamente, o pessoal, eles vinham pra cá. Essa casa aqui de frente ela é uma chácara e aquela ali também era uma chácara, ia até lá no córrego, até lá em baixo, um pomar muito grande! Vinham para pegar alguma coisa aqui. Lá no centro não tinha nada! Hoje tem, hoje em dia já te, né? Porque Goiânia já tem setenta e tantos anos, né? Antigamente no comecinho, não tinha nada disso não. Aqui era uma cidade..... O pomar de Goiânia era aqui!

Keith: (risos) A chacinha.

Hélio: A chacinha!

Keith: Seu Hélio, muito obrigada pela nossa conversa....

Hélio: Outra coisa.... Tem esses córregos aí, tomavam banho aí. Aqui no fundo dessa casa de frente os padres fizeram uma represa para tirar água para tocar uma usininha que tinha lá em baixo, porque não tinha usina elétrica, né? Não é usina... Era um motor lá que fornecia energia lá pro convento e aqui para igreja. Era uma água muito fraquinha, não tinha nada, fizeram um rego d'água e a barragem aqui pusemos o nome de Regão. Aí, era o banheiro dos rapazes! Os rapazes vinham tudo tomar banho aí, era tudo limpinho, a água limpinha! Clarinha, o poço mais fundo dava para nadar direitinho e o córrego continuou, era muito pescoço. Eu mesmo peguei pacu aí, desse tamanho! E o córrego aqui pra cima, lá em cima tinha um outro poço que era o poço das mulheres tomar banho. Os rapazes tomavam banho aqui e as mulheres lá. Mas as mulheres que tomavam banho lá, não era da sociedade não, era lá da zona boemia (risos).

Keith: (risos).

Hélio: A gente quando era muleque, né, de vez em quando, saía pra ver de longe (risos). Elas também observavam também os homens de longe!

Dona Maria: Naquela época eu era muito pequena.

Hélio: A vida era essa. O Anicuns ali, tinha umas águas boa pra tomar banho. A vida aqui era tão gostosa! Esse Morro do Além aí ó, a gente subia nele lá pra pegar, chupar jatobá, ih tinha tanta coisa boa, nossa! Entre Goiânia e Campinas lá no lago, onde é o Teatro Inacabado, eles fizeram uns buracos grandes para poder tirar saibro; quando chovia, ele enchia d'água e era uma beleza! Lá era mato, dentro do mato lá, né? Ah, outra coisa: eu fui da primeira turma que terminou o ginásio do Dom Bosco. A primeira turma, né? Quando eu comecei lá ainda estava construindo o Dom Bosco, né? A gente vinha de bicicleta, parava lá e ia tomar banho. Tinha uns cipó, a gente pegava os cipós lá e ia lá cima e cham, tomava banho!

Dona Maria: A cidade de Campinas e a Cidade de Goiânia.

Hélio: O endereço ainda era Campinas. Só que a gente tinha que andar depressa para ser os primeiros a cair, porque depois que caía, ai virava aquela.... Aquela água turva que não tinha jeito! A vida aqui era tão gostosa! O Lago das Rosas, de vez em quando, enchia muito... Lá tem uma comporta. Abria a comporta, assim, e passava tanto peixe. Você pegava um saco de (...) e punha lá. Trazia meio saco de lambari pra casa. (risos). E o mais engraçado, você vinha pra cá pra tomar banho, pra se divertir, né? E encontrava todo mundo: nós da Campininha e os lá do Centro. Ele foi um dos poucos lugares, e mais, eu poderia dizer o único, onde você via nós da Campininha e os de Goiânia juntos. O lago serviu como um ponto de ligação entre a gente, sabe? Você entrava lá e encontrava todo mundo. A vida nesse tempo era tão boa! Eu me lembro que aqui no lago você encontrava todo mundo, mas, ao mesmo tempo, a gente não era de se misturar muito... É como se existisse um muro meio invisível, onde de um lado estava nós da Campininha e do outro os de Goiânia... Tanto é que a gente, ao invés de falar assim, eu vou no centro, não; a gente falava eu vou lá em Goiânia. E os de Goiânia falavam assim: eu vou lá em Campinas (...). Até hoje, né, Maria?, A gente fala assim. Goiânia era separada de Campinas, e no meio disso tudo aí tinha uma mata: o Lago das Rosas. Ali, no Lago das Rosas, tudo era uma mata, né? E a gente se encontrava, campineiros e os de Goiânia. Num mesmo espaço. Ah, lembrei de outro lugar que você podia encontrar todo mundo reunido: nos estádios Antônio Accioly e Olímpico. Só que lá dava muita briga, nossa senhora! (risos)

Hélio: Hoje não tem nada! Aterraram, fizeram aquele jardim lá de frente. Eu ainda tenho umas fotografias daquela invasão que fizeram lá de frente onde era a rodoviária ali. Ali tinha uma invasão.

Keith: Onde hoje é o corpo de bombeiros?

Hélio: Hoje é o corpo de bombeiros. O Otavinho Arantes ali com aquele Teatro Inacabado dele, eu fotografei aquilo desde o começo. Então.... A vida era tão boa, só!

Dona Maria: Aqui não tinha a Anhanguera, era uma estrada de rodagem passava na Rio Grande do Sul.

Keith: Ah é?

Hélio: Não. A saída para Inhumas-Trindade, passava ali na Rio Grande do Sul, descia aqui, passava de frente o convento lá e subia. Depois é que eles fizeram a Anhanguera.

Dona Maria: A minha rua aqui ó, essa rua toda vida (.....) essa rua era muito movimentada (.....).

Keith: Não tinha a Anhanguera antes.

Hélio: Carro (.....) pouco, depois virou uma buraqueira que num passava carro de jeito nenhum. Outra rua também, essa rua aqui eles transportavam boiada antigamente, aí pro sul aí, a boiada passava tudo nessa rua aqui! Aqui que passava a boiada...

Dona Maria: Ficava horas passando gado!

Keith: Gente que delícia, né?

Hélio: Outra coisa: muitas vezes o gado derrubava os muros, derrubava cerca, estourava, nossa... Era custoso viu? Era uma vida tão boa! Eu ainda tenho fotografia de terra ainda. E outra coisa: A vida numa casa era tão custosa. Chegava aqui, primeiro: Goiânia teve uma época que a usina do Jaó rodou, ficou sem energia, aí tinha aqueles motores (...) que fornecia eletricidade, mas era pouca eletricidade, durante o dia e a noite ia até as 10 horas, 10 horas apagava, escurecia tudo a cidade, né? A gente andava nos lugares, muitas vezes chegava mais tarde, o sujeito ia caindo nos buracos etc. e tal, né?

Dona Maria: Quando juntava aquela turma de rapazes e moças para fazer festa, para ficar até mais tarde, a gente queria ficar até mais tarde, aí a gente prometia para eles que se eles deixassem acesas mais um pouco, a gente levava salgadinhos para eles e refrigerante!

Hélio: Outra particularidade! Teve uma época aqui que a gente juntou uma turma de moças e uma turma de rapazes para fazer as festas. Geralmente a gente fazia a festa na casa de uma, de uma, de uma família, né? De uma moça, as moças se encarregavam de fazer os comestíveis e os rapazes levavam as bebidas, aí a festa ficava.... (risos). Ali a gente dançava, ali a gente comia e tal, ouvia música e outra coisa: com muito respeito porque não tinha essa servelhança que tem hoje não, viu? Era um respeito, né Maria? Um respeito mútuo.

Dona Maria: Era namoro, porque hoje em dia....

Hélio: Outra coisa também: Os rapazes aqui antigamente chegava à noite, eles andavam só de paletó e gravata. As festas todas a gente tinha que ir de paletó e gravata! Esses namoro aí, era preciso a gente ter 7, 8 terno para poder variar de vez em quando (risos). Mas eu ia era de paletó e gravata. Era ou não era? As festas no Jôquei lá, o pessoal ia tudo de paletó e gravata. Você não entrava assim de manga de camisa. Hoje em dia você entra até de short numa festa, não é possível! Na igreja, né Maria, os padres não deixavam a gente entrar do jeito que você está aí não. Você tinha que colocar um bolerozinho por cima! (risos). O negócio era mais organizado! Mas no Dom Bosco lá, eu fui o primeiro da turma de 42 a 44.

Keith: Eu estava vendo umas fotos lá em cima e eu vi muito frei Confaloni em vários eventos.

Hélio: Ele era amigão da gente aqui ó. Atleticano até debaixo d'água! Eu fotografei para ele várias vezes. No dia da intervenção de Goiânia eu estava em cima da Igreja São Judas Tadeu com frei Confaloni fazendo umas fotografias para ele. Aí quando começou aqueles avião dar aqueles vôos rasantes pra lá eu disse: "Oh está acontecendo qualquer coisa lá e eu vou correr para lá. Aí fui para lá, cheguei lá justamente na hora que aquele coronel não sei o que lá Rezende estava entregando o decreto de intervenção para o Mauro. Aí eu quis entrar mas eles me barraram não quis deixar eu entrar!

Keith: Aí não teve como registrar.

Hélio: Não. Eu tenho só a entrada dele assim um pouquinho, mas não tive... Lá na hora não deu! Depois lá na hora quando o Mauro saiu e eu fui pra fazer a foto e (...) levando o enterro da avó dele porque a avó dele morreu no dia lá.

Keith: Foi no dia da intervenção?

Hélio: Ah, aqueles aviação, ela já tava meio fraca e... Acho que ela ficou com medo! (risos). Josefina Ludovico....

Keith: Tem muita estória né seu Hélio? Eu acho que por hoje está bom, né? Senão, vamos cansar demais e depois vocês não vão querer me receber de novo! (risos)

Hélio: Se você quiser conversar mais sobre (.....).

Keith: Tá. Seu Hélio eu gostaria de saber se o senhor me autoriza a usar esta entrevista no trabalho (dissertação de mestrado) que estou fazendo sobre Campinas?

Hélio: Autorizo sim, afinal de contas é esse trabalho aí que tem um montão de fotos minhas, não é? (risos)

Keith: É sim.

Hélio: Então, eu tenho mais é que autorizar....

Keith: Muito obrigada, seu Hélio e até nossa próxima conversa!

Keith: Às ordens.

Término da entrevista.

Keith: Estou na residência do fotógrafo pioneiro, Hélio de Oliveira. Mais uma vez, né seu Hélio!

Hélio: É isso aí.

Keith: Hoje, eu vim aqui pra nós conversarmos sobre o seu acervo. Gostaria de saber como o senhor organiza, se as fotos são separadas por décadas, por assunto ou por tamanho e se existe algum tipo de série ou coleção organizada. Assim, como vistas urbanas, imagens de Campinas, eventos.... Enfim, me fala como o senhor vem organizando esse acervo que contém mais de 35 mil itens.

Hélio: Eu separei as fotografias e os negativos de acordo com as matérias, né? Por exemplo, vistas são vistas, política é política, etc. e tal. Mas é assim uma separação muito rigorosa não tem não.

Keith: Não tem, mas o senhor pretende fazer?

Hélio: Muita coisa eu nem sei a data de quando eu tirei aquelas fotografias. Alguma coisa eu lembro, depois é que a gente mais ou menos encaixa naquilo e outra coisa, mais é por década.

Keith: Por década.

Hélio: O ano certo, certo, certo é muito pouca coisa que eu sei. Essas fotografias minhas eu até não tinha a intenção de guardar isso não, quando eu comecei, no jornal não tinha máquina, no Popular, não tinha nada no Popular, né? Aí eu tinha máquina própria, comprava o material, comprava filme, comprava tudo, fazia as fotografias entregava no jornal e ficava com os negativos.

Keith: Sei.

Hélio: Assim também aconteceu no Estado. Eu fui acumulando aqui, eu fui guardando, fui guardando, depois mais tarde é que eu pensei: gente isso aqui pode valer alguma coisa. Aí é que eu fui catalogar e mesmo assim, mais ou menos as fotos que eu tirei, mais ou menos um terço eu perdi, estragou o filme, estragou.... fotografia sumiu, mais ou menos um terço, agora está mais ou menos organizado aí.

Keith: E as reproduções que o senhor fez, foram a maioria de autores desconhecidos?

Hélio: Reproduções?

Keith: É.

Hélio: Não. Eu gosto de colecionar, tenho alguma coisa de autores, mas a gente mais ou menos sabe de quem que é, ou é do Berto ou é do Alois ou é do Bilemjian, é essas antigas que eu tenho, mais fotografias das vistas de Goiânia, agora outras fotos isso num....

Keith: Não tem como identificar.

Hélio: Aí não interessa também não, eu tenho as minhas aí, eu fico com as minhas mesmo.

Keith: Sim, mas eu me preocupo porque já peguei fotos aqui que são reproduções feitas pelo senhor. Aí por exemplo, e quando a foto é reprodução feita pelo senhor, como vou creditar? Se o senhor fez a reprodução como é que eu dou crédito pra elas?

Hélio: Como reprodução.

Keith: Reprodução Hélio de Oliveira?

Hélio: Agora eu não sei de quem que é. O Helinho fez uma pra você. Ele falou de quem que era?

Keith: Não, não falou.

Hélio: Pois é, eu não sei de quem.

Keith: Mas eu posso colocar como reprodução do senhor? Eu não lembro qual é a foto, depois tem que abrir lá no computador pra ver.

Hélio: Agora talvez vocês tenham a autoria dela lá no MIS.

Keith: Mas aí se não tiver? Essa é uma dúvida freqüente e não é só minha seu Hélio, é de muitas pessoas que trabalham com fotografia.

Hélio: Sei. Nesse caso então, coloca como reprodução.

Keith: Ta. E o seu acervo ele é constituído só de fotografias ou ele possui outro tipo de material, assim, texto, negativo?

Hélio: Não. Negativo, né? Fotografias e negativos. Textos....

Keith: Tem aqueles que o senhor me emprestou, mas....

Hélio: É. Aqueles lá é só pra gente, às vezes eu guardo alguma matéria ou coisa assim, mas eu não olho muito pra isso não.

Keith: Não, né. É mais negativo flexível ou senhor não trabalhou muito com negativo de vidro não, né?

Hélio: Não, vidro não.

Keith: É anterior, né?

Hélio: Eu tinha uma máquina que tinha, mas eu não cheguei a fazer fotos com negativo de vidro não. Eu usava mais esses filmes....

Keith: Ah tá.

Hélio: No começo era mais o filme 120, né? Que a gente chamava, o tipo de fotografias tamanho 6x9 ou então, 6x6, que era a holleyflex, depois é que veio a 35 mm e eu adaptei. Agora no começo com essa máquina, eu comprava filme em rolo.

Keith: Ah seu sei.

Hélio: 30 metros, eu tinha uma maquinazinha que quando eu saía pra fazer alguma viagem pra fora eu, eu rebobinava e ao invés de 36 chapas eu rebobinava cerca de 40, 45 chapas pra não ficar trocando toda hora. Isso aconteceu....

Keith: E saía até mais barato, né? Quando compra o rolo, sai bem mais barato.

Hélio: Bem mais barato, eu tinha o rebobinador!

Keith: Muito mais fácil, né?

Hélio: Mais fácil.

Keith: E em relação à digitalização das suas imagens, qual o critério utilizado, o senhor e seu filho, vocês priorizam que tipo de imagem pra digitalização, as mais procuradas pelas pessoas, as que vocês tem um carinho especial?

Hélio: A intenção nossa era digitalizar tudo.

Keith: Ah entendi.

Hélio: Nós temos mais ou menos já umas 12 mil fotos digitalizadas, mais ou menos. Aí no meu acervo aí tem mais de 35 mil, tem muita coisa! Aí ele ultimamente não ta tendo tempo pra fazer isso, ta parado o serviço, mas, ele pretende digitalizar tudo, vai ficar pra ele, mas tarde é ele que vai digitalizar isso. Aliás, é ele, eu já deixo por conta dele, mas, quem vai herdar isso é ele (risos). Ele e os netos.

Keith: Ta certo. E tem algum tipo de cuidado que é tomado em relação ao estado de conservação dessas imagens? Assim, existe algum cuidado? O jeito que o senhor acondiciona a foto? O senhor tem o cuidado de separar preto e branco de colorido?

Hélio: Não, não tenho aquele cuidado que vocês têm lá não.

Keith: (risos) No museu.

Hélio: No museu. Aqui é mais ou menos solto aí ó.

Keith: Mas está pelo menos em caixas, em pastas poliondas, tem algum.....?

Hélio: Tem nada, tem nada, tem umas guardadas em cima das outras lá, não tem esse problema não.

Keith: (risos) Mas o senhor pretende colocar separadas assim ou não?

Hélio: Não isso não. Isso depende da demanda de dinheiro e eu não to muito pra gastar com isso não (risos). Alguns negativos são separados bonitim, mas dentro de envelopes, mas eu tenho pensado em fazer aquilo separadinho, o certo. Mas já tem, uma certa separação tem, mas não é muito completa como....

Keith: Sei. Aquele dia o senhor me mostrou, separou por prefeito.

Hélio: É eu tenho isso, isso eu tenho, está mais ou menos e é só fotografias e os negativos também.

Keith: Também.

Hélio: Tem muito assim que tem o prefeito com o governador, tem o prefeito com tal, o governador com presidente lá, a gente fica assim.... O Helinho queria fazer Dr. Pedro com Juscelino Kubitschek, fazia o negócio e punha na pasta do Juscelino e punha na pasta do Pedro. As mesmas fotos, mas pra ter o assunto. (...) saiu alguma coisa.

Keith: Mas aí dá mais trabalho também, né?

Hélio: Dá mais trabalho.

Keith: Tem que fazer cópia.

Hélio: Tem muita fotografia que de Mauro Borges com Feliciano, nossa, ich! Mauro Borges com Juscelino, a maior parte está na pasta do Juscelino, porque (risos) a figura mais importante é o Juscelino, em segundo depois você vai (...). A gente quando quer uma fotografia olha na pasta do Mauro se não tem, passa pra pasta do Juscelino ou pra pasta do Dr. Pedro e assim vai indo, aí acha, acaba achando. Mas eu gostaria de fazer assim, uma digitar, né, digitalizar, uma do Pedro, uma do Juscelino e aí e ficar certinho, uma do Mauro.

Keith: Aí qualquer pasta que fosse a foto estaria lá.

Hélio: É. Às vezes você até, por exemplo, olha no catálogo e não vê a foto. "Não, mas ela está na pasta do Pedro", aí tem que ir lá....

Keith: Mais trabalho, né?

Hélio: Mais trabalho.

Keith: De acordo com os depoimentos que o senhor deu pro MIS e também alguns que eu vi no livro do José Mendonça Teles, aquele "Sentimento e Glória", percebe-se que o senhor possui um grande afeto pelas atividades esportivas, enfatizando o futebol e mais especificamente o Atlético, né?

Hélio: É o Atlético

Keith: O senhor já realizou alguma exposição ou publicou algum texto ou livro sobre a história do futebol goiano?

Hélio: Não. Eu sempre forneci muita foto para publicação e etc. e tal, mas, num..... Eu gostava, gosto muito de esporte, mas hoje em dia eu tive assim umas desilusões com esse Atlético meu aí. Hoje em dia nem no campo eu vou mais.

Keith: Não vai não.

Hélio: Não. Freqüentei muito os jogos do Atlético, foram décadas fazendo fotos das partidas, dos jogadores, torcida, enfim.... Eu gostava, gosto muito de esporte, do Atlético, então, nem se fala, vixe! (risos). Participei da direção do clube

durante muitos anos, sou um dos fundadores, ajudei a fundar a associação dos cronistas esportivos, primeiro eu ia lá todo o ano, buscava a carteirinha pra não pagar nada no estádio e tal, atualmente, não tenho interesse em estádio mais não, eu vejo mais só na televisão, pelo rádio aí... Mais deixar de ser atleticano eu nunca deixei! Tenho muito orgulho de ter presenciado as duas grandes vitórias do Atlético nos anos 50. Em 55, cheguei a colocar a faixa de campeão invicto, posei para foto e tudo. Esse título trouxe muita alegria para todos nós, atleticanos. Acho que tenho até foto aqui desse dia.

Keith: Não deixa não, né?

Hélio: Não.

Keith: Ta certo. E o senhor começou a trabalhar como fotógrafo em Goiânia na década de 50, né?

Hélio: Década de 50.

Keith: Como o senhor.... O senhor tem alguma cópia ou reprodução de fotografia que registra a fundação do Atlético em 37? Eu não vi lá no seu acervo.

Hélio: Não, não tenho não. Eu vi isso numa revista, num jornal. Eu acho que tem no livrinho do José Mendonça Teles.

Keith: Da fundação?

Hélio: Ele fala sobre fundação, mas, eu não sei quem foi, o Zé Hermano e mais alguns. Mas da fundação mesmo eu não tenho não, naquele tempo eu era menino, eu era criança, né? Eu não lembro.

Keith: Sim, estou falando de reprodução, né?

Hélio: Eu vi isso num jornal, eu não lembro. Também não procurei saber disso não. Sobre o Atlético é atual, é da atualidade é de mil e novesc.... Eu comecei, aliás morava lá pertinho e o campo tudo aberto à gente jogava futebol lá, eu joguei no juvenil do Atlético e, e, mas daquele tempo eu não tenho foto daquele tempo que eu jogava.

Keith: Não tem?

Hélio: Não, por que....

Keith: Tava jogando, né? (risos)

Hélio: É aí não dava p/ fotografar e foto naquele tempo era tão difícil (.....) eu não guardei fotografia.

Keith: Entendi.

Hélio: No Ateneu Dom Bosco, eu fazia parte do Ateneu Dom Bosco fazia parte do time do Ateneu Dom Bosco e não tenho fotografia. Eu tenho até um colega que diz que tem umas fotografias, eu pedi pra ele pra me arrumar pra mim scannear aí e depois eu dava até umas fotos maiores pra ele, ele falou que ia trazer mais não trouxe.

Keith: Até hoje não trouxe.

Hélio: Eu tenho fotografia no tempo em que eu jogava futebol lá em Uberlândia quando eu tava fazendo o curso colegial lá.

Keith: O senhor lembra de algum jogador assim, da década de 50 e 60 que ainda esteja vivo, seu Hélio? Pra eu poder ir atrás, conversar um pouco com eles.

Hélio: Eu tenho. Tem o Eptácio, Haroldo Machado Borba e tem o Plínio que é meu cunhado.

Keith: Haroldo Machado Borba.

Hélio: Do Atlético, né? Plínio Cestari Idalgo.

Keith: Como?

Hélio: Plínio Cestari Idalgo.

Keith: Ele foi jogador nessa época? Ele é primo do senhor?

Hélio: Cunhado.

Keith: Cunhado. Ah, ta.

Hélio: O Plínio você pode encontrar com ele aqui na Retífica Imperial. Agora o Eptácio e esse Haroldo Machado Borba, esse eu não sei. Eu acho que ele não está fazendo nada não. É mais lá na casa dele mesmo. Você sabe aquela pracinha ali da Igreja São Judas Tadeu?

Keith: Sei.

Hélio: Ele mora por ali, é só você perguntar que eles te informam. Ele mora por ali.

Dona Maria [esposa de Hélio de Oliveira]: É fácil. Se você for ali pela Anhanguera você entra, você faz aquela volta naquela igreja Batista que tem ali na esquina e você chegando na Praça São Judas Tadeu é a primeira casa assim, quase esquina com a rua, porque a rua ali morre, sabe?

Keith: Sei.

Dona Maria: A rua não continua, onde é a casa dele, mas é bem no, no....

Keith: É facinha de achar.

Hélio: Bem na esquina quase. Você perguntando ali também, o Eptácio é muito conhecido lá. Vou ver se tem aqui no mapa e eu posso até te mostrar [Hélio pega a lista telefônica]. Edifício Bosque dos Buritis.

Keith: O Plínio?

Hélio: É. Aqui ó você chegando lá no terminal lá da Praça A, subindo aquela ruazinha que segue em direção a igreja. Tem uma igreja aqui na esquina, uma igreja protestante. Essa rua é a 234 e ele mora aqui assim.

Keith: Rua 234.

Hélio: É Rua 234, na pracinha da igreja São Judas Tadeu, bem na esquina antes de chegar na praça.

Keith: Aí chegando lá e perguntando o pessoal....

Hélio: É. Ele você pode conversar com ele, ele é....

Keith: Eu vou procurá-lo.

Hélio: E tem mais, esses jogadores tem demais. Aqui ó, eu já te mostrei essa foto? Ta vendo aqui (risos), eram toucas para não desmanchar o penteado deles (risos), Não dá pra você ver direito, a foto é em p&b, né, mas eles usavam aqueles meiões, esses aqui ó, cada um de uma cor diferente, e o goleiro não entrava em campo sem sua proteção para os joelhos. Tinha outra camisa também, umas de listas assim ó [na horizontal], igual as do Flamengo sabe? Esses meninos aí ó, eram do juvenil atleticano... Voltando... Dos jogadores que você poderia..... Tem o Oyama, ah, mais o Oyama é mais difícil, né? Eu nem sei aonde.... Não. Mas esses dois são bons jogadores, o Epitácio, por exemplo, foi um jogador que nunca jogou em outro time, toda vida foi no Atlético, foi jogador da seleção goiana, o Plínio também foi da seleção goiana.

Keith: É eu vou procurá-los então, né? Fazer umas perguntinhas..... Eu gostaria de levar uma cópia dessa foto aí que o senhor me mostrou, seu Hélio, será que tem jeito?

Hélio: Tem sim..... Se ainda estivesse vivo, eu ia mandar era você conversar com o Moacir. O Dr. Moacir Cícero de Sá, esse era atleticano e sabia muita coisa.

Keith: Era morador aqui de Campinas?

Hélio: Era ele foi padrinho de casamento nosso, né Maria.

Dona Maria: Amigo, né?

Hélio: Amigo. Além de tudo era amigo. Foi presidente do Atlético, pra mim, foi o maior torcedor do Atlético, foi ele. É, quem mais eu podia te indicar? O Zé Mendonça você já conversou com ele?

Keith: Já.

Hélio: Mas o Mendonça é (.....). Ah, o Bariani Ortêncio.

Keith: Seu Hélio por falar em José Mendonça... Me lembrei... Eu vi nas fotos do acervo do professor umas fotos de um jornalzinho que o senhor publicava, junto com o Pampinha.... Acho que era O Marreta, é isso mesmo?

Hélio: Aquilo lá era só brincadeira (risos).... Mas é isso mesmo, *O Marreta*, foi esse o nome que demos, foi criado por mim e o Pampinha, o jornalista. Era um veículo de comunicação destinado aos frequentadores do Bar do Fiore. Era, bem, como se diz? Bem artesanal. Acho que essa é a palavra. Eu e o Pampinha abordávamos os assuntos mais comuns, assim, esses conversados no dia-a-dia mesmo, a famosa conversa de bar. Se surgisse uma gozação ou uma fofuquinha (risos) sobre algum careta, podia ter certeza que na semana seguinte estaria estampada lá na parede, num cantinho do jornal (a gente gostava de chamar assim, de jornal, mas não chegava a tanto) chamada mexerico. A gente se divertia muito com aqueles escritos, e provocava muita gente também. Mas voltando.... Você já falou com o Bariani?

Keith: Dele eu ainda não colhi depoimento dele, não.

Hélio: O Bariani inclusive foi jogador do Atlético naqueles tempos de, de, do começo do Atlético.

Dona Maria: 40 e poucos.

Keith: É?

Hélio: Mil novecentos e quarenta e poucos, ele era goleiro do Atlético, conversa com ele.

Keith: Eu vou conversar.

Hélio: Ali você sabe onde é, né?

Keith: Sei. Ele mora ali contornado a Praça Cívica.

Hélio: É o raizeiro. Eu chamo ele de raizeiro. (risos). Ele pode te informar, ele tem muita coisa sobre o Atlético.

Keith: Eu vou ligar pra ele e ver se ele me atende.

Hélio: Além de jogador do Atlético, depois ele passou a ser fornecedor de material para o Atlético. Naquele tempo ele tinha uma lojinha aí que vendia chuteira, meia esses troços assim e ele fornecia.

Keith: Ah, é?

Hélio: Ele vai te contar isso. Aí o Helinho chegou, você vai querer mais alguma foto?

Helinho: Boa tarde, qual é a foto que você quer?

Hélio: É essa aqui das touquinhas.

Helinho: Ah tá. O meu pai já te mostrou as fotos do Atlético, né?

Keith: Já sim.

Helinho: Tem umas aqui, as da Maria Fã pai, ela já viu? A Maria Branca foi muito famosa, era uma torcedora fervorosa daqui.

Hélio: Acho que mostrei da última vez que ela veio aqui. Lembra que a gente viu um monte de fotos aqui da campininha? Eu acho que tinha fotos dela lá. Mas aqui ó, ta na mão (risos). Tinha muita gente, as pessoas lá do campo mesmo, que pedia pra tirar foto com ela (risos). Gostei desse negócio da gente conversar vendo as fotografias. Parece que as lembranças ficam mais perto da gente, né? Tá vendo essa aqui perto da cerca? Essa aqui? Foi a maior torcedora que o Atlético já teve. O nome dela era Maria Fã. Nome não, né? Apelido. Era o Atlético entrar em campo, podia procurar que logo, logo se avistava a Maria Fã. Ela era famosa, cê ta por fora! Tinha vez das pessoas, que ficavam perto dela durante a partida, me chamar para fazer foto. Cansei de fotografar ela a pedido de outros torcedores. Eu tinha muitas fotos dela, mas, como disse antes pra você, muita coisa do que eu tinha aqui, se perdeu...

Keith: Ah, seu Hélio eu preciso de sua autorização para eu usar esta entrevista no trabalho que está sendo elaborado sobre Campinas. O seu autoriza?

Hélio: Da última vez que você veio aqui, acho que perguntou isso, eu até achei interessante, (...) entrevista você foi a única até agora que pediu esse tipo de autorização. Eu autorizo sim e com muito prazer. E digo mais: Fico contente em ver que meu trabalho de algum jeito tem colaborado com estudos como o seu. É engraçado, porque as pessoas que me procuram geralmente vêm em busca de fotos, até você já veio aqui antes, né. Chegam aqui procurando fotografias minhas para colocar em jornal, em trabalhos de escola, batem um papo, coisas assim. Mas, você não quer que eu fale de enquadramento de qual era a máquina que eu usava nesse tempo aí. Quer que eu olhe pra ela e que tente lembrar de coisas que aconteciam lá (...). Quando descobri que podia trabalhar com fotografia, ganhar a vida desse jeito, o que me estimulou desde quando fui pra Minas estudar, foi exatamente isso (...) a fotografia ela pode ser usada de várias formas, sua linguagem é universal e isso é maravilhoso... Mesmo depois de tantos anos, de décadas trabalhando com imagem, com fotografias, quando penso que já vi de quase tudo sobre as maneiras que ela pode ser explorada, vem você com essa novidade! Me mostra uma foto que eu mesmo fiz, há não sei nem quanto tempo mais (*risos*), pedindo pra eu lembrar de coisas dessa época, meu Deus do céu (*risos*). Mas isso é muito bom, muito mesmo.

Keith: Pois é seu Hélio e o senhor acha que esta é uma boa tática, o senhor quando fica de frente para fotografias produzidas no passado, consegue recordar de acontecimentos, de fatos que ocorreram no passado? As imagens são capazes de estimular suas lembranças?

Hélio: Claro que sim, com certeza, esse seu método é uma boa, viu. Se eu como fotógrafo, que convivo com isso o tempo todo, ainda consigo me sensibilizar com essas imagens, elas me remeteram a outros tempos, agora imagina uma pessoa que quase não tem esse contato.... Aposto que elas vão ficar encantadas e que vão ser capazes de lembrar de um monte de coisa, com certeza....

Keith: A intenção é esta viu, seu Hélio (*risos*). Bom por hoje está bom, né? Mais uma vez agradeço o senhor por me receber.

Término da entrevista.

Keith: Goiânia, 09 de novembro de 07. Seu Hélio eu gostaria que o senhor me mostrasse como o seu acervo está organizado. Eu já vim aqui anteriormente e perguntei isso ao senhor. Hoje eu gostaria de pedir permissão para tirar algumas fotos do seu escritório, da sala onde o senhor guarda seu acervo. Tudo bem?

Hélio: Vamos lá. Não existe uma organização não. As fotos estão em caixas, o que a gente pretende fazer é colocar todas elas, e os negativos também, no computador. Estamos em busca de recursos para aí sim, a partir daí arrumar isso aqui tudo. Mas vamos lá.... Os negativos estão separados, vou pegar aqui pra você ver. Os negativos estão todos separados nessas caixas, são caixas de plástico. Estragar eles não estragam, porque já tem muito tempo que estão guardados assim.

Keith: E os tipos de foto que tem aqui nesse acervo? São todas em preto e branco? Tem coloridas também? O senhor tem slides, negativos, negativos de vidro? Me fala sobre os tipos de registros fotográficos que tem aqui nessa sala seu Hélio.

Hélio: A maioria das fotos são preto e branco, colorida é muito pouco, muito pouco.

Keith: Eu poderia dizer que 90% das fotos são preto e branco?

Hélio: Colorida eu diria que uns 95%, você pode dizer uns 95%. É que quando começou o serviço com fotos coloridas eu já estava parando, né.

Keith: O senhor separa por tema?

Hélio: Algumas coisas. Essas pastas aqui, por exemplo, são separadas assim, por tema, mas tem muito pouca coisa guardada desse jeito. O que ta por tema está tudo aqui. Por exemplo, Palácio, as fotos que eu tenho sobre o Palácio, estão todas aqui. Aqui tem o Juscelino está vendendo?

Keith: Estou.

Hélio: Tem umas fotos estragadas mais a maioria estão tudo boas. Olha essa foto aqui. Só o microfone é do tamanho do seu gravador. (risos).

Keith: Nossa, eram imensos. E os tamanhos das suas fotos, posso perceber aqui que tem muita coisa 18x24.

Hélio: O papel que eu mais usava era desse tamanho mesmo. Porque o 18x24 você colocava duas fotos, ta vendendo? Eu acompanhava as campanhas desses políticos aqui tudo. Era debaixo de chuva, no sol quente, era uma vida difícil também, viu. Aqui essa pasta aqui é do Juscelino. Aqui tem quase tudo dele. Eu acho que foi o período mais importante da minha carreira. Aliás, o ponto forte mesmo, o marco eu diria que foi quando eu fotografei ele pisando em Brasília pela primeira vez, acho que isso foi um fato histórico de grande valor e eu estava lá, fazendo parte daquilo tudo.

Keith: Então, na campanha desses políticos aqui todos, inclusive o Juscelino, o senhor quem fez a cobertura fotográfica de todas elas?

Hélio: Foi sim. Campanhas, o asfalto, o desenvolvimento das cidades, os eventos, entim, fotografava de tudo. Olha outra foto aqui que aparece o gravador grande. Aqui ó, eu tenho aqui também um gravador de rolo ta vendendo, aqui na estante ó.

Keith: Seu Hélio como o senhor foi repórter fotográfico e por isso, tinha como compromisso, registrar os acontecimentos né, na maioria das vezes de uma maneira muito rápida, como ficava a questão das técnicas de fotografia para o senhor. Até que ponto o senhor se preocupava com as questões de enquadramento, luz, etc.?

Hélio: O repórter fotográfico não se preocupava com essas coisas aí não. Eu me preocupava era em registrar mesmo os acontecimentos. Agora os enquadramentos, a luz, isso aí vinha tudo com a intuição da gente, com o nosso olhar e experiência de fotógrafos mesmo. Aqui nessas pastas ta vendendo, tem pasta que tem só Pedro Ludovico, outra JK e assim vai.

Keith: O senhor pretendia fazer assim, separar assim, política, cidade, futebol, etc.?

Hélio: É o que eu pretendo ainda, agora eu acho que vai dar certo. Aqui, foi quando eu comecei. São um pouco de negativo e um pouco de fotografia, um pouco dos dois. Isso aqui é pra separar ainda. Essas são caixas com fotos dos outros governadores. José Ludovico de Almeida....

Keith: Então, parte das fotografias estão guardadas em envelopes e os envelopes dentro de pastas plásticas transparentes.

Hélio: É. Essa parte deu pra organizar assim, porque não são muitas né, são algumas pastas. Esse envelope aqui é tudo do Dr. Ludovico, essa aqui, José Feliciano. E aqui do lado de fora da pasta eu coloquei uma etiqueta indicando o que tem aqui dentro.

Keith: Posso colocar um envelope desses aqui pra poder fotografar? Mostrar como são esses envelopes?

Hélio: Pode.

Keith: Pra colocar nos envelopes o senhor não separa por tamanho, não né?

Hélio: Não, é assim, o que tiver daquela pessoa eu ponho. Aqui ó fotos do Paratéca, ta vendendo?

Keith: Ele além de fotógrafo foi político né.

Hélio: O Paratéca foi prefeito de Goiânia.

Keith: Seu Hélio até que está organizado, o senhor separa as fotos por blocos. Quando o senhor falou a maior bagunça, imaginei bagunça mesmo. (risos).

Hélio: Mas é só uma pequena parte, isso aqui não tem muita ordem não. Essa aqui é a pasta de personalidades..... Ta tudo misturado ta vendo, aqui tem o Darcy Accorsi, Jânio Quadros.

Keith: Se for para separar por tema, vai ser muito difícil, o senhor vai ter um trabalho enorme.

Hélio: Ta misturado, aqui são algumas fotos de quando eu ainda trabalhava no O Popular. Olha aqui, fotos do Íris Rezende, do Collor participando daqueles mutirões da casa própria, lembra?

Keith: Claro. É o Collor?

Hélio: Esse aqui foi o fundador do O Popular, aqui tem Nion Albernaz, Jânio Quadros. [Hélio de Oliveira abriu várias pastas e envelopes nesse momento da conversa, para manusear suas fotos].

Keith: Tem algumas fotos que estão no plástico também?

Hélio: A gente separa, né? Olha a Maria Valadão.

Keith: E nessas caixas de papelão aqui seu Hélio, são fotografias também?

Hélio: Tudo fotografia.

Keith: E nessas de papel fotográfico também?

Hélio: Também, aí é tudo fotografia.

Keith: E essas caixas de plástico pretas e aquelas azuis do lado de lá, são negativos?

Hélio: São. Tudo aí dentro são os negativos. Alguns desses o Helinho já scaneou. Eu pretendo comprar mais caixas dessas para guardá-los, eles ficam arrumadinhos aqui dentro. Tem muitos em caixas de papelão também. Esses estão bem bagunçados. Quero comprar mais pastas daquelas ali transparentes para guardar as fotos também.

Keith: Sabe aquelas poliondas azuis? Elas são mais adequadas seu Hélio, entram menos luz, sabe? Lá no museu tem muita coisa guardada nessas pastas. Não entrando luz, ajuda na preservação das fotos.

Hélio: Agora uma parte eu vou fazer assim nessas caixinhas pequenas.

Keith: Dos negativos que o senhor fala?

Hélio: É. Essa caixinha aqui é tudo Campinas.

Keith: O senhor cortou os negativos e os envolveu em pequenos folders feitos de papel, né?

Hélio: Isso, a minha intenção era protegê-los bem, né.

Keith: Deixa eu aproveitar e fotografar esses aí que estão no colo do senhor.

Hélio: Fica de cá, por causa da luz.

Keith: Vou dar a volta. E do lado de fora das caixas de negativo, o senhor colocou uma etiqueta com a identificação de tudo que tem aí dentro, né?

Hélio: Exatamente. Essa caixa aqui são as fotos também.

Keith: Ah, essas aí já estão em CD?

Hélio: Isso. Essas o Helinho já digitalizou tudo. Por exemplo, Campinas. Nós vamos fazer tudo nesse estilo. [CD com uma capa com algumas fotos e frases referentes ao assunto].

Keith: A intenção é boa seu Hélio, mas seria interessante o senhor pensar em conservar as imagens originais também, essas que estão no papel, no negativo. É importante ter o acervo digitalizado, principalmente para facilitar a disponibilização. Mas é muito importante seu Hélio, o senhor preservar todas essas fotos que estão nas caixas. Comprar armários de aço, envelopes neutros, papéis anti-fungo e fazer pelo menos a princípio uma higienização mecânica, assim a limpeza com um pó de borracha, sabe? E depois quando o senhor estiver com mais possibilidades, realizar uma higienização mais aprofundada com químicos. Seria o ideal viu seu Hélio, pense nisso também.

Hélio: Isso tudo é muito trabalhoso, né? Precisaria de uma equipe e tudo mais. Como tinha falado pra você ontem, a gente está trabalhando no sentido de conseguir recursos para trabalhar com esse acervo. Fazer ali no fundo ó, um cômodo bem arrumadinho e colocar todas essas coisas que estão amontoadas aqui, nesse lugar. Aí sim, a gente vai separar as fotos e os negativos, ver se compra uns armários, algumas dessas coisas aí que você falou também. E quem sabe trabalhar nesse sentido aí. Quando a gente começou a digitalizar o acervo a gente começou com esse aqui o zip drive. Aqui tem muita coisa, as fotos do Dr. Pedro estão aqui. Aí depois, passamos para o CD. Essa caixa aqui o Helinho ainda vai passar a limpo. Agora desse outro lado aqui, é outra coisa. Eu tenho que dar um jeito de trocar esses envelopes. Tem uns aqui que são da época do Popular! [envelopes pardos rasgados]

Keith: É seu Hélio esses envelopes aí realmente..... Eles podem até prejudicar as fotos. Ta vendo aqui, ele está soltando um pozinho. Tem que ser trocado o quanto antes. Essas aqui são fotos de esporte?

Hélio: São, todas elas.

Keith: Seu Hélio e essas fotos aqui dentro de um saco plástico em cima dessa caixa de papelão?

Hélio: Essas aí eu deixei separadas para uma moça que veio pesquisar.

Keith: Isso aqui tinha que trocar seu Hélio, o saco plástico é muito prejudicial, ele vai suar e a umidade vai gerar fungos nas fotos, pode acontecer também de começar a soltar a gelatina, sabe? O melhor seria o senhor tirá-las desse saco plástico o quanto antes. Deixe-as dentro de um envelope de papel. É menos prejudicial. Seu Hélio me desculpa pelos palpites, mas só quero ajudar. É um acervo tão grande e tão rico que não posso ficar calada vendo algumas coisas.

Hélio: Tudo bem. Você está acostumada com tudo muito certinho lá no museu, né? E eu reconheço que tem coisa aqui que precisa ser melhorada, não me ofendo não, gosto de ver que tem pessoas que se preocupam e que reconhecem a importância dessas fotos. Tenho é que agradecer pelos palpites (risos).

Keith: Seu Hélio, aí aqui dentro estão os negativos dentro de um envelope, é isso mesmo?

Hélio: É.

Keith: Este papel que eu chamei de envelope, na verdade é um folderzinho. Tem uma caixa de plástico cheia de negativos flexíveis cortados e envolvidos por um papel quadrado, dobrado ao meio, evitando o contato direto dos negativos. Esse papel, pode ser chamado de folder.

Hélio: Essas aqui são fotos do tempo em que eu trabalhava lá no Popular.

Keith: O senhor trabalhou para o Popular e Estado durante quanto tempo mesmo?

Hélio: 10 anos em trabalhei no Popular. Aqui tem coisa demais da conta nessa sala. É custoso tentar organizar tudo isso, não é fácil não viu? Eu estava trabalhando de uma maneira..... Eu estava arrumando mais ou menos assim, ó: Ta vendo, papel grosso [um papel pardo de gramatura alta, bem grosso mesmo, quase um papelão]. Essas aqui são fotos que eu procurava fazer quando não estava em serviço, são fotos de rua, olha essa aqui tem até um cachorro, procura fotografar tudo.

Keith: E aqui no bairro, o senhor também saía muito pra poder fotografar?

Hélio: Saía demais da conta. Só que a maioria das fotos de campinas que fiz, estão só no negativo, mas tem muita coisa, muita mesmo. Ta naquela caixa ali, ta vendo? Lá é tudo negativo de Campinas, só que o nosso scanner está com problemas, o que está atrasando muito o trabalho. Quando sair este recurso que estamos esperando, uma das primeiras coisas a fazer é comprar equipamentos novos, mais modernos, por esse aí está todo danado. Olha essa foto aqui, briga de galo (risos).

Keith: Ah não seu Hélio fotografando rinha de galos! (risos).

Hélio: Eu gostava muito de sair com a máquina na mão e sair fotografando tudo que eu achava interessante. Nossa, fiz muitas fotos assim. Mas estas não são fotos históricas, né. Então, não estão digitalizadas, não tem como disponibilizar. Olha só, foto de luta livre, carrocinha de cachorro, corrida de garçons (risos).

Tudo o que o senhor via pela frente o senhor registrava!

Hélio: Boi, elefante.... Avião, não perdia nada, fotografava, né.

Keith: Hein seu Hélio, e como o senhor revelava essas fotos?

Hélio: Tinha meu laboratório, né.

Keith: O senhor mesmo que revelava né. Não mandava pra outros laboratórios não.

Hélio: Eu mesmo quem revelava.

Keith: Químicos, essas coisas todas vinham de fora ou na sua época já era de fácil acesso aqui na cidade?

Hélio: Vinha de fora.

Keith: E essas fitas VHS? São filmes, documentários, tem alguma coisa sobre fotografia aí?

Hélio: São os programas de TV que eu gosto, aí vou gravando. Globo repórter, entrevistas, minisséries, JK, tudo isso.

Keith: Naquelas pastas azuis ali na estante também são fotos né? Parece-me que já estão digitalizadas.

Hélio: Ah são sim. Foram testes que o Helinho fez quando começamos a digitalizar. São fotos sobre a cidade, tem muita coisa aí, tem coisa do atlético.....

Keith: O senhor não pensa assim em escrever um livro contando suas memórias? Ou um livro de fotografia para mostrar as transformações da cidade, essas coisas, sabe?

Hélio: Não, não penso. Penso em organizar esse acervo e fazer algumas exposições. Agora livro é mais complicado. Isso aqui são pastas com recortes, guardo as coisas que saem com o nome, ta tudo aí. Isso aqui tudo que estou guardando, já não é mais pra mim, é tudo pros meus netos.

Keith: Ah ta, tem muita coisa aí esse material o senhor não considera como parte de seu acervo não?

Hélio: Não isso aqui é só pra família mesmo. O acervo HO só tem fotos e negativos mesmo.

Keith: E fotos sobre esporte, seu Hélio? Me fala um pouco sobre essa sua aproximação com o esporte e com o Atlético.

Hélio: Nossa, eu fotografei muito esporte. Era minha paixão, né. E não era só foto de futebol não, era tudo. Era bem capaz se eu soubesse que ia ter um campeonato de cuspe a distância eu ir lá pra fotografar. (risos).

Keith: Sobre o Atlético parece-me que as grandes vitórias do time na década de 1950, foram em 55 e 57. Ah se não tiver enganada, teve uma nos anos 40 também, não é isso?

Hélio: Em 44 teve uma vitória importante também. Em 44 e 47.

Keith: Eu trouxe umas fotos aqui, gostaria que o senhor desse uma olhada. São fotos do senhor que consegui no acervo do José Mendonça Teles. São todas do Atlético. Elas também compõem o meu estudo sobre Campinas e sobre o atlético, obviamente. Então seu Hélio a partir dessas imagens, me fala um pouco sobre as vitórias do atlético nos anos 50, dos jogadores, dos lugares frequentados por eles, da paixão pelos moradores do bairro pelo time. O senhor consegue identificar alguns desses jogadores?

Hélio: Esse aqui é o Pitinho, era goleiro, Fábio, (...), Jair, Bebê, Joãozinho.

Keith: Nesse time aqui de 55 quem mais se destacou seu Hélio, quem foi o grande craque?

Hélio: Nessa foto aqui tem alguns jogares aspirantes, os reservas, sabe?

Keith: Sei.

Hélio: Olha aqui o Tocafundo.

Keith: Nesse período aí o senhor já era da diretoria do Atlético?

Hélio: Já era sim. Olha aqui o Odílio. Os craques eram o Epitácio (o Borba), o Plínio, mas o grande craque mesmo foi o Epitácio. Inclusive ele está muito doente, esses dias ele estava ruim, ficou até internado. Nessa foto aqui, nesse time aqui eram só aspirantes. Quando sobrava, os jogadores oficiais, igual o Plínio que a gente ta falando, entravam para fazer um time mesclado. Aspirantes e titulares. Aqui no computador eu tenho umas fotos do torneio integração.

Keith: Esse torneio foi em 71, eu tenho uma foto do Antonio Accioly com a taça desse torneio. Até trouxe ela pra te mostrar.

Hélio: Deixa eu ver primeiro essas aqui de 55. Em 55 aquele time que ganhou o campeonato aqui, eu não sei.... Acho que os negativos estão aí guardados, misturados ai. Na época dessa foto aqui, eu fotografei muito! Tanto no Antônio Accioly quanto no estádio Olímpico. É engraçado né, a fotografia tem uma capacidade de despertar lembranças... Durante os jogos do Atlético eu sofria muito pra tirar as fotos, eu era torcedor mesmo.... Ficava todo chateado quando o time perdia e eu tendo que fotografar aquilo tudo.

Keith: Trouxe aqui seu Hélio algumas fotos desse período, olha só. Aqui eles estão com as faixas de campeão de 1955. Da outra vez que vim aqui, ainda não tinha essas fotos digitalizadas.

Hélio: Ah é mesmo. Olha aqui o Plínio que te falei agorinha. Você já falou com ele?

Keith: Já sim. Da outra vez que estive aqui o senhor me passou o telefone dele. Trouxe também seu Hélio umas fotos do Bar do Fiore. Algumas pessoas me disseram que era muito comum os atleticanos comemorarem suas vitórias nesse bar, acho que já falamos sobre isso da última vez, mas queria que o senhor visse essas fotos e confirmasse se são todas de sua autoria mesmo.

Hélio: Deixa eu ver. Ah essas aqui tudo fui eu que fiz! Nossa você desenterra cada coisa (risos). Eles iam pro Bar do Fiore sim, eu ia também. O Fiore sempre esteve muito próximo do Atlético, foi até treinador, você sabe, né? A gente gostava de muito de ir pra lá. Até o frei Confaloni ia! Frei Confaloni, ele era amigão da gente aqui, ó. Atletico até debaixo d'água! Eu fotografei para ele várias vezes. Vou pegar uma foto aqui, que tem ele lá no Bar do Fiore, rodeado de garrafas de cerveja (risos). Era um cabeça aberta pra época. Os jogadores, o povo aqui da campininha, tudo gostava dele... Eu fui demais nesse bar, demais da conta. (risos). Até o Helinho ia!

Helinho: Você não tem umas fotos do Bar do Fiore?

Keith: Tenho sim, eu até trouxe algumas. Há, se não tivesse eu ia te arrumar algumas.

Helinho: Então, nessas fotos aí ó, eram jogadores e torcedores depois da partida. Só que é claro, eles não iam de uniforme. Nossa eu acompanhei muito meu pai nessas comemorações.

Hélio: Não ia só eu não, ia o frei Confaloni, esses careta iam tudo pra lá. Aqui ó, ta vendo o Confaloni?

Keith: To sim. Todas essas fotos aí que o senhor está vendo do Bar do Fiore, eu poderia dizer que foram de comemorações do time após uma partida de futebol?

Hélio: Com certeza, pode sim. São todas de comemoração. Eu falo que o time de 1955 é time mais característico do Atlético.

Keith: Característico em que sentido?

Hélio: Porque era só de gente aqui da campininha. Gente criada aqui, que nasceu aqui, que começou a jogar no Atlético. Só tinha um que era do antigo Araguaia, o Araguaia que foi, Vila Nova: O Plínio. Os que não nasceram, igual o Plínio, passou a morar aqui, constituiu família, inclusive casou com minha irmã, ele deve ter te falado, né, e se tornou um campineiro de primeira. Então era um time de gente nossa aqui. Só o Plínio que tinha vindo de fora.

Keith: É ele me contou mesmo. Disse que quando se mudou para Goiânia, jogou primeiro nesse Araguaia e depois veio para o Atlético.

Hélio: É verdade, veio pro Atlético aí ele começou a namorar minha irmã e acabou casando. Mas esse time de 55 foi campeão invicto, ele ganhou dessa turma toda. Aqui teve muito time. Olha teve um time chamado Sirio Libanês, Associação Mariana, Araguaia, Botafogo, São Paulo, Santa Rita, Riachuelo, Nova Vila, tinha Vila Nova e Nova Vila, Vila Operária, Campinas...

Keith: Teve um time chamado Campinas? Aqui do bairro como o Atlético?

Hélio: Acho que era, foi desses timinho que não durou muito tempo. São Luis, nossa era time demais. (risos). São Luis, Santa Rita, nossa era time demais!

Keith: O senhor enquanto dirigente lá do Atlético, o senhor assim, lembra ou melhor, participou de algum feito que tenha marcado a história do clube, nesse período que o senhor esteve lá? Além é claro dessas grandes vitórias.

Hélio: Como eu estava dizendo pra você.... acho que 1955. Agora outras, vamos ver: Nunca um time de Goiás tinha jogado fora do Estado, a não ser a seleção goiana que jogou fora.

Keith: Só pra esclarecer, seu Hélio. A seleção goiana era um time formado com jogadores de vários clubes do Estado, não é isso?

Hélio: Isso mesmo. O essa foto aqui no computador, tem o Baltazar de Castro, o Piolho. Ta vendo essas aqui estão muito estragadas. Foram feitas no tempo que a gente não tinha scanner de negativo, aí o Hélio scaneou essas fotos

mas não estão boas não. Essas não tem como passar pra você. E é a única que eu tenho com os jogadores com a faixa de campeão de 55.

Keith: Seu Hélio o Atlético Clube Goianiense tem um perfil muito campineiro. O senhor mesmo ressaltou isso quando estava falando desse time aí, dessa foto que está em suas mãos, o time de 1955. Eu poderia dizer que o Atlético é uma das identidades aqui da campininha? Por exemplo, na década de 1950 que é o período que a gente está conversando, vendo as fotos, etc. O senhor acha que os moradores aqui da campininha viam no Atlético uma forma de se diferenciar dos moradores lá de Goiânia, por exemplo? Assim, ser atleticano era uma forma dos moradores se afirmarem como campineiros e ao mesmo se diferenciar dos outros moradores? Não sei se consegui ser clara nessa pergunta. O senhor entendeu? Quer que eu a reformule?

Hélio: Eu entendi. Eu acho que sim. Através do Atlético os moradores se afirmavam, sentiam orgulho de ter nascido aqui, de morar aqui, de fazer parte de tudo isso. E ao mesmo tempo, era uma forma de se fazer diferente dos outros. Sem dúvida o time servia sim para diferenciar, ajudava os moradores daqui se sentirem mais campineiros ainda, se isso é possível, né Helinho. (risos).

Keith: Helinho você concorda com isso?

Hélio: Acho que meu pai tem razão, me lembro quando ia vender as fotos do meu pai lá no campo do Atlético, o quanto os torcedores se orgulhavam do time aqui de campinas, como se sentiam campineiros, e eu nesse momento aproveitava e vendia era muitas fotos. (risos).

Helinho: Deixa eu dar uma olhada nessas fotos que você trouxe. São sobre o que mesmo?

Keith: Aqui. São fotos dos jogadores do Atlético, do Bar do Fiore e de alguns lugares daqui de Campinas também.

Helinho: E meu pai lembra de cada estória dessa época.....

Hélio: Eu já contei pra ela muita coisa da outra vez que ela veio aqui, não foi?

Keith: Foi sim. Ele me conversou muito comigo sobre Campinas principalmente. Bom, vamos voltar um pouco sobre o Acervo Hélio de Oliveira. Eu sei que o senhor era repórter fotográfico e sua função principal era registrar os fatos. Mas e quando o senhor saía pra fazer por exemplo, fotos de vistas urbanas, onde não precisava se preocupar com a rapidez para o registro da imagem. O senhor nesse momento se preocupava, ou melhor utilizava algum tipo de técnica?

Hélio: Pra fazer as fotos?

Keith: Isso. Era instinto, intuição, um pouco de técnica, como é que era?

Hélio: Intuição. Eu sou autodidata, nunca estudei fotografia, nunca estudei nada. Foto reportagem é só... captar o momento, ser ágil. Você tem que pegar é na hora exata, no momento. Reportagem é o momento.

Keith: O momento, né.

Hélio: É.

Keith: E com o passar do tempo o senhor também foi pegando mais o jeito, né.

Hélio: Claro. Por exemplo, aí eu já sabia, ó esse trem vai acontecer aqui, já vou me posicionar, já vou ficar de olho aqui e esperar. Aí acontecia o negócio e eu fotografava. Um pouco é experiência mesmo, tempo de serviço, né.

Keith: Sim.

Hélio: E assim, fora esses registros que o senhor fazia, tinha os registros das ruas e avenidas, por exemplo. Aí já não é foto jornalística né.

Hélio: Não, sabe... porque aqui em Goiânia, não tinha esses cartões postais, aí eu fazia, eu fazia os postais para poder vender. O Berto também fazia, muitos outros aí faziam. Mas eu fiz demais isso. Eu procurava fotografar Goiânia por causa desses postais, pra poder vender, né. Por isso é que eu tenho uma boa coleção de fotos de Goiânia. E toda vez que eu saía com o pessoal do governo, quando a gente chegava em Goiânia, às vezes tinha uma ponta de filme e eu aproveitava pra fotografar. Eu ia fotografando vistas áreas. E algumas vezes né Helinho, a gente saía só pra fotografar vista área. Eu conseguia o avião com eles lá, naquele tempo a gente tinha um prestígio danado com eles lá, aí era mais fácil. Fazia cada foto panorâmica! Mas tinha uma coisa, tinha que ser a 300 metros. Não podia abaixar mais que 300 metros não.

Helinho: Aliás tem até hoje, né. Tem um ponto ali do aeroporto Santa Genoveva que não pode ser sobrevoado para tirar fotografias.

Hélio: É igual a base aérea de Anápolis, lá também não pode. Uma vez eu saí daqui com o Bittencourt para ir daqui a Pirenópolis de avião, pra você ver, nós tivemos que dar uma volta grande pra poder ir lá em Pirenópolis, na volta nós passamos lá por Brasília, só pra você ter idéia, levamos um tempão danado pra chegar aqui.

Keith: Então, essas vistas áreas mesmo, o senhor foi pegando o jeito até conseguir fazer boas fotos, não teve escola de fotografia, professor, nada disso. Parece-me que teve um amigo do senhor de Uberlândia que lhe passou alguns ensinamentos, é verdade?

Hélio: Ele me despertou o interesse. Mas aprender, eu aprendi por mim mesmo. Tudo mérito meu.

Keith: Até pra revelar, né. Tudo?

Hélio: Pra revelar também. No começo não tinha ampliador, eu pegava os negativos e copiava. Era cópia direta! Aí eu comprei uma máquina, eu mesmo adaptei essa máquina e fiz um ampliador com a máquina!

Keith: Nossa, impressionante.

Hélio: Aí eu já fazia fotos maiores. Foi quando eu comecei a trabalhar no Popular. Aí eu já tinha essa máquina. Essa máquina eu peguei e vendi para o Popular.

Keith: O senhor chegava a trocar idéia sobre fotografia com algum fotógrafo da sua época?

Hélio: Não, por que.... o repórter fotográfico não tinha aqui em Goiânia. Tinha esses outros fotógrafos, muitos de estúdio, né.

Keith: E leituras sobre fotografia, nem isso o senhor fazia?

Hélio: Ler eu lia muito, eu dava um jeito de arrumar uns livros. Procura ler um pouquinho sobre o assunto. Tinha por exemplo, um livro só de fotos, de como revelar né. A revelação tinha umas fórmulas. Por exemplo, tem o revelador para o papel e tem o revelador para o filme. O grão fino, etc. e tal. Eu tinha uns sistemas de mudar a cor, a sépia, o verde, tudo isso eu fazia. Aprendi através das leituras. O Helinho é quem pegava as fotos pra mim pra por pra secar. Tinha uma secadeira lá que dava uns choques, que eu vou te falar viu (risos). Ele desligava a secadeira, punha as fotos lá e depois ligava. E às vezes (risos) ele esquecia e colocava a mão lá e.... "ai" (risos)., Você lembra Helinho?

Helinho: Se lembro, se lembro! Mas o senhor também tomava uns de vez em quando (risos).

Hélio: Nossa, eu já tomei choque demais da conta. Essa foto aí que você selecionou do café central ta vendo? Aquele prédio lá do fundo ta vendo, é a primeira sede da rádio Anhanguera, antes dela ser o Popular. Porque foi primeiro rádio anhanguera antes de virar o Popular.

Keith: Entendi. Aí depois virou uma rede né. E aos poucos virou essa potência que é hoje. Mas no comecinho o Popular era jornal, tipografia e livraria. Isso tudo na mesma época em que o senhor começou a trabalhar lá né.

Hélio: É na mesma época, depois aí modificou, né. Na época da televisão eu já tinha saído já.

Keith: O senhor ficou lá até 1960, né?

Hélio: Eu saí de lá no comecinho de 61.

Keith: Helinho tem uma foto que o seu pai me mostrou do laboratório mesmo. Eu tinha pedido para ele me mostrar o espaço hoje, mas ele achou melhor me mostrar as fotos. Eu queria que você por favor, selecionasse algumas do laboratório, acho importante mostrar esse local.

Helinho: Pode deixar vou por colocar. Uai, ele não quis te levar lá na bagunça não?

Keith: Não, e olha que eu insisti. Seu Hélio eu vi em uma dessas matérias aí nos jornais que venho pesquisando ao longo dos meus estudos, uma matéria que compara o seu trabalho ao de Militão Augusto de Azevedo. Um fotógrafo que registrou muito as ruas de São Paulo do século XIX. A partir dessa matéria me surgiu uma pergunta: o senhor se inspirou ao longo dos anos, falo de inspiração e não de cópias, o senhor entende, né. O senhor se inspirou no trabalho de algum fotógrafo durante os anos em que exerceu esta profissão?

Hélio: Bom, comparações a gente sempre faz, tem até dois depoimentos nesse vídeo, né Helinho, de fotógrafos lá de São Paulo falando sobre minhas fotos.

Keith: Eu preciso ver esse vídeo. Mas assim, o que eu quero saber é se o senhor foi influenciado assim pelo trabalho de algum fotógrafo. O senhor ver uma foto e querer ter uma de estilo parecido, por exemplo. Utilizar o mesmo ângulo, assim, influências mesmo seu Hélio.

Hélio: Não, não. Às vezes a gente gostava de uma foto e procurava fazer igual, mas não igual assim....

Keith: Não é imitar não seu Hélio, é ter um estilo parecido, influências.

Hélio: Às vezes até tinha. Eu fazia minhas fotos e pronto. Não tinha esse negócio aí não. Eu ao mesmo tempo que fotografava para o jornal eu fazia fotografia de formaturas, de bailes de debutantes, eventos sociais, eu fazia tudo. Eu fazia de tudo, fotografei até gado.

Keith: Gado?

Hélio: É, gado. Porque tem uma técnica especial pra você fotografar essas coisas. A posição assim. Eu fiquei sabendo disso porque eu fiz muita foto para, antigamente tinha uma revista a Zebu, que era especializada em gado. O Valter Fridman (.....) ele mexia mais com a revista dele, mas fazia também esse tipo de foto. (.....).

Keith: Como é que é seu Hélio, esse Fridman trabalhava também para essa revista, é isso?

Hélio: A revista era dele.

Keith: Ah tá. E como o senhor definiria o estilo do senhor enquanto fotógrafo?

Hélio: Estilo relaxado (risos).

Keith: (risos). Seu Hélio, mas eu não posso colocar isso no meu trabalho, estilo relaxado, seu Hélio! (risos).

Hélio: Estilo livre. Eu não seguia assim as normas certinhas não. Porque às vezes eu fazia umas fotografias que não eram muito convencionais e eu fazia, então não tenho assim um estilo. Eu não seguia nada, não tenho esse negócio não.

Keith: Não tinha um estilo, não seguia tendências, não se inspirava em trabalhos de outros fotógrafos, nada disso né seu Hélio?

Hélio: Não. Às vezes as pessoas diziam "ah você tem que fazer isso, tem que fazer aquilo" e eu não, não fazia nada disso. Por exemplo, o Alois. O Helinho uma vez saiu para fotografar com o Alois, ele ia fotografar a estátua do bandeirantes, né Helinho? Conta pra ela quantas horas vocês ficaram lá.

Helinho: Nós ficamos lá quase umas duas horas (risos).

Hélio: Pra tirar a foto de uma estátua! Ele ia de um lado, agachava, e do outro e tal e eu não, ah é pra tirar foto do Bandeirante, então tá. Chegava lá e pá, pá e pronto, não tinha esse negócio não. O filho dele não gostava de sair com ele pra fotografar de jeito nenhum.

Keith: O Kurt, né.

Hélio: É o Kurt, o Helinho é que ajuda ele às vezes.

Helinho: Nossa, eu fui várias vezes....

Hélio: Mas era um bom fotógrafo!

Helinho: Eu me lembro direitinho, ele com aquela piteira dele, o óculos, ele focando com aquela calma.... mexendo naquela máquina, lembro direitinho. E ainda resmungava porque o Kurt não gostava de acompanhá-lo. (risos). Aquele era calmo, né pai. Ele via eu acompanhando o meu pai né e dizia: "o Kurt não acompanha eu, não acompanha".

Hélio: E agora dá dó viu, o jeito que as fotos deles estão lá. Se ninguém tomar uma providência aquilo ali vai acabar tudo!

Keith: A gente já esteve lá algumas vezes, eu conheço lá. Seu Hélio voltando um pouco lá no Atlético. Como eram organizados os campeonatos?

Hélio: O campeonato daqui era organizado pela federação.

Keith: Federação Goiana de Futebol.

Hélio: Isso. Era tudo organizado por eles, as tabelas, tudo.

Keith: E como se escolhia os atletas?

Hélio: Naquele tempo era de um profissionalismo marrom.

Keith: Profissionalismo marrom, o que é isso?

Hélio: Eles ganhavam uma gratificação, ganhavam um emprego, pra poder jogar né. Não era uma coisa profissional, oficial. O Goiânia, por exemplo, era dirigido por pessoas ligadas ao Estado, eram funcionários do Estado, secretários, aí o Goiânia dava esse tipo de emprego pra eles. O Goiânia era chamado de chapa branca. Porque no Estado antigamente, toda chapa de carro do Estado era branca, aí já viu né. O Antônio Accioly ele tinha um cartório, era o cartório do 1.º ofício e cartório da muito dinheiro né.

Helinho: Pra você entender é esse cartório que executa títulos da prefeitura, títulos como IPTU, por exemplo.

Hélio: Então, o Antônio Accioly ele dava emprego. A maioria dos funcionários do Atlético trabalhavam para o Antônio Accioly.

Helinho: Era esposa, filho, filha, tudo. Eles trabalhavam lá pra ajudar no sustento de casa.

Hélio: Quando o Atlético arranjava um jogador muito bom, o Goiânia oferecia um emprego melhor pra ele e pronto.

Keith: Aí ele ia não tinha como segurar.

Hélio: Não tinha, não tinha contrato uai. O Helinho o pai dela foi treinador do Atlético e do CRAC.

Helinho: Odair Tito, sério? Lembro demais dele. Eu lembrei de uma coisa. O meu pai fazia as fotografias das partidas e a gente começou a fazer uma coisa que ninguém mais fazia, que era vender essas fotografias no estádio.

Keith: Vendia tudo, né?

Helinho: Tudo. Quando vinha time de outras cidades, eu ia lá no hotel vender fotografias pra eles. Eu devo ter vendido muitas fotos pro seu pai, viu! E eu ia nos treinos também. Às vezes eu chegava nos treinos e era barrado aí eu falava: "não.... eu vim vender as fotos, sou filho do Hélio de Oliveira!", aí eles diziam: "filho do Hélio, então deixa o menino entrar". E eu colocava minha pastinha debaixo do braço e entrava, entrava e vendia as fotos tudo! (risos), não sobrava uma. Era sempre assim. Eu entrava no meio daquela torcida, aquele quebra, quebra e eu lá no meio vendendo minhas fotos. Quantas vezes eu chegava lá no campo do Vila Nova, aquele bafafá todo e eu chegava e entrava. Os seguranças tudo já me conheciam, "não, é filho do Hélio pode deixar entrar". E eu passava todo, todo....

Hélio: Tinha o Fidêncio lembra dele Helinho?

Helinho: O Fidêncio tinha um bar lá no Estádio Olímpico que era um movimentão doido, sabe e tinha aquela fila e eu chegava ali perto do caixa, né, aí o Fidêncio me passava na frente de todo mundo, perai é o filho do Hélio, deixa ele passar aí, ele está trabalhando. A gente tinha privilégios.

Keith: Vocês foram visionários também, né, começaram a vender fotos em estádios e bares, fato que segundo você, né Hélio não era nada comum naquele tempo.

Helinho: E esses jogadores todos que você está vendo aí eu vendi fotos pra todos na época. Então, o que a gente fez? Fez muita amizade com o pessoal todo! Conhecia muito os jogadores....

Hélio: Helinho, o pai dela era o técnico quando o Atlético perdeu aquele campeonato de 67.

Helinho: Nossa senhora! Tinha um pessoal ali que.... Tinha o foto Oyama, eu nunca esqueci... Eram uns japoneses e o foto deles era ali perto da (...) aí esse cara era fanático pelo Atlético nossa! O que ele soltou de foguete esse dia e o que ele torcia.... E o que eu vendi de foto naquele jogo, nossa! O Estádio Antônio Accioly lotado....

Hélio: E o Atlético perdeu o jogo!

Helinho: Isso em 1967, eu tinha dez anos de idade e já vendia fotografia. Aí o seguinte, aquele foguetório danado aquilo tudo e quando o CRAC fez o gol, depois começou com aquele negócio de só bola pra cima, até hoje quando os cara dão aquelas bicudas os outros gritam: "ô catalão!" (risos). E é alusivo a esse fato da derrota para o CRAC. Foi

uma decepção geral e aquele japonês chorava de um tanto e eu fiquei numa dó dele, eu ficava encabulado, gente chorar daquele jeito por causa de futebol.... Nossa, eles ficaram bravos!

Keith: Eu imagino. Um time favorito, jogando em casa e perder o jogo....

Helinho: Muitas vezes ele [seu Hélio] também ficava bravo quando o Atlético perdia, ficava uma arara. Muitas vezes saía do estádio bruto! (risos).

Hélio: Esse japonês uma vez lá em Goiânia, o bandeirinha toda hora marcava um impedimento, toda hora marcava impedimento, aí ele pegou e tã, pou no bandeirinha levou aquela bandeirada! E quando ele passou a mão assim, só o sangue, aí ele jogou a bandeira pra lá e hum, desmaiou! (risos). Que safadeza!

Keith: Ele ainda é vivo esse japonês?

Hélio: Sei lá, acho que não.

Helinho: O meu pai tinha um banquinho de ferro ele era baixinho assim e ele sentava atrás do gol com esse banquinho pra fazer as fotos. Esse banquinho ele pegava e dobrava ele e ele era uma arma letal!

Keith: Imagino

Helinho: Não.... e em várias brigas ele entrava com esse banquinho na mão lá e rumava o banco na idéia dos outros lá (risos).

Hélio: Não, eu estava lá apartando! Eu não entrava lá pra brigar não, era apartando. O nego saía catando mamona assim e eu pegava o banquinho e pá, pá! Tinha o Toró que era muito amigo da gente e que era jogador do Goiânia e ele falava: "ô seu Hélio, sou eu!" (risos). Esse Toró era demais, muito amigo da gente. Aliás, o pessoal do Goiânia era tudo amigo da gente.

Keith: Meu pai me contou que nessa partida aí de 67, o CRAC queria que o jogo fosse no Estádio Olímpico para poder desviar um pouco a pressão do Atlético, porque time favorito e jogando no próprio estádio, não ia dar certo. Aí como eles não conseguiram, o Ênio e o Sílvio Paschoal, que eram da diretoria do CRAC, o senhor deve saber quem são....

Hélio: Sei demais.

Keith: Disse que eles ficaram tão bravos, aí o Ênio pegou uma arma e deu tiros pra cima. Agora o senhor imagina, a que ponto chegaram....

Hélio: O povo do CRAC eram metidos a bravo mesmo. Pois é, só sei que o seu pai deixou um gosto muito ruim, amargo aqui pro Atlético, viu. (risos).

Keith: risos.

Helinho: O pessoal daqui não gostam nem de lembrar! O que é foi aquilo, gente!

Keith: Marcou, né.

Hélio: Vou te mostrar agora, umas fotos da minha última exposição, aquela que te falei, a da comemoração do aniversário de Goiânia.

Helinho: Esse aqui [um pacote] está mais completo que esse aqui. Essa exposição aí foi lá na câmara. Ta vendo, são fotos de vista área.... tem aqui a minha fala, eles pediram pra eu dar umas palavrinhas na abertura né, aí levei isso aí.

Keith: Esse eu posso levar?

Hélio: Pode levar isso aí. Esse tem os dados sobre minha pessoa, ta bem resumido. Mas talvez te ajude.

Keith: obrigada. Vai ajudar sim, com certeza.

Hélio: As próximas exposições a gente pretende padronizar assim ó [fotos com excelente resolução, plastificadas, tam. 40x50].

Keith: Eu preciso também de fotos do Goiânia Esporte Clube.

Helinho: [selecionando as fotos no computador]. Pai, pai, olha aqui o Silvinho, o J. Machado, lembra do J. Machado? Ó o Carlos Cunha, nossa, esse aqui era criador de caso!

Hélio: Esse aí ó, o pai dele foi fundador do Vila Nova.

Helinho: Ó pai, o Salsicha!

Hélio: O Salsicha ele aparece do filme. Pernambuco do lado de cá, essa foto aqui é de 1950. Aí tem o Borba o irmão do Eptácio que saiu pra jogar lá ó.

Helinho: Tem o Cisquinho.

Hélio: Paulistano ó. Aquele perto do Fidêncio ali, é o Paulistano, aquele que morreu esses dias ó. Esse aí morreu agora, uma semana atrás. Quem vai te falar muita coisa é o João Batista, ele conhece tudo! Mostra pra ela uma foto do Goiânia, uma que eles estão alinhados assim ó. Ela quer o time oficial do Goiânia, mesmo. É isso né?

Keith: É sim.

Hélio: Aí essa aí que tem o Olacir.

Keith: Essa aí está parecendo que é da década de 70, né.

Hélio: Isso aí tudo eram fotos estragadas que ele [Helinho] concertou aí no computador, sabe?

Keith: Sei. No photoshop, né.

Hélio: Tem mais fotos aqui nessa caixa, mas o nosso scanner está com um problema sério, precisa trocar, sabe. Então, tem muita coisa parada, que não dá pra fazer.

Helinho: Tem como recuperar muita coisa aqui. Às vezes tem uma pessoa só que interessa, aí já serve, a gente vem e tira alguma coisa. O Goiânia.... Agora, o Goiânia nunca deu decepção pro Atlético igual o CRAC não viu. Porque aquela do CRAC, ficou marcada. (risos).

Keith: (risos).

Hélio: O Goiânia, ele ganhava o campeonato era na marra.

Helinho: Atlético naquela época estava com um salto tão alto, mas tão alto que aí cai, né.

Keith: Você fala em 67, né?

Helinho: É. Essa foto aqui, né pai? [foto oficial do Goiânia, dec. 1950].

Hélio: Olha Keith, esse é o time oficial do Goiânia.

Keith: Vocês conseguem identificar o time? Da direita para esquerda.

Hélio: Aí tem uns nomes que eu não sei.

Keith: Não se preocupe. Só os que o senhor lembrar mesmo.

Hélio: Uberaba aí é o Salsicha, Bagainha, Cisquinho, Vavá, João Preto, Tião Paião.

Keith: Tião Palhaço?

Hélio: É. Esse aqui que é o Tião Paião, aquele ali é o João Preto, Joca, Bessa e...

Helinho: Mané Padaria.

Hélio: Padaria é esse. Rosa.

Helinho: O Rosinha.

Hélio: Rosa não, esse é.... ah não lembro.

Keith: E quem é o grande craque aqui? Porque sempre tem um que se destaca, né?

Hélio: Era o Cisquinho e o Foca.

Keith: Cisquinho e Foca?

Hélio: É. Tinha o Salsicha também. Eles eram muito bons. O único defeito era serem jogadores do Goiânia (risos).

Mas, sem brincadeira, esses três aí, ó, jogavam um bolão!

Keith: E no Atlético quem era o grande craque nos anos 50?

Hélio: Eptácio.

Keith: Eptácio?

Hélio: É. Eptácio foi um grande craque, sem dúvidas. Naquele tempo era o Eptácio, o Fábio, o Plínio jogava bem. Tinha um time bem regular, com bons jogadores. Tinha o (.....) o José Oscar, Pitinho. Pitinho era o goleiro, hoje ele é fotógrafo. Fica ali na porta da igreja.

Keith: Eu sei, eu já tentei encontrar com ele, mas nunca coincidiu. O seu Plínio já havia me falado sobre ele. Disse que ele registra muito batizado.

Hélio: É batizado. Não.... vem no domingo aí, domingo cedo que você topa com ele.

Helinho: O Pitinho ele uma vez, eu fui fotografar um batizado, aí eu era rapaizinho sô, o Pitinho chegou perto e falou: "aqui não pode fotografar não" e saiu. Aí eu expliquei: "não... eu vou fotografar o meu primo, é batizado do meu primo uai". Aí ele pegou, olhou assim pra mim sabe, aí eu peguei e chamei ele de Pitinho, né. "Pitinho eu sou filho do Hélio, o Hélio de Oliveira uai". "Não, então você pode ficar!" (risos). Você é filho do Hélio, você pode ficar.

Keith: Aí a conversa já foi outra, né.

Helinho: Mas mesmo assim, ele ficou atrás de mim.

Hélio: O Pitinho tem muitos causos. Uma vez eu fui fotografar lá naquela igreja lá da praça do Avião, como é que chama? O casamento era lá, aí tinha um governador, um vice-governador que era padrinho. Aí eu cheguei pra fotografar e veio um careta de lá dizendo: "isso aqui é exclusivo, isso aqui você não pode entrar aqui não, você não pode fotografar". E eu falei: "não, não posso não?" e ele: "não". Aí eu: "então você vai falar ali com o vice-governador que eu não posso fotografar". Aí: "não, não, não, pode entrar!". Aí eu falei de novo, vai lá conversar com ele. (risos).

Keith: Aí já muda a conversa.

Hélio: É de rir viu. Agora, quando a gente estava com o governador, não tinha desses negócios não, a gente ia entrando.

Keith: Tinha passe livre, né.

Hélio: Só uma vez que eles me barraram. Fui deixar umas fotos dessas aqui... olha essa foto aqui.

Keith: Quem é? O Zico?

Hélio: Eu e o Zico lá no Serra Dourada!

Helinho: Essa aí não está muito boa não.

Keith: Está sem foco, né.

Hélio: Isso aqui é porque não focalizou direito.

[trecho da conversa não gravado. Helinho mostra umas fotos de uma viagem realizada pela família para o Pantanal matogrosense, fala sobre o local, etc.].

Keith: Seu Hélio, eu queria que o senhor repetisse para mim, por favor, porque é importante para eu colocar no meu trabalho e o senhor me falou lá em baixo quando a gente estava conversando antes de ligar o gravador. O senhor pode repetir o motivo o qual campinas não possui edifícios altos.

Hélio: O gabarito máximo pra cá é de três andares. Não pode construir prédio mais alto que isso. Tem uma lei que impede. Só tem um prédio aqui que é bem alto, mas isso, porque o dono de lá é um político e antes da construção, ele fez com que fosse aprovada uma emenda a favor dele. Ele derrubou essa lei, construiu o prédio e depois de um tempo a lei voltou a vigorar. A emenda passou a não valer mais. Agora parece que tem uma outra lei que quer aumentar a capacidade de três para cinco pavimentos.

Keith: É provável que eu encontre essas leis no paço municipal, né? Na Seplan.

Helinho: É no paço com certeza. Na, na.... como é que chama? Seplan. Hoje chama Seplan. É lá no paço municipal. Você vai lá e fala com a Kátia.

Keith: Kátia.

Hélio: Tem muita foto minha lá.

Keith: Na Seplan?

Hélio: É.

Helinho: Separei aqui as fotos que você pediu. Vamos dar uma olhada?

Keith: Claro. [seleção das imagens]. Seu Hélio e Helinho, eu quero agradecer muito pela colaboração e paciência de vocês, a nossa conversa foi ótima, muito obrigada.

Hélio: Imagina, precisando. Eu senti que às vezes a gente até fugiu um pouco da conversa, das coisas que você estava procurando. Mas é que aqui tem tanta coisa pra mostrar e outras que ainda precisam ser feitas que às vezes, a gente se perde. Mas depois se você vir que ficou faltando alguma coisa, alguma informação, você volta aqui e a gente começa tudo de novo.

Keith: Ok. Chegamos ao fim da conversa. Mais uma vez, tenho que perguntar.... Seu Hélio.....

Hélio: Já sei, autorizo. (risos).

Keith: Era isso mesmo (risos). Mas como tenho que perguntar.... Eu estou autorizada a utilizar esta entrevista no meu trabalho sobre Campinas?

Hélio: Sim, sim, sim. (risos).

Keith: Muito obrigada, seu Hélio de Oliveira!

Término da entrevista.

Keith: Goiânia, 12 de novembro de 2007, entrevista com João Batista Alves Filho. Eu já vi aqui tantas referências a seu respeito, na área profissional que nem sei por onde começar. Escritor, cronista...

João Batista: Vigarista (risos).

Keith: Ah nem seu João, vigarista? (risos). Advogado, enfim, autor do livro Arquivos do Futebol Goiano, uma de suas produções que é também referência para a minha pesquisa sobre o Atlético.

João Batista: (risos). Eu realmente já fiz muitas coisas na vida....

Keith: Bom seu João, o meu trabalho, como eu te disse pelo telefone, é sobre a campininha. Eu trabalho com fotografias de Hélio de Oliveira sobre o bairro e também com entrevistas como esta que nós vamos começar agora. Eu preciso entender como era o bairro nas décadas de 50 e 60 (mil novecentos e cinquenta, né), o senhor veio pra cá em 60, né? Além de informações sobre as pessoas e lugares de lá e dentre esses lugares, o Atlético, que foi pesquisado pelo senhor também, para a elaboração do livro.

João Batista: Entendi, então vamos lá. E o seu pai sabe, que você ligou para falar comigo?

Keith: Sabe sim, claro. Foi ele que me passou o n.º do seu contato. Então, qual é o mesmo o nome da cidade que o senhor nasceu?

João Batista: Jaraguá em 24 de junho de 33.

Keith: Em que ano o senhor veio para Goiânia e quais motivos levaram a sua família a virem pra cá?

João Batista: Eu vim pra cá em 1966. Exatamente há 41 anos. Eu morava em Ceres e lá eu fui até prefeito. Eu era secretário da prefeitura e naqueles tempos na ausência do prefeito quem assumia era o secretário e não o presidente da Câmara. E eu assumi várias vezes lá, 10 dias, 20 no máximo eu ficava no lugar do prefeito.

Keith: Sei.

João Batista: Eu era diretor da rádio, presidente do grêmio do colégio estadual, levava artistas lá semanalmente, transmitia jogos de futebol e a cidade lá ficou pequena pra mim e eu tinha já muitos convites pra vir pra cá e eu vim através do Baltazar de Castro. Então aqui eu fui trabalhar na Rádio Anhanguera, na Rádio Brasil Central, depois na Rádio Clube e por aí a fora.

Keith: E quando o senhor veio pra Goiânia, seu João, o senhor chegou a morar em Campinas?

João Batista: Assim que cheguei morei lá algum tempo, depois me mudei. Eu moro lá até hoje (risos), hoje no setor Coimbra que pertence à região de Campinas.

Keith: O senhor veio em 66 né?

João Batista: Exato.

Keith: E como era Campinas nesse período que o senhor veio pra cá?

João Batista: Olha Campinas teve poucas diferenças de lá pra cá, viu, há não ser é claro, pelo ramo do comércio que aumentou demais ali naquela região.

Keith: Eu trouxe aqui algumas fotos de Campinas dos anos 50 e algumas de 60, que foi a década em que o senhor morou lá. Eu gostaria que o senhor desse uma olhada nessas imagens e que a nossa conversa fosse guiada por elas. Pode ser?

João Batista: Claro. Vamos lá. [João Batista manuseia rapidamente as fotos apresentadas a ele]. Por exemplo, a Praça Joaquim Lúcio é a mesma, a 24 de Outubro é a mesma, a Avenida Anhanguera até a Praça A, era de 2 pistas e da Praça A até o Dergo, era uma pista só do lado direito. Foi quando o Íris [Íris Rezende Machado] nomeou uma comissão pra ir conversar com os moradores do lado esquerdo, que eles teriam que demolir as casas e construir ali pra trás, pra poder abrir a Avenida Anhanguera. Mas essa é uma história longa que eu acho que não cabe aqui.

Keith: Certo.

João Batista: Mas só pra concluir, eu fiz parte dessa comissão e o Íris quando terminou tudo, as pessoas que tinham casas, receberam um dinheiro simbólico e ele fez a segunda pista ali na Avenida Anhanguera em Campinas. No dia da inauguração, a população, a Campinas ficou entusiasmada com a avenida de 2 pistas. Então, foi organizado um banquete, uma distribuição de comida pro povo. Ali eles colocaram mesas assim, tábuas. Olha tinha quase 1 km de mesas, como é que fala? mesas de madeira, de tábua....

Keith: Sim.

João Batista: Em plena avenida ele pôs lá uma leitoa assada, frango assado, uma vasilha enorme de maionese, outra de macarronada! Foi uma festa linda, viu. Foi quase um km com aquela mesona cheia de comida.

Keith: Imagino. Isso foi quando seu João?

João Batista: Foi em 68. Nessa época eu trabalhava com o Íris, na assessoria de imprensa dele. Quando eles deram a ordem lá, soltaram os foguetes que o povo podia avançar, devoraram aquela comida em pouco prazo, sabe? (risos). Mas foi uma festa linda, viu.

Keith: Sei. Então, Campinas é um bairro bem tradicional aqui em Goiânia?

João Batista: Mas ali mudou pouca coisa. Goiânia sim, se transformou toda. Mas do Lago das Rosas pra lá, pouca modificação.

Keith: O senhor acha que o Lago das Rosas, nos anos 50 e, também 60, era uma espécie de fronteira entre Goiânia e Campinas?

João Batista: É, é. Era uma divisão sim, sem dúvidas.

Keith: É né. Eu trouxe aqui, como disse agorinha, algumas fotos de Campinas. Parece-me que existiam lugares em Campinas nesse período aí, e até um pouco anterior também, incluindo os anos 1940, (quando o senhor ainda era criança), que permanecem na memória dos moradores de Campinas até hoje, é impressionante, né.

João Batista: Isso é verdade. Eu te falo, lá não teve muita mudança e digo mais, não só no aspecto de desenvolvimento do bairro e sim, do pensamento, das lembranças do povo de lá.

Keith: Então.... Esses lugares fazem parte da história de vida das pessoas que moram lá. Eu arrisco dizer até que são lugares, capazes de representar os moradores de lá, de fazer essa distinção mesmo, entre moradores de Campinas e moradores de Goiânia, o senhor concorda?

João Batista: Mas é claro que sim, concordo. Isso aí é a pura verdade. Você esteve na casa do Hélio de Oliveira, na Avenida Perimetral, ali é a mesma coisa de 40, 50 anos atrás.

Keith: Hélio de Oliveira... O senhor conhece o Hélio de Oliveira? Me fala um pouco sobre ele, sobre sua produção e de sua importância para Campinas.

João Batista: Se eu conheço Hélio de Oliveira? Você está brincando... Conheci o Hélio há muito anos atrás e o considero um amigo. Lá em Campinas todo mundo o conhece, eu arrisco dizer até que ele é parte do patrimônio da Campinha. Ele sabe tudo sobre aquele bairro, é o que a gente chama de campineiro de raiz, aquele bem tradicional, sabe? Acho que seu trabalho como fotógrafo contribuiu muito para que ele fosse respeitado lá como é hoje. Ah, outra coisa: A maioria das fotos que compõem esse meu livro aqui [Arquivos do Futebol Goiano] eu consegui lá no acervo dele. Ele até hoje adora futebol, fotografou tudo de evento esportivo, e as partidas do Atlético então, nem se fala.... Ah, e tem outra, ele colaborou muito com o Atlético viu, fez parte da diretoria e teve excelentes idéias ali dentro. Acho que o Atlético, não deu percebido, sei lá... ele ainda não teve o reconhecimento que merece por ter trabalhado como trabalhou em função do Atlético. Mas também não sei se ele está preocupado com isso não. O Hélio tem uma característica que eu diria ser muito campineira, ele é uma pessoa muito prestativa, parece aqueles vizinhos do interior, aquele que você vai lá pra pedir um copo de açúcar... Tudo o que você precisa, ele está pronto para ajudar e acho que isso é uma característica do povo goiano mas, sobretudo, dos campineiros. Já tem muitos anos que eu moro nesse bairro e posso afirmar que lá acontece muito disso. (.....) profissionalmente falando, Hélio de Oliveira foi um dos melhores fotógrafos que Goiânia já teve, ele conseguia extravasar toda sua sensibilidade através de suas imagens. É claro que em registrar comícios devia ser um saco, uma coisa muito chata, e ele fazia boas fotos, agora imagina quando era um assunto que ele gostava.... Aí podia esperar que saísse coisas maravilhosas. O Hélio ele acompanhou uma série de governadores, Pedro Ludovico, Juca Ludovico, José Feliciano, Mauro Borges, depois vieram aqueles da intervenção, da fase da revolução que eram nomeados, depois ele acompanhou o Leonino e o Irapuã, bom até pouco tempo. Então, o Hélio tem essa documentação valiosíssima, ele é um fotógrafo super competente, o filho dele está no mesmo caminho e que é o braço direito dele hoje. O filho dele é quem está colocando tudo no computador, então hoje tem uma facilidade danada, você quer uma coisa assim, assim, vai lá e.... puxa lá e aparece, ele tira a cópia. Então eu tive a felicidade de conhecer o Hélio na década de 50 e nós temos uma amizade bastante sólida, é..... os amigos da gente, amigos seus você guarda o telefone deles na cabeça, né? O Hélio é um, eu não tenho anotação do telefone dele, eu sei que é (.....). Então, isso mostra a amizade que nós temos, eu sempre que posso, eu presto homenagens a ele, ele.... [João Batista começa a folhear uma vez mais o seu livro Arquivos do Futebol Goiano]. Todas ou pelo menos umas 90 por cento dessas fotos aqui são do Hélio de Oliveira e isso prova também o quanto eu admiro o seu trabalho enquanto fotógrafo.

Keith: Certo. Voltando um pouco aqui para as fotos, desses locais aqui, quais o senhor acha que são identitários assim, do bairro?

João Batista: Ali tem a Praça Joaquim Lúcio, o DNER, que agora é o DENIT, ali era um ponto de referência, a Avenida 24 de Outubro que ali era o ponto forte do comércio e que foi asfaltada. Então eles introduziram o futebol de salão aqui em Goiânia, numa quadra daquelas na Avenida 24 de Outubro, eles fecharam de um lado e de outro, em um quarteirão, e jogavam futebol de salão ali.

Keith: Eles fechavam a rua para jogar futebol de salão?

João Batista: Fechavam a rua de um lado e de outro, mas era tanta gente, mas tanta gente.... à noite era a predileção do pessoal. Até campeonato de futebol de salão era disputado ali. Pra você ver, os cinemas, as praças ali aonde tem o camelódromo, ali são as modificações. Mas continuam a Avenida 24 de Outubro, a Anhanguera, aquela Avenida Pará, Avenida São Paulo, "aquelas", são ruas que continuam até hoje.

Keith: Pelo que o senhor está dizendo, não é um bairro que apresenta muitas modificações com o passar dos anos, né? Não existem mudanças bruscas, o tempo passa e ele permanece quase que a mesma coisa.

João Batista: Isso é verdade, é isso mesmo. Hoje lá pra frente é o Dergo, a Secretaria de Segurança Pública, mas ali eram outros movimentos grandes, sabe? E ali, a avenida Anhanguera mudou depois que o Íris fez aquelas alterações

todas, a avenida de 2 pistas e aí aumentou até ali pra saída de Inhumas. Ali tem ainda a Igreja Matriz, né, o Colégio Santa Clara, que vem aí sobrevivendo há décadas e décadas, né.

Keith: É sim.

João Batista: E vai por aí a fora.

Keith: E quando o senhor mudou pra cá, ainda tinha o Cine Campinas?

João Batista: Tinha sim, o Cine Campinas.

Keith: E lá também, será que pode ser considerado, pelo menos para o senhor, um local de identidade do bairro, pra os moradores de Campinas?

João Batista: Nossa! Pode sim, à noite ali era um movimento intenso. Era o footing. Na Praça Joaquim Lúcio também. Então, a, a, campininha continua quase que intacta.

Keith: Certo. E dentre esses lugares de identidade e memória de Campinas, digamos assim, os quais a gente está conversando, o Atlético também pode ser considerado como local de identidade dos campineiros? O senhor concorda ou acha que o campo do Atlético, o Estádio Antônio Accioly é apenas um time de futebol que teve sua sede instalada no bairro?

João Batista: Nossa senhora, esse aí é o principal. O Atlético é o primeiro clube de futebol de Goiânia, ele foi fundado em 1937 e o Goiânia Esporte Clube, em 38. O Goiás e o Vila Nova em 43. Então, o Atlético é o pioneiro, muito embora, aqui já tivesse os clubes que já desapareceram. Tinha o Campinas, Santa Helena, São Luis, São Paulo...

Keith: Araguaia.

João Batista: Araguaia era aqui.

Keith: Daqui de Goiânia?

João Batista: É. Quase que de uma parte do Araguaia saiu o Vila Nova.

Keith: É, eu conversei com um ex-jogador, que provavelmente o senhor deve conhecer que é o Plínio. Quando ele veio pra Goiânia, antes de ir pro Atlético ele jogou no Araguaia.

João Batista: Sei quem é o Plínio. Ele foi um bom jogador nos anos 1950. Então em Campinas mesmo, tinha tantos clubes amadores.

Keith: Só um instante seu João. Esses times, o Santa Helena, São Luis, que o senhor acabou de falar eram times de Campinas, do setor Campinas ou do interior do Estado de Goiás?

João Batista: Não.... Todos eles eram de Campinas, entendeu?

Keith: Agora sim.

João Batista: E tinha o Ferroviário que era daqui, também instinto, né?

Keith: Daqui de Goiânia?

João Batista: Sim, isso mesmo, daqui de Goiânia.

Keith: O senhor já ouviu falar do Feirinha, um time amador lá de Campinas, cujos integrantes eram crianças e adolescentes?

João Batista: Já sim, o Feirinha!

Keith: Então, como a minha pesquisa perpassa o viés do futebol, eu não poderia deixar de conversar com o senhor, que também fez uma pesquisa sobre futebol, uma pesquisa muito extensa por sinal, pois o senhor trabalhou com todos os clubes do Estado de Goiás, né.

João Batista: Filha, o senhor está no céu.

Keith: (risos). Desculpe, você. E esta sua pesquisa gerou a publicação desse seu livro, *Arquivos do Futebol Goiano*. Então, eu queria saber, seu João, como surgiu a idéia de realizar um trabalho sobre o futebol em Goiás.

João Batista: Bom, eu desde 1950 catalogo fotografias sobre futebol. Então os grandes acontecimentos esportivos daqui, eu saía de Ceres pra assistir e na segunda-feira, eu ia no Hélio pra comprar as fotos. Comprava as fotos do Hélio de Oliveira, que por sinal é um grande fotógrafo, que foi até homenageado recentemente, e eu ainda acho que são poucas as homenagens feitas pra ele, e.... Desde essa época eu venho colecionando fotografias e hoje eu tenho um acervo aí com mais de 80 mil fotos.

Keith: Nossa.

João Batista: Mas está muito desorganizado, dentro de envelopes e desaparecem uns envelopes ali.... Quando eu preciso de uma foto, às vezes, eu gasto uns 2, 3 dias pra achar. E eu quero brevemente passar isso tudo para o computador.

Keith: O senhor quer digitalizar, né.

João Batista: É.

Keith: E são todas fotos de esporte?

João Batista: Não, eu tenho muitas fotos, fora do esporte. Por exemplo, eu escrevi há dois anos o livro *Eu Vi Ceres Nascer, a Saga do Bandeirante Bernardo Sayão*. Então, eu tenho muitas coisas: história política de Goiás, os governadores, do próprio Bernardo Sayão e que tem pouca gente que sabe, por exemplo, que ele foi governador de Goiás. Dia 1.º de janeiro de 1955, o Juca Ludovico tinha sido eleito governador, mas tinham urnas impugnadas. Naquela eleição, o candidato ao governo e o candidato a vice, eram separados um do outro....

Keith: Ah tá.

João Batista: Então o Bernardo Sayão teve muitos votos, além das urnas impugnadas. Se ele não tivesse nenhuma, não atrapalhava na eleição dele. Ele tinha mais votos que o Juca Ludovico. Então, o Juca estava com urnas impugnadas, foi esperar resolver e o Sayão foi obrigado a tomar posse em 55. Ele ficou 3 meses no governo, 3 meses e foi o suficiente pra ele deixar uma marca: o aeroporto Santa Genoveva. Mas, era um homem que detestava paletó e gravata e ele foi obrigado a comprar uns termos pra poder tomar a posse. Vestiu paletó e gravata e tal, mas quando terminava o expediente no Palácio, se você colocasse pra ele uma Ferrari e um Jipe, escolha aí, ele escolhia o Jipe.

Keith: É mesmo?

João Batista: É. Então, ele usava calça bombacha, bota cano curto....

Keith: Mais informal, né.

João Batista: É. E quando acabava o expediente, ele pegava o Jipe e dava voltas por Goiânia tarde da noite. E foi essa, esse o período dele, 3 meses de governo e quando venceu os prazos, o Juscelino o levou pra Brasília, ele foi trabalhar na nova cap. e de lá o Juscelino determinou que ele fizesse a estrada Brasília-Anápolis asfaltada e ele fez em um curto espaço de tempo. Na inauguração da estrada em Anápolis, teve uma festa grande o Juscelino foi e no discurso dele ele disse que Bernardo Sayão não ia seguir pra Brasília que ele ia seguir rumo a Belém do Pará, 2200 km, e ele fez essa estrada e quando faltavam 15 dias, 14 dias para ser inaugurada a estrada, uma árvore caiu na cabeça dele e ele morreu. Esse é o Bernardo Sayão que pouca gente conhece.

Keith: Inclusive aqui tem uma avenida com o nome dele, né.

João Batista: Aqui tem a Avenida Bernardo Sayão, na Fama, no Estado de Goiás em Itumbiara, e passando por Goiás, Toncantins, Maranhão, no Pará, nenhuma dessas cidades e Estados, não tem uma avenida, uma escola, uma praça com o nome do Bernardo Sayão.

Keith: E pouca gente sabe quem foi, né.

João Batista: Pouca gente sabe.

Keith: E esse acervo grande aí de fotografias que o senhor tem... O senhor acha que a fotografia assim, ela ajuda a contar a história dos lugares, dos acontecimentos? O que o senhor acha?

João Batista: Ajuda e ajuda muito. A fotografia ela é o principal documento. O Hélio de Oliveira, por exemplo, ele em boa hora, arquivou tudo isso aí, e ele tem.... Tem muita coisa. Ele tem foto da Praça Cívica sendo asfaltada, do Palácio das Esmeraldas sendo construído, das avenidas em Goiânia: a Araguaia, Tocantins e Goiás, a Paranaíba também, tudo isso aí. Tem ainda muita coisa sobre Campinas, muitas mesmo. Isso aí o Hélio acompanhou tudo, né. Principalmente política e esporte. Brasília, o Hélio fotografou muito, os políticos daqui ele também acompanhou muita gente. Ele tem excelentes fotos de Brasília.

Keith: Tem mesmo, só que estas fotos da construção do Palácio e do asfaltamento da Praça Cívica ele só fez a reprodução, não são fotos de autoria dele, porque ele começou a fotografar em Goiânia em 1950.

João Batista: Ele foi pra lá a primeira vez, ainda no começo, ele e o Juca Ludovico e ele fazia parte da comissão do (...) foi pra lá pra escolher o terreno para fazer a doação para Brasília, para construir Brasília e através de um jataense, Brasília surgiu, um cidadão lá de Jataí...

Keith: Foi quem indicou o lugar?

João Batista: Não. Esse cidadão ele chama Antônio, tem o apelido de Tomin, Tomim e não Tônico. O Juscelino estava em cima do caminhão fazendo um comício lá em Jataí, e ele ali de baixo, ali perto do caminhão, ele levantou o dedo e pediu, perguntou ao Juscelino se ele fosse eleito a presidente da república, ele iria construir a capital do Brasil, no centro do Brasil, no planalto central do Brasil e ele ainda falou.... e isso consta na constituição federal do Brasil. E o Juscelino falou: consta?" e ele disse: consta. E o Juscelino disse: pois é eu tenho 29 prioridades quando foi governar o Brasil e agora passam a ser 30. Eu vou trazer a capital federal para o Estado de Goiás e fez essa beleza que é Brasília essa cidade moderna e que é uma referencia para o mundo. Então ele construiu Brasília e olha que não foi.... foi em um prazo recorde. Ele fez Brasília e inaugurou em abril de 1960.

Keith: Então, o senhor agora podia me falar um pouco sobre esse livro do senhor, como foi a sua pesquisa, enfim... Vamos falar um pouco sobre o futebol goiano?

João Batista: É e eu trabalhei com os times do interior e capital, né.

Keith: Pois é, seu João, este deve ter sido um trabalho de pesquisa muito minucioso, deve ter requerido muito esforço, né, enfim, me fala um pouco sobre essa experiência e também sobre os clubes Atlético e Goiânia.

João Batista: Bom eu depois de chegar em Goiânia, depois de um certo tempo eu comecei a fotografar. Quando eu ainda morava em Ceres, eu já tinha uma máquina fotográfica, ruim....

Keith: (risos).

João Batista: Eu ficava lá batendo umas fotografias e depois, minha filha que mora lá nos EUA, me presenteou com uma máquina melhor e eu passei a acompanhar o Goiás em todos os jogos. Eu fotografo o Goiás, em todos os jogos há muito tempo, muito tempo mesmo. Eu até trouxe aqui umas fotos do Goiás pra você ver. Então, eu tenho esse acervo não só do Goiás, mas eu tenho do Vila, do Atlético, do Goiânia, do município de Anápolis e do interior, porque eu viajei pra muitos lugares, eu fui a Catalão e lá eu peguei fotos emprestadas e devolvi todas, Pirenópolis, futebol de 1925, Anápolis, já tinha futebol lá no começo do século passado, já tinha futebol lá e o futebol em Anápolis, em Goiás era dividido em duas etapas, né: a parte de Catalão, a parte da estrada de ferro, Catalão, Ipameri, Pires do Rio,

Leopoldo de Bulhões, vem até Anápolis, por ali na estrada de ferro ao passo que Catalão herdou o futebol de Uberaba, muito próximo ali, Araguari também. Agora a outra parte, o Goiás Velho que começou em 1907. De Goiás para Itaberaí, para Jaraguá, para Inhumas e foi formando aí por essas cidades mais antigas, Pirenópolis também. E dessas cidades surgiram as outras, da década de 1950, por exemplo, Ceres, Rialma, Carmo do Rio Verde, Rubiataba. Tinha parte de Rio Verde lá que dividia com Jataí e Mineiros, que tinha o futebol muito movimentado também, muita rivalidade entre Jataí e Rio Verde, com a parte aqui de Morrinhos, Buriti Alegre, Goiatuba, Itumbiara. E por ali também, o futebol foi muito movimentado. Morrinhos por exemplo, é uma cidade que tem o futebol muito bom, de grandes jogadores.

Keith: Morrinhos?

João Batista: É. Caldas Novas também. Então, o futebol goiano se dividiu em vários setores e aqui na capital que tinha um punhado de time amadores e foram desaparecendo até ficar o Atlético, o Goiânia, o Goiás e o Vila. E de amadores ficaram, o Ferroviário que durou um pouco mais de tempo, o Araguaia surgiu como um time grande e depois também desapareceu e os clubes amadores a maior parte em Campinas e também, alguns ainda sobrevivem por aí. Mas aí ficaram os clubes e foram adotados os regimes próprios, o tradicional com os 4 da capital, o Ipiranga, o Anápolis e o Anapolina, o Anapolina que era chamado de Associação. Então tinha o Ipiranga, o Anápolis, ah, tinha o São Francisco.... e o Anapolina e ali era disputado um campeonato da cidade de Anápolis, tinha grandes jogadores. Ali no Vale do São Patrício eu já falei né, só que esqueci de incluir o Goianésia.

Keith: Goianésia.

João Batista: É e que também tinha um futebol muito movimentado. O Estado de Goiás é proporcionalmente, o Estado que tem mais estádios, em Goiás. Eu era correspondente da Revista Placar e eles me deram uma pauta pra eu mandar uma relação de estádios daqui em condições de sediar jogos oficiais: gramado, alambrado, muro, arquibancadas, vestiários e eu mandei uma relação enorme de estádios em condições de sediar jogos oficiais. E a revista, a revista não acreditou!

Keith: (risos).

João Batista: É melhor você fazer uma recontagem aí porque está muito. Mais isso era a pura realidade, graças a 2 grandes governadores que dedicaram muito ao futebol goiano: Maguito Vilela e Íris Rezende. O Maguito por ser jogador, porque gostava e gosta até hoje de jogar. Então, ele fez um belo estádio em Jataí e aí ele foi fazendo pelo interior goiano também. Tem cidade aí que tem estádio que é maior que a população. Então, ele fez estádio em Itaguara, Itaguari, Taquaral, não sei se em Nova Veneza. Nova Veneza no começo até pertencia ao futebol de Goiânia. Mas então, eles fizeram estádios em quase todas as cidades do interior de Goiás.

Keith: E com uma boa qualidade, né.

João Batista: Boa qualidade e além dos estádios, sempre um ginásio de esportes. Então ficou padronizado na área de esportes, nas cidades e o estádio de futebol. E isso graças a esses dois governadores, eles fizeram muito pelo esporte, o Maguito principalmente.

Keith: Ele sempre foi muito ligado, né. Principalmente ao futebol.

João Batista: É, muito mesmo.

Keith: Eu tenho tido dificuldades durante essas minhas pesquisas em achar a documentação mesmo dos clubes. Por exemplo, eu fui no campo do Atlético, na sede do Atlético e eles não tem documentação nenhuma sobre o time, nada. Uma ata, nada! Não sei se o senhor quando foi fazer sua pesquisa, passou por esse tipo de limitação. Se bem que a sua, foi há bem mais tempo, eu diria que umas duas décadas atrás. Mas mesmo assim, eu senti, estou sentindo uma dificuldade muito grande em relação à falta de documentação, eu não generalizaria dizendo que de todos os clubes, mas senti isso muito de perto quando fui ao Atlético Clube Goianiense. Se existe essa documentação eu não consegui encontrá-la, eu não sei onde ela está, o senhor sabe? (risos).

João Batista: (risos). Olha, eu nas pesquisas, eu peguei a data de fundação de todos os clubes, pelo menos as datas.....

Keith: Mas nos próprios clubes? Porque eu fui até na Agel, é Agel mesmo o nome de lá? Da associação.

João Batista: É, lá no Serra Dourada, lá não tem nada!

Keith: Não tem documentação, nadinha. Então, assim, estou com muita dificuldade nesse sentido de encontrar documentação textual, mas ainda bem que tenho o suporte da memória das pessoas e de alguns livros, como o Sentimento e Glória do José Mendonça Teles. Eu falo assim, Ata de Fundação do Clube, o registro desses documentos em cartório. Lá no Atlético eles não possuem nem fotografias! A moça que me atendeu lá ficou até com vergonha.

João Batista: Hum.

Keith: Ela disse assim. Ali naquele armário tem documentos do time que data de 2002 em diante e fotos, tem essas duas aí dependuradas na parede. Só isso seu João, só!

João Batista: Isso em qual clube?

Keith: No Atlético. Eu confesso que fiquei muito desapontada.

João Batista: Pois é, mas eu peguei, eu tenho a data de fundação desses clubes todos. É..... do Atlético.....

Keith: E aonde o senhor conseguiu?

João Batista: Eu consegui com um cidadão que infelizmente, ele nos deixou, que foi o Lisita Júnior.

Keith: Ah tá, eu sei. Eu li um livro dele e retirei até alguns dados de lá, é o *Subsídios Para a História do Atlético*.

João Batista: Ele era atleticano, sabia? E ele deixou muita coisa, inclusive, ele passou muita coisa pra mim. Ele doou inclusive, algumas fotos, livros, em tudo isso ele colaborou muito comigo.

Keith: Que bom deve ser um material muito rico, né.

João Batista: Então tem no Goiás, por exemplo, no livro, eu consegui até [João Batista começa a manusear o livro Arquivos do Futebol Goiano], ata de fundação do Goiás e ela está aqui na página 142. E se eu for lá no Goiás pesquisar, eu vou encontrar essa ata?

João Batista: Vai. Eles tinham até uns livretinhos dessa ata, devem ter ainda.

Keith: Ah que legal.

João Batista: Você entendeu?

Keith: Entendi.

João Batista: Então, o Goiás, eu não sei.... mas ele foi mais organizado nessa parte.

Keith: A impressão que dá é que as pessoas responsáveis pelo clube se preocuparam mais na preservação desses documentos e da própria história mesmo do clube, né.

João Batista: É.

Keith: E isso é muito importante, né, porque além de ser uma forma de preservar a história, facilita a vida de quem quer pesquisar sobre o assunto. Muitas vezes, a gente até desiste por causa da falta de documentação.

João Batista: É verdade mesmo. Muitos deixaram... é... não sei.... ficaram assim. O Goiânia, por exemplo, é um clube que tem uma história bonita, mas que ficou numa época por conta do Dr. Joaquim da Veiga Jardim, que é sim uma figura notável, tá aí berando os 90 anos, muito lúcido, merece até uma entrevista.... o futebol em Goiânia e em Goiás, deve muito a ele. Ele agüentou muita coisa no Goiânia, ele foi de tudo! Ele veio de Goiás pra cá, enfim, uma figura muito notável.

Keith: Aproveitando que estamos falando sobre o Goiânia, vamos falar um pouco sobre seu principal rival nos anos 50?

João Batista: (risos) Do Atlético, né? Vamos sim.

Keith: Eu trouxe aqui umas fotos: jogadores, torcida, estádio Antônio Accioly, do próprio Antônio Accioly, enfim.... como fizemos nossas pesquisas no acervo Hélio de Oliveira, talvez tenhamos até algumas imagens repetidas. Estas fotos que eu trouxe são dos anos 50 como acabei de falar, porque é um dos período importe dentro do meu estudo.

João Batista: Sei, tudo bem.

Keith: Tem essa aqui também que eu já vi que tem no seu livro. É a foto de assinatura do primeiro contrato profissional de um jogador goiano, que por sinal era do Atlético, né, o Licinho.

João Batista: É, realmente ela está no meu livro mesmo. É porque esta é uma das fotografias mais importantes para a história do futebol goiano, ainda bem que ela está no seu trabalho, é sinal que você está pesquisando direitinho. O Licinho foi o primeiro jogador profissional a assinar um contrato.

Keith: Aqui se deu a profissionalização do futebol em Goiás [estamos em mãos com a foto de assinatura do 1.º contrato profissional].

João Batista: E essa profissionalização aqui ó, se deu graças ao Lisita que trabalhou muito, esse aqui ó, eu esqueci o nome dele agora..... ah, o capitão Nascimento. Esta aqui, ele era o presidente do Vila, o Dr. Valdir do Espírito Santo Castro Quinta, aqui está o Geová de Paula, o Licinho que já falamos. Esse Licinho ele foi brutalmente assassinado.

Keith: E qual a importância ao seu ver dessa profissionalização seu João?

João Batista: Olha, a imprensa de Goiás foi quem profissionalizou o futebol aqui.

Keith: A imprensa.

João Batista: É. Ela trabalhou muito. Esse Ciro Lisita foi um batalhador incansável, até que nós chegamos a profissionalizar no começo dos anos 60. e depois de profissional, alguns times amadores não deram conta de acompanhar o regime profissional. Mas teve.... a Associação Bancária que virou o Campinas, teve aquele time do Araguaia....

Keith: O Araguaia....

João Batista: Pode falar.

Keith: Eu entrevistei um jogador que já foi desse time Araguaia e depois ele foi jogar no Atlético, que é o seu Plínio, não sei se o senhor chegou a conhecê-lo.

João Batista: Ah o Plínio. Plínio Cestari Hidalgo, grande jogador, sua melhor fase foi no Atlético mesmo. Hoje em dia parece que ele virou empresário, né.

Keith: Isso mesmo.

João Batista: Então tinha a Sociedade Esportiva Riachuelo que disputa campeonato, o Campinas eu já falei, o Santos, o Sírio Libanês, o Botafogo e foi... foram saindo ficando só os 4.

Keith: Com a profissionalização eles foram... eles ficaram mais a margem assim, né.

João Batista: É. E hoje mesmo né, o futebol está caro, trabalhoso, tem que ser um regime profissional mesmo pra valer, tem que ter uma equipe. Equipe fora das 4 linhas, entende?

Keith: Claro.

João Batista: Pra trabalhar, pra montar, pra fazer um serviço profissional, não tem mais essa época em que o presidente do clube pagava tudo e o clube ficava devendo pra ele. Teve gente que chegou a quebrar por causa de futebol.

Keith: Hoje em dia está, tem que ser tudo mais planejado, né.

João Batista: Se é. Então, o clube tem que viver assim, profissional mesmo.

Keith: E a partir dessa profissionalização nos anos 60, né....

João Batista: É. Começo dos anos 60.

Keith: Assim...

João Batista: Aqui está o Dr. Joaquim da Veiga Jardim [o entrevistado apontando para uma foto em seu livro].

Keith: Ah tá. O manda chuva lá do Goiânia, né.

João Batista: É ele foi tudo: técnico, dirigente, presidente, roupeiro, massagista, o que você pensar, o Dr. Joaquim fez! E digo mais uma vez, nós devemos muito a ele, nós o futebol profissional em Goiás.

Keith: Entendi.

João Batista: O primeiro futebol goiano surgiu em 1944 e o campeão foi o Atlético.

Keith: Eu tenho fotos aqui do Atlético que são dessa época. Dos anos 40 e também 50 e 60, eu tinha até começado a te mostrar. Aqui estão.

João Batista: Ah.

Keith: Então, o Atlético foi o primeiro campeão. De 44 a 60 só dois clubes ganharam títulos: o Goiânia e o Atlético.

João Batista: O Goiânia bem mais. Só que.... O Goiás, ganhou um em 62. Mas houve um protesto do Goiânia, foi um protesto para o Rio de Janeiro, a situação ficou.... e 6 anos depois, o Atlético ganhou no tribunal e tirou o título do Goiás.

Keith: Tirou na justiça? Através da justiça?

João Batista: Isso mesmo tirou e foi campeão de 52. No Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro! Então, esses títulos para o Goiânia e Atlético, só começou a ser.... aí veio o Vila Nova. Ele foi campeão, bi e tri-campeão.

Keith: Isso aí nos anos 60 em diante, né?

João Batista: 60. E o Goiás veio a ser campeão pela primeira vez em 1966. Então ele ganhou em 66, 70, 71, depois 75, 76 e foi.... E hoje o Goiás é o time que tem mais títulos da capital. No interior tem o CRAC, o CRAC do seu pai Odair Tito, foi campeão duas vezes, o Anápolis foi campeão e o Goiatuba. O resto foi, foi só aqui da capital.

Keith: O senhor falou do Joaquim da Veiga Jardim, que foi o grande nome do Goiânia. Gostaria que falasse também um pouco sobre o Antônio Accioly. Eu trouxe até umas fotos dele aqui. Tem essa de 70, quando ganharam o torneio integração, essas aqui, ele no estádio, no Antônio Accioly, ele com o Antônio Cícero de Sá, enfim....

João Batista: Essa taça do torneio da integração, foi eu quem deu a idéia sabia? Fui a São Paulo para fazer a taça. Essa taça aqui fui eu, euzinho que fiquei parece que o nome é esmaltarte, lá no bairro do Ipiranga lá em São Paulo, para a confecção dessa taça. Fui lá coloquei todos os emblemas dos clubes que estavam participando do torneio da integração, trouxe a taça, entreguei lá no Atlético e o Atlético ganhou. O Antônio Accioly, ele vivia.... na parte da tarde ele vivia sempre perto da Federação Goiana que era ali na Tocantins e ali tinha uma pizzaria, tinha restaurante ali perto e ele sempre com uma roda de amigos junto com ele e ninguém pagava nem um café, era ele que pagava tudo.

Keith: Nossa, que absurdo!

João Batista: É, e era comum ele ficar reunido com o pessoal, pagar um cerveja e tal. E lá chegava o pessoal funcionários do Atlético e entregava pra ele uns recibos pra ele pagar e ele pagava isso e aquilo e tal, todas as despesas do Atlético, chegava lá ele preenchia o cheque e pronto entregava. E ele ainda falava: "ó esse pessoal tenta me quebrar desde 1938 e até hoje não conseguiram!".

Keith: (risos).

João Batista: Ele tinha um raminho de dinheiro aqui ó [lapela do paletó] e ele falava: "ninguém conseguiu me quebrar até hoje". Aquela foto que você me mostrou aqui do contrato profissional, cadê?

Keith: Aqui está.

João Batista: Esse aqui ó, o Luis de Oliveira Machado ele foi um batalhador ao lado do Lisita Junior. É.... deixa eu ver aqui.... [olhando para foto]. Aqui está o Deusdete Rosa, o Jeová de Paula, o Quinta, o Licinho, o João Guimarães. Esse aqui [João Guimarães] teve uma presença notável no Atlético, sabe.

Keith: Sei.

João Batista: O Guimarães, o capitão Nascimento e o Luis de Oliveira Machado. Então, esses homens dedicaram muito ao Atlético e ao futebol goiano.

Keith: E o Antônio Accioly assim, ao seu ver o que ele representa para o futebol goiano? Para o Atlético, não tem nem o que discutir, né. Mas e para o futebol goiano?

João Batista: Ele foi o maior dirigente que o Atlético já teve. Mas para o futebol goiano, fazendo do Atlético um grande time, já é uma colaboração grande, né. Mas fora do Atlético, ele num..... a rivalidade era muito grande!

Keith: Entre Atlético e Goiânia.

João Batista: Entre os 4. inclui aí o Goiás e Vila.

Keith: Ah sim, o senhor está falando de um período que é posterior aos anos 50, não é isso?

João Batista: Sim falo de final dos 60, início de 70 e vai por aí a fora. A rivalidade mesmo, a maior de todos os tempos, era entre o Goiânia e Atlético, que quando jogavam era perigoso, brigas homéricas! Depois... Isso até 60.

Keith: Sim.

João Batista: De 60 pra 70, a rivalidade era maior entre Atlético e Vila. De 70 pra cá, começou a rivalidade Goiás e Vila.

Keith: E essa permanece até hoje.

João Batista: Sim até hoje. Essa rivalidade é até sadia, eu acho que se não existisse essa rivalidade, o futebol não tivesse se projetado tanto, entende?

Keith: Claro. Entendo e concordo. E o senhor acha, por exemplo, essa rivalidade primeira entre Atlético e Goiânia, o senhor acha que tem haver assim, com a questão entre bairros também. Porque há notícias, que existia também uma rivalidade muito grande entre os moradores do centro de Goiânia e Campinas, isso ali pelos anos 40, 50.

João Batista: Ah sim, sem dúvidas. O Goiânia, era Goiânia contra Campinas, era! E ali, o Goiânia tinha mais força, porque o Joaquim da Veiga Jardim e o tinha o.... era um outro diretor do Goiânia.... que faziam parte do governo, andavam muito com o Pedro Ludovico.....

Keith: Ah sim, eu já ouvi comentários sobre isso. Os chapas brancas, não é?

João Batista: Isso mesmo, eles tinham.... o Goiânia por exemplo, era chamado de chapa branca. Por quê? Eles buscavam jogadores caros, eles vinham pra cá e a primeira coisa, eles tinham um emprego fixo no Estado, na companhia telefônica. De cara, chegavam e já estavam empregados! Ali, o time do Goiânia todinho trabalhava lá e ganhava bem na época, né. E então, o Goiânia pagava a parte dele que era, era até, o que eles chamavam de *amadorismo marrom*.

Keith: Amadorismo marrom?

João Batista: Sim, eram os contratos de gaveta, porque o futebol era amador, mas eles recebiam assim mesmo. E isso permaneceu até profissionalizar o futebol.

Keith: Eu percebi durante conversas com outras pessoas e na literatura encontrada que este é quase um lugar comum quando se fala no Goiânia, vem sempre o assunto da chapa branca. Mas em contra partida, o Antonio Accioly também não dava emprego pros jogadores em seu cartório?

João Batista: Ah sim! Mas a diferença é que o cartório era dele, né, não envolvia dinheiro público.

Keith: Ah tá, entendi. Não eram subsidiados pelo Estado, né.

João Batista: Nossa, tinham muitos, muitos. Você vai lá no fórum, aliás, eu estive lá ontem, eu vou sempre lá. Mas o que tem de funcionário que foi ex-jogador do Atlético! Tem oficiais de justiça, tem o Aluisio, tem o Zé Geraldo, o Claudinho, o Pedro Bala, está faltando um... Não, tem o Vagão, mas ele é do Goiás, ele é oficial de justiça. Mas esse pessoal foi tudo o Antônio Accioly que colocou!

Keith: E estão trabalhando na área até hoje né.

João Batista: Estão lá até hoje! Todos devem obrigação pra ele, né. Ele foi um homem muito humanitário, você entendeu?

Keith: Entendi.

João Batista: Ele ajudou muito o time do Atlético e até hoje. Pra você ver, tem o Plínio que tem sua oficina lá em Campinas e outros.... tem o Eptácio que foi talvez, a maior expressão do Atlético. O Eptácio até pouco tempo ele era gerente de banco, banco do nordeste.

Keith: Eu não vou conseguir falar com ele, parece-me que ele está muito adoentado.

João Batista: É, ele está um pouco.... Nos jogos do Atlético as vezes ele ainda vai. O Eptácio é uma figura! Grande jogador do Atlético, eu tenho muitas fotos dele aqui. Grande jogador do Atlético e da Seleção Goiana de Futebol. Porque naquele tempo os jogadores disputavam os campeonatos com muito entusiasmo, para no final do ano, no campeonato brasileiro, eles serem convocados. Que era o campeonato brasileiro de hoje só que através das seleções de cada Estado.

Keith: E a seleção era composta por jogadores de vários times daqui de Goiás.

João Batista: Isso mesmo, dos melhores, né. E o Eptácio era figura permanente.

Keith: E ele sempre jogou no Atlético, né. Nunca foi pra outro time.

João Batista: Só no Atlético. Ele fez me parece que 517 partidas com a camisa do Atlético.

Keith: 517?

João Batista: É. Agora, naquele tempo não era futebol quarta e domingo não. Eram menos jogos, era domingo, domingo, ou seja, pra chegar a essa quantidade.... Ele honrou muito o Atlético viu! (....) Esse aqui [vendo fotos do estádio Antonio Accioly], esse aqui foi o.... Cícero.... Antônio Cícero de Sá. Ele foi outro que honrou muito o Atlético! Dr. Moacyr Cícero de Sá.

Keith: E nesse período aqui, eu acho que um pouco antes do senhor vir para Goiânia, parece-me que no Atlético tinha muito assim.... não sei se foi ele. Muito de,.... Um dentista...

João Batista: Ele era dentista.

Keith: Então é essa história mesmo. Era dentista, então cuidada de todos os jogadores e familiares, que como não tinham salário fixo, eram destinados a eles essas regalias assim, né.

João Batista: Exatamente.

Keith: O senhor lembra de mais alguém dentro do Atlético que tinha esse tipo de atitude em relação aos jogadores atleticanos?

João Batista: Tinha sim.... esse que eu te mostrei naquela foto da assinatura do contrato. Ai meu Deus, como é o nome? O Oliveira. Luis de Oliveira Machado, lembrei! Ele era alfaiate, então fazia ternos para os jogadores do Atlético.

Keith: Ele é conhecido entre os moradores de Campinas?

João Batista: O Luis de Oliveira Machado? Você está brincando! Conhecidíssimo até hoje. É só você chegar ali e perguntar quem foi o alfaiate mais famoso da campininha, dono da loja O Príncipe..... não lembro do nome completo da loja, mas enfim, todo mundo até hoje sabe quem ele foi. O Antônio Accioly ele estava doente, ele tinha problemas cardíacos, então, ele não podia assistir aos jogos do Atlético. Então, ele ficava na casa dele, o Atlético jogando e ele não podia assistir, aí o pessoal que ia no campo voltava e ia pra casa dele, mas contava pra ele nos conta gotas (risos). Contava um pedacinho assim, mudavam de assunto, depois "ah o Jair Correia que marcou um gol assim e tal, o outro que empatou", até contar o jogo todo pra ele.

Keith: Sei.

João Batista: Bom, mas ele estava proibido de comer feijoada, na véspera da morte dele nós estávamos numa feijoada lá no hipódromo da Lagoinha e eu vi ele pedindo uma feijoada pra ele e o Ney Fernandes crônico esportivo "não, o senhor não vai comer feijoada não, o senhor vai comer um arroz aqui com caldinho e tal!" e ele não comeu. E tinha outro problema, ele jogava baralho e o baralho é uma sequência de emoções, mas não proibiram ele de jogar baralho. Ele estava jogando, debruçou na mesa e morreu.

Keith: Nossa!

João Batista: Baralho e isso foi um dia depois do almoço lá do Hipódromo da Lagoinha e o Ney não deixou ele almoçar. Podia ter enchido o prato dele de feijoada bem gorda.

Keith: Eu tenho uma foto dele aqui, que é do dia da fundação do Atlético, eles assinaram o decreto de fundação e foram comemorar na Praça Joaquim Lúcio. O senhor conhece essa foto?

João Batista: Deixa eu ver, essa eu não tenho não.....

Keith: Ok. Seu João, muito obrigada mesmo pela conversa, eu fiquei muito feliz com a sua receptividade, o almoço estava ótimo e conversa com certeza muito proveitosa. Eu gostaria de saber se o senhor autoriza a utilização desta entrevista para trabalho que estou realizando sobre Campinas, a minha dissertação de mestrado.

João Batista: Imagina, mais é lógico que sim. O prazer foi meu, eu adoro falar sobre futebol e pra mim foi uma surpresa muito grande saber que a filha de um dos meus grandes amigos, se interessa por futebol. (risos) e mais, está desenvolvendo até uma pesquisa sobre o tema. Estou à disposição sempre que você precisar.

Término da entrevista.

Keith: 23 de março entrevista com José Mendonça Teles, escritor. Qual a data e o local de nascimento do senhor?

Teles: 25 de março de 1936, Hidrolândia, Goiás.

Keith: Em que ano o senhor se mudou pra Goiânia, professor?

Teles: Em 47.

Keith: 1947. E porque veio morar aqui?

Teles: Porque nós terminamos o grupo escolar lá em Hidrolândia e lá não tinha colégio nem nada, né, aí minha mãe fez a cabeça do meu pai para gente vir para estudar. Aí viemos para campininha, viemos para campininha, uma viagem de quase um dia de caminhão.

Keith: De Hidrolândia até Goiânia?

Teles: (risos): Saimos de lá onze horas da manhã e o caminhão quebrou no caminho e chegamos cinco horas da tarde na campininha.

Keith: Nossa! E o senhor morou em Campinas de 47 até?

Teles: De 47 até 58. Em 59 e 60 eu morei no Rio de Janeiro. Aí voltei e fui morar em outros lugares, fui morar na casa do estudante, passei na faculdade de Direito e tal, aí fui morar na casa do estudante.

Keith: Eu trouxe aqui algumas fotos de Campinas, de lugares e pessoas também. São dos anos 50 a maioria. A partir do seu contato com essas imagens, professor me fala um pouco sobre Campinas. A campininha do tempo em que o senhor morou lá. Gostaria de saber quais os lugares que o senhor e os moradores de lá freqüentavam, das pessoas mais conhecidas, enfim.... Me fale um pouco do que o senhor for lembrando a partir de seu manuseio com essas fotos.

Teles: Certo. Era um bairrozinho bucólico, né, muito, muito.... pequeno, porque os acontecimentos chocavam toda a comunidade, de vez em quando morria uma pessoa e hoje aqui em Goiânia está morrendo vinte pessoas por dia, no mínimo, né.

Keith: É verdade.

Teles: Naquele tempo quando morria uma era o caos: "morreu o fulano". Quando uma mulher saía da linha: "fulana ta dando".

Keith: (risos).

Teles: Corria aquele boato e todo mundo ficava mal dizendo aquela mulher e tal. Era um tempo assim muito religioso, as pessoas viviam muito em função da Igreja Matriz, do campo do Atlético e da Praça Joaquim Lúcio. Essa era Campinas. E tinha o cineminha também lá.

Keith: O Cine Campinas?

Teles: O Cine Campinas lá na Praça Joaquim Lúcio.

Keith: E nesse lugar descrito pelo senhor como bucólico, qual era a forma que as pessoas se divertiam, por exemplo?

Teles: Dentro do meu livro, Crônicas da Campininha você vai encontrar muitas imagens. Os bailes realmente aconteciam aos fins de semana, né, eram as pessoas convidadas. Porque tinha a elite da campininha, como tinha a elite de Goiânia também. Naquele tempo Goiânia e Campinas não se misturavam, entendeu? Os rapazes de Goiânia, filhos da nova capital, né, eles quando chegavam no sábado eles falavam assim: "vou pra campininha trocar o óleo!".

Keith: Eles usavam essa expressão? Provavelmente devido ao fato de campinas possuir um número expressivo de casas noturnas, de prostituição mesmo, né professor?

Teles: Ah é, com certeza. Era por causa da ZBM, a zona de baixo meretrício que existia lá em Campinas, que pegava a Avenida Pernambuco, a Bahia, Minas Gerais e Paraná. São ruas de.... tinha o bar do Salerno que era parte da.... a Catalão com a Rio Verde. Entre a Catalão com a Rio Verde, era o lixo das meretrizes, né? Mas as meretrizes tinham um simbolismo, elas não se expunham publicamente, elas eram solidárias também, né. Elas tinham o seu canto, sem perturbar a cidade, o bairro, né?

Keith: Essas ruas que o senhor citou eram uma espécie de gueto?

Teles: Gueto. Era um pedaço então que vinha da rua Bahia assim, Santa Luzia. Santa Luzia até Catalão. Era uma espécie de um gueto e.... Há causos interessantes que você vai encontrar no meu livro. Por exemplo, tinha na rua Amazonas, especificamente na rua Amazonas com a Avenida Anhanguera, depois de Amazonas virou Marechal Floriano, depois Anhanguera. Tinha a Maria Branca, a casa da Maria Branca muito famosa! E é interessante aquele respeito, elas respeitavam as coisas. Há um caso por exemplo, de uma pessoa que morreu, de uma casa de família, morreu e elas fecharam as portas da zona em sinal de respeito.

Keith: Ah sim, olha só.

Teles: E tem muitas estórias bonitas, a Maria Branca, por exemplo, o Venerando de Freitas, o primeiro prefeito, me contou uma estória e que eu recontei, que no começo de Goiânia a dona Gercina contratou uma orquestra para tocar no jóquei clube, ou melhor, tocar no Palácio, para uma noite filantrópica. Quando foi de manhã ela encontrou com o Venerando e falou assim: "ô professor, to numa sinuca danada porque eu recebi um telegrama dizendo que o ônibus que vinha trazendo a orquestra que ia tocar mais tarde, quebrou e eles não vão chegar a tempo". O Venerando disse

assim: “não tem problema deixa comigo”. Foi lá na Maria Branca contratou a orquestra dela, falou com a Maria Branca, a Maria Branca cedeu a orquestra e ainda deu quinhentos mil réis de ajuda. Então, tinha esse momento assim das mulheres. E em 1956/57, o secretário de, de segurança pública o doutor Reinaldo Baiocchi determinou que todas as casas [pausa. Telefone tocou]. Então, o secretário da segurança pública determinou que, ele queria acabar com a promiscuidade que havia nas ruas, quer dizer, ninguém sabia qual era a casa de meretriz, qual a casa de família, o secretário de segurança determinou que todas as casas de meretriz tivesse uma luz vermelha.

Keith: Tivesse o que?

Teles: Uma luz vermelha. Aí você ia andando nas ruas e onde tivesse uma luz vermelha, você podia entrar. O que acontecia é o seguinte: a pessoa entrava numa casa, porque naquele tempo, as casas tudo ficavam com suas portas abertas. Você morou no interior, você sabe, né. Então as casas com as portas abertas com gente entrando direto, você chegava e entrava, aí via as pessoas de família lá sentado na sala, na cozinha aí ficava sem graça. Então, o secretário determinou que se colocasse uma luz vermelha. Então, numa rua assim, podia ter umas três, quatro casas com a luz vermelha.

Keith: Sei. E a convivência dessas mulheres com os outros vizinhos que não tinham em suas casas a luz vermelha?

Teles: Pois é. Por essa época também, um fato curioso que apareceu lá em Campinas é, é... o fato curioso que aconteceu lá nessa época, apareceram os homens verdes. Eles vestiam uma roupa verde, era uma empresa que inventou uma forma de cobrança, porque havia muita inadimplência, aí o sujeito chegava à sua casa, cobrava e você não pagava, aí o que eles faziam? Então ele ia de verde, parava e ficava na porta. Aí todo mundo que passava...

Keith: Já sabiam né, cobrança.

Teles: Aí eles só saíam de lá quando você pagava. Eles inventaram essa forma de receber, só que aí o que estava acontecendo? Os caras mandavam dar umas pauladas e os homens de verde tinham que sair da porta da casa deles (risos).

Keith: (risos). Não deve ter tido muita duração, né, esse esquema de cobrança.

Teles: É, não teve. Essas são as coisas curiosas da campininha que viviam em função do Atlético, do Cinema, da Igreja e do jardim, da Praça Joaquim Lúcio. Do vai e vem.

Keith: Certo. E o Lago das Rosas, professor?

Teles: São fotos do Lago?

Keith: São. Trouxe algumas aqui pro senhor dar uma olhada e a partir do estímulo da sua memória ao entrar em contato com a fotografia, o senhor me falar um pouco sobre o lago.

Teles: O Lago das Rosas era uma grande piscina social. Mas envolvendo mais pessoas de Goiânia, ele estava no meio do caminho. Agora, a campininha baixava inteira lá. Eu mesmo freqüentei o Lago das Rosas durante muitos anos. Goiânia tinha a piscina do Jôquei Clube que era o status e nós tínhamos o Lago das Rosas e nós tínhamos também a piscina do Plecar.

Keith: Piscina do....

Teles: Plecar.

Keith: Plecar.

Teles: Você vai ver aí. Era uma piscina tirada ali do Córrego Cascavel, ficava nas imediações ali do antigo curtume da vila.... da baixada da rua Jaraguá com a rua..... hoje onde é a Castelo Branco, hoje tem o Ribeirão Cascavel, a esquerda dele tem, tinha um cidadão chamado Plecar....

Keith: Sim.

Teles: Parente do professor Antonio Henrique Plecar. Aí a gente pagava pra tomar banho. Pagava um real, cinquenta centavos. Mas ninguém pagava não! A gente entrava lá e o homem não estava, aí já era. (risos). No meu livro Crônicas da Campininha você vai encontrar tudo isso que eu estou falando aqui pra você.

Keith: Ta bom, eu vou ler. Eu ainda não tive tempo, porque foi ontem que o senhor me passou ele, né.

Teles: É.

Keith: E quando que o senhor começou a se dedicar à literatura?

Teles: Olha, desde pequeno eu já tinha mania de escrever assim, de ficar fazendo versinho. Eu acho que foi mais no grupo escolar Henrique Silva, em Campinas, aos doze anos de idade eu já fazia assim os meus versinhos, já escrevia assim no caderno, no meu caderno tem muito versinho escrito, aí eu comecei a gostar. Depois estudando na escola que era no começo de Campinas, que era com o professor, professor.... é, Zuza, José Soares de Castro, o Zuza, depois desembargador. Ele estimulava muito os estudantes com a literatura e eu ficava todo exibido lá declamando poesia, escrevendo, declamando poesia. Foi mais ou menos a partir dos doze, treze anos.

Keith: Essa escola em Campinas também, né?

Teles: Campinas.

Keith: E a sua produção literária hoje ela é reconhecida nacionalmente e atinge também diversas faixas etárias. Como o senhor consegue a partir dos seus livros conquistar esse público tão diversificado?

Teles: Eu sei que eu sou conhecido aí em alguns Estados brasileiros, eu sei que sou o único goiano que está no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.... E acho que é o seguinte, a gente vem trabalhando no campo de pesquisa com muitos relacionamentos, muita convivência com colegas de outros Estados e a gente publica as obras aí e a gente

manda pra eles, eles mandam pra gente e fica um troca-troca de remessas de livro e no fim sem querer, a gente começa a ficar conhecido. Porque eu tenho por princípio, que qualquer livrinho que eu recebo, eu leio e agradeço, faço uma criticazinha e agradeço, todos. E isso me tem sido muito oportuno porque me aparece muitos convites. Porque pra você ver, eu já tive até em Israel fazendo palestras, né. Então, a literatura como se diz, não dá dinheiro né, mas dá a oportunidade pra você viajar muito.

Keith: Gera trocas culturais, produção de conhecimento. E no final das contas é isso que realmente importa, né? O senhor chegou a criar personagens inspirados em algum morador de Campinas?

Teles: É o seguinte: geralmente, eu escrevi crônicas e contos. Crônicas não precisa do personagem né. Tem o meu livro *A Cidade do Ócio* que eu criei um jogador de futebol que morava no interior, ele nasceu no interior, veio jogar futebol no Atlético. É um conto simples, sintético e objetivo. E ele nasceu no interior e a mãe sumiu, abandonou ele, ele foi criado lá com o pai e parece que o pai morreu e ele veio pra Goiânia. Veio pra Goiânia jogar futebol, tornou-se o ídolo do Atlético, marcando aqueles gols belíssimos do futebol, arrumou uma amante na zona, era o dono do mercado, então... e aí, um dia ele está lá com a mulher, a mulher lá, a mulher era mais velha do que ele e ele está lá naquele amor danado lá, contando estórias e ela estava grávida e de repente ele contando a estória, e ela falando "meu menino, meu menino" e ele com dezesseis anos, achando que ela estava falando com ele e de repente ela pá, caiu dura.

Keith: Morreu?

Teles: Era mãe dele.

Keith: Era mãe dele!

Teles: Era mãe dele e quando ele começou a contar a estória ela percebeu e....

Keith: Nossa professor, que trágico.

Teles: O conto chama *O Doidinho*. Aí eu andando na Avenida Goiás, eu encontro um amigo e a gente conversando lá e tal, aí vinha um cara esfarrapado e a meninada jogando pedra nele. Aí meu amigo falou: "é o Doidinho você lembra dele? Ele jogou futebol no Atlético" e contou a estória. Aí eu me inspirei num personagem do Atlético para esse conto aí. E muitas coisinhas que a gente faz da literatura um meio de, de sustentar as emoções, né.

Keith: Sim. Emoções tanto do escritor quanto do seu leitor. E o senhor se inspira em algum escritor para escrever seus livros? Por que, por exemplo, essa estória aí do Doidinho me lembrou um pouco Nelson Rodrigues, nessa questão do trágico.

Teles: Quando eu morei no Rio de Janeiro, eu era um grande leitor do Nelson Rodrigues, eu comprava a última hora só pra ler as crônicas do Nelson Rodrigues, então, eu fiz muitos contos, crônicas, simbolizando o Nelson Rodrigues. Eu tenho mais de setecentas crônicas publicadas no jornal O Popular. Entre elas tem uma da Maria Louca, você já ouviu falar da Maria Louca?

Keith: Não, nunca ouvi.

Teles: Na época da revolução ela dava um filho por ano ali na grama do Palácio. Chamava Maria Louca, todo ano ela soltava um filho ali! Ela era apaixonada por soldados.

Keith: Ah meu Deus....

Teles: Ela dava uns quatro, cinco filhos ali. Até que um dia, eles prenderam ela e tiraram ela de lá. A estória dela é bonita, um dia vou te mostrar ela.

Keith: Claro, eu quero conhecer.

Teles: Está no meu livro *As Crônicas de Goiânia*.

Keith: Agora aqui, eu tenho fotos de futebol, mais especificamente, do Atlético. Inclusive muitas delas, do seu acervo particular, que o senhor gentilmente cedeu para meus estudos sobre campinas. O futebol como se sabe, sempre foi uma tradição em Campinas. E isso sugere uma proximidade entre o bairro e o futebol.

Teles: Certo.

Keith: Eu fiquei sabendo que o senhor já se aventurou pelos campos do Atlético Clube Goianiense. Isso tem até documentado em foto..... Isso foi no mesmo período em que o senhor morou no bairro?

Teles: Foi.

Keith: Aqui são fotos do Estádio Antônio Accioly, de alguns jogadores, da torcida, e do próprio patrono do time, Antônio Accioly. Então, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre o Atlético e tenho uma pergunta que se faz até desnecessária (risos) mas, vamos lá, o senhor continua atleticano?

Teles: Continuo atleticano, fiz um hino pro Atlético, é uma pena que eles não me autorizaram a publicar, ou melhor, a gravar. Ele é bonitinho! Eu vou cantar um pedacinho pra você, chega aqui o gravador....

Keith: Solta a voz professor (risos).

Teles: (risos). "Sou goiano e me orgulho da raça, sou Atlético bandeira na mão, a gritar no campo e na luta. Sou dragão, sou dragão, sou dragão, registrado na página da história. Com Goiânia nasci sou o primeiro campeão de muitas jornadas, sou Atlético, dragão campineiro! Dragão, dragão, dragão, o povo em delírio, rebenta o coração. Dragão, dragão, dragão, o povo em delírio rebenta o coração!".

Keith: [aplausos] muito bem professor, lindo o hino!

Teles: Tem a outra parte que eu não sei de cor, não.

Keith: E esse hino não foi aceito?

Teles: Pegaram um hino bobo lá e.... "sou atlético modéstia a parte e não sei como é que é".

Keith: Uma pena professor! E o que levou o senhor a publicar e depois de um tempo, lançar a segunda edição de um livro de crônicas sobre o Atlético?

Teles: Eu publiquei um livro sobre o Atlético tem muitos anos e agora.... Quando eles acabaram com o Atlético que já tinham vendido o estádio, estavam dilapidando tudo lá, eu e mais uns atleticanos ilustres aí, nós entramos com uma ação contra a empresa que estava negociando com o Atlético aí, que tinha comprado o Atlético e conseguimos então, parar tudo e, e voltar tudo como era. Aí no livro aí, nas primeiras crônicas você viu?

Keith: Eu vi.

Teles: Então, a segunda edição foi para mostrar que o Atlético renasceu. Ele ta fazendo aí ó.... essa semana ele foi lá em Fortaleza....

Keith: Ganhou, né. Eu estou acompanhando.

Teles: Classificou, ganhou. Estava ganhando de 3x1 e ganhou dele de 3x2 aqui. Então o Atlético tem raça, tem história e vai completar setenta anos agora dia 2 de abril.

Keith: O senhor faz ou já fez parte da diretoria do clube?

Teles: Eles me chamam e eu falo que vou e não vou. Para participar do conselho. Eu falo que vou mas não tenho tempo pra isso não.

Keith: E como se deu a composição desse livro de crônicas sobre o Atlético? O senhor fez muitas pesquisas, já tinha um material mais acessível, me conta um pouco sobre esse processo de criação.

Teles: O Reinaldo Rocha do Popular me pediu para escrever umas crônicas sobre o Atlético. Eu escrevia toda semana, toda semana eu escrevia uma crônica do Atlético. Aí quando terminou, quando eu vi, eu já tinha feito a história do Atlético. Aí eu reuni e publiquei o livro. Então aqui eu até explico no livro: [Teles lê um trecho do livro]. "eu comentava com o jornalista Reinaldo Rocha de O Popular sobre a conquista atleticana do time de 85. Aí ele me perguntou, me falou: 'porque você não escreve um livro?'. Aí eu comecei a escrever, toda semana eu escrevia uma crônica. E é claro que pra fazer a crônica, eu fazia pesquisa e como eu tinha as fotos, era fácil. Eu tenho mania de juntar fotografia, eu tenho uma caixa de foto!

Keith: Disso eu sei por causa do meu trabalho lá no museu. O senhor já fez até doação pra lá, né? Já que tocamos no assunto fotografia, esse livro Sentimento e Glória, ele possui muitas imagens que retrata os atletas do time, o cotidiano dos torcedores, mostra também, as diferentes fases do campo, do Atlético, né. E até alguns torcedores como o Respeita as Cores com o seu bumbo e a Maria Fã. Enfim, ele retrata uma série de pessoas e acontecimentos. Eu gostaria de saber, como o senhor vê a utilização da fotografia em obras literárias e históricas. O senhor a enxerga como um aparato ilustrativo ou como um documento histórico de caráter não-verbal, como uma fonte de leitura também, como uma fonte de interpretação. Enfim, como a fotografia é utilizada pelo senhor em seus trabalhos?

Teles: O negócio é o seguinte: quando a gente escreve um texto, o leitor lê o texto e sonha com o texto. E o texto é (...) do contexto é a foto. Então quando ele vê a realidade.... eu escrevo um determinado texto e o cidadão leu, e viu a fotografia, aí aumenta mais a credibilidade, ele vê que é uma realidade aquilo que eu escrevi e ele se sente também, enturmado com a minha narrativa. Então, a fotografia ela é de suma importância. Ela é um documento hábil, ela é um documento válido, uma fonte histórica, ela vem para registrar, para legalizar uma escrita. Tudo aquilo que o cidadão escreveu, ele prova com a foto.

Keith: E o senhor acha que a foto também é uma fonte de leitura?

Teles: Tem gente que não lê, que passa só os olhos na foto. Mas é uma fonte de leitura também porque ao ver a foto, ele vai ler o que está escrito em baixo.

Keith: O senhor está falando de legendas?

Teles: É. Quer queira ou não, um dia ele vai ver aquela foto e vai lembrar que á viu aquela foto não sabe aonde. Aí ele vai pegar o livro, ver a foto e ler o texto.

Keith: Ah tá. O senhor conhece o fotógrafo Hélio de Oliveira?

Teles: O Hélio de Oliveira, a irmã dele é casada com o meu irmão.

Keith: É? Então, eu gostaria que o senhor me falasse um pouco sobre a importância do trabalho dele para a História de Goiás, como campineiro, morador de Campinas, e gostaria também de saber se o senhor já foi fotografado por ele. O senhor acha que ele colabora de alguma forma com a preservação da identidade do bairro?

Teles: Eu já fui fotografado por ele várias e várias vezes inclusive, desde os tempos do futebol do Atlético, você vê que o meu livro tem muitas fotos dele aí, eu dei credibilidade para ele no livro. Como Morador de Campinas que colabora com a construção da identidade do bairro? São muitos. Cada um a sua maneira acaba ajudando a manter as singularidades do setor, né? Digo singularidades o que você está chamando de identidade. Mas tem um que não tem como não citar. Inclusive quando estava escrevendo o meu [livro] *Sentimento e Glória*, ele me ajudou muito. As fotos desse livro são de autoria dele, como disse há pouco. Estou falando de Hélio de Oliveira. Um campineiro nato. Ele tem mania de dizer que só sai de Campinas quando morrer e, olha lá. E tem mais, ele critica os ex-moradores, chama o povo de vira-folha, fala que é só "algumas pessoas", não diz nomes, mas você entende o recado (risos) melhorar um pouco de vida que abandona a campininha, mas ele não, continuará ali até o fim. Quanto as suas fotografias, ele fez

assim um trabalho de registro dos anos 48, 50 muito importante! Quando Goiânia estava começando mesmo, com essa sua máquina fotográfica registrando tudo. Tanto no futebol, quanto no movimento social, na mudança da capital federal ele esteve, acompanhou de perto, acompanhou o governo goiano aqui registrando também, então eu acredito que dos anos 50 aos anos 80 o Hélio teve uma participação importantíssima na história fotográfica de Goiás. O acervo dele é organizado pelo filho, que eu conheci lá no bairro de Campinas e que está muito bem organizado!

Keith: Dessas fotos aqui que o senhor me emprestou, separei algumas a começar pelas do Bar do Fiore. O senhor frequentou esse bar?

Teles: Frequentei. Lá era o recanto do Atlético! O Atlético jogava, ganhava ou perdia, depois dos jogos ia todo mundo pra lá, ou chorar as mágoas ou comemorar. Você vê que tem essa foto aqui histórica, com o João de Brito que era freguês lá do bar, era um dos dirigentes do Atlético e era um dos que estavam sempre presentes lá no Fiore, que foi técnico do time, né. Tem hora que eu tenho vontade ler esse livrinho meu de novo, eu não o li mais.

Keith: Tira uma tarde pra fazer isso. É sempre bom reler, tanto textos da gente quanto de outros, né. Agora no seu caso, depois da obra pronta o senhor partiu para a próxima e nunca mais voltou! (risos).

Teles: (risos). Eu vou ler. Esse aqui eu vou te presentear, o Crônicas da Campininha, eu vou autografar para você!

Keith: Obrigada. O senhor conheceu um alfaiate lá de Campinas chamado Luis de Oliveira Machado?

Teles: Conheci sim.

Keith: Eu soube que ele foi muito conhecido no bairro entre as décadas de 1950/60.

Teles: Se não me engano, se ele tiver falecido, os filhos dele estão aí.

Keith: Ele chegou inclusive fazer parte da direção do Atlético, né? E a sua alfaiataria tornou-se assim como o Bar do Fiore um reduto atleticano, em menores proporções, mas um lugar bastante frequentado por campineiros.

Teles: Foi também. Eu falo aqui que ele me deu um terno pra eu renovar um contrato. Achei em cima: "(...) esparramando juventude por todos os lados correndo feito um louco atrás da bola e marcando gol, alguns times de olho em mim, chega Luis de Oliveira Machado e fala mansamente: 'você precisa renovar o contrato que está vencido passa lá na alfaiataria que eu vou fazer um terno para você' e eu fui emocionado e escolhi o pano bege e o terno foi feito de três botões e eu exibi pelas ruas de minha campininha pelas zonas do meretrício onde o craque tinha entrada franca. Esse foi o preço da glória e eu dizia com euforia que tinha renovado o contrato e ganho o terno. Terno que carreguei comigo durante anos e que vendi numa feira de roupa usada no Rio de Janeiro para desapertar-me financeiramente, quando para lá me dirigi em 59 em busca de sonhos e estudo Terno eterno, ternura, fica aqui a minha admiração por este homem Luiz de Oliveira Machado, atleticano de voz mansa e condutor de gerações". Vou te mostrar aqui a fotografia dele. Ele era muito modesto, Luiz de Oliveira Machado, magrinho, alto. Ele é pai do Marco Antônio Machado, funcionário da Celg.

Keith: Para finalizar, mesmo morando fora de Campinas durante anos, o senhor se considera ainda um campineiro?

Teles: Sou um campineiro autêntico!

Keith: E o que significa ser campineiro para o senhor?

Teles: Ser campineiro é um estado de espírito, é dizer assim, até eu falo no meu livro Crônicas da Campininha, na primeira edição que diz o seguinte, eu falo assim: "quando eu ia apresentar um cidadão pra outro eu dizia, o fulano é da campininha, isso era um cartão de crédito, esse cidadão é da campininha, é gente boa, pode confiar. Até hoje quando a gente encontra com os amigos, a gente vai se referir a uma pessoa, a gente diz, fulano é da campininha. Uma geração de Íris Rezende Machado, Osvaldinho, Oyama, gente que fez história, Gilberto Mendonça, meu irmão, todos eles a gente diz assim: "é da campininha podes crer, é gente boa!"

Keith: E o senhor ainda frequenta o bairro, vai lá com uma certa frequência, como é que é?

Teles: Ah, é muito difícil porque virou um supermercado, então....

Keith: Fica mais difícil, né, lá o comércio é muito intenso. Eu disse para finalizar, mas ainda tenho outra pergunta. Quería que o senhor apontasse para mim, o senhor já até falou de alguns, mas gostaria que o senhor apontasse para mim, alguns lugares que o senhor considere como pertencentes à identidade do bairro, sabe? Aqueles lugares que identifiquem os moradores como campineiros, que sejam capazes de diferenciá-los dos moradores de Goiânia, por exemplo. E qual é o significado desses lugares para moradores e ex-moradores do bairro?

Teles: Em Campinas, né?

Keith: Isso, em Campinas.

Teles: A igreja Matriz, a Praça Joaquim Lúcio, o bar do Fiore, o Colégio Santa Clara, o Colégio Santa Clara você vai encontrar muita estória de lá através de uma ex namoradina minha, que foi interna do Colégio Santa Clara....

Keith: Eh professor o senhor foi namorador heim!

Teles: (risos). "Olívia era a menina mais bonita da campininha, quando ela passava pelas ruas era um deus no acuda! Todo mundo correndo para vê-la com seu andar provocante, quadris salientes, cabelos caindo nos ombros e aquele olhar feiticeiro, malicioso, capaz de desencaminhar até o mais devoto mariano. Isso mesmo, congregado mariano, frequentador da missa das oito na igreja Matriz onde Olívia comungava e confessava seus espantos. Logo vidrei meus olhos em cima dos olhos dela que desviavam, deslocavam, fugiam, amoitavam nos cantos da retina sem nenhuma intenção de olhar lânguido e apaixonado. Precisava de uma reação contundente para virar para mim os olhos de Olívia. Peguei meu estilingue foi para a manguieira do quintal e matei um (....) preto que voava na contra mão, abri o seu

corpo e extraí o pequeno coração e levei-o a chapa do fogão caipira, torrei até virar um pozinho, arma secreta que dispunha para fazer Olívia caminhar até mim, correr desembestada, pular nos meus braços e dizer que me amava, que me desejava e que seria só minha! Esperei o domingo, a missa das oito na matriz, Olívia não apareceu. Corri para a esquina da noite, sentei na madrugada, consultei meu horóscopo, vi a lua fugir por entre as nuvens, fiz serenata no alpendre e cantei A Volta do Boêmio e Chão de Estrelas e quando Olívia chegou na janela, eu tchan, joguei todo o pozinho em sua cabeça e corri. Agora era esperar o tempo, o efeito do pozinho milagroso demoraria, que eu esperasse ela, seria para a vida toda, ela correr para mim, me entregar seu coração e juraria amor eterno. E Olívia veio e nos amamos várias luas, a vida social da nossa campininha se resumia na sessão das oito do cine Campinas, dos bailinhos nos fins de semana, dos piqueniques as margens ribeirão Anicuns e das barraquinhas da igreja onde os correios elegantes corriam por entre as prendas e os gritos dos leiloeiros. Em todos os lugares, Olívia e eu, mãos grudadas, adrenalinas disparadas, todo mundo jurava a eternidade de nosso amor puro, sem bolinagem, mão boba, que projetava casamento e meia dúzia de filhos. Eu era feliz porque tinha Olívia, a musa da campininha, mulher que fazia os homens fixarem os olhos pelo torno e entorno do seu corpo esbelto que era só meu, de minha propriedade e por isso, eu podia, pegar, agarrar, lambuzar até a exaustão. Era só uma questão de tempo o noivado, o casamento na igreja e aí eu poderia navegar no continente do seu corpo". Isso é verdade!

Keith: É mesmo professor?

Teles: "Um dia eu peguei a minha vespinha, acelerei minha paixão e fui ver Olívia. Parei na porta da sua casa, buzinei e Olívia chegou no portão, pedindo que eu descesse. 'Não posso, tenho pressa, venha cá'. 'Não vou disse ela'. 'Venha cá, disse eu'. 'Não' repetiu ela. 'Se você não vier até aqui, nunca mais ponho os pés na sua casa', falei em tom desafiante. E Olívia olhando para mim no maior desdém, afirmou: 'aceito, não estou nem aí'.

Keith: Essa Olívia era bem geniosa, heim.

Teles: "Eu olhei para ela, olhei para mim e me falou mais alto o meu amor próprio, ou seria o meu machismo? E acelerei minha vespinha, arranquei o orgulho dos meus vinte anos e nunca mais vi os olhos de Olívia, a menina mais bonita da campininha!".

Keith: Que triste!

Teles: E eu me casei com minha mulher, que é essa de hoje e eu nunca mais a vi.

Keith: Mais uma estória de amor que não deu certo.... Professor, obrigada pela conversa viu.

Teles: Desculpa pelo tempo corrido.

Keith: Imagina! Só mais uma coisa: Eu preciso saber se o senhor me autoriza a usar esta entrevista no trabalho que estou elaborando, como disse a hora em que cheguei aqui, né, é a minha dissertação de mestrado, referente à Campinas.

Teles: Está autorizada!

Keith: Obrigada.

Teles: Eu que agradeço.

Término da entrevista.

Keith: Quinze de março de 2007 entrevista com Odair Tito ex-técnico do Goiânia Esporte Clube e do Atlético Clube Goianiense. Estava em dúvida se chamaria o senhor ou não para essa conversa. Porque para mim, é meio esquisito entrevistar o próprio pai, porque já tenho um monte de informações que sei ao seu respeito. Mas, como minha pesquisa passa pelo viés do futebol, não poderia deixá-lo de fora. Pois o senhor colaborou e muito para a história do futebol goiano, principalmente entre as décadas de 1960 a 1980. Percorreu várias cidades do Estado, conhece grandes nomes do futebol, não só goiano como a nível nacional, lembrando que o senhor já trabalhou em clubes dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso e internacional também quando aceitou o desafio de ir para Bolívia. Bom, como esta entrevista compõe a minha pesquisa de mestrado, vou ter que fazer algumas perguntas que pra gente pode não fazer muito sentido, mas que para os leitores desse trabalho serão necessárias, para que eles possam entender um pouco da sua trajetória. Vou me deter mais a perguntas sobre dois times que o senhor trabalhou aqui em Goiás que são o Goiânia, também conhecido como Galo e a Atlético Clube Goianiense. Então, vamos lá, seu Tito? (risos).

Odair: Vamos sim. E eu entendo esta sua preocupação, pode fazer a pergunta que quiser.

Keith: Ok. Geralmente começo minhas entrevistas perguntando o local e data de nascimento. Então, qual a sua data e local de nascimento?

Odair: 14 de agosto de 1929, Campinas, São Paulo.

Keith: O senhor veio para Goiás em 1954, jogar pelo Itumbiara. E para Goiânia, o senhor mudou se mudou quando?

Odair: Vim para Goiânia na década de 1960, em 1964 para ser mais exato.

Keith: O senhor morou em qual bairro de Goiânia nessa época?

Odair: Uns tempos em Campinas, depois mudei pra Vila São José, que fica ali pros lados de Campinas também. Fui morar em Campinas por causa do meu contrato com o Atlético e depois que saí do clube, permaneci lá durante alguns anos. Campinas era um lugar gostoso demais pra se morar, se pudesse moraria lá até hoje. Lá me lembrava assim, aquelas cidadezinhas do interior, ao contrário dessa correria que a gente encontrava no centro de Goiânia. Pelo menos na época em que morei lá ainda tinha essa característica, não existia aquele comércio todo daquelas avenidas, a 24 de Outubro, aquelas outras lá que comercializam malhas, enfim.... Este comércio já estava instalado lá, mas não tinha essa potência de hoje não. Mas, o que eu ia te contar é que quando morava em Campinas, custei acostumar, eu e a Nair, nós custamos a acostumar com nossos vizinhos falando: "seu Odair vou lá em Goiânia, o senhor que uma carona ou alguma coisa de lá?" A gente ficava rindo, porque Campinas também é Goiânia. Mas depois de algum tempo, através do contato que a gente foi fazendo, das amizades, é que percebemos que existia uma certa rivalidade entre Campinas e Goiânia. A Nair acostumou tanto a ouvir (e eu também – risos), "eu vou lá em Goiânia", que de vez em quando, a gente se pegava falando do mesmo jeito. E se você for lá em Campinas hoje, vai encontrar ainda pessoas falando desse jeito "vou lá em Goiânia". Acho que é uma coisa cultural, sabe? Está muito arraigado nos costumes deles. (.....). Vim para defender o Goiânia.

Keith: Eu tenho aqui algumas fotos (times de futebol – Goiânia e Atlético - Campinas décadas de 50 e 60, pessoas e alguns lugares de Campinas) queria que o senhor desse uma olhadinha....

Odair: Peraí, deixa eu ver aqui... Esse aqui é o Antônio Accioly?

Keith: É sim.

Odair: Posso pegar?

Keith: Claro.

[o entrevistado está manuseando as fotos apresentadas]

Odair: Esse homem aqui [Antônio Accioly] é uma lenda para o futebol goiano e também, e acima de tudo, né, para o Atlético. Eu diria até mais, ele é um exemplo de esforço e dedicação para o futebol nacional!.... Se existe alguém que merece ser lembrado por seu trabalho, honestidade e amor por seu time, esse alguém é Antônio Accioly, que tenho a honra de chamar de meu amigo... Mas você estava falando sobre o Goiânia, né, vamos continuar falando sobre ele, para a nossa conversa não desandar, tá. Mas enquanto isso eu queria continuar olhando as fotos, você sabe como eu gosto de fotos de futebol, né?

Keith: Se sei.... Esta conversa podia ter sido na sua casa, né. Porque lá o senhor tem muitas fotos sobre futebol. Talvez até algumas com autoria de Hélio de Oliveira.... O senhor então quer dar seqüência ao assunto do Goiânia, ou falar um pouco sobre o Antônio Accioly, o Atlético, fique a vontade viu. É que estou vendo o senhor olhando aí pra foto do Antônio Accioly. Fale o que lhe vier à cabeça, se estas fotos lhe trouxer alguma lembrança, fique tranquilo para falar..... não se preocupe.

Odair: São algumas lembranças.... Mas vamos terminar de falar sobre o Goiânia.....

Keith: Ok, o senhor é quem manda! (risos). Eu tenho aqui algumas fotos do Goiânia também.... Só que dos anos 1950, um período anterior ao que o senhor passou por lá. O senhor o treinou foi nos anos 60, né? Mas enfim.... O senhor chegou a conhecer algum desses jogadores aqui?

Odair: Se conheci.... Desses aqui das fotos, eu me lembro do Uberaba, do Foca e do Cisquinho. O Uberaba inclusive era do meu time de 64. Você está com aquele livro do João aí? Lá aparece o Uberaba, aparece todos nós do time de 64.

Keith: Só um instante, vou pegá-lo. Aqui está. [livro: Arquivos do Futebol Goiano do escritor João Batista Alves Filho]

Odair: Aqui estamos. Este foi o time formado por mim naquela época. Ta vendo aqui? O Goiânia de Odair Tito! (risos). Esse João Batista é um grande gozador.... Pouco depois dessa época aqui fui mandando embora e ele me sai com um O Goiânia de Odair Tito (risos), filho da mãe, filho da mãe.... Mas esse aqui era o time: [página 133 do livro Arquivos do Futebol Goiano] vamos da esquerda pra direita: Aqui ó, Dunga (nome de craque mesmo, né, já naqueles tempos...), Olacir, Manduca, Nelson, Vilomar, Uberaba, aquele que te falei que é dos anos 50, o Osmar e eu. Nair, olha aqui! O Toró (risos), esse agachado aqui ta vendo? Toró... Foi um grande amigo meu e jogava bem. Eu tenho umas lembranças desse negão que depois não posso deixar de te contar. Ele era tão mulherengo, gostava de uma jogatina. Quando a mulher dele estava grávida, quase nos dias de ganhar neném, ele saiu dizendo que ia fazer compras, parece coisa de novela, ele entrou numa banca de jogo e saiu de lá depois de uns vinte dias, sem mentira, quando voltou pra casa a mulher dele já tinha dado a luz! Nossa pensei que daquela vez não teria mais volta, mas o negão além de tudo era bom de lábia.... (risos). Você lembra dessa estória, Nair?

Nair (esposa de Odair Tito): Claro que lembro. Nossa, o que ela chorou esses dias nem se eu vivesse mil anos poderia esquecer. Ela primeiro pensou no pior, que tivesse acontecido algo de ruim com ele, mas depois de uns quatro dias como não chegava notícias nenhuma, ela começou a desconfiar que ele estivesse aprontando alguma. Nossa foi muito difícil pra ela, uma barra mesmo. E mulher grávida, você sabe né, é um poço de fragilidade..... E se fosse só jogo mesmo, mas esse aí além de tudo era mulherengo. Depois quando não tiver gravando te conto.....

Keith: Ta bom, quero saber.

Odair: Continuando: Toró, Zé Carlos, Bené, Claudinho e Zé Martins. Lembrei de todos e olha que sem olhar na legenda!

Bom, mas aí os tempos que passei no Goiânia foram muito difíceis, pois os dirigentes da época não deixavam a gente trabalhar. Me lembro que fui demitido, fico puto com isso até hoje, quando lembro da estória..... Me lembro que fui demitido porque não queria no meu time um jogador lá que era o queridinho da diretoria, não jogava tanta bola assim.... Não, justiça seja feita, ele até que jogava sim, mas era muito mascarado, sabe?

Keith: Mascarado?

Odair: É, se sentia mais importante que o restante do time, e futebol naquela época, hoje sim, existe uma individualidade muito grande entre os jogadores, mas naquela época, o futebol era realmente um esporte de equipe. E isso me incomodava muito, essa coisa dele ser muito individualista. Na minha opinião, isso acabava prejudicando o resto da equipe.

Keith: Ah, entendi.

Odair: Eu cheguei no clube com o intuito de modernizar o time, trouxe vários jogadores de fora e estava tendo um certo apoio da diretoria, até querer tirar esse jogador. Ele também está aqui, é esse ó, Manduca. Eu caí na besteira de dizer aquela famosa frase: ou ele ou eu, sabe? Antes que eu fechasse a boca, ouvi o ele. Mas depois de um tempo superei a rejeição (risos).

Keith: Me fala um pouco mais sobre o Manduca, porque ele tinha tanto poder assim? E qual a posição que ele jogava?

Odair: Ele era zagueiro. Jogou em outros times também, acho que até no Atlético, mas não tenho certeza. Agora esse poder todo nunca entendi muito bem, acredito que apoio político. Aliás, o Goiânia sempre foi muito conhecido por esses favorecimentos políticos. O clube foi fundado em acho que em 36, 37. Junto com a construção de Goiânia. Foi fundado por altos funcionários do Estado, inclusive um arquiteto chamado Neddermeyer. O pessoal lá de Campinas, o Atlético também foi fundado nos anos 30. Então, o pessoal lá de Campinas chamavam os jogadores do Goiânia, de chapa branca.

Keith: Chapa branca?

Odair: Isso mesmo. Os carros do Estado tinham chapa branca, daí.... Naquela época, anos 40, 50.... até a profissionalização do futebol, não existia salário fixo, existia os bichos, que era uma bolada que o time recebia devido a alguma vitória e que era dividida entre os jogadores. Então, como não tinham salários, era difícil manter um jogador no mesmo clube e aí veio a esperteza do Goiânia: eles ofereciam emprego no Estado aos seus jogadores. Aí minha filha, podia esquecer, né. E daí vem o nome de chapa branca, eles além de jogadores, tornavam-se funcionários do Estado, os chapas brancas.

Keith: Mas essa forma de oferecer emprego aos jogadores não foi adotada só pelo Goiânia, né?

Odair: Não, o Atlético também fazia isso através do Antônio Accioly, que era dono de um cartório. Ele era padre de rico, aí assim como o pessoal de lado de lá, oferecia emprego aos jogadores do Atlético. Mas tinha uma diferença, né. O cartório era dele e os jogadores do Goiânia, recebiam através de órgãos públicos, daí o motivo de tantas críticas, entendeu?

Keith: Claro, entendi sim. O senhor viu aqui algumas fotos do Atlético da década de 50 e 60, né. Fotos de jogadores, outras mostrando como era o Estádio Antônio Accioly, a torcida, etc. Agora dos anos 70, 1970, eu tenho aqui pouca coisa, mas dentre eles, acho que o senhor deve lembrar desse período aqui. Dessa mesma época dessa foto aí do

Antônio Accioly, o “chefão atleticano” (risos). Esse foi o período em que o senhor passou por lá, né? Me fale um pouco sobre essa época.

Odair: Estou segurando a foto dele ainda (risos), não sei o que deu em mim, acho que estou muito distraído, e no meio dessas fotos ainda..... Elas tem o poder de fazer a gente voltar pro passado, né, pena que a gente não fica mais novo quando segura uma foto, né, já que elas fazem a gente voltar no tempo.... (risos).

Keith: É seria uma boa mesmo, pensa.....

Odair: Essa aqui ô, esta do Antônio Accioly, ele segurando esse troféu.... Este aqui eu acho que é o troféu do torneio da integração..... Se for.... Sabia que esta taça aqui ô, foi comprada pelo João Batista, se não tiver enganado, lá em São Paulo?

Keith: É mesmo? Como assim, comprada por ele?

Odair: Ele parece que era dos organizadores desse torneio aí, ele trabalhava não sei bem, acho que em uma dessas assessorias de imprensa aí..... Enfim, o João andou feito uma barata tonta atrás aí dessa taça, mas compensou, porque olha que coisa mais linda! Só que nessa fase aqui, eu não estava no Atlético, não. Estive lá em outro período dos anos 70. Ta vendo aqui a satisfação do seu Antônio? Tem que ficar orgulhoso mesmo. Esta fotografia me fez lembrar de tantos momentos, de coisas que eu nem me lembrava mais... Das longas conversas que tínhamos sobre futebol. Lembrei da minha época de boêmio, onde passava noites inteiras sentado em frente a uma mesa de bar conversando muito. Aquela mesa enorme, cheia de boleiros. A gente falava de tudo: bebidas, (com todo respeito viu, Nair), mulheres (*risos*), mas virava e mexia voltávamos a falar de futebol, dos boleiros... Boleiros era como a gente chamava os jogadores. A gente falava assim na época, né, minha filha? É... dos boleiros que se tornariam a revelação do time, essas coisas. Lembrei ainda de como meu amigo Antônio Accioly era prestativo e dono de uma palavra só. Pelo Atlético era capaz de tirar dinheiro do próprio bolso pra pagar as dívidas do clube! Inclusive meu salário, que, durante muito, saiu do bolso dele, porque o clube passou por momentos que era uma quebradeira só. Ele era um apaixonado pelo time (...). Esta fotografia me fez lembrar de muitas coisas, mas me fez também sentir muita saudade de um tempo que não volta mais. Eu fui muito feliz no tempo que passei lá no Atlético.

Keith: Dá uma saudade, né.... O senhor acha que existia muita rivalidade entre o Goiânia e o Atlético? Tanto nesse período aí que a gente está falando, esse que engloba as décadas de 40 e 50, assim como nos anos posteriores em 60 quando o senhor trabalhou no Goiânia e depois já na década de 70, defendendo o Atlético? Porque hoje em dia, no futebol goiano a gente percebe que a rivalidade maior é entre o Goiás e Vila Nova, né.

Odair: Acho que desde a fundação dos dois clubes. Sempre existiu muita rivalidade entre Goiânia e Atlético.

Keith: O senhor saberia me dizer os motivos de tanta rivalidade?

Odair: Acho que o maior deles, é pelo fato de um time representar Goiânia e o outro, Campinas. Essa rivalidade não começou no futebol não, ela ganhou força com o futebol, é diferente. Essa briga entre Goiânia e Campinas, começou com a construção de Goiânia. Campinas virou bairro, mas sempre posou como independente. Então, essa rixa, acho que começa aí.

Keith: Quando o senhor jogou no Goiânia, ou melhor, treinou o Goiânia, existia algum lugar, algum bar, por exemplo, que os jogadores freqüentavam?

Odair: Que me lembre não. Mas como você sabe, eu nunca fui de freqüentar bares, mas não lembro de ouvir comentários como: vamos pra tal bar. Devia ter algum buteco, realmente não lembro.

Keith: O Café Central, por exemplo.

Odair: Acho que não. O Café Central nessa época era um lugar freqüentado pelas pessoas de Goiânia de uma maneira geral, e não somente por jogadores.

Keith: E um bar chamado Bar do Fiore, esse o senhor já ouviu falar?

Odair: Já, era de um técnico antigo do Atlético, o Salerno. Esse bar foi muito famoso nos anos 50, mas eu não cheguei a freqüentar lá não, em 70 quando fui para o Atlético, acho que já não existia mais.

Keith: O senhor foi jogar no Atlético em que ano?

Odair: Se não me falha a memória, em 70, 72 por aí.

Keith: Então, me fale um pouco sobre o período em que o senhor esteve no Atlético ou como já atuou em vários times, talvez queira falar sobre algum jogo contra o Atlético.

Odair: Eu tenho duas estórias para contar: uma é quando nós fomos campeões goianos, pelo CRAC de Catalão em 1967 desbancando o Atlético. E isso repercutiu até hoje, principalmente entre a torcida atleticana. Pode perguntar aí pra essas outras pessoas que você tem entrevistado. Quando se fala em campeonato de 67, eles fecham a cara, ganhamos na casa do Atlético, que é o estádio Antônio Accioly. A segunda, eu tive a honra de levar ao Atlético, um jogo internacional, quebrando a invencibilidade de um clube que já estavam com oito partidas invictas no Brasil, inclusive empatando com a seleção brasileira, 0x0 e nós quebramos a invencibilidade desse clube, o time da Bulgária! Disso aí eu me orgulho de mais, dessas duas histórias. Agora no Atlético, eu trabalhei poucos anos, mas a passagem por lá me marcou muito, sabe por quê? A gente que trabalha com futebol está muito acostumado a ver torcedor fanático, brigas em estádio, rezas, o torcedor quebrando seu radinho quando o time adversário marca um gol, essas coisas... Mas o Atlético parece que tinha e talvez hoje ainda tenha, agora eu não sei por que não acompanho de perto, né, mas tem uma empolgação muito grande, é uma tipo de devoção, a coisa mais esquisita, só estando lá dentro pra

entender do que estou falando..... Mas nos tempos em que o treinei, infelizmente não consegui ganhar nenhum título por lá. E no início foi até difícil a aceitação da torcida atleticana, por causa dessa história aí da vitória do CRAC em cima do Atlético, mas depois de um tempo, a situação se normalizou. Filha, estou um pouco cansado.... podemos terminar?

Keith: Claro. Eu quero te agradecer, de verdade mesmo, por esta conversa. O senhor está se recuperando de uma cirurgia que foi feita há poucos dias, e mesmo assim, quis contribuir com meu trabalho. Essa atitude do senhor foi muito legal.

Odair: Se não puder ajudar nisso, to enrolado, né. Eu queria continuar, mas estou meio sonolento, se quiser a gente pode continuar uma outra hora....

Keith: Ta bom, mas acho que já foi o suficiente. Obrigada! E.... Última coisa: quero saber se o senhor me autoriza a usar esta nossa conversa, no meu trabalho sobre Campinas, na dissertação, sabe?

Odair: Nossa..... Precisa perguntar? Cada uma (risos) pode sim, quantas vezes você quiser.

Keith: Ta, muito obrigada!

Término da entrevista.

Keith: Boa tarde. Estou fazendo um estudo sobre o setor Campinas para entender questões relacionadas à identidade do bairro. Como é entre os moradores de campinas esse sentimento de pertencer ao bairro, esse orgulho que eles têm por ser campineiros, essa tradição campineira, sabe? Durante as leituras que fiz sobre o bairro e de conversas com outros entrevistados percebi que o Atlético é uma dessas tradições campineira. Então, resolvi procurar o senhor, que foi morador do bairro durante muitos anos e que na década de 1950 foi uma das grandes estrelas do futebol atleticano. Trouxe aqui algumas fotos de lugares de campinas (bares, a Praça Joaquim Lúcio, etc.) e outras dos jogadores dos anos 50. Todas elas são de Hélio de Oliveira. Meu trabalho se constrói a partir das imagens do seu Hélio, sabe? Então, gostaria que nossa conversa partisse sempre que possível de algumas dessas imagens. Então, vamos começar? Ah, inclusive seu Hélio foi uma das pessoas citou seu nome durante uma conversa que tivemos, como sendo uma grande referência de Campinas. Então vamos.

Plínio: Estou pronto (risos)

Keith: Seu Plínio, qual o nome completo do senhor e o local e data de nascimento.

Plínio: Plínio Cestari Hidalgo. Hidalgo com H. Eu nasci em Pederneiras, interior de São Paulo, dia 26 de abril de 1930.

Keith: O senhor veio pra Goiânia quando?

Plínio: Em cheguei aqui em 50. em 1948 em vim pra Ipameri.

Keith: Em 1950 quando o senhor chega em Goiânia, escolheu qual bairro pra morar?

Plínio: Quando eu vim pra cá, me mudei ali pra 68, num hotel chamado santo Antonino. Porque o dono desse hotel era treinador do Araguaia. O Araguaia era um clube que seria o Vila Nova hoje. Não existia o Vila Nova naquela época, só o Araguaia. Então fui morar nesse hotel.

Keith: Então o senhor veio para Goiânia para jogar nesse Araguaia?

Plínio: No Araguaia. Aí depois de um ano, eu fiz até bonito demais, o time foi vice-campeão, né. Mas fizeram um rolô danado o juiz lá, que nós acabamos perdendo, aí o Araguaia acabou. Aí acabou o Araguaia e o Antônio Accioly que era o diretor do Atlético, você já ouviu falar dele já, né?

Keith: Já.

Plínio: Aí ele foi lá e me pegou. Perguntou se eu queria jogar para o Atlético e foi assim que fui para o Atlético, em 1951, não foi Nilma?

Keith: Trouxe aqui algumas fotos de Antônio Accioly, vamos falar um pouco sobre ele?

Plínio: Claro, ele foi uma pessoa muito importante para a história do Atlético e de Campinas também.

Keith: Essa dele com outros rapazes que ajudaram a fundar o Atlético. Ela foi tirada na Praça Joaquim Lúcio, após a fundação do Atlético em 1937. Essa outra já da década de 1950, aparece ele e o Antônio Cícero de Sá, o senhor lembra dele, chegou a conhecê-lo? Era um dos dirigentes do clube nessa época. Foi tirada lá no campo do Atlético. E por último, essa aqui já em 1971, com a faixa e a taça ganhadas no torneio integração. Aparece aí numa dessas fotos do Antônio Accioly ele na Praça Joaquim Lúcio em Campinas, essa de 1937. Tenho aqui outras fotos de Campinas que peguei com seu Hélio de Oliveira. Aqui já aparece a campinas dos anos 1950. A Praça Joaquim Lúcio, o Colégio Santa Clara, O Cine Campinas.....

D. Nilma (esposa de Plínio): Eu posso falar também?

Keith: Claro, pode falar sim dona Nilma, por favor. Dê uma olhada aqui nas fotos que trouxe, são de campinas. Antes de se casar, a senhora já morava em Campinas? Como era o bairro nessa época, nos 50,60?

D. Nilma: São as fotos do Hélio né? Eu nasci em Campinas. Campinas era um bairro que não tinha asfalto, não tinha nada. Era tudo terra. Assim..... Um bairro autônomo como é até hoje, né.

Keith: Autônomo?

D. Nilma: É, autônomo. A gente dizia assim: "eu vou pra Goiânia".

Plínio: A gente não falava eu vou lá no centro. Dizia, "eu vou pra Goiânia", pra você ter idéia.

D. Nilma: E um dos atrativos de Campinas era o Antônio Accioly, sem dúvida. Até nos treinos, as moças iam, a gente ia de bicicleta, sabe? A cidade toda andava de bicicleta, então a gente ia pro Atlético assistir os treinos do Atlético.

Keith: A senhora freqüentava a Praça Joaquim Lúcio também?

D. Nilma: o vai e vem mesmo era ali na porta do cine campinas que hoje é o... Essas aqui são as fotografias que eu posso até enumerar: essa aqui é minha irmã Nilce, Sônia, essa aqui eu não estou conhecendo, Vanda Costa....

Plínio: A Vanda? Tem a Vanda aí?

D. Nilma: A (.....), a Gláucia, essa aqui é a Carminha.

Keith: Eram sua irmã e amigas?

D. Nilma: Eram. As minhas colegas né. A gente estudava no Santa Clara, no Pedro Gomes. Esse aqui era o coretinho de lá.

Plínio: O bom lá de Campinas lá naquela época e eu sinto falta disso aqui, era a amizade que a gente fez muito rápido. A gente conhecia todo mundo. A gente morava lá em baixo e então, eu demorava até meia hora pra chegar lá no Atlético. Por quê? Porque a cada 20, 30 metros vinha um amigo pra cumprimentar ou... "aonde você vai?" "Vou trabalhar". Era um tal de bom dia, bom dia, como vai? danado! Até chegar na equipe eu vou te contar! Então, o relacionamento nosso era muito grande, conhecia todo mundo, todo mundo era amigo do outro. Era uma cidade assim fechada mas, aberta pra quem estava lá dentro. Você entendeu?

Keith: Sim. E tinha certas distinções entre campineiros e os moradores de Goiânia, né?

Plínio: Ah tinha.

D. Nilma: A gente chegava lá no centro e eles já falavam assim: "ó as moças da chacinha". (risos).

Plínio: Era mesmo. Era custoso viu.

D. Nilma: E também se a moçada do centro ia lá, os rapazes camp... os rapazes de lá, estavam fritos. (risos)

Keith: E o lago das rosas?

Plínio: Frequentava.

D. Nilma: O lago das Rosas eles frequentavam.

Plínio: Fim de semana a gente ia direto pra lá.

D. Nilma: Tem umas fotos guardadas que o Hélio tirou da gente lá. O Lago das Rosas a gente só ia a passeio, mas eles que frequentavam.

Keith: As moças iam com menos frequência lá é isso?

Plínio: Sim.

Keith: E lá frequentavam pessoas de Goiânia também ou.... Porque eu já li que lá era uma espécie de fronteira entre Goiânia e Campinas. Vocês acham que era mesmo um lugar de fronteira entre Goiânia e Campinas?

Plínio: Com certeza. Era muito notória essa barreira, sabe? Iam pra lá moradores de Goiânia também só que a gente quase não se misturava, era rivalidade mesmo.

Keith: O seu Hélio de Oliveira me contou que o senhor foi um grande jogador do Atlético nos anos 50. Período onde ele atuou como um dos dirigentes do clube também. Então ele exercia ao mesmo tempo as funções de dirigente e fotógrafo. Ele me contou que fazia a cobertura fotográfica das partidas do Atlético. Eu tenho aqui algumas fotos produzidas por ele, são fotos dos jogadores do Atlético onde aparece o senhor. Tem essa aqui de 54, 55 e 57. O senhor e outros jogadores também. Seu Plínio me fale um pouco sobre os anos em que o senhor passou no Atlético. Nessa foto aqui de 54 por exemplo, aqui já tinha quanto tempo que o senhor estava no Atlético? Deixe as fotos guiarem suas lembranças seu Plínio.

Plínio: Esse número 2 (foto n. 2) aqui era lateral esquerda, um bom jogador viu, muito bom. Aqui já tinha uns 4 anos. Em 1955 e 57 tá vendo essas duas fotos aqui ó [fotos 34 e 35]. Nesse tempo nós fomos campeões invictos. Foi muito marcante para o Atlético e para Campinas viu. Foram partidas difíceis, mas a cada partida que a gente ia vencendo, as dificuldades iam diminuindo, até que chegou a partida final e a gente ganhou os títulos. Me lembro até hoje da alegria dos torcedores, naquele tempo a gente [os jogadores] era bem próximos da torcida. Acho que pelo fato da gente ser tudo morador ali de Campinas ajudava nessa aproximação. Os torcedores e moradores de Campinas se sentiam orgulhosos com as vitórias, era como se estas vitórias tivessem sido conquistadas por eles também. Os atleticanos, os moradores da campininha agora eram campeões, eram os melhores da cidade. Eles se sentiam campeões como a gente. Era um sentimento tão forte que você era atingido por aquilo ali de algum jeito.... Até mesmo eu que não gostava muito destas separações, porque como te contei, quando vim morar em Goiânia, me hospedei primeiro no centro da cidade. Então nessa competição aí entre Campinas e Goiânia, eu sempre tentei ficar isento. (risos) Não sei se consegui, mas pelo menos as tentativas foram muitas. E, se esse sentimento que estou te falando contagiou até a mim, imagina pras pessoas lá de Campinas então.

Keith: Entendi. Só uma dúvida: o Pedro Ludovico era aonde, ali na Paranaíba, é o Estádio Olímpico?

Plínio: Sim, no Olímpico. É que lá chamava Pedro Ludovico. E nós tivemos sorte....

D. Nilma: Tinha o campo do Atlético e o Pedro Ludovico era só os dois aqui em Goiânia, não tinha mais.

Plínio: Então nesse jogo, nós ganhamos de 1x0. Eu até vou te mostrar depois uns negócio ali, uns recortes que eu guardo, porque o Zilinho era famoso né e eu consegui marcar ele o jogo inteiro. Eu fui considerado o melhor jogador em campo nessa partida. Só pra você entender. Ele era bom demais, da seleção brasileira, né, famoso. Eles vieram para uma partida de amistoso, mas a finalidade mesmo era colocar a faixa em nós.

Keith: Aí o senhor marcou ele o tempo todo e ainda fez o gol?

Plínio: Eu estava defendendo né, a veio à oportunidade.... Nossa, me lembrei direitinho desse dia, agora. Nessa foto aqui tem meu irmão ó. Esse aqui que está perto de mim.

Keith: Cadê?

Plínio: Esse aqui ó.

Keith: Qual o nome dele seu Plínio?

Plínio: Aldo. Quando eu vim pra cá, eu vim só eu pra cá, pra Goiás né. Meu irmão morava em São Paulo. Depois eu trouxe ele pra cá, ele tava trabalhando numa firma lá, não tava dando certo nem nada aí eu fui passear lá e peguei e trouxe ele pra cá. E ele começou a jogar também.

Keith: No Atlético também?

Plínio: Só no Atlético. Eu, primeiro no Araguaia, depois só no Atlético. O Goiânia tentou me pegar também, mas o pessoal da campininha não permitiu não, não deixou não. Aí fiquei no Atlético minha vida inteira.

Keith: Seu Plínio, eu ouvi dizer que os jogadores do Goiânia eram funcionários públicos. Isso é verdade?

Plínio: Justamente. Eram mesmo. Inclusive um jogo que o Araguaia perdeu lá, foi através de sacanagem do,do, juiz né. Foi sacanagem porque ele mandou. Eles mandavam... Faziam o que queriam lá. Mandavam até no juiz! Então foi justamente esse gol. Um gol que eles marcaram lá. Tava 1x1 o jogo. Se o jogo empatasse, a gente ia ser campeão. Mas aí teve um lance que saiu até no jornal, saiu esse lance lá. O ponta direita, o jogador do Goiânia, e eles fizeram um gol lá, foi uma polêmica danada esse jogo aí. Eu pra mim, a bola entrou por fora, mas eles alegou que a bola entrou por dentro, aí eles ganharam de 2x1 e foram campeões e a gente.....

D. Nilma: Mas ela quer saber do Atlético, esquece o Araguaia. Esse jogo aí que ele ta falando foi do Araguaia.

Plínio: Mas foi do Araguaia com o Goiânia, ela me perguntou sobre o Goiânia não foi?

Keith: Foi. Essa foto aqui (n.4) seu Plínio, é da torcida do Atlético em 55.

D. Nilma: Essa foto é lá do Pedro Ludovico. Tinha uma arquibancada pequenininha e tinha essa aqui do lado do sol. E a gente do Atlético, ficava do lado do sol. Aí quando eles iam pro Antônio Accioly, era invertido, aí eles ficavam do lado do sol (risos), com o sol no rosto.

Keith: voltando um pouquinho pra 55, é verdade que todos os jogadores eram de campinas nesse ano?

Plínio: A maioria era. Aqui nessa foto, por exemplo, o Bebê, esse menino aqui o Odílio, o irmão do Bebê o Marinho, esse aqui também, eram quase todos de campinas. Essa foto aqui tem jogadores que não são do time titular, eles são aspirantes. Oh o Mendoncinha aqui. Tem meu irmão o Aldo né, eu, o Eptácio, o Joãozinho né, esses dois aqui eram diretores, esse aqui é o Fabinho, o Fabinho era um jogador muito bom. Mas ele não jogou esse dia aqui não, ta vendo ele está até com outra roupa. Esse diferente aqui.

Keith: E em 55 e 57, o técnico era o Fiore?

Plínio: Era sim.

D. Nilma: E o Dr. Antônio Cícero de Sá foi o grande responsável por esse período aí do Atlético.

Plínio: Ele era atleticano roxo, dava a vida pelo Atlético.

Keith: Ele era dentista né? Tratava dos dentes dos jogadores.... Eu tenho umas fotos dele aqui.... Dele do Luiz de Oliveira Machado, que era alfaiate.....

D. Nilma: Até da família dos jogadores.

Plínio: Tinha também esse aqui ó, ele era o alfaiate, não é? Se me recordo bem, o nome dele era..... era.... você lembra Nilma, o nome do príncipe?.... Seu Luís. Sabia que ele não cobrava da gente, de nós jogadores? A gente levava os panos, e ele não cobrava nada. E ele fazia bem feitiço. (risos) A gente aproveitava. E ele ainda dizia: "Jogador do Atlético tem atendimento especial no meu estabelecimento. Como não tenho grandes posses para contribuir com o Atlético, me sinto na obrigação de não cobrar os cortes de vocês". Esse foi o jeito que ele encontrou para ajudar a gente, né? Imagina, não cobrava os ternos que fazia pra gente! E era coisa de qualidade. Eu saía de sua alfaiataria me sentindo o próprio príncipe da moda, que era o nome da lojinha dele ali na 24 de Outubro.

Keith: E a questão do salário, vocês jogadores tinham um salário fixo?

Plínio: Não. Eu por exemplo né, eu era solteiro. E eu ficava no hotel e eles pagavam minha moradia. Aí tinha o bicho, o bicho era assim: quando a gente ganhava, recebia. Eles repartiam, dividiam entre os jogadores uma parte, sabe? Aí esse dinheiro dava pra nossas despesas. Eu tinha um.... deixa eu ver se encontro ele, um jogador, deixa eu ver se encontro ele. Eu vi ele aqui, um fazendeiro, como era o nome dele? O Dimas era um centroavante bom demais da conta, mas ele não está aqui não, acho que veio depois. Mas o que eu quero contar pra você é o seguinte: que esse Dimas ele era fazendeiro né, aqui de uma cidadezinha aqui perto aqui. E como ele era muito rico, então, quando o Atlético separava o bicho, a parte dele, ele dava pra mim, porque eu era só, estava começando..... Aí ele dava pra mim, mas era só pra mim (risos). Ele dizia: Esse bicho aqui é seu" e já avisava o tesoureiro. Por exemplo: sobrou 250, 300 reais pra cada jogador e tal, então esse aqui você já põe na conta do Plínio. Ele era generoso e eu achava bom, né. (risos). Eu já não pagava hotel e ainda com essa ajuda.... Era solteiro, então o que ganhava dava pra me manter. Era bom viu. Esse tempo era bom, a Campininha..... era bom viu, deixou saudade.

Keith: Eu conversei com um técnico que trabalhou nos anos 70 no Atlético, ele chama Odair Tito.

Plínio: Odair Tito? Eu conheci muito o Odair Tito uai, ele trabalhou no CRAC de Catalão também né? Nossa a gente tinha muita amizade.

Keith: É ele foi técnico do CRAC em 1967. Meu pai sabia?

Plínio: Ta brincando, sério? Que coisa boa! Mundo pequeno esse.....

Keith: Pois, é, incrível, né. (.....). Aí ele me contou seu Plínio, que o Atlético passava por muitas dificuldades financeiras e que o Antônio Accioly tirava dinheiro do bolso pra pagar os jogadores.

Plínio: Ele ajudava demais, ajudava demais. E ele era dono de cartório, então, aqueles jogadores mais pobres, ele arruma emprego pra eles lá nesse cartório. O Fabinho mesmo, esse aqui, ele jogava, aqui já é 57, ele jogava muita bola! Ele era um lateral direita muito bom e o Antônio Accioly levou ele pra lá, pro cartório dele. Foi ele, o Odílio, esse aqui também trabalhou pra ele lá. O Odílio também jogava bem pra caramba, nossa senhora! Ele era centroavante e o

Fabinho ele jogava assim, meio de campo. Ai o Antônio Accioly levou eles pra trabalhar no cartório. Esse Fabinho aqui ta vendo? Teve um jogo aqui com o Atlético mineiro e eles ficaram muito impressionados com o futebol dele, ele era realmente muito bom mesmo, esse jogo nós perdemos de 4x2 pra eles, aí levaram ele pra Minas, só que ele não se adaptou, ele parece que era meio bobo assim, ficava sem ambiente por lá, não entrosava, achava o pessoal de lá meio..... Aí ele não agüentou e veio embora, voltou pro Atlético da campininha. Aí ele encerrou a carreira no Atlético. Mas eu to aqui olhando pra essa fotografia e to encabulado, eu vi o Dimas aqui e ele sumiu..... Aqui ele aqui, aqui ó, achei ta vendo? Esse é o que te falei do bicho, lembra? Esse aqui, danado! Esse aqui é o Fábio, jogava muito bem também, o Fábio era meio de campo, o Dimas era mais ou menos dessa altura aqui assim ó.

Keith: Era grandão.

Plínio: quase dois metros, era fonte demais da conta! Nossa senhora. Olha, o Toca Fundo, Epitácio, o Epitácio você já deve ter ouvido falar também, foi o grande destaque do Atlético, viu.

Keith: Já

Plínio: Ele era custoso viu, não gostava de perder não. Se fosse preciso dar botinada ele dava, se xingar, ele xingava (risos).

D. Nilma: Ele foi considerado naquele tempo o melhor jogador não só do Atlético de Goiás, do Estado de Goiás.

Plínio: O Epitácio era bom mesmo viu! Ele mora lá perto da retífica. Se uma hora você quiser, eu vou com você lá. Ele vai achar bom demais da conta! Ele andava aí com uns problemas de saúde, mas vai gostar demais de falar com você.

Keith: Claro eu quero sim. Inclusive eu já entrei em contato com ele por telefone. Mas seria muito bom se o senhor fosse lá comigo.

Keith: Seu Plínio, nós falamos de campinas, do atlético, dos jogadores, agora queria falar de um cantinho muito querido também dos jogadores e torcedores do atlético, que é o bar do Fiore. Eu trouxe aqui algumas fotos do bar pra te mostrar. Gostaria que através do seu contato com essas imagens, o senhor me falasse um pouco sobre esse espaço.

Plínio: Aqui Nilma, fotos do Bar do Fiore. O bar do Fiore era assim.... Acabava o jogo.... No estádio Antonio Accioly não tinha iluminação certo? Então o jogo até seis horas tinha que terminar, porque escurecia e não tinha como jogar né. Então a gente fazia o seguinte: acabava o jogo, isso quando Atlético ganhava né, e era muitas vezes que o Atlético ganhava, a í o que a gente fazia? Nós descia aquela 24 de Outubro, nós descia ali aquela 24 de Outubro andando, sabe? Andando até no Bar do Fiore. Aí lá nós sentávamos todo mundo ali, concentrava ali sabe, descia a cervejinha, a gente ia bater papo, era bom.... Aqui tem outros jogadores ó, ta vendo aqui? Olha eu aqui! Olha eu aqui ó Nilma (risos). Deixa eu ficar com essa aqui perto, olhar pra ela um pouquinho. Eu to lembrando aqui que teve um jogo... olha o frei Confaloni aqui ó. Nessa outra foto eu to aqui ó, eu to de terno aqui atrás, aqui ó ta vendo?

Keith: Sim, esse de terno aqui, né.

Plínio: Esse mesmo. Esse outro aqui ó, é meu outro irmão que já faleceu, coitadinho. Ele trabalhava pro Fiore, trabalhava no Bar do Fiore.

Keith: E qual o nome dele?

Plínio: Altamiro. A gente chamava ele de baixinho, era pequenininho sabe. Tem uns 10 anos que ele faleceu. Ele trabalhava no bar. Olha o Fiore aqui, é esse lá no fundo, aqui ó, viu?

Keith: Esse aqui.

Plínio: É, pode marcar aí. Esse aqui é ele também. Esse aqui é o João de Brito, aquele advogado famoso que tem lá em Campinas, eu. Nessa outra aqui, isso aí tudo pra você ter idéia era atleticano Aqui ó, nessa foto, por exemplo, nós fomos do jogo direto pra lá. Aqui ó você pode ver que ta todo mundo lá, saia do jogo e ia tudo pra lá. Teve um jogo lá em Campinas contra o Goiás, então nesse jogo, nós ganhamos de 6x0 do Goiás e eu tive a felicidade do pessoal me carregar do estádio Antônio Accioly até o bar (.....) eles me carregaram! Eu fui o melhor em campo, sabe? O melhor em campo, aí me carregaram até o bar do Fiore. (risos). Teve um jogo contra o Goiás em que o Atlético ganhou de 5x0 e eu tive a felicidade de ser carregado lá do campo do Atlético até o Bar do Fiore, por ter sido o melhor jogador em campo. Foi uma alegria que só. Isso foi em 55. Em 55 e 57, o Atlético foi um timão viu, imbatível! Nós ganhamos do São Paulo aqui, foi em um amistoso, mas ganhamos. Ganhamos também de outros times de fora. Geralmente era assim, após os jogos, independente do resultado íamos para o Bar do Fiore para comemorar ou lamentar, dependendo do resultado. Lá comentávamos sobre a partida, sobre os melhores e os piores (risos) em campo. Era um lugar gostoso de frequentar, a gente se sentia como parte de uma mesma família, quero dizer, da família atleticana e campineira, né?

Keith: E o senhor tem alguma foto aqui desse dia, dessa partida?

Plínio: Pior que não tenho. Já perguntei se o Hélio tem, mas ele também parece que não. Isso foi em 55. 55 e 57 o Atlético foi um timão viu. Foi um timão! Ganhamos do São Paulo aqui, ganhamos de outro time de fora, gente.... esqueci o nome, e nós ganhamos também um torneio que teve até com um clube de fora. Então foi muita coisa, viu. Depois você com o Hélio lá, ele fotografou muito as partidas, tem muita coisa lá, só que tem também muita coisa que ainda não está disponível, não está no computador, mas vê lá com ele.

D. Nilma: Tinha uma torcedora a Maria Fã, não sei se você já ouviu falar.

Keith: Já sim D. Nilma, eu até peguei uma foto dela com seu Hélio. Ela é uma referência quando se fala do Atlético, né. Eu até trouxe aqui.... Olha só, essa aqui, né?

Plínio: Aquela lá brigava pelo Atlético, vixe! Tinha o Respeita as Cores. O Respeita as Cores era bom também. Aqui esse tempinho era bom, era uma turma boa.

D. Nilma: Agora tinha uma coisa. Lá no bar do Fiore, esse que vocês estavam falando, mulher não entrava. Era freqüentado só por homens.

Keith: Por falar em bares, Campinas tinha um lado muito boêmio também, né?

Plínio: Tinha.

Keith: E D. Nilma, que provavelmente mulheres não freqüentavam também, né?

D. Nilma: É, não freqüentavam mesmo. Quer dizer algumas, mas aí já entra em outro assunto. Inclusive o José Mendonça fala muito disso aí nos livros dele. Das casas noturnas, da Avenida Bahia.... Eu falo assim, porque ele é cunhado da minha irmã, então está tudo em família.

Keith: Da Maria Branca

Plínio: É, da Maria Branca. [Plínio manuseia as fotos]. Esse aqui, a mãe dele era dona de uma dessas casas. Chamava dona Flora. Ele é o Fábio, jogava bem viu. A mãe dele a gente tinha muita amizade, eu ia muito lá na casa dele, na casa dele, não no bordel lá do lado, mas ela era muito boazinha, nossa gostava demais da dona Flora.

Keith: Tinha essas ruas aí como a D. Nilma citou, a avenida Bahia, que ficaram conhecidas como zona de baixo meretrício, né. E teve uma dona dessas casas que se tornou conhecida entre os moradores de campinas, né. Que é a Maria Branca.

Plínio: Parece que a Maria Branca foi uma das primeiras.

Keith: E ela é lembrada por ter sido uma mulher generosa, caridosa, enfim.... E frei Confaloni? Ele era um religioso muito a frente do seu tempo né. Você vê fotos onde ele está sentado em uma mesa de bar rodeada de cerveja, vimos uma dessas agorinha, né. Olhas as fotos aqui.

D. Nilma: Ele [*Frei Confaloni*] foi morar na casa do meu primo quando veio pra Goiás. Ele foi morar na casa do meu primo, aquele que eu te falei, que é o Antônio Daniel, que era atleticano. Aí tem uma fotografia que tem ele. E aí ele acabou se envolvendo com o Atlético. Ia às partidas de futebol, assistia aos treinos, freqüentava o Bar do Fiore. Tem até uma dessas fotos que você trouxe que aparece ele e o Plínio no bar, você viu? Rezava pelo Atlético durante a missa, enfim, se envolveu tanto que tem até uma partida, não me lembro bem da data, que ele dá o chute inicial da partida. Isso foi um fato histórico para o Atlético, saiu em vários jornais da época. Você lembra disso. Plínio?

Plínio: O Antônio era muito ligado na igreja.

D. Nilma: Ele morava na Vila Coimbra, começou a construir, ele era até pintor (...) e com isso o Antônio levou ele para o Atlético. Sabe, foi através do Antônio. Aí ele foi fazendo amizade e o Epiácio, a mulher dele é irmã da mulher do Antônio, então isso tudo foi ajudando, e lá em casa também, ele sempre freqüentava a nossa casa. Isso tudo foi o que levou ele para o Atlético. E aí, ele xingava, ele.... (risos). Então a origem dele ser torcedor do Atlético é através do Antônio Daniel. Antes de construir a igreja, tinha uma igreja pequena, não tinha casa paroquial e ele morava na casa do Antônio.

Keith: Entendi. Até a casa paroquial ficar pronta ele se hospedou na casa do Antônio Daniel, né.

D. Nilma: Até ficar pronta a casa paroquial, ele arrumou a igreja um pouquinho, fez a casinha, que eram vizinhos né, tudo vizinho.

Keith: Bom que o Atlético aí se tornou um time abençoado, né (risos)

Plínio: (risos): Era abençoado! Era lá na missa ele falava, na hora de celebrar a missa ele falava do Atlético. Lá na missa ele falava, rezava pelo Atlético e todo mundo respeitava. Esse dizia que o Atlético era um time abençoado!

Keith: Ah é, ele falava? E como o pessoal do centro da cidade, lá de Goiânia, via esses comentários do frei?

Plínio: Ele não tinha proximidade com eles não.

D. Nilma: Campinas era mais independente, então...

Keith: O senhor tem contato com alguns desses jogadores ainda seu Plínio?

Plínio: De vez em quando encontra um ou outro assim, né. Mas é mais o Epiácio mesmo.

D. Nilma: O Epiácio é compadre nosso e tudo. Aí o contato maior é com ele. E tem um jogador que você vai encontrar ele na matriz de Campinas, depois da missa das 10.

Plínio: É o Pitinho?

D. Nilma: O Pitinho. Ele tira fotografia lá de batizados.

Plínio: O apelido dele é Pitinho agora o nome eu não sei.

Keith: Ele virou fotógrafo, que interessante. E ele na época do Atlético jogada em qual posição? Ele era goleiro.

D. Nilma: Então ele também seria uma pessoa interessante para você conversar.

Keith: Eu vou procurá-lo sim.

Plínio: O Pitinho é esse daqui ó.

Keith: Esse aqui?

Plínio: E o goleiro ó.

D. Nilma: Muitos deles já faleceu, já...

Keith: E seu Hélio de Oliveira nessa história toda de Atlético, de Campinas... ele era muito conhecido entre os moradores de Campinas?

Plínio: Se era, ou melhor, se é. Ele trabalhava no O Popular né, naquela época né. Então nesses eventos esportivos que tinha, eles sempre mandavam o Hélio para fazer as fotografias. Naquela partida contra o São Paulo que nós ganhamos, ele fez as fotos todinhas. Desde quando o São Paulo chegou, onde eles ficaram hospedados, o jogo, como foi o jogo e tal, ele fotografou tudo. Ele registrou tudo, foi um grande profissional, estava sempre em busca do melhor ângulo para tirar suas fotos. Ele me ensinou fazer fotos coloridas à mão, depois quando não tiver gravando, vou te mostrar o álbum.

D. Nilma: Ele foi o primeiro repórter fotográfico de Goiás.

Plínio: Você esteve com ele?

Keith: Tive, já fui lá algumas vezes. Aliás, o primeiro contato que fiz quando comecei este trabalho foi com ele.

D. Nilma: Ele nasceu em Buriti Alegre, aí lá em Uberlândia que ele começou a mexer com esse negócio de fotografia. Logo que nós retornamos pra Goiânia, ele começou a fazer fotografias, ia no campo de futebol tirar fotografias e O Popular quando precisava de alguma foto de esporte procurava por ele. Aí depois de um tempo, o Popular contratou ele como repórter. Aí ele passou a tirar fotos não só de esporte, mas de tudo que tinha, de todos os acontecimentos. Foi o primeiro repórter fotográfico.

Plínio: Mas que ele foi o primeiro fotógrafo esportivo foi! Esportivo

D. Nilma: Fotográfico de Goiás, não só esportivo, ele cobria todos os eventos.

Plínio: Ele é muito estimado por aí.

Keith: Vocês acham que eu poderia dizer que o seu Hélio pelo trabalho dele como fotógrafo, como campineiro que é, pela popularidade dele entre os moradores da campininha, que ele faz parte da identidade do bairro?

Plínio: Com certeza! Ele faz parte sim disso que você chama de identidade do bairro. O José Mendonça tem muita coisa dele, né Nilma?

D. Nilma: É, ele depende muito do Hélio, porque as fotos são todas dele. Até nesse livro aí que você trouxe, tem muita coisa que é do Hélio.

Keith: É ele fala aqui mesmo, faz até um agradecimento. Nesse aqui do Lisita, tem até uma dedicatória ao seu Hélio, né.

D. Nilma: É, o Lisita dedica a ele e ao Luis Machado.

Keith: Luis de Oliveira Machado.

Plínio: O Luis de Oliveira Machado era aquele que te falei que fazia os ternos pra nós aqui. Lembra?

D. Nilma: Ele já faleceu, era o alfaiate. Ele era magrinho, usava óculos.

Keith: Eu acho que tenho foto dele lá, podia ter trazido.

D. Nilma: Ele era o tesoureiro do Atlético. Depois o Hélio passou a ser o tesoureiro do Atlético.

Keith: O seu Hélio?

D. Nilma: Ele foi tesoureiro uma época, depois ele andou discordando de uma turma lá. Aí ele saiu. Ele nem vai mais aos jogos. Ele afastou de tudo.

Keith: Ele me falou mesmo que não vai mais ao estádio. Disse que acompanha os jogos pela TV e pelo rádio. Ele disse que tinha até uma carteirinha, mas que depois de algumas desavenças ele desanimou muito.

D. Nilma: Ele desanimou com aquela turma. Isso foi lá pra 75..... Olha aqui Plínio, o mestre Egídio.

Keith: Mestre Egídio?

D. Nilma: Ele foi torcedor famoso do Atlético, conselheiro também.

Plínio: Ele era fortão assim.

Keith: É o senhor seu Plínio jogou pelo Atlético até quando?

Plínio: Até 61. Aí eu fui parando, porque eu estava casado já né. Aí já trabalhava em outro lugar também porque eu queria fazer minha vidinha por fora já, eu já estava trabalhando.... Aí eu parei em 61. O próprio serviço que eu fazia na retífica lá, eu trabalhava numa retífica, mas não era a minha naquela época não, eu aprendi lá, por que... Mas minha vida enquanto jogador foi muito boa. Conheci muitas pessoas, fiz muitas amizades, a gente chegava nos lugares aí... "oi Plínio, tá bão, tá bão?" O pessoal dizia: "Ah, você que é o Plínio é? Parabéns você jogou bem domingo!" Era bom demais.

Keith: Então seu Plínio, gostaria de saber o que o senhor achou da nossa conversa, se o senhor gostou de rever as fotos. O senhor acha que vendo as fotos, que elas te ajudaram a lembrar de algumas coisas, o senhor e a dona Nilma né, que contribuiu bastante nesta nossa conversa. Vocês acham que as fotos ajudaram vocês a lembrar alguns momentos. Elas despertaram algumas lembranças. Gostaria de saber a impressão de vocês em relação a esta nossa conversa.

Plínio: Eu achei ótimo, muito bom, muito bom. É muito bom a gente rever coisas do tempo da gente, né Nilma. Eu achei que a conversa junto com as fotos ajudou muito, porque assim, como são coisas que já passaram tem um tempo, você quando olha para a fotografia vai puxando as coisas na memória, né. Me ajudou a lembrar de muitas coisas, dos outros jogadores, você viu que ainda lembro do nome de muitos deles né. Acho que se você não tivesse trazido essas fotos seria difícil eu me lembrar não só dos nomes, mas de algumas coisas mesmo, de recordações, datas. Elas trouxeram à tona muitas recordações daqueles anos que joguei no Atlético, que morava em Campinas. Despertou

muitas recordações boas viu. Quando você fala de alguma coisa e mostra a fotografia, parece que a gente vai puxando, puxando, até lembrar. Foi muito bom. Eu tenho aqui um álbum que vou te mostrar desse tempo, quer ver?

Keith: Claro.

Keith: Seu Plínio eu gostaria de saber se o senhor autoriza eu utilizar essa nossa conversa no meu trabalho, nesta minha pesquisa do mestrado, se posso utilizar trechos dela durante minha escrita, a senhora também dona Nilma, vocês autorizam esta utilização?

Plínio: Pode sim, não tem problemas.

D. Nilma: Eu tive que interceder às vezes, sabe. Por exemplo, tem gente aí que fala que o Hélio trabalhou com máquina de caixote, e o Hélio nunca trabalhou com máquina de caixote (risos). Aí eu tenho que falar. Não foi o caso do Plínio, mas se você for ler por aí com atenção vai encontrar esse tipo de informação que pode atrapalhar, que são informações falsas. Aí aqui às vezes eu intercedi para não acontecer esse tipo de coisa.

Keith: Mas foi ótimo dona Nilma, a senhora colaborou muito com suas informações, muito obrigada à vocês por me receberem tão bem e por colaborar com meu trabalho.

Término da entrevista

Keith: Goiânia, 21 de março de 2007. Entrevista com Waldomiro Bariani Ortêncio, escritor e folclorista. Seu Bariani, qual a data e o local de nascimento do senhor?

Bariani Ortêncio: Eu nasci em Igarapava, Estado de São Paulo, Igarapava em tupi quer dizer porto das canoas sabe? Era lá que os bandeirantes atravessavam pra vir pra cá. Então eu vim pra aqui em 1938 com meu avô, eu tinha 15 anos e o meu avô era um italiano dono do clã, então, todo mundo trabalhava com ele, filho, filha, genro, todo mundo, então ele veio lá do Estado de São Paulo, ele chamou todo mundo. Ele tinha uma serraria, mas lá não tinha mais madeira, sabe? A família estava crescendo, então, ele estava procurando uma cidade nova, aí veio pra cá em 38, a primeira indústria urbana aqui dentro de Goiânia é a indústria Bariani.

Keith: Ah é? E ele ficou sabendo da construção de Goiânia como?

Bariani Ortêncio: Porque naquele tempo tinha propaganda, o senhor do departamento de imprensa e propaganda era o Joaquim Câmara Filho que é o fundador do Popular que era o presidente do departamento de imprensa e propaganda. Então, faziam propaganda e o meu avô estava querendo uma cidade nova e tava surgindo Marília em São Paulo, Londrina no Paraná e chegou um jornal de Anápolis que tinha a foto do prefeito Venerando de Freitas Borges lá com 28 anos de idade. E ele falou: "oh, estou vendo uma cidade nova e lá tem um prefeito de 28 anos de idade e nós vamos pra lá". Se bem que era muito mais difícil, né? Nosso caminhão pra chegar aqui com material demorava 8, 10 dias. O Estado de São Paulo lá onde eu morava era do lado do Rio Grande, logo na divisa, né? Então era muito difícil e nós viemos pra cá, à cidade aqui foi feita com muita dificuldade porque aqui não tinha estrada de ferro, né? E o lugar ia ser Bonfim que hoje é Silvânia.

Keith: Sei.

Bariani Ortêncio: Lá tem a mesma rede fluvial, o mesmo volume de água, tinha muitos rios, o Corumbá, que era o Meia Ponte, o Anicuns, que era campinho também, mas tinha estrada de ferro, né? Então a família Morais doou toda a terra aqui porque a renda do Estado era 400 contos só....

Keith: Sei.

Bariani Ortêncio: Então a família Morais doou a terra aqui e o Dr. Pedro fez essa capital aqui. Então, era uma dificuldade muito grande e eles não podiam dar nada, fornecer nada, dava terra, lote, mas a minha avó não quis aqui em Goiânia. "Não, eu quero ficar lá em Campinas, lá tem igreja e tal" e nós fomos pra lá. Lá teve que comprar até o terreno pra por a serraria.

Keith: Sei.

Bariani Ortêncio: E aqui era de graça. Então eu to aqui, aí no outro dia, eu cheguei num sábado, no outro dia eu escutei um barulho danado e era o Atlético que tava jogando futebol contra o Anápolis e aí eu tinha 15 anos e eu era meio forte assim e no Estado de São Paulo eu era reserva de goleiro e lá o jogo estava atrasado, quem estava apitando a partida era o professor Venerando que era o prefeito de Goiânia que estava apitando a partida e o técnico era o Paratéca, João Teixeira, que foi fotógrafo, que foi prefeito de Goiânia esse. Aí a partida estava atrasada e eu perguntei o quê que foi e ele disse que era o goleiro e eu disse: "ah eu sou goleiro também!" e ele falou: "não você é menino" e eu falei: "eu sou lá do Estado de São Paulo" e o Paratéca falou: "ó o paulistinha vai jogar aqui no gol". E até hoje lá em Campinas o pessoal me conhece como paulistinha até hoje.

Keith: O senhor foi apelidado pelo Paratéca!

Bariani Ortêncio: É, aí eu aproveitei em 1945 eu abri uma loja, chamava Bazar Paulistinha.

Keith: Sim.

Bariani Ortêncio: E até hoje tá aí o Bazar Paulistinha, uns 60 e tantos anos por isso, por causa desse dia que o Paratéca falou: "ó o paulistinha vai jogar no gol". Então eu joguei até 48 aí eu casei e saí. Em 45 também eu abri uma loja que é o Bazar Paulistinha que agora tem 60 e tantos anos, minha vida é essa aí.

Keith: A data de nascimento do senhor é qual?

Bariani Ortêncio: É 24 de julho de 1923.

Keith: Mil novecentos e?

Bariani Ortêncio: 23. Mas acontece que meus documentos é 24 de outubro, não é porque 24 de outubro é aniversário de Goiânia não, é porque meu pai é 24 de outubro e quando o escrivão lá perguntou quando nasceu, que ele tava perguntando sobre o meu dia ele pensou que era ele, né?

Keith: Pensou que tivesse perguntando a data de nascimento dele.

Bariani Ortêncio: Quando nasceu e ele pensando que era ele disse: "24 de outubro", então... Eu faço aniversário aqui com a família 24 de julho e o documento, 24 de outubro.

Keith: Certo. O senhor mudou pra Goiânia em 38, né? Como o senhor falou e quando o senhor mudou pra Campinas, foi em 38 também, né?

Bariani Ortêncio: É nós já fomos pra Campinas.

Keith: Foram direto pra Campinas.

Bariani Ortêncio: É. Eu vim pra cá faz, faz, eu to nessa casa aqui faz 39 anos. Faz 41 anos que eu moro aqui.

Keith: Nessa casa. E como era Campinas no tempo em que o senhor morou lá?

Bariani Ortêncio: Campinas já era um (...) de cidade, tanto é que era cidade, agora em abril, né? Agora em abril dia 4, do ano de 1937, dia 4 de abril é que ela perdeu a hegemonia de cidade e passou a bairro. Então, era uma cidade, tinha igreja lá, era uma cidade de interior. O povo de Goiânia morava tudo lá e de noite ia tudo pra lá, o footing era lá, o mulheril tudo era lá, né? Vinha da Bahia, da Amazonas que hoje é Ananguera, era só mulher da vida aquele trem doido porque aonde tem progresso tem tudo o que é mulher, né?

Keith: Tem.

Bariani Ortêncio: Pra quem tinha dinheiro. Ai, o, o, era uma cidade normal, tinha os padres redentoristas lá, que chegaram aqui em 1891, 1894 que chegaram aqui, aí tinha o colégio Santa Clara que é o colégio das irmãs carmelitas lá da Alemanha, então, eu fui pro (...). Campinas era bom.

Keith: Era? Seu Bariani, eu trouxe aqui algumas imagens de Campinas. (Praça Joaquim Lucio, lago das rosas, colégio santa clara, igreja matriz, bar do Fiore, jogadores do Atlético, etc.). Gostaria que o senhor desse uma olhada nessas imagens e me falasse de suas recordações sobre o bairro, sobre as pessoas, a forma como as elas se divertiam. Quais eram os locais mais freqüentados, enfim, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre suas memórias em relação ao bairro, ao setor Campinas.

Bariani Ortêncio: Tinha o Meia Ponte que passava aqui de água muito limpa, tinha muito peixe que eles pescavam na cidade alo na ponta e tinha muito piquenique sabe? As mulheres iam eram mais inocentes naquele tempo, então tinha os piqueniques sem abuso sexual, sem nada só na amizade e tinha o famoso footing lá em Campinas.

Keith: Onde era?

Bariani Ortêncio: Na Praça Joaquim Lúcio. O Joaquim Lúcio é avô da minha mulher, sabe?

Keith: Hum.

Bariani Ortêncio: Ele... A minha mulher é família Moraes. Ele foi um dos primeiros a chegar aqui, o Joaquim Lúcio, quando tinha aí (...) de Silvânia ele pôs um estabelecimento comercial lá com o Licardino de Oliveira Ney que era genro dele que foi o prefeito que a hora que mudou a capital no dia 4 de abril que eu te falei ele que era o prefeito, sabe?

Keith: O seu Licardino.

Bariani Ortêncio: Dr. Licardino de Oliveira Ney, eu até tenho um livro publicado sobre a vida dele. Então, o negócio era futebol, nossa futebol era uma coisa doida! O povo ia tinha as torcidas, as moças tudo uniformizadas com a camisa do Atlético e iam, iam jogar no interior de caminhão, elas entravam na carrocéria do caminhão, sem (...) sem nada, então era isso. A gente a moçada, a rapaziada também ficava na avenida ali e a hora que saiam as moças do Colégio Santa Clara, pra ver, namorar né? E o footing, né? Que era chama vai e vem, os rapazes ficam tudo em fileira, fileira é ombro com ombro, né? Fila é um atrás do outro; ficavam em fileira os rapazes assim e as moças passando pra lá e pra cá e flertando, depois tinha a tal da quebrada, flertar chama tirar linha.

Keith: Tirar linha! (risos)

Bariani Ortêncio: Era, dava uma alinhada com a moça aí ficava olhando lá e falava: "vai quebrar quer ver" e ela olhava pra trás. Era bom demais! Eu casei foi lá nesse tal de footing.

Keith: Foi! Conheceu sua esposa lá?

Bariani Ortêncio: É. Naquela época eram os namoros na praça, isso aí, o futebol, e estudar no Liceu, né? A gente tinha a jardineira de manhã que vinha com os estudantes, pagava 500 réis pra vir pro Liceu aqui e eu vinha de bicicleta, né? Aquela anarquia, não tinha asfalto, não tinha nada e era bão demais!

Keith: E tinha algum clube lá em Campinas? Cinema tinha, né? O Cine Campinas.

Bariani Ortêncio: Tinha o Jôquei Clube aqui, chamava Automóvel Clube, tinha o Automóvel Clube aqui mas a gente não ia era só da elite, o povo de Campinas não vinham aqui não, e nós tínhamos lá o clube na Praça Joaquim Lúcio, o Clube Recreativo Campineiro, depois tinha o clube do Atlético também, que era logo ali naquele Bazar Paulistinha na 24 de Outubro, então era bão.

Keith: Bariani, eu.... Como o senhor falou sobre futebol e eu sei que ele é uma paixão entre os campineiros, desde os tempos do Feirinha Futebol Clube, que provavelmente o senhor já ouviu falar (um time amador, formado por adolescentes do bairro) até os anos de ouro do Atlético Clube Goianiense. Eu trouxe aqui algumas imagens do Atlético também. Gostaria de conversar um pouco sobre o clube. Inclusive, fiquei sabendo que o senhor já foi até goleiro do Atlético, é verdade? E o período em que o senhor jogou coincide com o que morou no bairro?

Bariani Ortêncio: Ah foi lá sim, eu mudei pra cá foi em 69. A época em que eu jogava lá foi em 48.

Keith: Ah sim. Eu trouxe fotos do Atlético. São jogadores, torcida, tem uma aqui que é da entrada do estádio Antônio Accioly e tem ainda, fotos do próprio Antônio Accioly (essa é do dia da fundação do clube em 37, essa outra é ele e o Moacyr Cícero de Sá e esta já é dos anos 70, ele com a taça do torneio integração de 1971). Tente buscar, por favor, seu Bariani, através dessas imagens lembranças sobre futebol, sobre o Atlético, Campinas, enfim.... Vamos ver se essas imagens são capazes de estimular suas lembranças sobre esses assuntos.

Bariani Ortêncio: Eu fugia da escola pra, fugia não, eu saía da escola pra ir jogar futebol. Eu comecei a trabalhar nas Casas Pernambucanas por causa disso. Aí quando eu vim pra cá, eu te falei de cara que eu fui e então, eu naquele tempo só tinha uma bola e hoje a bola sai eles põe outra no campo. E naquele tempo a gente juntava as moedinhas,

fazia uma vaca pra comprar. Aí eu já tinha o Bazar Paulistinha e eu vendia também material de esporte e tinha uma fábrica em São Paulo que fabricava as bolas, chamava Stadio.

Keith: Stadio.

Bariani Ortêncio: E eu naquela época fui pra lá pra fazer um curso pra poder consertar bola. Porque a hora que a bola furava naquele tempo, a gente.... Porque tinha muito toco, muito espinho, no campo lá atrás não tinha nem muro, nem nada e aí a bola furava. Aí a gente pegava um tubo de cola que chamava Michelin assim, uma bomba de bicicleta.... Aí eu fui em São Paulo e aprendi a bola era daquelas fechadas, não era de bico, você nem sabe o que é bico, né?

Keith: Não, não sei.

Bariani Ortêncio: Aí ela tinha um buraquinho onde você enfiava a bomba. Aí eu já tinha a gillette, eu abria, tirava a câmara de ar, colava, remendava e esperava secar um pouquinho. Aí eu fechava com o sistema que tinha que fechar, com duas agulhas e o barbante de São Jorge, que era uma barbante muito forte e eu ainda passava a cera nele, costurava por dentro aí, o segredo era esse, aí enfiava a agulha e costurava por fora e cortava assim, e no fim, você não sabia aonde tinha sido feito!

Keith: Mesmo? Quanta técnica!

Bariani Ortêncio: É. Aí eu enchia, enchia e o povo ficava dando vaia. (risos).

Keith: (risos).

Bariani Ortêncio: Davam vaia. Aí quando eu pegava e dava o chute e ela funcionava, aí o povo levantava e gritava na maior alegria! (risos). Eram bão demais aquela época. Aí eu... Naquele tempo eu que lavava as camisas do Atlético também. Com sabonete e ficava bajulando as flâmulas pra não descorar. Naquele tempo os tecidos que não descoravam eram só os das Casas Pernambucanas (risos). Tecidos das Casas Pernambucanas não descora! Era bom, bonito e barato!

Keith: (risos). Depois de tanto tempo que o senhor trabalhou lá, ainda faz propaganda da loja!

Bariani Ortêncio: (risos). É... Aí, eu lavava as camisas eu mesmo, dos jogadores, com sabonete, deixava na sombra pra não descorar.

Keith: Isso foi quando, em 50?

Bariani Ortêncio: Antes. Até 48, depois em saí. Então eu sempre trabalhei, nós nunca fomos.... a gente sempre foi remediado, sabe?

Keith: Sei sim seu Bariani.

Bariani Ortêncio: Nunca tivemos dinheiro não. Então, eu fazia isso. E depois quando foi pro, pro, nome do Antônio Accioly, o tal do Antônio Accioly ele tinha um cartório, ele era muito rico e era um cara muito legal, muito bão e foi ele quem começou.... Ele dava camisa, dava chuteiras pra gente e foi aí que tudo começou com ele. Depois, eu tinha o Bazar Paulistinha. O Bazar Paulistinha vendia fiado pro Atlético e ele nunca pagou! Aí eu ganhei quatorze ações, eles dividiram aqui no Estado umas duzentas ações patrimoniais e eu ia no estádio.... Eu fiquei com quatorze dessas ações e distribuí entre os meus filhos, só que hoje isso não vale nada não. Aí eu saí na rua com a lista, pegando a assinatura daquele povo mais simples, mexendo e tudo sabe, pra ver se eles aceitavam por o nome do Antônio Accioly no estádio, porque ele era o nosso mecenas. E eu peguei cento e vinte seis assinaturas e aí agora há pouco tempo eu publiquei duas crônicas no O Popular.... mas como eram assinaturas e a gente não sabia nem quem eram, eu tenho um cunhado que tem cartório, então... a minha nora tem cartório também. Aí eu dei pra eles aquela lista e eles conseguiram descobrir cento e vinte seis, só três que não. Aí eu publiquei o nome de todos!

Keith: Então, essa lista ajudou a colocar o nome do estádio de Antônio Accioly?

Bariani Ortêncio: Isso, foi para colocar o nome do estádio de Antônio Accioly., nesse aqui dessa foto, cadê? Dessa aqui ó. São cento e vinte e seis assinaturas aprovando. Aí nós pusemos lá o nome dele, né. Devido a isso ai.

Keith: Ele sem dúvidas foi um dos grandes, senão o maior nome do Atlético.

Bariani Ortêncio: Ele era tudo ali dentro. Tinha o Moacyr Cícero de Sá, um dentista bom demais, tinha um lado muito bom e ele também ajudou o Atlético demais, nossa senhora! Tinha um lado muito humano. Ele já morreu. Esse Moacyr Cícero de Sá, todo dia cinco horas da manhã ele estava lá no lago das rosas, nadando lá. Ele era professor de natação e era dentista e chamava doutor Moacyr Cícero de Sá. Era o maior atleticano, um dos maiores! Então, é isso aí. Nossa, olha essa aqui é dos anos 40. Eu cheguei a jogar no Atlético, só que até 1948 heim.

Keith: O Hélio de Oliveira me contou, disse que o senhor foi goleiro... O senhor acha que o Atlético pode ser considerado como local de identidade campineira?

Bariani Ortêncio. Ah pode, sem dúvidas. É um dos grandes símbolos de Campinas.

Keith: Certo. E porque o senhor se mudou de Campinas?

Bariani Ortêncio: Mudei de Campinas.... eu até falei que não ia mudar de lá não, mas, eu tenho 6 filhos, 3 filhas e depois 3 filhos e um dia lá na banca de revista lá um cara mexeu com a minha filha menina sabe? Andou dando umas pegadas nela lá e eu fiquei bravo vim cá e comprei uma casa na mesma hora.

Keith: Ah é? Motivos familiares, então.

Bariani Ortêncio: É, aí o povo fala: "é, é metido ta mudando pra Goiânia, todo.... De primeiro era assim a gente falava: "vou pra Goiânia", lá era Campinas, o telefone, o telefone interurbano era na regional aqui na rua 7, na rua 6, na rua 7...

Keith: Posto telefônico que o senhor fala?

Bariani Ortêncio: Hein?

Keith: Posto telefônico.

Bariani Ortêncio: É, é interurbano, ia pra falar em São Paulo, vinha cá trocava de roupa, punha a gravata e vinha aqui, né? Aí ce gritava, gritava, um falava de cá você não entendia, um falava de lá ce não entendia e tal, saía uma porção de gente na rua pra ver se era briga, porque ce tava naquela gritaiada, aquela coisa. Então, ficou aquele negócio em Campinas até hoje quando vê aquele cara arrumadim de gravata aí falam: "você vai telefonar pra São Paulo?"

Keith: (risos): Já sabiam.

Bariani Ortêncio: É. Então lá tinha o bar do Salerno, os atleticanos gostavam muito desse bar. Tinha o Bar do Fiore, o Fiore ele era o técnico do Atlético, sabe? Tinha o bar esportivo do Orlando Ferezin, Seu Orlando era pai do [Díbio e Picho] 2 jogadores que foram pro São Paulo, o Picho foi pro Juventus, o Díbio foi por São Paulo, depois o Díbio foi pra Itália, tudo saído da campininha aí. O irmão do Orlando, seu Alfredo Ferezin, era dono dos cinemas todos.

Keith: Ah é?

Bariani Ortêncio: O Cine Campinas e aqui em Goiânia também, todos era ele que mandava.

Keith: É? Eu pesquisei sobre os bares de Campinas e achei mais informações sobre o Bar do Chico e esse do Fiore. Vou buscar mais informações sobre esses que o senhor citou agora. O Fiore foi técnico em que ano?

Bariani Ortêncio: Ah foi na década de 40, 40 pra 50. Aí tinha o Washington que era irmão do Vilmar Guimarães político influente, ponta esquerda, foi pro Corinthians em São Paulo, sabe? Então o Atlético nessa época ele exportou jogadores até pro exterior.

Keith: Eu tenho aqui algumas fotos do Bar do Fiore. Me fale um pouco mais sobre esse local, seu Bariani.

Bariani Ortêncio: O Bar do Fiore era onde todo mundo reunia. O Fiore era meu vizinho, eu morava a duas casas assim da 24 de Outubro e tinha um irmão dele, tinha o Fausto que tomava conta do bar e lá é que reunia todo o povo atleticano, era lá que eles reuniam.

Keith: E isso foi quando?

Bariani Ortêncio: em 60. Olha aqui está ele, o Fiore, tem aqui também o Frei Confaloni, esse aqui era atleticano viu! O jogador Plínio na atrás ta vendo?

Keith: To sim. Depois das partidas no Antônio Accioly ia todo mundo pro bar do Fiore, essas fotos aqui com certeza foram tiradas depois de alguma partida de futebol.

Keith: Deixando um pouco o futebol, vamos falar sobre outros lugares? E o lago das rosas, o seu freqüentou?

Bariani Ortêncio: O quê, eu freqüentei o que?

Keith: O lago das rosas. Eu trouxe aqui algumas fotos do lago. Em espaço tido como fronteira entre Goiânia e Campinas.

Bariani Ortêncio: O Lago das Rosas ele não tinha aquela murada que é art déco, ele não tinha ainda não, foi depois que pôs. Então ali não tinha asfalto e a gente passava; ali era o divisor sabe de Campinas pra lá e Goiânia pra cá e então, ali morreu muita gente afogada, gente boa ali morrendo, depois eles asfaltaram e colocaram ali o jardim botânico, jardim zoológico lá, então era um lugar do povo passear, uma área muito grande (...), eu tenho aí, depois vou te dar um livro, eu publiquei um livro que chama crônicas que quando... em 1959 até 51 aqui só tinha a rádio clube de Goiânia ali na rua Tocantins n.º 17, todo quinze pra meio-dia era lida uma crônica minha sobre música, sobre Goiânia, sobre Campinas, como é que tava começando, aquelas estórias todas sobre Campinas era lida. Primeiro foi com o meu cunhado, meu cunhado Ulisses Carvalho de Moraes, aí passou pra Célia Siqueira, escritora e da academia feminina aí passou pro, pro, esqueci o nome dele até esse livro [mostra um livro] é em homenagem pra ele. Aí ele, foi 2 anos, aí quando agora o Kleber Adorno da Secretaria Municipal de Cultura no aniversário do ano passado de Goiânia ele publicou livros de autores goianos, uma série grande mas que precisa ter só cem páginas assim, sabe? Aí eu peguei essas coisas que eram velhas e publiquei e saiu mais algumas novas, então é nesse livro que acha muita coisa sobre Campinas e eu vou te dar.

Keith: Ai que bom, obrigada!

Bariani Ortêncio: Não deixa eu esquecer

Keith: Não deixo, pode ficar tranquilo (risos). Seu Bariani quando o senhor começou a se dedicar à literatura?

Bariani Ortêncio: Sabe o quê que é a literatura? A literatura é igual música, a gente nasce com aquele dom de escrever. Aí eu quando tinha 7 anos lá no Estado de São Paulo, lá não tinha essas coisas naquele tempo de jardim da infância, né? Lá era grupo escolar.

Keith: Aos 7 anos?

Bariani Ortêncio: É só aceitavam com 7 anos de idade, mas, eu já era doído pra aprender a ler e a escrever e tal, quando eu tava com 7 anos eu entrei lá, nesse tempo eu já trabalhava com 7 anos nas Casas Pernambucanas.

Keith: Com 7 anos?

Bariani Ortêncio: É, com 7 anos e eu era muito peralta. Eu saía da escola e ia pescar, ia jogar futebol e minha mãe me pôs lá. Aí eu fui entregar boletim na rua, encomenda, com 7 anos, tem até meu registro aí. Aí meu... eu ganhei um livro chamado História da Vozinha, aquele tipo história da carochinha, aí eu livro aquele livro assim num interesse danado e já ia na frente, já achava o que ia acontecer e assim aquela coisa. Depois aqui em Goiânia já, eu tenho um tio que é padre, padre Bariani, redentorista e ele estudava em Ribeirão Preto e tinha muito livro, sabe? Ele tinha muitos

livros e eu começava a ler os livros dele, li um monte de coisa porque eu já tinha uns 14, 15 anos, começava a ler os livros dele assim e falava: "ah, vai acabar desse jeito essa estória". Se não acabasse desse jeito e acabasse bem, tudo bem, mas se eu não gostava eu riscava e punha o que eu...

Keith: Ah, o senhor dava outro final. Dava outro final pra ele.

Bariani Ortêncio: É, aí eu falei assim: "mas se eu tenho capacidade pra riscar e tal porque que eu não vou fazer minhas estórias?". Eu comecei a fazer e tinha um jornal em São Paulo chamado O Bom Tempo, tinha mais de 100 anos, tinha uma sessão, Conto do Dia, então era uma tira assim, a gente mandava pra lá e quando era premiado eles publicavam, por exemplo, eles publicavam um continho e mandavam uma brochura, um livrinho de presente, uma brochurinha (...). Aí eu ganhei 14 vezes e quando.... aí o jornal resolveu fazer um livro chamado 60 Contos Por 20 Cruzeiros, 60 Contos Por 20 Cruzeiros, então, todos os premiados e aí eu tinha 14 e o seguinte meu tinha 10, chamava Luiz Franchesquini, aí quando, o jornal tinha mais de 100 anos, acredita que naquele ano ele foi pra falência?

Keith: Ah não!

Bariani Ortêncio: Foi. Aí nós pagamos lá, tinha que sair o livro em papel (...), só nós 2, e o primeiro lugar.

Keith: Ah sei.

Bariani Ortêncio: O (...) Pinto, o Luiz Franchesquini e O Que Foi Pelo Sertão de Waldomiro Bariani Ortêncio.

Keith: Foi o 1.º?

Bariani Ortêncio: Hein?

Keith: Este foi o 1.º?

Bariani Ortêncio: Foi. Aí daí pra cá eu fui, fui, fui.

Keith: E vocês acabaram financiando, né? Porque o jornal faliu.

Bariani Ortêncio: É nós que pagamos até ia sair em papel linha d'água, linha d'água é papel pra imprensa, é proibido sair pra livro, sabe? Então, o jornal tava lá, esse Luiz Franchesquini ele morava em São Paulo, ele, a mulher dele cuidou da capa, fez aquela capa lá a dona (...) que fez saiu essa edição aí de 500 livros cada uma, sabe?

Keith: Sei. Isso foi em que ano?

Bariani Ortêncio: 1956. Então o ano passado eu fiz 50 anos de publicação em livros sabe?

Keith: Sei.

Bariani Ortêncio: Foi meu cinquentenário, foi muito bem, muito bem, muito bom, muita festa e eu fiquei satisfeito! Muitas coisas....

Keith: Muita homenagem.

Bariani Ortêncio: É inclusive, ninguém profeta na sua terra, né? Mas lá eu fui convidado pra lançar meu livro lá, eu tenho um livro sobre a revolução de São Paulo, ganhei o prêmio da Academia Paulistana de Letras e ganhei um concurso do Correio e Telégrafo que publicou o livro e foi lançado lá e teve feriado na cidade, né?

Keith: Olha que bom!

Bariani Ortêncio: Então, dizem que ninguém profeta na sua terra e eu fui. E pra encerrar o ano eu recebi um contrato lá da editora Saraiva que é a melhor editora atual de um livro meu paradidático, que incentiva o hábito da leitura que chama Ingênuo Nem Tanto, eu já tenho um lá, O Homem Que Não Teimava da Saraiva, ta vendo? [Bariani mostra as capas de livro expostas em quadros na parede], aquele livro lá são 50 estorinhas curtinhas assim, tudo engraçada, de aventura, que o aluno ele tem preguiça de ler, então ele tem que ler coisa pequena e que gosta.

Keith: É.

Bariani Ortêncio: Então aquele lá é um livro distribuído pelo país todo, porque a editora é boa e agora eu fiz um contrato da mesma ordem que chama Ingênuo Nem Tanto. Então eu fechei o meu cinquentenário muito bem com esse contrato, no dia 26 de dezembro.

Keith: Numa grande editora, né?

Bariani Ortêncio: Uma grande editora, porque em geral, a coisa mais difícil é publicar livro, sabe?

Keith: Sei.

Bariani Ortêncio: Você publica o livro aqui, o livro não sai, não anda, não (...), não sai. O livro tem 4 fases: a 1.^a é escrever, a 2.^a é publicar, aí você dá um jeito, escrever e publicar você dá um jeito, agora as duas últimas fases são as duas que bebem água juntas, chamam divulgação e distribuição. Você divulga e não distribui a pessoa vai procurar e não acha, você distribui e não divulga, vai encalhar na livraria. Então, não é fácil e quando.... essas editoras daqui editam mil livros, aí precisa vender para pôr o dinheiro no lugar e lá na editora grande não, elas dão 3 mil livros só pra divulgação.

Keith: Só divulgação 3 mil.

Bariani Ortêncio: Só divulgação, imagina.....

Keith: Dá muita coisa.

Bariani Ortêncio: Dá muita coisa, então, eu tenho, minha (.....) é quase tudo de fora que eu consigo.

Keith: E seu público é variado, né? O senhor escreve para crianças, pra adulto.

Bariani Ortêncio: É, eu sou... eu escrevo sobre sertão, policial, (.....) até (.....) agora quer ver? Cadê? Alá, aquele negócio com a morte, ta vendo? Para didático, eu criei um detetive que ele resolve tudo com cálculo de matemática, que eu sou, eu fui professor de matemática.

Keith: Ah, é?

Bariani Ortêncio: É (.....) aí eu vi que esse progresso de 1953 por aí, eu vi que esse progresso desordenado vai acabar com as tradições e com o folclore, para você ver eu sou presidente da Comissão do Folclore da Unesco aí, né?

Keith: Estou vendo.

Bariani Ortêncio: Aí eu falei: "vou registrar tudo o que eu puder sobre a sabedoria popular", o dia que acabar está no livro, né?

Keith: É, tem que registrar, é lógico.

Bariani Ortêncio: Aí eu fiz o Dicionário Brasil Central, o Dicionário Brasil Central foi prêmio do, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, depois eu fiz a Medicina Popular do Centro-Oeste, tudo livro de 500 páginas e tal, aí eu fiz a Cartilha do Folclore Brasileiro, mas isso em nível nacional, né? E ganhei o prêmio da Academia Brasileira de Letras João Ribeiro, também com esse livro, né?

Keith: Ai que bom! Quando foi isso?

Bariani Ortêncio: Foi em 86. Mas eu só consegui edição, só consegui edição foi bem depois, sabe? Consegui a edição da cartilha em 1996, dez anos depois pela Católica e saiu depois pela Federal a 2.^a edição, ta vendo?

Keith: Ah, estou vendo.

Bariani Ortêncio: A editora da Universidade Federal.

Keith: A UFG.

Bariani Ortêncio: Aí, então com esses livros aí, eu deixo documentado as coisas que se um dia acabar, ta aí.

Keith: E a sua produção hoje ela é reconhecida nacionalmente e até internacional como eu te contei no início da nossa conversa, né? E e agrada pessoas das mais variadas faixas etárias como a gente acabou de falar também. Como o senhor conseguiu através de seus contos, de seus causos conquistar um público tão diversificado? O senhor busca inspiração em outros autores? Como é que é?

Bariani Ortêncio: Quem não é espicula, que não é bem conversador, não é escritor. O escritor ele cria e recria; se você pegar e ver um acidente ali na esquina e pá, você vai lá e escreve igualzinho aconteceu, não é literatura, é jornalismo. Agora se você florear, recriar e veio o pai e quis dar um tiro no motorista e tal, aí você está recriando, aí já é literatura. E se você inventar a estória inteira, aí já é ficção.

Keith: Sim.

Bariani Ortêncio: É ficção e então, é literatura pura. E eu então, eu (...) muito, eu converso com as pessoas demais, eu que faço feira, que faço tudo, vou e volto, quanto mais, quanto mais a gente conversa mais você aprende. Porque eu faço muitas palestras em escola, porque eu tenho 6 livro paradidáticos, toda vez que eu vou na escola eu aprendo uma coisa, sabe? Muitas vezes a outra edição dos meus livros eu tenho que modificar porque os alunos....

Keith: Vai acrescentando outras coisas, né?

Bariani Ortêncio: Vai, ou então vem um e diz: "olha não é assim e tal, tal" e eu vou melhorar aquela coisa. Então, eu vou aí terminando, eu to escrevendo aí. Como eu tenho essa mania de pesquisa, essa facilidade, eu faço muita palestra em escola, então eu trabalho com o incentivo do hábito da leitura. Porque você que escreve se você não tem leitura como é que você vai fazer?

Keith: Não tem como.

Bariani Ortêncio: E aí aqui é um país atrasado demais, nós temos 32 milhões de analfabetos de pai e mãe. Não confundir semi-alfabetizado com semi-analfabeto. Quem é analfabeto não é semi é analfabeto. Agora o cara que sabe ler ou assina o nome pra votar e tal, qualquer coisa, pouquinha coisa, ele é semi-alfabetizado.

Keith: Alfabetizado, né?

Bariani Ortêncio: Semi-analfabeto não tem, ou é analfabeto ou não é.

Keith: É verdade.

Bariani Ortêncio: O analfabeto não sabe escrever nada, o semi-alfabetizado é a palavra certa porque quando a pessoa sabe assinar o nome, aquela coisa, ele sabe ler aquilo, né? Então eu trabalhando nisso eu... com muita palestra que eu fiz, com muita experiência que eu tenho eu estou escrevendo agora, terminei essa semana, A Cartilha do Pré-Escritor. Eu ponho lá que eu não estou ensinando nada pra ninguém, eu apenas estou passando o que eu aprendi em 50 anos, aquela coisa. Então, eu planejei a cartilha pra 30 páginas e já está em 130. Vai aparecendo coisas, aparecendo coisas e eu cada vez estou fazendo mais achando que estou ajudando as pessoas. Eu nunca cobrei nada pra fazer palestras, não cobro nada, nada. Eu fiz um trabalho para a Fundação Amazonas sobre.... um artigo de 10 páginas que chama Entre a Floresta Amazônica e o Centro-Oeste, eles estão me dando mil reais. É a 1.^a vez que eu estou ganhando dinheiro! E eu escrevo lá no Popular, por exemplo aí ó, ontem saiu essa minha crônica aí ó, no Popular, que é uma festa que teve lá, o aniversário de um violinista, né? Aqui eu escrevi o negócio da quaresma Cuidado, Lobisomen, então as minhas, as minhas, as minhas crônicas são todas assim relacionadas com as coisas. Eu escrevo, faço o programa no Frutos da Terra, que é um programa muito ouvido também lá eu falo sobre palavras, né? Sobre o significado das palavras, porque eu sou autor de dicionário. Então o negócio minha filha é aí.

Keith: E o senhor agora a pouco falou sobre pesquisa. O senhor disse que pesquisa muito pra poder escrever.

Bariani Ortêncio: É eu pesquiso pra deixar aí.

Keith: E pra outras pessoas também. Tem algum autor que o senhor já se baseou, buscou inspiração nele pra sua produção?

Bariani Ortêncio: Não, quando eu era.... com esse meu tio padre, ele tinha a coleção toda de Umberto de Campos, o Umberto de Campos é maranhense, um dos maiores cronistas, depois virou, quando ele morreu, saiu a obra mediúnica dele (.....) muita coisa, ele sempre, sempre, isso é um espiritismo, né?

Keith: Sei.

Bariani Ortêncio: Ele... saiu muita obra mediúnica dele, psicografada. Então esse autor era um autor assim, ele virgulava muito, sabe? Então eu peguei um defeito de virgular também muito. Depois eu acabei tirando, tirando, tirando e tal. Mas.... então influenciava assim, se a gente já gostasse de escrever, se você procura escrever mas se você não tiver o dom, não tiver a paciência, não tiver aquela vontade, é a mesma coisa de você querer cantar e não ter voz. Hoje eles estão cantando com o microfone enfiado na boca, né?

Keith: Hoje tem cantor demais desse jeito, né? E escritor também.

Bariani Ortêncio: É. Oh diz que em Goiás é o lugar que tem mais poeta por metro quadrado.

Keith: (risos).

Bariani Ortêncio: Do planeta!

Keith: Pseudo poetas, né?

Bariani Ortêncio: É. E tem tantos que tem mais poeta do que leitor também. Todo mundo é poeta! Depois que soltaram a rima, aboliram a rima e a métrica, todo mundo é poeta. Mas você tinha que estar preso ali, você tinha que escrever redondilha menor com 5 sílabas e redondilha maior com 7, alexandrino com 10 ou 12 sílabas e tinha que rimar as primeiras com as terceiras, a segunda com a quarta e tal, você tinha que fechar com 2 tercetos, 1 terceto do soneto com chave de ouro. (....) sabe? Hoje não, não tem mais nada disso! Então na música hoje, eu sou mais compositor do que escritor, eu tenho mais gravações gravadas do que livro.

Keith: É mesmo?

Bariani Ortêncio: Aí, eu não sei música, não sei tocar nada, nada, não tenho voz nada, mas eu tenho muita inspiração e tal e escrevo, gravo aqui, agora comprei esse negócio aqui [mp3], comprei esse negócio aqui que é um mp3....

Keith: Um mp3.

Bariani Ortêncio: É, eu vou caminhar ponho no bolso pra caminhar e pá, pá, pá, mas ta muito custoso de aprender.

Keith: Não, mas o senhor vai aprender. Daqui uns dias o senhor fica craque.

Bariani Ortêncio: É e tem muitas coisas, as coisas boas quando você escreve, compõe chamam achado; você vê um negócio lá atrás e daqui a pouco você esquece, então tem que estar pá, pá, pá....

Keith: Tem que gravar, escrever, né? Tem que registrar.

Bariani Ortêncio: É. Então eu ando aqui ó ta vendo?

Keith: Sempre com um....

Bariani Ortêncio: Mas de um modo geral, depois eu não entendo nem a letra que eu faço, de um modo geral, tem é que gravar, agora sair com isso aqui [gravador-fita K7] é muito grande.

Keith: Mas agora o senhor conseguiu um mp3. E a poesia, o concretismo, o quê que o senhor acha disso?

Bariani Ortêncio: Ah, concretismo isso.... a poesia hoje virou comércio, comercial, né? Então eles fazem assim um peixe assim, poesia em forma de peixe e então, a poesia hoje é está sendo usada assim como figurativa, na propaganda. Aquilo não tem valor nenhum, né? É só aventura, né? O negócio hoje em dia é tudo.... a arte é mutante, a arte ela é... sabe? Ta virando. Pra você ver, o repentista, o analfabeto, ele faz aqueles versos bem feitos e você pode medir, 7 sílabas (....) depois é essa rima pobre, essas rimas que terminam em vão, vão, vão, pão e terminada na 1.ª conjugação ar do verbo é muito fácil rimar verbo, ar, ar, parar, esperar, assim, né? Então, a rima tem que ser rima rica pra ser, aí o povo não dá conta todo mundo virou poeta hoje em dia, ta tudo lindo, e é essa a coisa.

Keith: Banalizou um pouco, né?

Bariani Ortêncio: É, tem bobagem de mais, nossa senhora! Tem tanta bobagem em literatura e eu to fazendo esse livro ali. Agora além de poesia, ali eu ponho o concretismo, eu ponho o, o (.....) é assim, até mil novecentos e..... que foi a semana de arte moderna....

Keith: 1922.

Bariani Ortêncio: Em 1922 ela, a semana de arte moderna em 22 naquele tempo tudo era a França, a França que mandava em tudo, no mundo inteiro, então revolucionou, foi até bom teve muita gente boa na pintura e tudo isso aí e tal mas, todo o mundo virou poeta, todo mundo virou escritor, pintor que você não sabe nem o quê que é. Então eu to pondo ali, começando a poesia citando eu to pondo ali a quadrinha: "alma de muita gente é como o rio profundo a face tão transparente mas quando lodo no fundo". Tem a beleza, a filosofia certinha e tal, né? É, é tem lá assim: "meu amor é como o diamante e mesmo assim não digo bem porque o diamante tem preço e o meu amor não tem".

Keith: Tem rima né....?

Bariani Ortêncio: Você pode medir que tem 7 sílabas certinhas e tal, tal.

Keith: Fácil de entender né?

Bariani Ortêncio: Aí eu entro com o Bandeira, entro com Drummond de Andrade, entro com o Pessoa, vou até do Bocache até no Camões e tal, num mesmo versinho pra mostrar a variação, isso na minha cartilha sabe?

Keith: Entendi.

Bariani Ortêncio: Então eu, por exemplo, eu faço verso eu faço poesia na música; eu faço letra e música e tal. Agora, não é a mesma coisa porque na música muitas vezes você tira uma sílaba, aumenta uma, muitas vezes por causa da outra palavra, né?

Keith: E por causa da melodia também né?

Bariani Ortêncio: É e depois, eu incentivo a pessoa a colocar a poesia no texto dela em prosa. Então eu uso fazer isso eu ponho poesia na prosa, porque a poesia na prosa..... se o corpo nosso precisa de exercício, exercício cadenciado, elegante, não é não? A mente também precisa a mente precisa de pensar, recriar e tal, tal. O que é a música? A música é a sucessão de, de harmoniosa de sons que saem pra agradar os ouvidos.

Keith: Sim.

Bariani Ortêncio: A literatura também tem que ser agradável. Eu acabei de ver um livro aqui de um tal de Agripa Vasconcelos que estuda a dona Beija....

Keith: De quem?

Bariani Ortêncio: Agripa Vasconcelos, mineiro. Esse homem é escritor bão nossa senhora! Como ele é bão, como ele sabe escrever dá prazer de ler, sabe? aquela coisa. E tudo dentro da estória, em cima, tudo poético os versos e tal, os versos não, os textos. Então é assim e ninguém sabe quem é esse homem. Então o negócio, é.....

Keith: É a questão da divulgação mesmo.

Bariani Ortêncio: Você vai e põe poesia, misturar poesia, né? Põe ela no texto.

Keith: Fazer um texto mais poético.

Bariani Ortêncio: É como.... não existe música sem harmonia, não tem e a literatura é a mesma coisa.

Keith: E isso torna a literatura até mais agradável também, né? Desperta mais o interesse das pessoas.

Bariani Ortêncio: É aí que o cara mostra que é intelectual, né?

Keith: É... e falando sobre a semana de arte moderna de 22 agora a pouco, essa questão de novos artistas terem surgido, o senhor acredita que a partir de 22 houve uma banalização dessas formas de produção?

Bariani Ortêncio: Continua até hoje. É isso aí, apareceu o Mário de Andrade, esse (.....) e eles soltaram o verbo, soltaram sabe? Você pega um negócio do Mário de Andrade lê essas poesias dele, num dá vontade nem de ver de tão bobo que é aquelas coisas. Mas o negócio era querer inovar, fazer coisas diferentes sabe? diferente aí foi concretizando e tal e no fim virou aquele negócio aí. Surgiu gente boa porque o Bandeira e o (.....) não rimam mais nem metrificam né, fizeram versos livres. E os caras são poetas mesmo e não o que todo o mundo virou.

Keith: O senhor acredita que isso aconteceu com a música também na época que surgiu, por exemplo, a tropicalia, que introduziu novos instrumentos.....

Bariani Ortêncio: Tudo isso são tentativas de como.... mas não ficou, hoje a música é barulho é bateção de estaca.

Keith: De que? Estaca?

Bariani Ortêncio: De estaca, bateção de estaca. Então você pega o dicionário ali e vê o que está lá: "sucessão de sons agradáveis aos ouvidos", então a música mudou muito, hoje é barulho, hoje tem um refrão e todo mundo fica pulando, pitando ali e a mulher aparecendo e dizendo: "vem, vem, vem", erótica, fisicamente exposta, pelada, aquela coisa, pulando e povo pula em cima e aquela coisa e tal, tal. Mas aí pra esse povo aí da nova geração se você pegar aí um Nelson Gonçalves, um tango vão dizer: "quê que é isso!" (.....). Se você pegar essa crônica minha de ontem aqui eu vou até tirar uma cópia e te dar, dessa aqui e eu falo sobre isso. Eu fui ver uma festa lá em Anápolis dum aniversário do maior violinista que tem em Goiás e tal, tal e falo de um menino de três anos aqui que vai ser..... então, lá eu falo que nós fomos assistir a um festival de música fugindo dessa bateção de estaca de hoje, né? Aí tem gente que agrada, você vai num show aí o cara começa a cantar aquela música lá, a gesticular e pular e gritar e todo mundo é é, e tal, tal e só o refrão e ninguém sabe mais nada, é só música boba. Você pega o Faustão domingo e ele: "essa fera aqui que já vendeu não sei quantos milhões de disco" e o cara começa a cantar e aparecer a letra. Eu com minha simplicidade de interiorano, não assinaria nenhuma música daquelas, nenhuma. Aí o povo vai em cima né, porque a Globo falou e aí todo mundo compra.

Keith: Tudo muito vazio, né.

Bariani Ortêncio: Eu tenho umas músicas aí com o Lindomar Castilho, umas composições aí, mas não sou músico, não sou nada. Aqui ó, eu tenho um CD só com o Lindomar Castilho, só com a Júlia Franco.

Keith: Júlia Franco?

Bariani Ortêncio: É. Todas essas (.....) que estão aqui são de minha autoria.

Keith: Ah é que legal!

Bariani Ortêncio: Eu estou gravando agora com o Zardo's

Keith: Com quem, Zardo?

Bariani Ortêncio: Zardo's que é o melhor cantor que tem aqui. Zardo com Z e apóstrofe aqui. Ta gravando um CD meu aí, já gravou nove músicas.

Keith: Ele é goiano?

Bariani Ortêncio: Ele é lá de Minas, de Uberlândia, mas aqui é uma cidade que foi feita com o povo de fora, ninguém é daqui, do povo mais antigo, porque o povo mais novo que é daqui, sabe?

Keith: Mas e os campineiros, não são daqui? Campinas já estava aqui surgiu Goiânia.

Bariani Ortêncio: É verdade..... Mas aqui é uma cidade cosmopolita, com muita gente vinda de fora também.

Keith: O senhor chegou a criar algum personagem inspirado em algum morador de Campinas?

Bariani Ortêncio: Olha toda a literatura que nós fazemos de ficção ela tem um modelo. Então eu pego.... tem até um filme, tem muitos filmes, tem um filme tirado de um personagem meu, um curta metragem que chama *O Ausente*, o personagem é lá de Campinas?

Keith: Ah é? É um curta metragem o senhor disse?

Bariani Ortêncio: É um curta metragem, chama *O Ausente*. Tem um livro meu que entrou no vestibular de 98 e foi 320 mil vestibulando e saiu várias coisas dele, filme, que é *O Meu Tio Avô e o Diabo*.

Keith: Ah eu conheço esse livro, é muito bom.

Bariani Ortêncio: Agora saiu a terceira edição dele.

Keith: Mas ele não tem nenhum personagem que é baseado em gente de Campinas não, né?

Bariani Ortêncio: Não são vários contos, mas nenhum inspirado em moradores de lá, mas baseado sempre em alguém que a gente conhece, né. Tem um livro policial meu que saiu até nos Estados Unidos e que chama *Morte por Encomenda*, ta vendo? Aquele livro meu é todo com gente minha, lá do mercado, são livros policiais.

Keith: Que interessante. O senhor conhece o fotógrafo Hélio de Oliveira, né?

Bariani Ortêncio: Demais!

Keith: Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a importância do trabalho dele para história de Goiás e se o senhor já foi fotografo por ele, ou já utilizou algumas de suas fotografias em alguma publicação.

Bariani Ortêncio: O Hélio de Oliveira ele mora lá em Campinas até hoje. A mulher dele foi caixa lá no Bazar Paulistinha, ela trabalhou comigo.

Keith: A dona Maria, né. Ela me contou isso mesmo.

Bariani Ortêncio: Então, ela foi caixa lá no Bazar Paulistinha. A Carmelita cunhada dele foi vendedora do Bazar Paulistinha. Então eu sou muito relacionado e esse tempo lá do futebol, ele que fazia as fotos. Porque ele foi o primeiro fotógrafo oficial do Estado. Lá tinha muitos fotógrafos, naquele tempo tinha, mas ele que era o fotógrafo oficial do Estado. Ele que andava no avião e tal com o governador e tal, pra fotografar. Então.... lá no *O Popular* também tem umaimensidão, mais de cinquenta mil fotografias dele sobre Goiânia. Então, ele veio lá de Buriiti Alegre pra cá. O pai dele que chamava seu Ozório era construtor, tinha uma das primeiras casas de construção de Goiânia, chamada *Progresso Goiano*, ficava ali na 24 de Outubro, essa loja era do pai dele. E ele ainda menininho, já era invocado com fotografia e naquele tempo não tinha quase ninguém, então você sabe que uma luizinha a mais.... Você sabe que em terra de cego quem tem um olho é rei (risos). E ele não era bobo e aproveitou e ele hoje.... Não se faz nada sobre a História de Goiás e de Goiânia sem ele, né. Até esses dias nós.... o Mauro Borges, eu e ele..... fizeram um filme sobre o Mauro Borges....

Keith: Sim, eu sei, um produzido pela Carol, né?

Bariani Ortêncio: Acho que é esse mesmo. Ela estava filmando de helicóptero. Aí eu fui convidado para participar, até estou no jornal aí. E nós estávamos no terraço lá do Palácio, e o Mauro Borges ali naquela expectativa....

Keith: Fizeram uma espécie de reconstituição....

Bariani Ortêncio: Isso. E o Hélio estava lá também porque no dia da... porque ele também fotografou naquela época, né.

Keith: Sim. Este período que estamos falando é o da deposição de Mauro Borges nos anos 60.

Bariani Ortêncio: Então, ele é o mais antigo e o melhor fotógrafo documentarista de Goiânia foi ele. Ele é mais novo do que eu, né. Mas ele começou assim, lá pelos anos 50. O negócio dele é de 50 pra cá. É isso. Hélio de Oliveira. Acho que este é um dos homens que ajudaram a compor a história da campininha, sim. Mesmo morando aqui no centro, vou muito lá em Campinas. Faço feira lá. Gosto de conversar com as pessoas de lá. E você já deve ter visto isso, todo mundo conhece o Hélio lá, é só você chegar e perguntar aonde mora ou quem é, que logo vai encontrar alguém para te dar a informação. Quando penso em Campinas, me vem à cabeça de Hélio de Oliveira. Ele estava sempre com sua máquina, disposto a conseguir boas fotos, até mesmo sobre as coisas mais corriqueiras. E digo mais, acho que ele é importante não só para a história de Campinas, mas também para a história de Goiás. Ele foi repórter fotográfico, trabalhou muitos anos lá no *Popular*, participou de muita coisa, ele tem muita coisa para contar viu. PAG. 95

Keith: Certo. O Bazar Paulistinha nessa época que o senhor narrou, não trabalhava só com materiais, equipamentos musicais, não.

Bariani Ortêncio: O Bazar Paulistinha, vendia de tudo. A minha mãe e as minhas irmãs eram as costureiras da elite quando nós mudamos pra cá. Minha mãe era professora de corte e costura, dava curso e tudo mais e aí.... Era um povo aculturado aqui no começo de Goiânia e eu que comprava aviamento pra ela, eu também sou costureiro!

Keith: Ah é, que novidade! Poucas pessoas devem conhecer esse seu lado costureiro, né seu Bariani.

Bariani Ortêncio: (risos). Eu costurava escondido que era pra ninguém ver.

Keith: (risos).

Bariani Ortêncio: Pra não me chamar de florzinha essas coisas. Então, eu prefiro dizer alfaiate. Eu sou alfaiate também. E eu comprava os aviamentos aqui em Goiânia. Ai eu fui, fui.... Eu sou campeão de corrida aqui do Liceu de Goiânia, tinha a 24 de Outubro, aquelas corridas, sabe?

Keith: Sei, era muito freqüente nos anos 50 campeonatos de corrida, a partida era geralmente ali em Campinas.

Bariani Ortêncio: Aí... era corrida de revezamento e eu ganhei, ganhei duzentos mil réis! Aí eu fui campeão pelo Atlético e eu que fiz as faixas de campeão do Atlético e ganhei mais duzentos mil réis. E eu peguei esses quatrocentos e eu sou paulista e nunca tinha ido na capital. Aí eu fui, cheguei lá a minha mãe me mandou assim uma nota de quinhentos mil réis, como eu já tinha ido e eu estava na casa de parentes e não precisava mais do dinheiro, né. Aí eu peguei e comprei, fui lá na rua 25 de Março e comprei tudo em aviamento! Aviamento pra trazer pra cá. Aí eu tinha uns primos em São Paulo e eu estava na casa deles aí eu falei, devido ao preço. Pois é, uma dúzia de colchetes aqui era três reais, três cruzeiros, três mil réis, lá custava 4,50, mas uma grose, doze e doze. Então, fui em quem implantei aqui o zíper, a lantejola, o vidrilho, a miçanga, sabe? Todas essas grifes, foi eu quem trouxe, por exemplo, ainda tem até hoje aqui ó, o alicate, aquele de por ilhós e naquela época, ninguém tinha. O zíper aqui chamava mamãe me leva.

Keith: (risos) mamãe me leva?

Bariani Ortêncio: Era. O rapaz ficava bolinando a moça aí, fechava e abria aquele negócio. Aí chamava também feche Clair. Então, a gente comprava o rolo de cem metros, desse zíper e tal, aí chegava aqui e eu cortava. Aí aqui era a maioria de 15 cm, aí chegava alguém pedindo de 15 e eu cortava e colocava o feche. Aquele das costas aqui era 25. Na blusa tinha gente que punha aqueles de 40. Então eu cortava na hora. Então eu fui implantador disso aí, eu trouxe pra cá essas coisas naquela época, aí eu fui mudando, mudando e... Como eu era muito ligado ao futebol, fui colocando materiais de esporte e aí depois, esses negócios de música, de discos. Eu fui mudando, mudando, de acordo com as vendas. Eu cheguei a ser a maior compradora de discos do interior do Brasil!

Keith: Eu já tive notícias disso mesmas, o Bazar Paulistinha foi uma grande potência do setor fonográfico.

Bariani Ortêncio: Aí eu passei a loja para os meus filhos que são três. Eu tinha indústria, cerâmica, serralha, essas coisas, aí eu passei pros genros e para as filhas e fiquei só fazendo o que eu gosto, mexendo com música, literatura, faço palestras e não cobro nada, atendo pessoas, pesquisadores como você com o maior prazer, eu gosto de conversar. Mas quanto aos alunos.... os alunos são hoje tudo, ou a sua grande maioria, tudo mal educados. Aí eu pego, largo lá e venho embora, sabe? Nossa hoje virou a maior anarquia, os professores morrem de medo dos alunos sabe, é uma vergonha hoje, uma coisa horrorosa! Eu homenageado agora recentemente, essa semana, dia quinze lá em Itaberai num colégio lá chamado (.....). Aquele monte de alunos e os pais vão também, aí chega lá e vira aquela coisa, aquela confusão, aí teve show, os meninos tudo naquele entusiasmo.... Colégio particular, sabe?

Keith: Sei.

Bariani Ortêncio: Colégio particular é uma beleza, mas.... você vai no público.... Eu fui ali no Pedro Gomes, eu estive lá....

Keith: No Pedro Gomes, lá em Campinas?

Bariani Ortêncio: É. Eu estive lá tem uns dois anos e o trem lá... é o povo, "não sei o que lá", gozando, hem, hem, uns engraçadinho, quando o professor foi começar o trem, eu já estava aqui em casa.

Keith: (risos). O senhor virou as costas e foi embora?

Bariani Ortêncio: (risos). Fui. Em Jataí também eu cheguei lá e... fui lá convidado por uma vereadora de lá e coisa e tal, ela era secretária da cultura e tal, dizendo que lá tinha uns grupos gaúchos que iam se apresentar, os gaúchos tomaram conta do centro-oeste, né. Aí eu fui e essa, essa, essa vereadora, tudo que eu ia falar, ela entrava e ela mesmo falava. Aí o povo fazia uma pergunta e ela entrava e falava. E aí, quando ela me procurou eu já estava entrando no meu carro, aí ela e o prefeito foram correndo lá atrás de mim. Aí eu falei, "não.....".

Keith: Deixa ela falar uai.

Bariani Ortêncio: Isso mesmo que eu disse, "deixa ela falar!" Por isso que eu não cobro, né. Quando fico insatisfeito venho embora mesmo!

Keith: É, tem que ter respeito, né.

Bariani Ortêncio: Agora você é cantora, aí você chega e começa a cantar e todo mundo fica rindo, com aquela coisa toda, dando aquelas gargalhadas, aquilo tudo, aí não dá! Não dá atenção e é um desrespeito muito grande. Quando você está ganhando, você até agüenta, mas quando você está lá tentando contribuir, aí você vai embora, é o que eu faço, não to nem aí!

Keith: O pessoal parece que não tem muita noção das coisas.

Bariani Ortêncio: É anarquia! Tanta gente aí passando no vestibular e ninguém sabe nada, não sabem nada! Hoje com a internet, com esse negócio de computador, eles fizeram uma linguagem abreviada aí acabou. Ninguém sabe nem falar. Você já pegou os Frutos da Terra, já assistiu?

Keith: Já claro. Tem um quadro do senhor lá.

Bariani Ortêncio: Tem aquele negócio lá das perguntas, das palavras, o que quer dizer isso? Eu saio na rua perguntando. Por exemplo, o que significa sem eira e nem beira? Aí as pessoas "ah eu não sei". Aí eu vou pego o dicionário e eu falo, explico o que são as coisas. Mas a maioria das pessoas não sabem o que são aquelas coisas, aí eu estou fazendo aquele programa e vejo que ninguém sabe nada!

Keith: Não sabem. E piorou e ainda vai piorar muito devido também, dentre outras coisas, ao aumento dessas faculdades particulares. Ficou muito fácil passar no vestibular.

Bariani Ortêncio: Pagou, passou, né?

Keith: É. Conclusão de curso em dois anos. Em dois não dá pra aprender muito. Os alunos vêem o conteúdo com muita superficialidade. Não tem acesso a um monte de coisas, é um problema muito sério.

Bariani Ortêncio: Eu gosto muito é de adulto e daqueles que estudam à noite. Esses são interessados. Eles trabalham de dia e são (.....). Eu estive numa faculdade dessas aí lá de Aparecida esses dias, lá chama... União.... ah não lembro agora, uma dessas aí. Universidade Alfredo Nasser que chama. Tinha uns duzentos alunos de pedagogia e letras, sabe?

Keith: Sei.

Bariani Ortêncio: Ai estavam todos, lá e você sabe que antigamente a mulher não estudava, tinha era que casar, essas coisas todas, mas não estudavam. Aí lá era pra falar sobre folclore e nesse assunto aí, as meninas tinham uma experiência, eram 90% de mulheres, minha palestra era pra durar 45 minutos e durou 3 horas. Eles tinham muito interesse e quando é assim, você aprende também.

Keith: E quando é assim, ocorre também uma troca de experiências, né?

Bariani Ortêncio: Ocorre. Pois é, aí eu estou nessa fase. Ontem mesmo veio uma mulher aqui pesquisar sobre o café central, sabe?

Keith: Sei, um bar tradicional aqui do centro da cidade.

Bariani Ortêncio: Isso, aí ela queria falar só sobre isso. Aí eu to numa fase assim, as pessoas querem pesquisar sobre determinados temas aí "ah fala lá com o Bariani que ele sabe", mas eu não sei de nada não. (risos).

Bariani Ortêncio: Mas o senhor sabe né seu Bariani, às vezes a gente acha que não tem nada a dizer e acaba contribuindo e muito.

Bariani Ortêncio: Pode ser.....

Keith: Seu Bariani, agora a pouco a gente estava conversando sobre costuras e tal e eu me lembrei agora que campinas teve um alfaiate que foi muito conhecido que foi o Luis de Oliveira Machado, tenho aqui uma foto dele. O senhor chegou a conhecê-lo?

Bariani Ortêncio: Ele foi realmente muito conhecido naquela região ali. Ele foi dirigente do Atlético, veio de Buriti Alegre.

Keith: A alfaiataria dele ouvi dizer que chegou a ser um lugar muito freqüentado quase que somente por atleticano, poderia dizer talvez que tenha virado um reduto mesmo, o senhor lembra disso e concorda com essa afirmação?

Bariani Ortêncio: Concordo, mas isso aí foi depois, foi depois que eu já tinha saído do Atlético foi depois de 1960. Eu já não mexia mais com futebol. Mas ele era cunhado da Rosário, Rosário era um amigo meu que tinha até a chave do (.....) e ele.... Ele era conhecido demais e tinha o Antônio Nobre, o Nobre ele também jogava futebol....

Keith: E ele era também de Campinas?

Bariani Ortêncio: Era.

Keith: E que o senhor jogou futebol foi até 48, né?

Bariani Ortêncio: Até quarenta e oito. De 38 a 48.

Keith: Aí depois o senhor deixou o futebol e foi mexer com outras atividades.

Bariani Ortêncio: É, mas quando eu deixei o futebol ele não era....

Keith: Não era sua atividade principal

Bariani Ortêncio: Não, não era. Ele era um (.....). Eu nunca deixei de jogar futebol e escrever e pescar, sabe? Era tudo misturado.

Keith: Sei era associado.

Bariani Ortêncio: Agora que eu estou mexendo só com literatura, que ta mais calmo e tal, com as palestras em colégio.

Keith: O senhor chegou a ser professor?

Bariani Ortêncio: Eu dava aula de matemática no Colégio Santa Clara e no Liceu.

Keith: E o senhor foi professor no Colégio Santa Clara por quanto tempo?

Bariani Ortêncio: Por pouco tempo, porque eu era solteiro, sabe? E tinha muitas internas lá e eles não me aceitaram mais. Então eu fiquei lá por pouco tempo. Eu era aluno do Liceu de matemática e ajudava o professor a dar aulas sobre aqueles temas, aula particular.

Keith: Aulas de reforço

Bariani Ortêncio: É. Quando eu entrei no Liceu, eu fiz o ginásio até 43 e fiz o científico até 46. Aí eu dava aulas e fiz um curso aqui, naquele tempo tinha, tinha os concursos pra entrar na aeronáutica, sabe? Então eu lecionava essas matérias e com o curso e dava aulas pra alunos que ficavam de segunda época também.

Keith: Entendi.

Bariani Ortêncio: Aí eu abri um curso que chamava Madureira, artigo 91, lá em Campinas e funcionava no colégio Castelo Branco, aí à noite eu dava aulas lá, eu consegui dar aula lá. Aí os alunos do Colégio Santa Clara, saíam pra

fazer o curso de científico e não podiam entrar porque o curso não era registrado e aí não tinha como estudar. Aí eu ensina tudo pra esses alunos aí do Colégio Santa Clara, esses que saiam, sabe?

Keith: Sei.

Bariani Ortêncio: E pra esses que iam prestar esses concursos.

Keith: Seu Bariani, estou quase terminando, viu.

Bariani Ortêncio: Não tem problema, a conversa está boa.

Keith: (risos) Eu queria que o senhor relacionasse, por favor, voltando um pouco em Campinas, alguns lugares do bairro que o senhor considere como pertencentes à identidade do bairro, sabe? Aqueles lugares que identifiquem os moradores como campineiros, que sejam capazes de diferenciá-los dos moradores de Goiânia, por exemplo. E qual é o significado desses lugares para moradores e ex-moradores do bairro?

Bariani Ortêncio: Como chama aquele hotel ali que é a biblioteca Cora Coralina?

Keith: Palace Hotel?

Bariani Ortêncio: Palace Hotel. Aquele prédio ali era da minha irmã. A minha irmã que vendeu ali para a prefeitura e depois lá virou patrimônio. Lá é tombado. Eles tinham que ter tombado o Campinas Hotel, que também já foi desmanchado, tinha que tombar também o Cine Teatro Campinas, lá virou igreja, sabe? O coreto também está tombado. Então desses todos, eu acho que só o Palace Hotel é que está tombado. Mas voltando a sua pergunta, eu acho que lugares como o Coreto, né, a Praça Joaquim Lúcio, o Lago das Rosas, o próprio Colégio Santa Clara que estávamos falando agora a pouco, deixa eu ver..... O próprio Atlético e se ainda existisse, o bar do Fiore. Esses sem dúvida são lugares próprios lá da campininha.

Keith: E pra terminar seu Bariani, o senhor acha que esses lugares de identificação, digamos assim, do campineiro, permanecem também na memória dos moradores de lá?

Bariani Ortêncio: Ah, sim, com certeza permanece. As pessoas lá em Campinas têm uma necessidade de preservar, de levar com elas, a história daquele lugar. E isso é o que faz com que eles preservem essa memória e esse sentimento que você falou agorinha, de identidade. Eles se sentem como parte daquele lugar, e esse sentimento de pertencimento faz com que seja preservada toda essa história da campininha e de seus moradores.

Keith: E o senhor, mesmo morando esse tempo todo fora de Campinas, o senhor se considera um campineiro e o que significa ser campineiro para o senhor?

Bariani Ortêncio: Todo o domingo eu vou lá na feira, lá em Campinas, vou comer pastel lá, encontrar aquele povo antigo, eu não saí de lá não! Todo domingo eu vou lá na feira, naquela feira perto do campo do Atlético ali e lá eu encontro todo aquele povo, aí eles me leva pra casa deles e eu fico lá. Lá o povo me chama de paulistinha.

Keith: Desde a época do Paratéca! (risos).

Bariani Ortêncio: E depois é assim: eu escrevo no Popular, já tenho trinta livros publicados, faço palestras e o povo só me conhece pelo pouquinho que eu apareço na televisão. Agora que meu nome está saindo ali pelo correio eletrônico, eu também estou recebendo muita coisa, sabe? De primeiro ninguém nem falava nada.

Keith: Mas seu trabalho tem uma divulgação maior é realmente através dessas crônicas que saem no O Popular e quem tem a oportunidade de prestar um vestibular também entra em contato com o seu trabalho e no próprio Frutos da Terra mesmo. Seu Bariani, muito obrigada, o senhor foi muito generoso, essa nossa conversa com certeza vai ser muito boa pro meu trabalho.....

Bariani Ortêncio: Agora eu tenho que te dar alguns livros, né.

Keith: Ah é mesmo, eu quero. Muito obrigada! Outra coisa, preciso saber se o senhor autoriza a utilização dessa entrevista nos estudos que estou realizando sobre Campinas, no texto que está sendo elaborado para a minha dissertação de mestrado.

Bariani Ortêncio: Pode sim, sem problemas, não falei nada comprometedor mesmo... (risos).

Keith: (risos).

Fim da entrevista com Bariani Ortêncio.